

UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS MENSAGENS
ATRIBUÍDAS AO ESPÍRITO RAMATIS

A Continuação de "Ramatis, Sábio ou Pseudo-sábio?"

ESPIRITISMO

VS.

RAMATISISMO

ESCRITO POR

ARTUR F. DE AZEVEDO
FERREIRA

Em conformidade com a Resolução n°
17, de 07 de maio de 2008, Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa)

Direitos Reservados. Proibida a
reprodução sem expressa autorização
do autor.

ÍNDICE

I – Objetivo.....	4
II – Pareceres à obra “Ramatis, Sábio ou Pseudo-Sábio?”	5
III – A Escala Espírita e a Definição de “espírito pseudossábio”	9
IV – Erasto, os falsos profetas e o critério espírita.....	11
V – Nos Descaminhos da Fascinação.....	15
VI – Os Cavalos de Troia do Espiritismo.....	25
VII – Os Livros de Ramatis são confiáveis?.....	34
VIII – Ramatis é espírita?.....	36
IX – Breve Resumo de Algumas Diferenças.....	38
X – Kardec e o perigo dos espíritos pseudossábios.....	44
XI – Um Apelo de Allan Kardec.....	49
XII – Herculano Pires e Ramatis.....	51
XIII – Ary Lex e Ramatis.....	58
XIV – O Artigo de Sérgio Aleixo sobre o Ramatismo.....	62
XV – “Movimento Espírita e Capacidade Crítica”, por Sérgio Aleixo.....	64
XVI – Os Efeitos da Heterodoxia e do Ecletismo no Movimento Espírita Francês.....	68
XVII – Catastrofismo Aparvalhante: as Previsões Apocalípticas que não se Cumpriram.....	74
XVIII – Terremotos recentes e histerias apocalípticas.....	82
XIX – Ramatis e o planeta Marte.....	91
XX– Ramatis e o Presidente do Brasil.....	103
XXI – Vianna de Carvalho (espírito) e a Proposta Ecletico- Orientalista.....	106
XXII – Ramatis, Pietro Ubaldi, Roustaing e Edgard Armond, por Cirso Santiago	111
XXIII – As Propostas de Atualização Doutrinária com Tendências Sincréticas	118
XXIV – Elucidações Importantes.....	121
XXV – Ortodoxia e Heterodoxia.....	127
XXVI – À Feição de Seita Apocalíptica.....	129
XXVII – “Férias” em Phobos e Deimos?.....	133
XXVIII – Ramatis e os Intraterrenos.....	137
XXIX – Onde está o Planeta Chupão de Ramatis?.....	140
XXX – Espiritismo, Astrologia e Ramatis.....	142

XXXI– O Espiritismo e a questão vegetariana.....	146
XXXII – Movimento Espírita: “Alvo das investidas das sombras organizadas”	153
XXXIII – Utilidade Pública: Incensos e Defumadores fazem mal à saúde.....	160
XXXIV – Espiritismo sim, Kardecismo não.....	163
XXXV – Planeta “X”, Chupão ou Nibiru: Respondendo a um leitor ramatisista	166
XXXVI – Ramatis dita ficção e não realidade, assim como Hollywood.....	176
XXXVII – O Que Está por Trás da Apometria?.....	182
XXXVIII – Emmanuel referenda Ramatis?.....	184
XXXIX – A Necessidade de se Conhecer o Grau de Elevação dos Espíritos. .	206
XL – Divaldo apoia Ramatis... Mas, e daí?.....	224
XLI – Rizzini descreve Ramatis, sem meias palavras.....	238
XLII – A Serviço da Desinformação.....	241
XLIII – Ramatis e a Lei de Reprodução.....	245
XLIV – Uma Tese por demais “Cabeluda”.....	249
XLV – Os Efeitos da Heterodoxia e do Ecletismo no Movimento Espírita Francês.....	253
XLVI – Fraternidade sim, Sincretismo não.....	259
LXVII – Universalismo crístico ou Misticismo antiespíritico?.....	266
XLVIII – Artigo investigativo: Ramatis pode nem existir.....	272
XLIX – Insistindo nos mesmos Erros.....	280
L – Universalismo e Movimentos Cismáticos.....	287
LI – Chico Xavier e as confusões apocalípticas.....	296
LII – O Espiritismo e os vários “fins do mundo”.....	305
LIII – Saint Germain, Novo “Governador do Planeta” ou apenas um Bon Vivant?.....	310
LIV – Médiun “universalista” diz receber mensagens de deus grego.....	314
LV – O destino dos animais e a questão do “cão intercessor”.....	323
LVI – Entrevista de José Raul Teixeira.....	329
LVII – Hercílio Maes, médiun ou escritor?.....	331
LVIII – Resposta a um biógrafo.....	344
Fontes Bibliográficas.....	360
Dados Biográficos do Autor.....	362

I – Objetivo

O objetivo desta coletânea de artigos é o de estabelecer e informar as devidas diferenças entre o que ensina o Espiritismo (ou Doutrina Espírita) e o espírito Ramatis, tido por muitos como espírito superior (sábio), suposto capaz de trazer contribuições doutrinárias ao Espiritismo.

Como resultado, têm sido erigidos centros que ostentam o nome “espírita” em suas fachadas, mas que veiculam e propagam os “ensinos” de Ramatis, contidos em 13 livros psicografados pelo médium Hercílio Maes, além de algumas outras obras escritas por mais alguns outros médiuns espalhados pelo Brasil, tais como América Paoliello Marques, Wanda Baptista Pereira Jimenez, Maria Margarida Liguori, Wagner Borges, Jan Val Ellam, Norberto Peixoto, Márcio Godinho, Roger Bottini Paranhos, Dalton Roque e Hur-Than de Shidha.

Crendo seus simpatizantes que Ramatis seja um espírito compromissado com a Verdade e, conseqüentemente, com o Espiritismo, passam esses indivíduos pouco avisados a propagandear suas teorias como se concordantes com a Doutrina fossem, levando à adoção de uma série de práticas nos citados núcleos que nada têm a ver com o Espiritismo, embora acabem sendo interpretadas como sendo uma espécie de última “palavra” em termos doutrinários.

Assim sendo, concentraremos neste espaço tudo o que pesquisamos sobre o assunto até hoje para que sirva de fonte àqueles que desejaram aprofundar-se. Nossa base será o livro de nossa autoria, publicado pela editora EME em 1997, “Ramatis, Sábio ou Pseudo-Sábio?”.

II – Pareceres à obra “Ramatis, Sábio ou Pseudo-Sábio?”

Aqui transcrevemos alguns pareceres à obra de nossa autoria, a cujos autores agradecemos pela bondade e boa vontade com que gentilmente expressaram suas abalizadas opiniões:

Celso Martins – Jornalista, professor de Biologia e Física, palestrante e escritor espírita com mais de 30 obras publicadas, foi prefaciador de “Ramatis, Sábio ou Pseudo-Sábio?”

“Vale a pena ser publicado. Tranquilamente – e bem documentado – você coloca tudo nos devidos lugares. Deve ser lançado para que o povo medite e tire as suas conclusões. (...) Eu acho o povo deva ser alertado, embora você, Artur, vá se indispor com os fanáticos. Mas meu pedido – publique já!” (Em carta datada de 08/05/1996)

“Um ensaio maduro. Uma análise desapassionada e muito bem-feita, pedindo-se a quem leia as obras do Espírito Ramatis apenas isto: reflexão serena, ponderação tranquila e fé racional, seguindo os exemplos e as recomendações de Kardec”. (Comentário presente na contracapa da obra)

Sérgio Fernandes Aleixo – Professor de Português e Literatura, expositor e escritor, membro da extinta Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro (ADE-RJ)

“Uma aplicação verdadeiramente prática, exemplificada, da metodologia kardeciana para lidar com o Além-túmulo, aferir o alcance das afirmações dos espíritos e o lugar destes na hierarquia espiritual. Na controvérsia respeitosa encetada pelo corajoso e competente autor, brilham as luzes da razão e do bom-

senso, aquelas que também iluminaram a trilha vitoriosa de Kardec em seus inauditos diálogos com o Invisível”.

Dulcídio Dibo – Professor universitário, expositor e autor de diversas obras doutrinárias

“Parabéns pelo seu precioso livro. É um livro profundo em que analisa diversas obras que tratam sobre o problemático Ramatis. É em essência uma verdadeira tese sobre Ramatis. Podemos considerá-lo como literatura espírita chamada de religiosidade de reflexão’, onde, em estudos profundos, procura esclarecer a indagação: ‘Ramatis, sábio ou pseudo-sábio?’.(...) Parabéns. Continue estudando a Doutrina Espírita em seu triplice aspecto. Fuja do Misticismo Popular e do Cientificismo Vulgar que, infelizmente, atinge os que não conhecem a essência doutrinária”.
(Em carta datada de 31/05/1996)

Hilda Fontoura Nami – Professora de Literatura, revisora e escritora

“Livro excelente, de tese muito bem elaborada. O autor deve ser incentivado a escrever mais. Sua linha de estudo é bem conduzida e seu desempenho é dos melhores, raro de ser encontrado”. (Comentário constante da contracapa do livro)

Erasto de Carvalho Prestes – Professor e escritor

“Levado por sua vocação de grande pesquisador, e, calcado nos ensinamentos colhidos nas obras da Codificação, Artur pôde produzir um trabalho realmente excelente de desmistificação, de desmascaramento, de separação do joio do trigo, colocando as coisas nos seus devidos lugares.(...) Nossa opinião, franca e sincera, é que alcançou plenamente esse objetivo”.(...) (Em carta datada de 26/03/1996)

Antônio Plínio da Silva Alvim – Fundador e dirigente (já desencarnado) da Sociedade Espírita Ramatis, na Tijuca, Rio de Janeiro

“É uma obra maravilhosa, acho-a oportuna para um livro”. (Em carta enviada em 27/01/1993, após ler um esboço do livro)

Iso Jorge Teixeira – Médico psiquiatra, professor, escritor e articulista espírita

“Se (...) quiser conhecer a relação (ou falta de relação) entre Espiritismo e Ramatisismo, que leia o livro do nosso confrade Artur Felipe de A. Ferreira, intitulado ‘Ramatis, Sábio ou Pseudo-Sábio?’ – Editora EME” (...) (Em artigo publicado no site Terra)

Vitor Hugo S. da Silva – Professor, expositor e diretor da Cruzada Espírita Paulo de Tarso, no Rio de Janeiro – RJ

“Um ponto fundamental da obra começa pelo título, em que interroga sem afirmar ou determinar coisa alguma, deixando o leitor livre para responder, concluir e ficar com a verdade que lhe convier. Contudo, à luz do Espiritismo, parâmetro fundamental para qualquer estudo de análise isenta e imparcial, deixa o leitor à vontade. As dissertações quanto às mensagens do espírito em foco (Ramatis) seguem uma sequência em que podemos verificar as incoerências e discrepâncias quanto à Doutrina Espírita. Concluindo, podemos destacar, ao estudioso sério, que determinados pontos defendidos por médiuns ou espíritos desencarnados devem ser criteriosamente colocados à luz da razão e do bom-senso, sempre”.

Lilian Silva, estudante de Ilhabela-SP, em missiva datada de 27 de novembro de 1998

“Quero dizer-lhe que há muito não via um trabalho contemporâneo tão bem fundamentado e elaborado, ainda mais

vindo de um autor jovem como você. Nesses tempos em que a falta do hábito de leitura e estudo de nosso povo, aliado à tendência de mesclar várias culturas, contribuindo para confundir e deturpar a Doutrina Espírita, é um consolo ler um livro como o seu”.

III – A Escala Espírita e a Definição de “espírito pseudossábio”

“A classificação dos Espíritos funda-se no seu grau de desenvolvimento, nas qualidades por eles adquiridas e nas imperfeições de que ainda não se livraram. Na Escala Espírita, os Espíritos admitem três categorias principais, ou três grandes divisões: Na última, aquela que se encontra na base da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão ao mal. Os da segunda, se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo de praticar o bem; são os Espíritos bons. A primeira, enfim, compreende os Espíritos puros, que atingiram o supremo grau de perfeição.

Os Espíritos não pertencem para sempre e exclusivamente a esta ou aquela classe; o seu progresso se realiza gradualmente, e como muitas vezes se efetua mais num sentido do que em outro, eles podem reunir as características de várias categorias, o que é fácil avaliar por sua linguagem e por seus atos.

Terceira Ordem: Espíritos Imperfeitos

Sétima classe. **Espíritos pseudossábios.** – Seus conhecimentos são bastante extensos, mas, creem saber mais do que sabem em realidade. Tendo alcançado algum progresso em diversos pontos de vista, sua linguagem tem um caráter sério que pode enganar sobre as suas capacidades e as suas luzes; mas, o mais frequentemente, não é senão um reflexo dos preconceitos e das ideias sistemáticas da vida terrestre; é uma mistura de algumas verdades ao lado dos mais absurdos erros, no meio dos quais descobrem a

presunção, o orgulho, o ciúme e a teimosia dos quais não puderam se despojar”. (“O Livro dos Espíritos”, questão 100)

IV – Erasto, os falsos profetas e o critério espírita

“Os falsos profetas não existem apenas entre os encarnados, mas também, e muito mais numerosos, entre os Espíritos orgulhosos que, fingindo amor e caridade, semeiam a desunião e retardam o trabalho de emancipação da Humanidade, impingindo-lhe os seus sistemas absurdos, através dos médiuns que os servem. Esses falsos profetas, para melhor fascinar os que desejam enganar, e para dar maior importância às suas teorias, disfarçam-se inescrupulosamente com nomes que os homens só pronunciam com respeito.

São eles que semeiam os germes das discórdias entre os grupos que os levam a isolar-se uns dos outros e a se olharem com prevenções. Bastaria isso para os desmascarar. Porque, assim agindo, eles mesmos oferecem o mais completo desmentido ao que dizem ser. Cegos, portanto, são os homens que se deixam enganar de maneira tão grosseira.

Mas há ainda muitos outros meios de os reconhecer. Os Espíritos da ordem a que eles dizem pertencer **devem ser não somente muito bons, mas também eminentemente racionais**. Pois bem: passai os seus sistemas pelo crivo da razão e do bom-senso, e vereis o que restará. Então concordareis comigo em que, sempre que um Espírito indicar, como remédio para os males da Humanidade, ou como meios de realizar a sua transformação, medidas utópicas e impraticáveis, pueris e ridículas, ou **quando formula um sistema contraditado pelas mais corriqueiras noções científicas, só pode ser um Espírito ignorante e mentiroso**.

Lembrai-vos, ainda, de que, quando uma verdade deve ser revelada à Humanidade, ela é comunicada, por assim dizer, instantaneamente, a todos os grupos sérios que possuem médiuns sérios, e não a este ou aquele, com exclusão dos outros. Ninguém é médium perfeito, se estiver obsedado, e há obsessão evidente quando um médium só recebe comunicações de um determinado Espírito, por mais elevado que este pretenda ser. Em consequência, todo médium e todo grupo que se julgem privilegiados, em virtude de comunicações que só eles podem receber, e que, além disso, se sujeitam a práticas supersticiosas, encontram-se indubitavelmente sob uma obsessão bem caracterizada. Sobretudo quando o Espírito dominante se vangloria de um nome que todos, Espíritos e encarnados, devemos honrar e respeitar, não deixando que seja comprometido a todo instante.

É incontestável que, submetendo-se ao cadinho da razão e da lógica toda a observação sobre os Espíritos e todas as suas comunicações, será fácil rejeitar o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado e um grupo enganado; mas, o controle severo dos outros grupos, com o auxílio do conhecimento adquirido, e a elevada autoridade moral dos dirigentes de grupos, as comunicações dos principais médiuns, marcadas pelo cunho da lógica e da autenticidade dos Espíritos mais sérios, rapidamente farão desmascarar esses ditados mentirosos e astuciosos, procedentes de uma turba de Espíritos mistificadores ou malfazejos”.

ERASTO, Discípulo de São Paulo - Paris, 1862;

O Critério da Concordância Universal

“A melhor garantia de que um princípio é o expressar da verdade se encontra em ser ensinado e revelado por diferentes Espíritos, com o concurso de médiuns diversos, desconhecidos uns dos outros e em lugares vários, e em ser, ao demais, confirmado pela

razão e sancionado pela adesão do maior número. Só a verdade pode fornecer raízes a uma doutrina. Um sistema errôneo pode, sem dúvida, reunir alguns aderentes; mas, como lhe falta a primeira condição de vitalidade, efêmera será a sua existência”. (Capítulo XXXI, pág. 474, Livro dos Médiuns)

O Codificador do Espiritismo, também em “O Livro dos Médiuns”, já elucidava quanto as intenções dos Espíritos quando estes se prontificavam a realizar previsões e revelações retumbantes:

“De que serve o ensino dos Espíritos, dirão alguns, senão nos oferece mais certeza que o ensino humano? Fácil é a resposta. Não aceitamos com igual confiança o ensino de todos os homens e, entre duas doutrinas, preferimos aquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, mais judicioso, menos acessíveis às paixões. Do mesmo modo se deve proceder com os Espíritos. Se entre eles há os que não estão acima da Humanidade, muitos há que a ultrapassaram; estes nos podem dar ensinamentos que em vão buscaríamos com os homens mais instruídos. **É a distingui-los da turba dos Espíritos inferiores que devemos nos aplicar**, se quisermos nos esclarecer, e é a essa distinção que conduz o conhecimento aprofundado do Espiritismo. Porém, mesmo esses ensinamentos têm um limite e, se aos Espíritos não é dado saber tudo, com mais forte razão isso se verifica relativamente aos homens. Há coisas, portanto, sobre as quais será inútil interrogar os Espíritos, ou porque lhes seja defeso revelá-las, ou porque eles próprios ignoram e a cujo respeito apenas podem expender suas opiniões pessoais. Ora, são essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos apresentam como verdades absolutas. Sobretudo, acerca do que deva permanecer oculto, como o futuro e o princípio das coisas, é que eles mais insistem, a fim de insinuarem que se acham da posse dos segredos de Deus. Por isso, esses pontos é que mais contradições se observam”. (Capítulo XXVII - item 300)

Sigamos, pois, o conselho de Erasto em “O Livro dos Médiuns” (capítulo XX, item 230):

(...) “Desde que uma opinião nova se apresenta, por pouco que nos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitai ousadamente; **vale mais repelir dez verdades do que admitir uma só mentira**” (...).

Em relação à postura de alguns com relação aos ditados dos espíritos, Kardec comenta:

“Os crentes apresentam três nuances bem caracterizadas: os que não veem nessas experiências, senão uma diversão, um passatempo... mas que não vão além. Há, em seguida, as pessoas sérias, instruídas, observadoras, às quais não escapa nenhum detalhe, e para as quais as menores coisas são objeto de estudo. Vem, em seguida, os ultra-crentes, os crentes cegos, aos quais se pode censurar um **excesso de credulidade**; aos quais a fé, insuficientemente esclarecida, lhes dá uma total confiança nos Espíritos, que lhes emprestam todos os conhecimentos se, sobretudo, a presciência...” (Revista Espírita – Fevereiro 1858–Allan Kardec – IDE – 1ª edição – pg. 53)

V – Nos Descaminhos da Fascinação

Há, em “O Livro dos Espíritos”, primeira e principal obra da Codificação Espírita, um questionamento de Allan Kardec aos Espíritos Superiores nos seguintes termos:

459 - “Os espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações?”

Cuja resposta foi:

“A esse respeito sua influência é maior do que credes, porque, frequentemente, são eles que vos dirigem”.

Allan Kardec, assim como os Espíritos Superiores que o inspiraram no trabalho de escrever e organizar as obras que compõe a Codificação Espírita, sempre se preocupou em alertar acerca dos perigos oriundos da influência dos espíritos imperfeitos. À esta influência deram o nome de “obsessão”.

Didaticamente, a obsessão pode atingir três graus bem caracterizados, conforme podemos ler em “O Livro dos Médiuns”:

1 – Obsessão simples, que é, segundo o Codificador, “quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados.(...) Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium se acha exposto a isso, sobretudo, no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. Pode-se,

pois, ser enganado, sem estar obsidiado. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua”.

(...)“Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e **este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar**. O médium que se mantém em guarda raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados”.

2 – A subjugação, que é “uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. O paciente fica sob um verdadeiro jugo. A subjugação pode ser **moral ou corporal**”.

“No primeiro caso, o subjugado é constringido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é como uma fascinação.

No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos menos oportunos. Vimos alguns que, à falta de pena ou lápis, simulavam escrever com o dedo, onde quer que se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas, nas paredes. Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constringido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria, e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares público se em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as

peças de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era; porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente”.

3 – E, finalmente, a **fascinação**, que “**é muito mais grave**, no sentido de que o médium se ilude completamente. O Espírito que o domina ganha sua confiança ao ponto de paralisar seu próprio julgamento na **análise das comunicações** e **lhe faz achar sublimes as coisas mais absurdas**”.

–Há Espíritos obsessores sem maldade, que alguma coisa mesmo denotam de bom, mas dominados pelo **orgulho do falso saber**. Têm suas ideias, seus sistemas sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia, e querem fazer que suas opiniões prevaleçam. Para esse efeito, procuram médiuns bastante **crédulos** para os aceitar de olhos fechados e que eles fascinam, **a fim de os impedir de discernirem o verdadeiro do falso**. São os mais perigosos, porque os sofismas nada lhes custam e podem tornar cridas as mais ridículas utopias.(...) Procuram deslumbrar por meio de uma **linguagem empolada**, mais pretensiosa do que profunda, erçada de termos técnicos e recheada das retumbantes palavras **caridade e moral**. Cuidadosamente **evitarão dar um mau conselho**, porque bem sabem que seriam repelidos. Daí vem que os que são por eles enganados os defendem, dizendo: 'Bem vedes que nada dizem de mau'. A moral, porém, para esses Espíritos é **simples passaporte**, é o que menos os preocupa. O que querem, acima de tudo, é impor suas ideias por mais disparatadas que sejam”.

A fim de que pudéssemos reconhecer melhor os espíritos fascinadores, Kardec os descreve:

“Os Espíritos dados a sistemas são geralmente escrevinhadores, pelo que buscam médiuns que escrevem com facilidade e dos quais tratam de fazer instrumentos dóceis e, sobretudo,

entusiastas, fascinando-os. São quase sempre verbosos, muito prolixos, procurando compensar a qualidade pela quantidade. Comprazem-se em ditar, aos seus intérpretes, volumosos escritos indigestos e frequentemente pouco inteligíveis, que, felizmente, têm por antídoto a impossibilidade material de serem lidos pelas massas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são sóbrios de palavras; dizem muita coisa em poucas frases. Segue-se que aquela fecundidade prodigiosa deve sempre ser suspeita”.

E aconselha:

“**Nunca será demais toda a circunspeção**, quando se trate de **publicar semelhantes escritos**. As **utopias e as excentricidades**, que neles por vezes abundam e chocam o bom-senso, produzem lamentável impressão nas pessoas ainda noviças na Doutrina, dando-lhes uma **ideia falsa do Espiritismo**, sem mesmo se levar em conta que **são armas de que se servem seus inimigos**, para ridicularizá-lo. Entre tais publicações, algumas há que, sem serem más e sem provirem de uma obsessão, podem considerar-se imprudentes, intempestivas, ou desazadas”.

Os Efeitos sobre o Movimento Espírita

A fascinação é realmente mais comum do que se pensa. Tal como uma epidemia, espalhou-se, e, atualmente, atinge o Movimento Espírita como uma doença moral muito séria. Aliada à falta de estudo das obras de Kardec, à tendência cultural ao sincretismo e à ausência de discernimento e de autocritica, ela é **responsável pela edição de livros antidoutrinários e comprometedores** existentes no mercado da literatura espírita. Essas obras são escritas por médiuns e escritores muitas vezes ingênuos ou mesmo vaidosos que, sob o império da fascinação, não se dão conta do ridículo a que se submetem, comprometendo, inclusive, o sadio entendimento das massas acerca da própria Doutrina Espírita e do que ela verdadeiramente ensina.

A Salada Mística

A fascinação é, sem dúvida, a responsável por inúmeras condutas esdrúxulas observadas em núcleos ditos espíritas, tais como práticas de cunho supersticioso e místico, sem qualquer fundamento racional e doutrinário.

Na esfera da divulgação, muitos indivíduos, embora instruídos, não estão livres da fascinação. Alguns, por confiarem excessivamente no seu pretenso saber, tornam-se instrumentos de Espíritos fascinadores e passam a divulgar, através de livros ou palestras, conceitos antidoutrinários nocivos à fé (raciocinada) espírita. Adotam e divulgam uma série de “ensinos” sem qualquer fundamentação doutrinária e um discurso místico-esotérico a qual chamam de “**universalismo**”, sendo que, quando tais “ensinos” são comparados, nota-se não haver nenhuma concordância e que cada um de seus representantes diz uma coisa, baseados que estão unicamente em suas férteis imaginações e arroubos místicos.

Crianças índigo, planeta chupão, apometria, poder curador de cristais e objetos materiais, profecias mirabolantes e aterrorizantes, milagres, intraterrestres, ETs que implantam chips na cabeça de seres humanos, terapias exóticas e milagreiras, 4ª e 5ª dimensões que a tudo explicam, astrologia, rituais e maneirismos... Enfim, é possível listarmos aqui centenas de fantasias, conceitos e noções que não encontram o menor respaldo, nem doutrinário, nem científico, e que só afastam o indivíduo da realidade, alienando-o e expondo-o a uma posição ridícula, levando de roldão a própria Doutrina Espírita perante a opinião pública.

Infelizmente, isso tudo é conduzido por espíritos perversos, levianos e/ou pseudossábios, que estimulam tais fantasias de modo a atrasar o progresso da humanidade e de seus ingênuos adeptos, fazendo-se valer de indivíduos incautos, de mente

imaginosa e que carecem de aprofundamento e estudo das questões mais básicas do conhecimento, tanto do ponto de vista humano quanto espiritual.

São pessoas que ainda atrelam as questões do espírito ao maravilhoso, ao sobrenatural, ao milagreiro, ao aterrador, ao fantástico, esquecendo-se da razão, da racionalidade e da necessidade de tudo aferir para que então se possa, enfim, acreditar.

Em tudo creem, bastando que esteja um médium, um espírito ou algo que o valha a ditar alguma tolice sem sentido – desde que recheada de palavras bonitas e pomposas – para que sejam imediatamente aceitas como reflexo da Verdade e da mais pura “revelação” espiritual...

Quando chamados à realidade, vociferam, alegando terem a liberdade de pensar como quiserem e que não se encontram “presos” a nenhuma “ortodoxia”, não se importando que levam, de roldão, dezenas de outras consciências ao abismo de seus devaneios místicos, com que se aferram, julgando-se “especiais”, “escolhidos”...

A Fascinação nos Grupos Espíritas

Allan Kardec alerta para outro grave perigo: o da fascinação de grupos espíritas. Iniciantes afoitos e inexperientes podem cair vítimas de Espíritos mistificadores e embusteiros que se comprazem em exercer domínio intelectual sob todos aqueles que lhes dão ouvidos, manifestando-se algumas vezes como guias, missionários, personagens famosas do passado, e até como Espíritos de outra natureza, advindos de algum planeta ou galáxia distante. O mesmo pode ocorrer com grupos experientes que se julguem maduros o suficiente. O orgulho e o sentimento de

superioridade são a porta larga para a entrada dos Espíritos fascinadores. Portanto, deve-se tomar todo o cuidado quando na direção de centros espíritas e das sessões de atividades mediúnicas. Os dirigentes são alvos preferidos dos Espíritos hipócritas que, dominando-os, podem mais facilmente dominar o grupo.

Preocupado com tais descaminhos, o espírito Vianna de Carvalho ditou a seguinte mensagem, intitulada “**Esquisitices e Espiritismo**”:

“Resumam com frequência nos arraiais da prática mediúnica **esdrúxulas superstições** que tomam corpo, teimosamente, entre os adeptos menos esclarecidos do Espiritismo, grassando por descuido dos estudiosos, que preferem adotar uma posição dubitativa, à coerência doutrinária de que sobejas vezes deu mostras o insigne Codificador.

Pretendendo não se envolver no desagrado da ignorância que se desdobra sob a indumentária de fanatismos repetitivos, alguns espíritas sinceros, encarregados de esclarecer, consolar e instruir doutrinariamente o próximo, **fazem-se tolerantes com erros lamentáveis**, em detrimento da salutar propaganda da Doutrina de Jesus, ora atualizada pelos Espíritos Superiores.

A pretexto de não contrariarem a petulância e o aventureirismo, cometem o nefando engano de compactuarem com o engodo, desconcertando as paisagens da fé e, sem dúvida, **conspurcando os postulados kardecistas**, que pareceriam aceitar esses apêndices viciosos e jargões deturpadores como informações doutrinárias. (...)

De um lado, é a **ausência de estudo sistemático**, de autodidatismo espiritual, **haurido na Codificação**, de atualização doutrinária em face das conquistas do moderno pensamento filosófico e tecnológico; doutro, é o desamor com que muitos

confrades, após se adentrarem no conhecimento imortalista, mantêm atitude de indiferença, resguardando a própria comodidade, por egoísmo, recusando-se a experimentar problemas e tarefas, caso se empenhassem na correta difusão e no eficiente esclarecimento espírita; ainda por outra circunstância, é a falsa supervalorização que se atribuem muitos, preferindo a distância, como se a função de quem conhece não fosse a de elucidar os que jazem na incipiência ou na sombra das tentativas infelizes; e, normalmente, é porque diversos preferem a falsa estima em que se projetam ilusoriamente a desfavor do aplauso da consciência reta e do labor retamente realizado...

...E surgem **esquisitices** que recebem as manchetes do sensacionalismo da Imprensa mais interessados na divulgação infeliz que atrai clientes, do que na informação segura que serve como luzes do esclarecimento eficiente.

Médiuns e médiuns pululam nos diversos campos da propaganda, autopromovendo-se, mediante ridículos conciliábulos como “status” de **fantasias** vigentes no báratro em que se converteu a Terra, sem aferição de valores autênticos, com raras exceções, conduzindo, quase sempre, a deplorável vulgaridade a nobre Mensagem dos Céus, assim chafurdando levianamente nos vícios que incorrem. Fazem-se instrumentos de **visões extravagantes** e dizem-se dialogando com anjos e santos desocupados, quando não se utilizando, ousadamente, dos venerandos nomes de Cristo e Maria, dos Apóstolos e dos eminentes sábios e filósofos do passado, que retornam com expressões da excentricidade, abordando temas de somenos importância em linguagem chã, com despautérios, em desrespeito pelas regras elementares da lógica e da gramática, na forma em que se apresentam. Parecia que a desencarnação os depreciara, fazendo-os perder a lucidez, o patrimônio moral-intelectual conseguido nos longos sacrifícios em que se empenharam arduamente. **Prognosticam, proféticos, os fins dos tempos chegados** e, imaginosos, recorrem ao pavor e à linguagem empolada, repetindo as proezas confusas de videntes do pretérito, atormentados que são, a seu turno, no presente.

Utilizando-se das informações honestas da Ciência, passam à elaboração de informes fantásticos, fomentando débeis vagidos de “ciência-ficção”, entregando-se a debates e provas inexpressivas retiradas de lacônicos telegramas de agências noticiosas, com que esperam positivar seus informes sobre a vida em tais ou quais condições, nesse ou naquele Planeta do Sistema Solar, ou noutra galáxia que se lhe torne simpática, como se a Doutrina já não o houvera oportunamente conceituado com segurança a questão, à Ciência competindo o labor de trazer a sua própria afirmação, sem incorrerem os espiritistas no perigo do ridículo desnecessário...

Outras vezes entregam-se à **atualização de antigas credices e feitiços**, enredando os neófitos em mancomunicações com Entidades infelizes ainda anestesiadas pelos tóxicos de última reencarnação, vinculadas às impressões do que acreditavam e se demoram cultuando... Receitam **práticas estranhas e confusas**, perturbando as mentes que se encontram em plena infância da cultura como da experiência superior, tornando-se chefes e condutores cegos que são, conduzindo outros cegos, conforme a lição evangélica, terminando por caírem todos no mesmo abismo...

O Espiritismo é simples e fácil como a verdade quando penetrada.

Deixá-lo padecer a leviana aventura de pessoas irresponsáveis, ingênuas ou malévolas, é gravame de que não se poderão eximir os legítimos adeptos da Terceira Revelação.

(...) Cabem, frequentemente, sempre que possíveis, as honestas informações entre Doutrina Espírita e Doutrinas Espiritualistas, prática espírita e práticas mediúnicas, opinião espírita e opiniões medianímicas, **calcadas na Codificação Kardequiana**, que delineou, aliás, com muita propriedade, as **características do Espiritismo**, conforme se lê na Introdução de O Livro dos Espíritos, estando presente em todo o Pentateuco, que desdobra

os postulados mestres em incomparáveis estudos de perfeita atualidade, a resistirem a todas as investidas da razão, da técnica e da fé contemporâneas”.

Questão de Coerência

Como já pudemos constatar em vários artigos, não só o Codificador e os Espíritos ligados diretamente à Codificação se preocupavam com os rumos do movimento Espírita e a nefasta tendência das ideias demasiado heterodoxas e suas infiltrações no Movimento Espírita, mas também outras entidades espirituais têm atualmente evidenciado grande preocupação com a invasão de práticas e conceitos estranhos advindos do Orientalismo e do Africanismo, que são respeitáveis, mas que não coadunam com os ensinamentos espíritas.

Portanto, estudemos a Doutrina Espírita, e atentemos para os desvios que sorrateiramente encarnados e desencarnados propõem de maneira leviana e até irresponsável, para que, amanhã, não caiamos nós nas teias e descaminhos da fascinação.

VI – Os Cavalos de Troia do Espiritismo

Segundo conta a lenda, os troianos acreditaram que um grande cavalo de madeira teria sido dado a eles de presente pelo exército grego como sinal de rendição após uma longa e sangrenta guerra. No entanto, tudo não passou de uma grande ideia de Odisseu, um sagaz guerreiro, que pensou numa maneira de entrar em Troia sem despertar a desconfiança dos inimigos troianos. Recebido com festa e júbilo, o grande cavalo na verdade abrigava dezenas de soldados em seu interior, que, já bem tarde da noite, aproveitando-se do cansaço e da ressaca provocada pelos intensos festejos troianos, saíram de seu esconderijo, abriram os portões da cidade aos outros milhares de soldados escondidos do lado de fora que tomaram a cidade, logo após saqueando-a e incendiando-a.

Pois bem, nada muito diferente desta conhecida história tem ocorrido com o Movimento Espírita praticamente desde que o Espiritismo deu, na França, seus primeiros passos.

Inicialmente, o Espiritismo teve de lutar contra seus inimigos externos: os materialistas, os chefes da Igreja, e os céticos em geral, todos interessados em destruí-lo, ou por vê-lo como uma ameaça aos seus interesses de domínio e poder, ou por mero escárnio e aversão à reforma ético-moral que a mensagem espírita trazia, desde o princípio, em sua filosofia.

No entanto, a maior luta que o Espiritismo teve e tem travado tem sido contra seus **inimigos internos**, ou seja, aqueles que dizem ocupar suas fileiras, mas que, na verdade, tais quais os gregos, nada mais intentam, conscientemente ou não, que destruí-lo.

O Primeiro de Todos

O primeiro cavalo de troia inoculado, tal qual um vírus letal, em nosso meio, foram as ideias docetistas, ressuscitadas por um certo advogado bordelense com histórico de problemas psiquiátricos chamado J.-B. Roustaing que contou com a colaboração de uma (única) médium chamada Emillie Collignon, pensando poder solapar a obra kardequiana de uma só vez através de ditados mediúnicos supostamente advindos dos evangelistas Mateus, Marcos, João e Lucas, sob a também suposta coordenação do Espírito Moisés.

De posse de tais suspeitas comunicações, eivadas de erros crassos e ideias absurdas, de forte influência do pensamento católico, Roustaing compilou a obra — **Os Quatro Evangelhos – Espiritismo Cristão, ou Revelação da Revelação**”, que publicou em 1866, a qual foi imediatamente contestada por Allan Kardec. Com a negativa de Kardec em aceitar prontamente o inteiro teor da referida obra, Roustaing e seus partidários duramente atacaram o Codificador nas páginas suprimidas do prefácio de “Os Quatro Evangelhos”, de 1920, com ironia e desdém, acusando o codificador de tentar ser o “chefe”, o “mestre de uma igreja com seus corrilhos, entregue a lutas liliputianas”.

Ficava, pois, evidente, conforme muito claramente explica o estudioso no assunto Sérgio Aleixo em sua obra “O Primado de Kardec”, “... *a patente rivalidade, a exagerada conta em que Roustaing e seus discípulos tinham sua própria ‘escola’, supostamente tão superior à de Kardec a ponto de poder substituí-la. Aquela época, o cisma rustenista era confesso. Proclamavam: ‘Cismas há atualmente; ninguém tem o poder de impedi-los’.*”

Nos dias de hoje, as ideias rustenistas, apesar da pouca vendagem e penetração de sua supracitada obra basilar, estão presentes em obras editadas pela FEB – Federação Espírita Brasileira, tais

como os best-sellers “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, “O Consolador” e “Voltei”, além de outras menos conhecidas, porém não menos perigosas “obras-primas” do pensamento neo-docetista, como “Elucidações Evangélicas”, “Elos Doutrinários”, “A Vida de Jesus”, “O Cristo de Deus”, entre outras.

O conjunto de teses antidoutrinárias defendidas pelo roustaingismo (ou rustenismo) inclui, por exemplo:

1 – A crença que Jesus teria revestido um corpo fluídico e nascido de uma virgem, tornada grávida apenas aparentemente;

2 – A defesa da metempsicose, i.é, que o espírito possa reencarnar na condição de animal, mais especificamente como “larvas informes” e chamadas “criptógamos carnudos”, “uma massa quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja ou antes desliza, tendo os membros, por assim dizer, em estado latente”. (Os Quatro Evangelhos, 1.º vol., n. 57ª n. 59, p. 307-313.);

3 – A antidoutrinária tese de que “a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo; (...) em princípio, é apenas consequente à primeira falta, àquela que deu causa à queda”. (Os Quatro Evangelhos, 1.º vol., n. 59, p.317 e 324.)

O Ramatisismo

Não muito diferentemente da estratégia rustenista, o Ramatisismo trouxe antigas ideias do antigo espiritualismo oriental travestidas de novidades, desta feita explorando a tendência místico-esotérica, em lugar das teses do Catolicismo Romano e de seitas cristãs dos primeiros séculos depois de Cristo defendidas por Roustaing e seus adeptos.

Igualmente valendo-se de um único médium, o advogado e contador curitibano Hercílio Maes, de formação teosofista, o espírito Ramatis que, segundo alguns, aparece vestindo um turbante com uma esmeralda e uma túnica ao estilo hindu, defende um certo “universalismo eclético”, capaz, segundo ele, de enriquecer o corpo doutrinário espírita. Alegando ter fundado santuários iniciáticos no século X na China e na Índia, teria desencarnado ainda moço. Alega também ter tido posições de destaque na mitológica Atlântida, no antigo Egito e na Grécia, além de ter convivido com Jesus e Kardec. Com base nessa suposta ligação com o primeiro, ditou o livro “O Sublime Peregrino”, com o qual intenta descrever detalhes da passagem do Cristo pelo planeta, na tentativa de passar ao leitor autoridade e conhecimento.

Seguindo a mesma estratégia de convencimento, dita ainda a obra “A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores”, que passa a ser coqueluche nos idos de 1950, justamente quando surgem os primeiros filmes sobre ETs e vida em outros planetas. Seu minucioso relato sobre a vida e a topografia marcianas, no entanto, sofre duro abalo, já que, anos depois, sondas não-tripuladas chegam ao planeta e descrevem uma paisagem inteiramente diferente daquela constante da referida obra.

Embora não se auto-intitule “espírita”, Ramatis procura inculcar ao leitor a noção de que se encontra acima daquilo que chama de “rótulos” e “convenções humanas”, ao mesmo tempo em que seus ditados, estranhamente, se destinam quase que exclusivamente ao leitor espírita. Ousadamente, Ramatis chega a afirmar que o Espiritismo naufragará, caso seus adeptos relutem em aceitar os elevados princípios e ensinamentos do espiritualismo oriental. Por conta disso, os centros ramatisistas, boa parte ostentando o nome “espírita” em suas fachadas, veiculam conceitos e práticas estranhas ao Espiritismo, embora digam seguir

Kardec, além de Jesus e, claro, o próprio Ramatis, alçado à condição de última palavra em termos de revelação espiritual.

Onde está a concordância?

Aprendemos em “O Livro dos Médiuns” que os Espíritos Superiores jamais se contradizem. Levando-se em conta tal premissa, logo chegamos à conclusão que, **entre Roustaing e Ramatis, pelo menos um deles está errado**, já que essas duas “escolas” defendem princípios completamente divergentes entre si. Ramatis, inclusive, chega a afirmar que a principal tese rustenista, a do corpo fluídico de Jesus, “é ainda um reflexo dos efeitos seculares adstritos aos dogmas, milagres, mitos e tabus copiados da vida de diversos precursores de Jesus” (O Sublime Peregrino, Cap. VII, A natureza do Corpo de Jesus). Não obstante, lança sua própria tese de que Jesus fora discípulo dos essênios, tendo aprendido com eles, e que, ao mesmo tempo, foi médium do Cristo, “uma entidade espiritual arcangélica”, algo que, em momento algum, encontramos em Roustaing.

Portanto, vemos aí uma batalha ideológica entre espíritos unicamente interessados em fazerem prevalecer suas ideias e opiniões isoladas, com as quais acabam por provocar a cizânia, a divisão e a desinteligência nas fileiras espíritas que, teoricamente, deveriam manter-se fiéis, por mera **questão de coerência**, ao Espiritismo e à Codificação Espírita, conjunto de obras que passaram pelo **crivo da universalidade e concordância**, além de terem sido supervisionadas pelo insigne e autêntico missionário Allan Kardec, cujas credenciais todos conhecemos e das quais possuímos inúmeros exemplos positivos e factuais.

Conclusão

Muitos indagam como podem os Espíritos Superiores, ou mesmo Deus, permitirem que certos espíritos, encarnados e

desencarnados, alcancem (parcial) sucesso em suas empreitadas, com as quais enganam a tantos.

A resposta também encontramos na Codificação, repositório de múltiplos alertas a respeito da ação dos espíritos pseudossábios e mistificadores que pululam na atmosfera espiritual terrena:

P.: (...)“Mas como os Espíritos elevados permitem a Espíritos de baixa classe usarem nomes respeitáveis para semear o erro através de máximas muitas vezes perversas?”

R.: “Não é com a sua permissão que o fazem. Isso não acontece também entre vós? Os que assim enganam serão punidos, ficai certos disso, e a punição será proporcional à gravidade da impostura. Aliás, senão fosseis imperfeitos só teríeis Espíritos bons ao vosso redor. **Se sois enganados, não o deveis senão a vós mesmos. Deus o permite para provar a vossa perseverança e o vosso discernimento, para vos ensinar a distinguir a verdade do erro. Senão o fazeis é porque não estais suficientemente elevados e necessitais ainda das lições da experiência**”.

Outros tantos também se confundem por encontrarem boas coisas nos ditados desses espíritos. Tal questão é também esclarecida na Codificação:

P.: 11. “As comunicações espíritas ridículas **são às vezes entremeadas de boas máximas**. Como resolver essa anomalia, que parece indicar a presença simultânea de Espíritos bons e maus?”

R.: “**Os Espíritos maus ou levianos se metem também a sentenciar**, mas sem perceberem bem o alcance ou a significação do que dizem. Todos os que o fazem entre vós são homens superiores? Não, os Espíritos bons e maus não se misturam. É

pela constante uniformidade das boas comunicações que reconheceréis a presença dos espíritos bons”.

É bom que ressaltemos que nem sempre tais espíritos estão de má-fé:

P.: 12. “Os Espíritos que induzem ao erro estão sempre conscientes do que fazem?”

R.: “Não. **Há Espíritos bons, mas ignorantes; podem enganar-se de boa-fé.** Quando tomam consciência da sua falta de capacidade eles a reconhecem e só dizem o que sabem”.

Foi, no entanto, o Espírito Erasto que nos trouxe os alertas mais diretos sobre a ação dessa classe de espíritos em 1862, na cidade de Bordéus (onde residia Roustaing), e em Paris, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, apontando os “falsos profetas da erraticidade”, ou seja, “Espíritos orgulhosos que, sob falsa aparência de amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando de permeio seus sistemas absurdos, que fazem ser aceitos através de seus médiuns. E para melhor fascinar aqueles a quem desejam iludir, para dar mais peso às suas teorias, se apropriam, sem escrúpulos, de nomes que só com muito respeito os homens pronunciam.

“São eles que espalham o fermento dos antagonismos entre os grupos; que os impelem a isolarem-se uns dos outros, a olharem-se com prevenção. Isso, por si só, bastaria para os desmascarar, pois, procedendo assim, são os primeiros a dar o mais formal desmentido às suas pretensões. Cegos, portanto, são os homens que se deixam cair em tão grosseiro embuste...”

E conclui o sábio Espírito, dizendo:

“É incontestável que, submetendo ao crivo da razão, da lógica todos os dados e todas as comunicações dos espíritos, fácil se

torna rejeitar a absurdidade e o erro. Pode um médium ser fascinado, pode um grupo ser iludido; mas, a verificação severa a que procedam os outros grupos, a ciência adquirida, a elevada autoridade moral dos diretores de grupos, as comunicações que os principais médiuns venham a receber, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, rapidamente condenarão esses ditados mentirosos e astuciosos, que emanam de uma turba de Espíritos mistificadores ou maus”. (“O Evangelho segundo o Espiritismo”, Cap. XXI, itens X, 1)

E, por fim, perguntamos a todos: **onde estão os falsos profetas da erraticidade, já que tudo quanto é ditado escrito por via mediúnicamente é aceito prontamente pelo Movimento Espírita como sendo advindo da Espiritualidade Superior, sem qualquer análise e critério, e logo encaminhadas para publicação?** Por que a aceitação pura e simples de qualquer mensagem, sendo que sabemos que, no mundo dos espíritos, tanto os bons quanto os maus podem se comunicar?

Ou seguimos o critério kardeciano de análise das mensagens, seguido de um retorno à divulgação e estudo rigoroso e sério das obras da Codificação Espírita, ou então continuaremos a testemunhar a entrada dos cavalos-de-Troia através de nossos muros, aproveitando-se da incúria e da ingenuidade de muitos que, mesmo sabendo do perigo iminente, fecham os olhos confiando unicamente naquilo que chamam de “providência divina”, esquecendo-se das responsabilidades a nós confiadas.

Cabe, pois, aos espíritas verdadeiros, cuidarem para que o Movimento Espírita não se desvie pelas sendas do erro e da divisão, tal qual aconteceu como Cristianismo, hoje tornado uma autêntica colcha de retalhos.

O Espiritismo é um só: aquele contido nas obras kardecianas, sem enxertias e adulterações, tal qual um todo monolítico e capaz de

responder às mais graves questões espirituais por ainda muito, muito tempo.

VII – Os Livros de Ramatis são confiáveis?

Nosso objetivo, nesta série de artigos, como já dissemos alhures, é o de reunir todas as falhas e heresias de cunho científico e doutrinário do espírito Ramatis, cujos conceitos vêm contaminando o Movimento Espírita Brasileiro, de tal forma que muitos consideram esse espírito um verdadeiro reformador da Doutrina Espírita, um enviado, um missionário, o que absolutamente não é verdade.

Seus ditados, como vocês poderão ver, contêm uma série de inexatidões que não podem ser deixadas de lado, como sugerem alguns, a título de caridade ou por ele não se dizer “espírita”, como se isso o autorizasse a enganar ou ensinar falsos conceitos, e, o que é pior, para um público predominantemente espírita, causando uma confusão em nosso meio de proporções gigantescas.

Seguimos, pois, o exemplo dado por Allan Kardec, que, por influência dos ensinamentos dos Espíritos Superiores, foi estimulado e estimulou qualquer indivíduo sério a esse trabalho de análise das comunicações. Os trechos abaixo demonstram bem essa realidade:

“... Submetendo-se todas as comunicações a rigoroso exame, sondando e analisando suas ideias e expressões, como se faz ao julgar uma obra literária e rejeitando sem hesitação tudo o que for contrário à lógica e ao bom senso, tudo o que desmente o caráter do Espírito que se pensa estar manifestando, consegue-se desencorajar.

Os Espíritos mistificadores que acabam por se afastar, desde que se convençam de que não podem nos enganar. Repetimos que este é o único meio, mas é infalível porque não existe

comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. Os Espíritos bons jamais se ofendem, pois eles mesmos nos aconselham a proceder assim e nada têm a temer do exame...” (item 266, “O Livro dos Médiuns” – Kardec – Editora Lake – páginas 222 e 236)

“O Sr. Allan Kardec propôs, como objeto de estudo, o exame aprofundado e detalhado de certos ditados, espontâneos ou outros, que se poderiam analisar e comentar, como se faz nas críticas literárias. Esse gênero de estudo, teria a dupla vantagem de exercer a apreciação do valor das comunicações Espíritas, e, em segundo lugar e por consequência mesmo dessa apreciação, desencorajar os Espíritos enganadores que, vendo todas as suas palavras criticadas, controladas pela razão, e finalmente rejeitadas desde que tenham um sinal suspeito, acabariam por compreender que perdem seu tempo. Quanto aos Espíritos sérios, poder-se-ia chamá-los para pedir-lhes explicações e desenvolvimentos sobre os pontos de suas comunicações que tivessem necessidade de serem elucidados. A Sociedade aprovou essa proposição”. (Revista Espírita – Allan Kardec – Maio/1860 – IDE – 1ª edição – pg. 131)

VIII – Ramatis é espírita?

Um dos argumentos mais utilizados por muitos seguidores de Ramatis é que ele não seria espírita e, por isso, não poderíamos analisar seus ditados pelo prisma do Espiritismo. Este é um argumento um tanto fraco e, até mesmo, com o perdão da palavra, falacioso.

Já de início há uma grande contradição, uma vez que a maioria dos centros que disseminam as ideias ramatisistas ostentam o nome “espírita” na fachada. Além disso, o mesmo acontece na ficha catalográfica dos livros do médium Hercílio Maes.

Ramatis, efetivamente, dentro de sua proposta de propagação do sincretismo em nosso meio, não se intitula “espírita”. Mas, evidentemente, ele não o faria, porque isso colide com seu próprio esforço de misturar tudo com Espiritismo, atacando-lhe a unidade, algo que os Espíritos superiores sempre estimularam Allan Kardec a lutar para que se mantivesse.

Sob a fachada de “universalismo”, tudo querem ultimamente agregar ao Espiritismo como se fosse a Doutrina algo vago, sem uma proposta, sem um corpo muito bem definido de princípios e postulados. O argumento é que a Doutrina é progressista e aceita novas ideias. No entanto, que ideias novas são essas que vão beber em doutrinas da Antiguidade? Que modernidade é essa que empesteia os Centros de credices, superstições, rituais e misticismo alienante, desfigurando o atualíssimo pensamento kardeciano?

Que Ramatis não é espírita nós bem o sabemos, mas por que então insistem os ramatisistas em se intitularem como tal, se a

todo momento afirmam que a Doutrina está ultrapassada? Alegam termos avançado do século XIX para cá, mas insistem em agregar pensamentos e teorias que datam de mais de 3.000 anos! Com certeza, isso não faz o menor sentido.

Portanto, vai aí o pedido: se querem os simpatizantes de Ramatis ser coerentes com o que professam, não há porque se dizerem espíritas. O que prega Ramatis é inconciliável com o Espiritismo, como muitos antes de nós já puderam verificar. Assim sendo, têm todo o direito de professar a religião ou de seguirem quem quer que seja, mas não se digam espíritas, porque não o são. São “espiritualistas”, e nada há de errado em o serem.

IX – Breve Resumo de Algumas Diferenças

Vejamos, para iniciar, uma lista de discrepâncias entre o que ensinam os Espíritos Superiores nas obras da Codificação e o que consta nas obras ditadas por Ramatis:

1 - Astrologia:

Doutrina Espírita – Kardec deixa bem claro a posição do Espiritismo em “A Gênese” e há respostas dos espíritos indicando claramente que essa é uma crença supersticiosa e sem fundamento. O Espiritismo se baseia no livre-arbítrio;

Ramatis – Aceita a astrologia plenamente, e diz ainda que Jesus teve que esperar uma conjunção astrológica em Peixes para vir à Terra.

(Tema tratado no artigo Espiritismo, Astrologia e Ramatis)

2 - Jesus

Doutrina Espírita – O modelo e guia da humanidade. Espírito perfeito. O Cristo, o Ungido;

Ramatis – Um espírito que, embora superior, foi um aprendiz dos essênios, tendo inclusive encarnado outras vezes na Terra. Numa dessas encarnações, segundo Ramatis, Jesus fora Antúlio de Maha-Ettel, líder da mitológica Atlântida. Para Ramatis, Jesus não é o Cristo, mas um médium do mesmo.

3 - Métodos Contraceptivos

DE – Só é prejudicial se utilizado para satisfação da sensualidade, o que seria sinal de egoísmo. Apoia o planejamento familiar;

Ramatis – Condenados todos. Para o casal não ter filhos, tem que praticar a abstinência. Sexo só foi feito para procriação. Todo casal tem que ter, no mínimo, quatro filhos para estar quite com a lei;

(Tema tratado no artigo: “Ramatis e a Lei de Reprodução”)

4 – Fim dos tempos

DE – Não acredita. Fala de uma renovação gradual através do avanço moral da humanidade. Fala em convulsões sociais, embates de ideias como sinais da renovação futura;

Ramatis – Aposta em um cataclismo de proporções globais, com elevação abrupta do eixo da Terra, que ceifará a vida de 2/3 da população. Após essa hecatombe, a Terra se tornará um planeta mais adiantado. Um suposto astro intruso, vulgarmente apelidado de “planeta chupão”, causaria tal destruição.

(Tema tratado nos artigos: “Catastrofismo Aparvalhante: as Previsões Apocalípticas que não se Cumpriram”, “À Feição de Seita Apocalíptica”, “Onde Está o Planeta Chupão de Ramatis?”, “Ramatis dita Ficção e não realidade, assim como Hollywood” e “Planeta X, Chupão ou Nibiru: Respondendo a um Leitor Ramatisista”)

5 - Vegetarianismo

DE – Deixa-nos à vontade para escolher, embora alerte em relação à crueldade com os animais. Deixa a entender que essa será uma opção predominante no futuro, mas que não representa uma transgressão “uma vez que a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece”;

Ramatis – O consumo de carne é um grave erro do ponto de vista espiritual, além de causar prejuízos à saúde.

(Tema tratado no capítulo: “Ramatis e a Questão Vegetariana”)

6 - Incensos, defumadores, amuletos, talismãs, ação de objetos materiais sobre os espíritos e sobre os fluidos

DE – Não admite qualquer ação da matéria sobre os espíritos ou sobre os fluidos ambiente;

Ramatis – Os defumadores e incensos são “detonadores de miasmas astralinos”, i.é, teriam efeito sobre os fluidos ambiente. A palavra AUM, quando pronunciada, nos ligaria ao Cristo Planetário.

(Tema tratado no capítulo “Utilidade Pública: Incensos e Defumadores fazem mal à saúde”)

7 - Médiuns Receitistas e médiuns curadores

DE – O médium receitista é psicógrafo;

Ramatis – O médium receitista é curador;

8 - Planeta Marte e vida extraterrestre

DE – Não se imiscui em questões que dizem respeito aos esforços da ciência humana. Espíritos podem trazer contribuições esporádicas que, no entanto, deverão aguardar confirmação para serem plenamente aceitas;

Ramatis – Descreve vida material em Marte, com existência de vegetação abundante, oceanos, mares e florestas. Vai além e arrisca “revelar” a existência de 12 planetas no Sistema Solar,

que comporiam a corte dos “dozes apóstolos planetários do Cristo Solar”

(Tema tratado nos artigos: “Ramatis e o Planeta Marte” e “Férias em Phobos e Deimos?”).

Mais alguns conceitos e ideias de Ramatis:

1 – As plantas carnívoras possuem o eterismo (?) impregnado de desejos e de paixão, porque elas participam do sexto mundo astral, que é a dos desejos e que precede o mundo etérico. (“Mensagens do Astral”, p.269)

2 – A órbita do planeta que teria destruído a Terra até 1999 é de 6.666 anos. (Ele previu a data da destruição, mas nada aconteceu) (idem)

3 – Marcianos teriam atirado contra um caça americano F-15 e o reencarnado em Marte para compensar. (“O Planeta Marte e os Discos Voadores”)

4 – Os essênios já conheciam o Espiritismo. (“O Sublime Peregrino”)

5 – Aqueles que não alcançam uma evolução razoável na Terra no período exato de 2.160 anos são exilados para outro orbe. (Mensagens do Astral, p. 255)

6 – Ramatis prevê uma guerra com emprego de armas atômicas no último terço do século XX entre os dois continentes mais poderosos (quais?) (“Mensagens...”, p. 230)

7 – Até o ano 2000, os polos estariam livres do gelo. (idem, p. 228)

8 – Gigantes (pessoas altas?) são provenientes dos satélites jupiterianos, enquanto os anões são antigos emigrados do satélite de Marte. (idem, p.212)

9 – O espírito do homem é um fragmento do espírito de Deus. (idem, p.207)

10 – Rituais, mantras, etc. são meios de se alcançar o “Cristo Planetário”. (idem, p. 302)

11 – Júpiter é descrito por Ramatis como um planeta de substância rígida, contundente, enquanto, na verdade, é um planeta eminentemente gasoso. (“A Vida no Planeta Marte”, cap. V)

12– A calvície masculina e feminina seria causada pelo hábito de cortar os cabelos e pelo não acompanhamento das fases da Lua para tal. (“Magia de Redenção”)

E você, amado leitor, fica com quem? Com a Codificação Espírita, que tem como base o consenso universal e participação direta de espíritos do quilate de Erasto, Fénelon, S. Agostinho, S. Luis, Vicente de Paulo, Sócrates, Platão, entre outros, sob a égide do Espírito da Verdade, ou com a opinião unilateral de Ramatis?

O “metro que melhor mediu Kardec”, J. Herculano Pires, nos auxilia nesta decisão:

“A obra de Kardec é a bússola em que podemos confiar. Ela é a pedra de toque que podemos usar para aferir a legitimidade ou não das pedras aparentemente preciosas que os garimpeiros de novidades nos querem vender. Essa obra repousa na experiência de Kardec e na sabedoria do Espírito da Verdade. Se não confiamos nela é melhor abandonarmos o Espiritismo. Não há mestres espirituais na Terra nesta hora de provas, que é semelhante à hora de exames numa escola do mundo. Jesus poderia nos responder, diante da nossa busca comodista de novos mestres, como Abraão

respondeu ao rico da parábola: ‘Porque eu deveria mandar-vos novos mestres, se tendes convosco a Codificação e os Evangelhos?’” (“Mediunidade” – Herculano Pires – Edicel – 4ª edição – pg. 28)

X – Kardec e o perigo dos espíritos pseudossábios

“Ora, a experiência mostra que os maus se comunicam tanto quanto os bons. Os que são francamente maus são facilmente reconhecíveis; mas há também os meio sábios, falsos sábios, presunçosos, sistemáticos e até hipócritas. Estes são os mais perigosos, porque afetam uma aparência séria, de ciência e de sabedoria, em favor da qual proclamam, em meio a algumas verdades e boas máximas, as mais absurdas coisas.

Separar o verdadeiro do falso, descobrir a trapaça oculta numa cascata de palavras bonitas, desmascarar os impostores, eis, sem contradição, uma das maiores dificuldades da Ciência Espírita”.

“NÃO BASTA SER ESPÍRITO”– Allan Kardec

“Mas, dirão certos críticos, não tende, pois, confiança nos Espíritos, uma vez que duvidais de suas afirmações? Como inteligências libertas da matéria não podem levantar todas as dúvidas da ciência, lançar luz onde reina a obscuridade?

Esta uma questão muito grave, que se prende à própria base do Espiritismo, e que não poderíamos resolver neste momento, sem repetir o que já dissemos a esse respeito; não diremos senão algumas palavras para justificar as nossas reservas. Responder-lhes-emos, de início, que se tornaria sábio a bom preço se não se tratasse senão de interrogar os Espíritos para conhecer-se tudo o que se ignora. Deus quer que adquiramos a ciência pelo trabalho, e não encarregou os Espíritos de nos trazer tudo pronto para favorecer a nossa preguiça.

Em segundo lugar, a Humanidade, como os indivíduos, tem sua infância, sua adolescência, sua juventude e sua virilidade. Os Espíritos, encarregados por Deus de instruírem os homens, devem, pois, proporcionar seu ensinamento para o desenvolvimento da inteligência; nunca dirão tudo a todo mundo, e esperam, antes de semear, que a Terra esteja pronta para receber a semente, para fazê-la frutificar.

Eis porque certas verdades, que nos são ensinadas hoje não o foram aos nossos pais que, eles também, interrogavam os Espíritos; eis porque, verdades pelas quais não estamos maduros, não serão ensinadas senão àqueles que virão depois de nós. Nosso erro é crer-nos chegados ao topo da escala, ao passo que não estamos ainda senão na metade do caminho.

Dizemos de passagem que os Espíritos têm duas maneiras para instruírem os homens; podem fazê-lo, seja comunicando-se diretamente com eles, o que fizeram em todos os tempos assim como o provam todas as histórias sagradas e profanas, seja encarnando-se entre eles para aí cumprir missões de progresso. Tais são esses homens de bem e de gênio que aparecem, de tempos em tempos, como luz para a Humanidade e lhe fazem dar alguns passos à frente. Vede o que ocorre quando esses mesmos homens vêm antes do tempo propício para as ideias que devem propagar: são desconhecidos quando vivos, mas o seu ensinamento não se perde; depositado nos arquivos do mundo, como um grão precioso colocado em reserva, um belo dia sai do pó, no momento em que pode dar seus frutos.

Desde então, compreende-se que se o tempo requerido para difundir certas ideias não chegou, interrogar-se-ia os Espíritos em vão, eles não podem dizer senão o que lhes é permitido. Mas é uma outra razão que compreendem perfeitamente todos aqueles que têm alguma experiência do mundo Espírita.

Não basta ser Espírito para possuir a ciência universal, de outro modo a morte nos tornaria quase iguais a Deus. O simples bom senso, de resto, recusa-se a admitir que o Espírito de um selvagem, de um ignorante ou de um mau, desde o momento que esteja livre da matéria, esteja no nível de sábio ou do homem de bem; isso não seria racional. Há, pois, Espíritos avançados, e outros mais ou menos atrasados que devem percorrer mais de uma etapa, passar por numerosos e severos exames, antes de estarem despojados de todas as suas imperfeições. Isso resulta que se encontram, no mundo dos Espíritos, todas as variedades morais e intelectuais que se encontram entre os homens, e muitas outras ainda; ora, a experiência prova que os maus se comunicam tão bem quanto os bons. Aqueles que são francamente maus são facilmente reconhecíveis; mas há também, entre eles, os meio sábios, os falsos sábios, os presunçosos, os sistemáticos e mesmo os hipócritas; aqueles são os mais perigosos porque afetam uma aparência de seriedade, de sabedoria e de ciência, a favor da qual debitam, frequentemente, no meio de algumas verdades, de algumas boas máximas, as coisas mais absurdas; e para melhor enganarem, não temem em se ornarem com os nomes mais respeitáveis. **Distinguir o verdadeiro do falso, descobrir a fraude escondida sob uma parada de grandes palavras, desmascarar os impostores, eis aí, sem contradita, uma das maiores dificuldades da ciência Espírita.** Para superá-la é preciso uma longa experiência, conhecer todas as astúcias das quais são capazes os Espíritos de baixo estágio, ter muita prudência, ver as coisas com o mais imperturbável sangue frio, e se guardar, sobretudo, contra o entusiasmo que cega. Com habilidade e um pouco de tato chega-se facilmente a ver a ponta da orelha, mesmo sob a ênfase da mais pretensiosa linguagem. Mas infeliz o médium que se crê infalível, que se ilude sobre as comunicações que recebe: o Espírito que o domina pode fasciná-lo ao ponto de fazê-lo achar sublime o que, frequentemente, é simples absurdo e salta aos olhos de todos, menos aos seus”.

Em “O Livro dos Médiuns” lemos sobre as técnicas de fascinação utilizadas por boa parte dos espíritos pseudossábios:

“Há Espíritos obsessores sem maldade, que alguma coisa mesmo denotam de bom, mas dominados pelo orgulho do falso saber. Têm suas ideias, seus sistemas sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia, e querem fazer que suas opiniões prevaleçam. Para esse efeito, procuram médiuns bastante crédulos para os aceitar de olhos fechados e que eles fascinam, a fim de os impedir de discernirem o verdadeiro do falso. **São os mais perigosos**, porque os sofismas nada lhes custam e podem tornar cridas as mais ridículas utopias. Como conhecem o prestígio dos grandes nomes, não escrupulizam em se adornarem com um daqueles diante dos quais todos se inclinam, e não recuam sequer ante o sacrilégio de se dizerem Jesus, a Virgem Maria, ou um santo venerado. Procuram deslumbrar por meio de uma linguagem empolada, mais pretensiosa do que profunda, erçada de termos técnicos e **recheada das retumbantes palavras caridade e moral**.

Cuidadosamente evitarão dar um mau conselho, porque bem sabem que seriam repelidos. Daí vem que os que são por eles enganados os defendem, dizendo: Bem vedes que nada dizem de mau. **A moral**, porém, **para esses Espíritos é simples passaporte**, é o que menos os preocupa. O que querem, acima de tudo, é impor suas ideias por mais disparatadas que sejam”. (Cap. XXIII - Item 246 – Da Obsessão)

E abordando a necessidade imperiosa da análise crítica das comunicações dos espíritos, Kardec alerta:

“Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; respira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes, ou

orgulhosos, o vazio das ideias é quase sempre compensado pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de malevolência, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade num Espírito”.

XI – Um Apelo de Allan Kardec

A 15 de janeiro de 1862, Kardec publicou a brochura intitulada “O Espiritismo na sua mais simples Expressão”, onde consta o seguinte apelo:

“Contamos com o zelo de todos os verdadeiros espíritas para ajudar na sua propagação”.

Já em “O Livro dos Médiuns”, o segundo livro da Codificação Espírita, verificamos a importância dada a questões que hoje têm sido ignoradas e relegadas por boa parte daqueles que se dizem espíritas nos dias de hoje, facilitando a ação nefasta de espíritos pseudossábios e/ou mistificadores, que não só poderão enganar a esses com suas falsas ideias como também a muitas outras pessoas, disseminando e rapidamente promovendo toda uma série de noções contrárias aos elevados propósitos do Espiritismo.

O resultado disso tem sido a desinteligência entre os espíritas e a consequente formação de redutos seitas, com interpretações próprias e muitas das vezes demasiado exóticas e heterodoxas sobre a mais variada gama de questões que a Codificação, por sua vez, ensina com cristalina clareza, dispensando os adereços advindos das paixões e arroubos de imaginação de **caráter puramente terreno e especulativo**.

Leiamos alguns comentários a esse respeito proferidos por Allan Kardec, constantes da Revista Espírita de janeiro de 1861:

“A primeira edição d’O Livro dos Médiuns, publicada no começo deste ano, esgotou-se em alguns meses, o que não é um dos traços menos característicos do progresso das ideias espíritas. Nós

mesmos constatamos, em nossas excursões, a influência salutar que essa obra exerceu sobre a direção dos estudos espíritas práticos. Assim, as decepções e mistificações são muito menos numerosas do que outrora, porque **ela ensinou os meios de descobrir as astúcias dos Espíritos enganadores**. Esta segunda edição é muito mais completa que a precedente. Ela encerra numerosas instruções novas muito importantes e vários capítulos novos. Toda a parte que concerne mais especialmente aos médiuns, à **identidade dos Espíritos, à obsessão, às questões que podem ser dirigidas aos Espíritos, às contradições, aos meios de discernir os bons e os maus Espíritos, à formação de reuniões espíritas, às fraudes em matéria de Espiritismo** recebeu desenvolvimentos muito notáveis, frutos da experiência. No capítulo das dissertações espíritas adicionamos várias **comunicações apócrifas** acompanhadas de observações adequadas a dar os meios de descobrir a fraude dos Espíritos enganadores que se apresentam com falsos nomes.

Devemos acrescentar que **os Espíritos reviram a obra inteiramente** e trouxeram numerosas observações do mais alto interesse, de sorte que se pode dizer que **é obra deles, tanto quanto nossa**.

Recomendamos com instância esta nova edição, como **o guia mais completo**, quer para os médiuns, quer para os simples observadores. Podemos afirmar que seguindo-a pontualmente evitar-se-ão os escolhos tão numerosos contra os quais se vão chocar tantos neófitos inexperientes.

Depois de tê-la lido e meditado atentamente, os que forem enganados ou mistificados certamente não poderão queixar-se senão de si mesmos, porque tiveram todos os meios para se esclarecerem”.

XII – Herculano Pires e Ramatis

Começaremos com J. Herculano Pires (1914-1979), jornalista, filósofo, poeta, tradutor e pensador espírita paulista.

É considerado o maior pensador espírita do Brasil e um dos maiores intérpretes do pensamento kardeciano.

Chamado de “O Guarda Noturno do Espiritismo”, foi um dos grandes defensores do caráter cultural e filosófico do Espiritismo, tendo travado memoráveis polêmicas com detratores da Doutrina Espírita.

Fundador da União Social Espírita (atual USE), entusiasta da educação espírita, Herculano escreveu mais de 80 obras sobre inúmeros temas. Foi presidente do Sindicato Estadual dos Jornalistas de São Paulo.

Obras: O Reino; Espiritismo Dialético; O Mistério do Ser Ante a Dor e a Morte; O Espírito e o Tempo; Revisão do Cristianismo; Agonia das Religiões; O Centro Espírita; Curso Dinâmico de Espiritismo; Mediumidade; Ciência Espírita e suas Implicações Terapêuticas; Pesquisa Sobre o Amor.

Conheçamos, agora, os seus comentários críticos sobre Ramatis e quejandos:

“Faz-se, em geral, muita confusão a propósito de Espiritismo. Há confusões intencionais, promovidas por elementos interessados em combater a propagação inevitável da Doutrina, e há confusões inocentes, feitas por pessoas de reduzido conhecimento doutrinário. As primeiras, as intencionais, não

seriam funestas, porque facilmente identificáveis quanto ao seu objetivo, se não houvesse confusões inocentes, que preparam o terreno para aquelas explorações.

Os Centros Espíritas têm um grande papel a desempenhar na luta pelo esclarecimento do povo, devendo promover constantes programas de combate a todas as formas de confusão doutrinária. Por isso mesmo, devem ser dirigidos por pessoas que conheçam a Doutrina, que a estudem incessantemente e que não se deixem levar por sugestões estranhas. Quando os dirigentes de Centro não se sentirem bastante informados dos princípios doutrinários, devem revestir-se, pelo menos, da humildade suficiente para recorrerem aos conselhos de pessoas mais esclarecidas e à leitura de textos orientadores.

Há um pequeno livro de Kardec que muitos dirigentes desprezam, limitando-se a aconselhar a sua leitura aos leigos e principiantes: exatamente ‘O Principiante Espírita’. Esse livrinho é precioso orientador doutrinário, que os dirigentes devem ler sempre. Outro pequeno volume aconselhável é ‘O Que É o Espiritismo’, também de Kardec.

Principalmente agora, nesta época de confusões que estamos atravessando, os dirigentes de Centros, Grupos Familiares e demais organizações doutrinárias, deviam ter esses livros como leitura diária, obrigatória.

Além das confusões habituais entre Umbanda e Espiritismo, Esoterismo, Teosofia, Ocultismo e Espiritismo, há outras formas de confusão que vêm sendo amplamente espalhadas no meio espírita. São as confusões de origem mediúnica, oriundas de comunicações de espíritos que se apresentam como grandes instrutores, dando sempre respostas e informações sobre todas as questões que lhes forem propostas. Um exemplo marcante é o de Ramatis, cujas mensagens vêm sendo fartamente distribuídas.

Qualquer estudioso da Doutrina percebe logo que se trata de um espírito pseudossábio, segundo a ‘escala espírita’ de Kardec. Não obstante, suas mensagens estão assumindo o papel de sucedâneos das obras doutrinárias, levando até mesmo oradores espíritas a fazerem afirmações ridículas em suas palestras, com evidente prejuízo para o bom conceito do movimento espírita.

Não é de hoje que existem mensagens dessa espécie. Desde todos os tempos, espíritos mistificadores, os falsos profetas da erraticidade, como dizia Kardec, e espíritos pseudossábios, que se julgam grandes missionários, trabalham, consciente ou inconscientemente, na ingrata tarefa de ridicularizar o Espiritismo. Mas a responsabilidade dos que aceitam e divulgam essas mensagens não é menor do que a dos espíritos que as transmitem.

Por isso mesmo, é necessário que os confrades esclarecidos não cruzemos braços diante dessas ondas de perturbação, procurando abrir os olhos dos que facilmente se deixam levar por elas.

O Espiritismo é uma doutrina de bom senso, de equilíbrio, de esclarecimento positivo dos problemas espirituais, e não de hipóteses sem base ou de suposições imaginosas. As linhas seguras da Doutrina estão na Codificação Kardeciana.

Não devemos nos esquecer de que a Codificação representa o cumprimento da promessa evangélica do Consolador, que veio na hora precisa.

Deixar de lado a Codificação, para aceitar novidades confusas, é simples temeridade. Tanto mais quando essas novidades, como no caso de Ramatis, são mais velhas do que a própria Codificação”.

Herculano e as bases para um pleno entendimento doutrinário

“O estudo e os debates devem cingir-se às obras da Codificação. Substituir as obras fundamentais por outras, psicografadas ou não,

é um inconveniente que se deve evitar. Seria o mesmo que, num curso de especialização em Pedagogia, passar-se a ler e discutir assuntos de Mecânica, a pretexto de variar os temas.

O aprendizado doutrinário requer unidade e sequência, para que se possa alcançar uma visão global da Doutrina. Todas as obras de Kardec devem constar desses trabalhos, desde os livros iniciáticos, passando pela Codificação propriamente dita, até os volumes da Revista Espírita.

Precisamos nos convencer desta realidade que nem todos alcançam: Espiritismo é Kardec. Porque foi ele o estruturador da Doutrina, permanentemente assistido pelo Espírito da Verdade. Todos os demais livros espíritas, mediúnicos ou não, são subsidiários. Estudar, por exemplo, uma obra de Emmanuel ou André Luiz sem relacioná-la com as obras de Kardec, a pretexto de que esses autores espirituais superam o Mestre (cujas obras ainda não conhecemos suficientemente) é demonstrar falta de compreensão do sentido e da natureza da Doutrina. Esses e outros autores respeitáveis dão sua contribuição para a nossa maior compreensão de Kardec, não podem substituí-lo. É bom lembrar a regra do ‘consenso Universal’, segundo o qual nenhum espírito ou criatura humana dispõem, sozinhos, por si mesmos, de recursos e conhecimentos para nos fazerem revelações pessoais. Esse tipo de revelações individuais pertence ao passado, aos tempos anteriores ao advento da Doutrina. Um novo ensinamento, a revelação de uma ‘verdade nova’ depende das exigências doutrinárias de:

- a) Concordância universal de manifestações a respeito;
- b) Concordância da questão com os princípios básicos da Doutrina:
- c) Concordância com os princípios culturais do estágio de conhecimento atingido pelo nosso mundo;

d) Concordância com os princípios racionais, lógicos e logísticos do nosso tempo.

Fora desse quadro de concordâncias necessárias, que constituem o ‘consenso Universal’, nada pode ser aceito como válido. Opiniões pessoais, sejam de sábios terrenos ou do mundo espiritual, nada valem para a Doutrina. O mesmo ocorre nas Ciências e em todos os ramos do Conhecimento na Terra. Porque o Conhecimento é uma estrutura orgânica, derivada da estrutura exterior da realidade e nunca sujeita a caprichos individuais.

Por isso é temeridade aceitar-se e propagar-se princípios deste espírito ou daquele homem como se fossem elementos doutrinários.

Quem se arrisca a isso revela falta de senso e falta absoluta de critério lógico, além de falta de convicção doutrinária. O Espiritismo não é uma doutrina fechada ou estática, mas aberta ao futuro. Não obstante, essa abertura está necessariamente condicionada às regras de equilíbrio e de ordem que sustentam a verdade e a eficácia da sua estrutura doutrinária.

Como a Química, a Física, a Biologia e as demais Ciências, o Espiritismo não é imutável, está sujeito às mudanças que devem ocorrer com o avanço do conhecimento espírita. Mas como em todas as Ciências, esse avanço está naturalmente subordinado às exigências do critério racional, da comprovação objetiva por métodos científicos e do respeito ao que podemos chamar de ‘natureza da doutrina’.

Introduzir na doutrina práticas provenientes de correntes espiritualistas anteriores a ela seria o mesmo que introduzir na Química as superadas práticas da Alquimia. As Ciências são organismos conceptuais da cultura humana, caracterizados pela sua estrutura própria e pelas leis naturais do seu crescimento, como ocorre com os organismos biológicos.

Todos nós ainda trazemos a ‘herança empírica’ do passado anterior ao desenvolvimento da cultura científica, e somos às vezes tentados a realizar façanhas científicas para as quais não estamos aptos. E como todos somos naturalmente vaidosos, facilmente nos entusiasmos com a suposta possibilidade de nos tornarmos renovadores doutrinários. Nascem daí as mistificações como a de Roustaing, tristemente ridícula, a que muitas pessoas se apegam emocionalmente, o que as torna fanáticas e incapazes de perceber os enormes absurdos nelas contidos.

Até mesmo pessoas cultas, respeitáveis, deixam-se levar por essas mistificações, por falta de humildade intelectual e de critérios científicos. Espíritos opiniáticos ou sectários de religiões obscurantistas aproveitam-se disso para introduzir essas mistificações em organizações doutrinárias prestigiosas, com a finalidade de ridicularizar o Espiritismo e afastar dele as pessoas sensatas que sabem subordinar a emoção à razão e que muito poderiam contribuir para o verdadeiro desenvolvimento da doutrina.

Por tudo isso, as manifestações mediúnicas em sessões doutrinárias devem ser recebidas sempre com espírito crítico. Aceitá-las como verdades reveladas é abrir as portas à mistificação, à destruição da própria finalidade dessas sessões. Também por isso, o dirigente dessas sessões deve ser uma pessoa de espírito arejado, racional, objetivo, capaz de conduzir os trabalhos com segurança. Kardec é sempre a pedra de toque para verificação das supostas revelações que ocorrem. O pensamento espírita é sempre racional, avesso ao misticismo. Os espíritos comunicantes, em geral, são de nível cultural mais ou menos semelhantes ao das pessoas presentes. Não devem ser encarados como seres sobrenaturais, pois não passam de criaturas humanas desencarnadas, na maioria apegadas aos seus preconceitos terrenos, a morte não promove ninguém a sábio nem confere aos espíritos autoridade alguma em matéria de doutrina. Por outro

lado, os espíritos realmente superiores só se manifestam dentro das condições culturais do grupo, não tendo nenhum interesse em destacar-se como geniais antecipadores de descobertas científicas que cabe aos encarnados e não a eles fazerem. A ideia do sobrenatural, nas relações mediúnicas, é a fonte principal das mistificações.

Homens e espíritos vaidosos se conjugam nas tentativas pretensiosas de superação doutrinária. Se não temos ainda, no mundo inteiro, instituições espíritas à altura da doutrina, isso se deve principalmente à vaidade e à invigilância dos homens e espíritos que se julgam mais do que são. Nesta hora de muitas novidades, é bom verificarmos que as maiores delas já foram antecipadas pelo Espiritismo. É ele, o Espiritismo, a maior novidade dos novos tempos. Se tomarmos consciência disso, evitaremos os absurdos que hoje infestam o meio doutrinário e facilitaremos o desenvolvimento real da doutrina em bases racionais”.

XIII – Ary Lex e Ramatis

Ary Lex foi professor titular de Biologia Educacional e Biologia I da Universidade Mackenzie por 15 anos. Nessas áreas escreveu “Biologia Educacional” (com 20 edições) e “Hérnias”, adotado em faculdades de medicina de todo o país.

Como orador e escritor espírita, foi sempre intransigente e firme defensor dos princípios doutrinários, não se recusando às polêmicas quando se tratava de defender suas ideias de pureza da doutrina.

Escreveu muitos artigos na imprensa espírita e publicou as seguintes obras: “Pureza Doutrinária”, “Do sistema nervoso à mediunidade”, “60 anos de Espiritismo no Estado de São Paulo (nossa vivência)”, tendo ainda participado em vários boletins da AMESP.

Alertou Ary Lex sobre Ramatis, em seu livro “Pureza Doutrinária” (FEESP):

“Há cerca de quarenta anos, surgiu, no Paraná, um médium até então desconhecido nos meios espíritas daquele Estado, por não militar na Federação ou em núcleos conhecidos. Começou com algumas mensagens, recebidas sempre sozinho em sua residência, atribuídas a um espírito de oriental, cujo pseudônimo adotado foi Ramatis.

A que mais aceitação obteve foi “Magia de Redenção”, já então preocupado o autor com os problemas da magia e com os habitantes de outros astros. Seu livro “A Vida no planeta Marte” foi um verdadeiro sucesso. Tornou-se a coqueluche de milhares

de espiritualistas. Queriam os crentes saber se os marcianos tinham mãos como as nossas, nariz iguais aos nossos, escudos, etc. Entende-se o sucesso, conhecendo-se a tendência à fantasia, comum em nosso povo. Já estavam surgindo os filmes americanos de ficção. Ainda por cima, os livros de Ramatis foram escritos com redação boa, agradável sequência, e, no meio dos absurdos, muitas noções exatas e conceitos interessantes.

Os livros de Ramatis passaram a ser muito vendidos e lotaram as livrarias e bibliotecas espíritas, praticamente do Brasil inteiro. Em muitos centros espíritas e federações, vendia-se mais Ramatis do que o total dos livros da Codificação! Diziam: “Kardec está superado, pois temos, agora, as novas revelações de Ramatis”.

Felizmente ainda existem pessoas equilibradas e que sabem analisar as coisas. J. Herculano Pires, esse brilhante sociólogo e jornalista, que brindou o mundo espírita com numerosos livros de valor, mantinha, no Diário de São Paulo, durante muitos anos, uma coluna com o pseudônimo ‘Irmão Saulo’, lida por espíritas e não-espíritas. Herculano resolveu fazer uma oportuna campanha de esclarecimento, com relação aos livros de Ramatis, publicando numerosos comentários naquele jornal.

Reconhecendo o valor intelectual de Ramatis, mas igualmente conhecendo o perigo das ideias exóticas, Herculano classificou-o como espírito ‘pseudossábio’.

Realmente. Perigoso não é o expositor ou autor que só diz tolices, vazadas em linguagem obscura, pobre, cheia de erros gramaticais e ideias pueris. Perigoso, sim, é o que expõe certo número de noções exatas, que usa argumentação brilhante, mas introduz, de permeio, ideias erradas e perigosas. Assim, tais ideias têm grande probabilidade de aceitação. É o que acontece com Ramatis”.

Prossegue Ary Lex

Vejamos o que diz “O Livro dos Médiuns” – pergunta 296 – Pergunta sobre os outros mundos:

P.: “Qual o grau de confiança que podemos ter nas descrições dos espíritos sobre os outros mundos?”

R.– ‘Isso depende do grau de adiantamento real dos espíritos que dão essas descrições. Porque compreendeis que os espíritos vulgares são tão incapazes de vos informar a respeito, como um ignorante o seria, entre vós, no tocante aos países da Terra. Formulais, muitas vezes, sobre esses mundos, questões científicas que esses espíritos não podem resolver. Se são de boa fé, falam a respeito disso, segundo suas ideias pessoais. Se são levianos, divertem-se a vos dar descrições bizarras e fantásticas, tanto mais que esses espíritos, tão imaginosos na erraticidade, como na Terra, tiram da própria imaginação o relato de muitas coisas que nada têm de real’. Retrato perfeito de Ramatis, traçado cem anos antes.

Em cada ano, vinha um novo livro de Ramatis. Em 1962, ‘O Sublime Peregrino’, contando a vida de Jesus.

A diretoria da Federação Espírita do Estado de São Paulo, preocupada com o rumo que as coisas tomavam, solicitou à Comissão de Doutrina que fizesse um estudo minucioso e desapassionado sobre esse livro. A comissão, da qual fazíamos parte, elaborou o seguinte parecer, que foi aprovado unanimemente pelo Conselho Deliberativo da FEESP:

“O livro em apreço apresenta algumas facetas interessantes e vários capítulos perfeitamente aceitáveis; todavia contém erros doutrinários clamorosos à luz do Espiritismo, como os contidos nos capítulos 4 e 5, que poderá semear a confusão nos meios espíritas. Admite a influência astral sobre as criaturas como força decisiva no seu destino (páginas 36 e 54); admite que os destinos estão traçados há muito tempo (pág. 56); e, pior que tudo, faz distinção entre Jesus e o Cristo, dizendo que o ‘Cristo Planetário’ é

uma entidade arcangélica, enquanto Jesus de Nazaré foi o seu médium mais perfeito na Terra (pág.62).

Ramatis usa, constantemente, imagens e expressões católicas, como: ‘arcanjo planetário’, ‘comando angélico’, ‘empreitada satânica’, ‘angelitude’, ‘coletividades satânicas’, ‘espíritos diabólicos’, ‘Salvador dos homens’, ‘atender à vontade do Senhor’, ‘a fim de redimir a humanidade, Jesus se glorificou pela sua própria morte sacrificial na cruz’, ‘carregava nos ombros frágeis a cruz das dores e do sofrimento de todos os homens’, etc.

XIV – O Artigo de Sérgio Aleixo sobre o Ramatisismo

“Para Herculano Pires, ninguém fala para não pecar e peca por não falar, por não espantar pelo menos com um grito as aves daninhas e agoureiras que destroem a seara. (Cf. O Espírito e o Tempo, 4.^a Parte, cap. III, item 5) Sobre os periódicos espíritas afirmava o grande jornalista, altissonante:

‘A imprensa espírita, que devia ser uma labareda, é um foco de infestação, semeando as mistificações de Roustaing, Ramatis e outras, ou chovendo no molhado com a repetição cansativa de velhos e surrados slogans (...)’. (O Espírito e o Tempo, 4.^a Parte, cap.III, item 5)

Por força da acertada referência de Herculano, assim como ressaltei noutro artigo alguns pontos de doutrina do roustainguismo, vejamos algo sobre o ensino do espírito Ramatis, que, aliás, é analisado bem a fundo no excelente livro ‘Ramatis: Sábio ou Pseudo-Sábio?’, de Artur Felipe de A. Ferreira.

1. ° – Influência astrológica na vida e no destino dos homens, sendo que o próprio Jesus, segundo o espírito, só pôde ‘baixar’ à Terra ‘sob a influência do magnetismo suave do signo de Peixes’, para ‘estabelecer um novo código espiritual de libertação dos terrícolas’. (Notemos que parece um extraterrestre falando. Chama-nos terrícolas.) (O Sublime Peregrino, p. 32.)

2. ° – Jesus não pôde deixar de aprender com as doutrinas dos essênios, os quais estão reencarnando para ‘organizar elevada confraria de disciplina esotérica em operosa atividade no mundo profano, para a revivescência do cristianismo nas suas bases milenárias’. (O Sublime Peregrino, p. 278 e294)

3. ° – Em toda a obra de Ramatis há um ecletismo sincrético travestido de falsa holística e pretensão universalismo, com tal antilógica que sacrifica por completo a verdadeira universalidade: a da razão crítica. Chega a dizer que o Espiritismo vai ‘parar no tempo e no espaço caso seus adeptos ignorem deliberadamente o progresso e a experiência de outras seitas e doutrinas vinculadas à fonte original e inesgotável do espiritualismo oriental’.
4. ° – Incensos e defumadores são eficazes, pois funcionam como ‘detonadores de miasmas astralinos’. (Magia de Redenção.)
5. ° – Como registradas igualmente em Roustaing, há em Ramatis a presença de mensagens atemorizantes, cuja fixação absurda de datas revelou-se totalmente quimérica. Afinal, o mundo sobreviveu ao ano 2000. (Mensagens do Astral.)
6. ° – Esdrúxula profecia de um presidente brasileiro que elevaria o nível de espiritualidade do povo. Em 1970, o tal já havia percorrido, segundo Ramatis, ‘metade do caminho rumo ao cargo supremo do País’. (A Vida Humana e o Espírito Imortal, p. 298.)
7. ° – Referência a naves marcianas ‘ultravelozes’, vindas de um planeta cuja geografia já se provou ser inteiramente diversa da que fora descrita pelo espírito e, além disso, sem nenhum vestígio das raças físicas que afirmara lá viverem. (A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores)
8. ° – Jesus não seria o Cristo, mas um ‘anjo’ encarnado para ser seu ‘médium’. Esse outro espírito, mais elevado que o messias de Nazaré, é que seria o ‘cristo planetário’, inferior, por sua vez, a outros ‘cristos’ mais evoluídos, o ‘solar’, o ‘galáctico’, etc. (O Sublime Peregrino, p. 62.)

XV – “Movimento Espírita e Capacidade Crítica”, por Sérgio Aleixo

Prezados amigos leitores, leiam com atenção e reflitam acerca do conteúdo deste precioso artigo escrito pelo confrade Sérgio Aleixo, que consideramos muito pertinente aos estudos que nós aqui desenvolvemos e, principalmente, em total concordância com os critérios adotados por Allan Kardec, sob a supervisão do Espírito da Verdade.

“Em função de nossos posicionamentos críticos (do grego kritiké: análise, apreciação), somos frequentemente acusado de intolerância e prática excludente. Porém, nenhum de nossos pronunciamentos jamais é realizado sem o devido respeito à identidade conceitual do Espiritismo, sempre com superlativa importância dada à obra de Kardec, o qual fazemos questão de citar, em referendo a toda ideia que damos a lume.

Ante essas acusações, o que pensarmos? Que muitos espíritas não conhecem obra do mestre de Lyon e, assim, se equivocam em seus julgamentos; ou, então, que não fazem caso do que disseram ou deixaram de dizer o codificador e seus excelsos orientadores espirituais. Um erro dos mais lamentáveis é confundirmos o discurso viril de paz, amor e tolerância, próprio do corajoso exercício da verdadeira Boa Nova, com esse simplismo comprometedor, do qual Jesus, aliás, nunca foi partidário, que vive a dizer tão comodamente: Vamos deixar de fofquinhas, crianças! Vamos amar o próximo!

Não seremos nós os que se oporão à necessidade de amarmo-nos. Todavia, no que concerne a nossa atitude de repúdio ao roustaingismo, ao ramatisismo, ao laicismo e a outros focos de

evidente mistificação, que grassam em nosso movimento espírita sob a complacência ingênua de uns e interesseira de outros, insistimos em que é a exemplo de Kardec que a tomamos, e em nome do próprio Espírito de Verdade, o qual disse também: ‘Instruí-vos!’

Contudo, salientemos que nosso repúdio é às falsas doutrinas, não a seus profítes, que consideramos nossos irmãos e a quem amamos, embora a recíproca nem sempre tenha sido verdadeira, o que prova a fonte malsã de tais proposituras. Citado nominalmente, já fomos tachado de irresponsável, antiético e mesmo agredido em nossa juventude, como se fosse desdouro não contar ainda, pelo menos, cinquenta anos... Pobre de nós, que mal passamos dos trinta! São traços, não há dúvida, de um patriarcalismo completamente arcaico.

Seguro, entretanto, de nossa atitude, estamos, como dizíamos, ao lado do próprio codificador, que instruiu os verdadeiros adeptos do Espiritismo da seguinte forma:

Falar dessas opiniões divergentes que, em definitivo, se reduzem a algumas individualidades, e não fazem corpo em nenhuma parte, não é, talvez dirão algumas pessoas, dar-lhes muita importância, amedrontar os adeptos em lhes fazendo crer em cisões mais profundas do que elas o são? Não é também fornecer armas aos inimigos do espiritismo? É precisamente para prevenir esses inconvenientes que delas falamos.

Uma explicação clara e categórica, que reduz a questão ao seu Justo valor, é muito mais própria para tranquilizar do que para amedrontar os adeptos; eles sabem a que se prenderem, e nisto encontram ocasião dos argumentos para a réplica. Quanto aos adversários, eles muitas vezes exploram o fato, e é porque lhe exageram a importância, que é útil mostrar o que ele é’. (Revista Espírita. Abril de 1866. O espiritismo independente. Tomo IX. 1.ed. p.116. Araras: IDE, 1997.)

A nossa postura é, então, a do próprio codificador do espiritismo; e nunca tão necessária foi, pois, assumida numa época em que existe o agravante de essas opiniões divergentes da codificação não mais se reduzirem a algumas individualidades. Efetivamente, elas fazem corpo e ameaçam-nos a integridade conceitual, aumentando a distância entre o Espiritismo – a obra de Kardec e o que a essa obra de fato se possa articular – e aquilo que o movimento espírita vem professando em geral.

Estamos acuados por um institucionalismo igrejificante, muito centralizador, que cerceia o pleno **exercício** da capacidade crítica, elemento fundamental à proposta de uma fé realmente raciocinada. Por isso, muitos espíritas não chegam a desposar com a coragem que se esperaria os fundamentos doutrinários kardecianos. Apenas para não desagradarem a ‘a’, ‘b’ ou ‘c’. Mas esquecem de que, para contemplarmos a Divindade, teremos de ser capazes de reconhecer sua dupla face: o Amor, sem dúvida; mas também, inapelavelmente, a Verdade.

Mestre e doutora em Educação pela USP, com dissertação e tese espíritas proclamadas em alto e bom som em pleno meio acadêmico – coragem que poucos têm! –, citemos aqui a ilustre confreira Prof.^a Dora Incontri, para que nos convençamos de que **criticar não é fundamentalmente um vício, e sim uma virtude:**

‘A capacidade crítica é o preventivo contra a dominação mental de outras inteligências, encarnadas ou desencarnadas. É o discernimento justo para avaliarmos o bem e o mal e percebermos o que se esconde por trás das aparências. É a disposição de questionarmos pessoas e situações, sem medo de enxergarmos a verdade, pois por trás da descoberta e da justa avaliação de um problema, vem necessariamente o compromisso de nos engajarmos até o sacrifício para saná-lo. Assim, o espírito crítico, em relação a nós mesmos, a pessoas à nossa volta, a circunstâncias sociopolíticas, a respeito de formas de

relacionamentos humanos ou de instituições e poderes constituídos é um desestabilizador do comodismo egoísta'. (A educação segundo o espiritismo. Cap. XVII. A educação intelectual. Potencialidades a serem desenvolvidas. O espírito crítico e a autonomia de pensamento. 4º ed. P. 171-172. São Paulo: Comenius, 2000.)

Portanto, como pudemos apreender das justas explicações do amigo articulista, epistemologicamente falando, **criticar é uma faculdade do ser humano** em conjecturar, analisar, apreciar e exercer julgamento de uma determinada matéria ou assunto, emitindo posteriormente uma opinião pessoal sobre as impressões apuradas.

Em termos filosóficos, **crítica é uma atitude que consiste em separar o que é verdadeiro do que é falso; o que é legítimo do que é ilegítimo; o que é certo do que é verossímil.**

A crítica é comum a todas as pessoas, pois se trata de uma das mais fortes expressões da cognição humana. A partir do momento em que se vê, escuta ou sente-se algo, imediatamente o nosso senso de juízo delibera pareceres sobre o ocorrido a partir das reações psicológicas trazidas por essas sensações, o próximo estímulo é verbalizar e socializar essas ideias formadas.

E, finalmente, a partir de tais premissas, podemos verificar que a análise crítica se faz necessária em tudo, dentro e fora dos arraiais espíritas. Infelizmente, contudo, tem sido vista por boa parte do Movimento dito Espírita como um mal, confundindo-a com falta de caridade, intolerância, etc., conceitos esses que, em momento algum, encontram-se presente nas obras da Codificação Espírita, como aqui e alhures temos procurado demonstrar.

XVI – Os Efeitos da Heterodoxia e do Ecletismo no Movimento Espírita Francês

Como bem sabemos, o Espiritismo surgiu na França em 1857, com a publicação de “O Livro dos Espíritos” pelo professor Hippolyte León Denizard Rivail, que se utilizou do pseudônimo “Allan Kardec” para que ficasse bem marcada a distinção daquele seu trabalho com outros oriundos de sua profissão como respeitado pedagogo, discípulo de Pestalozzi.

Com o sucesso alcançado pela primeira obra da Codificação Espírita, base de todo o edifício doutrinário, Allan Kardec decidiu fundar, em Paris, a 1º de abril de 1858, a “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos”, cuja existência justificou da seguinte maneira:

“A extensão por assim dizer universal que tomam diariamente as crenças espíritas faziam desejar vivamente a criação de um **centro regular de observações**. Esta lacuna acaba de ser preenchida. A Sociedade cuja formação temos o prazer de anunciar, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenções e animadas do sincero desejo de esclarecimento, contou, desde o início, entre os seus associados, com homens eminentes por seu saber e por sua posição social. Estamos convictos de que ela está chamada a prestar incontestáveis serviços à constatação da verdade. Sua lei orgânica lhe assegura uma homogeneidade sem a qual não haverá vitalidade possível; está baseada na experiência dos homens e das coisas e no conhecimento das condições necessárias às observações que são o objeto de suas pesquisas. Vindo a Paris, os estranhos que se interessam pela doutrina espírita terão um centro ao qual poderão dirigir-se e comunicar suas próprias observações”.

De acordo com o relatório de abril de 1862, publicado na Revista Espírita, a Sociedade experimentou considerável crescimento em seus primeiros anos de funcionamento, com 87 sócios efetivos pagantes, contando entre os membros: cientistas, literatos, artistas, médicos, engenheiros, advogados, magistrados, membros da nobreza, oficiais do exército e da marinha, funcionários civis, empresários, professores e artesãos. O número de visitantes chegava a quase 1.500 pessoas por ano, considerável para a época.

Kardec, que desempenhava o cargo de presidente desde a criação da entidade, fatigado com o excesso de trabalho e aborrecido com as querelas administrativas, por várias vezes externou o desejo de renunciar. Instado, porém, pelos Espíritos coordenadores do trabalho, continuou no exercício da presidência até a data de sua desencarnação.

Conforme se pode claramente notar em escritos, documentos e depoimentos da época, o Codificador era rigoroso no cumprimento das disposições estatutárias e na disciplina na condução das atividades aí realizadas. Exigia de todos os participantes extrema seriedade e isso contribuiu para dar muita credibilidade à instituição e aos seus pronunciamentos acerca dos assuntos tratados. Era extremamente prudente e austero nos pareceres exarados e nunca permitiu que a Sociedade se tornasse arena de controvérsias e debates estéreis, geralmente fomentados por indivíduos interessados em desviarem o Espiritismo dos rumos estabelecidos nas obras da Codificação.

Com o desencarne de Allan Kardec em 1869, vitimado por um aneurisma, um de seus colaboradores mais diretos, **Pierre Gaëtan Leymarie**, passou a exercer as funções de redator-chefe e diretor da “Revue Spirite” (1870 a 1901) e gerente da “Librairie Spirite” (1870 a 1897). No entanto, sem as mesmas credenciais do Codificador e por seu excessivo espírito de tolerância, não foi capaz de obstruir a ação de (pseudo) adeptos que desvirtuaram a

finalidade da Revista, abrindo suas páginas à propaganda de filosofias espiritualistas, inclusive à de Roustaing, que diverge do Espiritismo. Houve, ao mesmo tempo, o desvirtuamento das finalidades da Revista Espírita, em que foi oferecido –terreno livre a lutadores de todas as correntes com a condição de que defendessem causas espiritualistas ou de ordem essencialmente humanitária e moral, expondo-se assim às críticas acirradas de uns, às acusações ou descontentamento de outros...” conforme consta na obra “Processo dos Espíritas” (ed. FEB, 1977, págs. 22/23 da 2ª edição). Nesses ‘lutadores de todas as correntes’ **incluíam-se adeptos do Orientalismo, como teosofistas, budistas, ocultistas, esotéricos, etc.**, como relata a obra ‘Allan Kardec’ (FEB, vol. III) de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen.

Esta é, portanto, **a causa do desaparecimento do Espiritismo na França.** O sincretismo, a miscelânea do Espiritismo com outras correntes espiritualistas, desfigurando por completo a prática espírita, que **até hoje é confundida, na França e em praticamente toda a Europa, com toda a sorte de superstições, como a astrologia, quiromancia, feitiçaria, bruxaria, etc.**

No Brasil, na atualidade, o que podemos claramente verificar é que a história se repete, sendo que a tática dos inimigos velados do Espiritismo continua a mesma: a de propor e forçar a sorrateira entrada de questionáveis práticas e ideias no seio do movimento espírita brasileiro.

Por um lado, tivemos a adoção das obras de Roustaing pela Federação Espírita Brasileira, tendo seus membros apelidado-as de “Curso Superior de Espiritismo”, “Quarta Revelação” e “Revelação da Revelação”. Graças a isso, até hoje sentimos o reflexo dessa política febeana, na medida em que no movimento instaurou-se uma mentalidade piegas, subserviente e igrejeira, erroneamente confundida com postura caritativa e tolerante, devido a toda uma série de obras, mediúnicas ou não, que, embora

não mencionassem Roustaing ou suas obras, conseguiram inculcir, sub-repticiamente, o ideário neo-docetista no seio do Movimento.

Por outro lado, e adotando ideias diferentes das do rustenismo, os simpatizantes do orientalismo insistem, com base principalmente nos ditados do espírito **Ramatis** ao médium espiritualista Hercílio Maes, em dar ao Espiritismo uma **faceta mística calcada nas religiões orientalistas do passado e na Teosofia**, julgadas capazes de enriquecer o Espiritismo. Para tanto, não se furtam em chamar Kardec (e, conseqüentemente, as obras da Codificação Espírita) de ultrapassado, e a Doutrina de carente de remendos, considerando como principal artífice dessa “missão” o próprio espírito Ramatis e seus confusos ditados, sob a fachada de “universalismo”, termo geralmente utilizado para encobrir ideias sincretistas e práticas fetichistas.

A lista de “inovações” propugnada por esses redutos seitistas é extensa: **adoção da astrologia, da apometria, de rituais, de terminologias estranhas ao Espiritismo, crença em profecias de destruição do planeta, crença em extra e intraterrenos com missão de salvar o planeta, e toda sorte de divagações místicas sem o menor embasamento lógico ou factual**, geralmente induzindo a uma alienação místico-religiosa que em nada fica a dever às religiões dogmáticas tradicionais, só que com uma faceta diferente, de cunho essencialmente esotérico.

Portanto, enquanto encararmos tudo isso de braços cruzados, vitimados pela falsa ideia de que estaremos sendo intolerantes e antifraternos ao (nos) esclarecermos e não compactuarmos com essa tentativa de desvirtuamento do entendimento e da prática espírita dentro e fora dos centros espíritas e federações, tudo ficará como está, com tendência a piorar, tal qual aconteceu com o próprio Cristianismo, hoje uma autêntica colcha de retalhos devido aos mesmos fatores que hoje ameaçam o Espiritismo.

A articulista **Vanda Simões**, atenta a essa realidade, escreveu certa feita um interessante artigo intitulado “**Nossos Espíritos Imperfeitos**” que nós aqui transcrevemos e utilizamos para concluir nossas considerações:

“Allan Kardec afirmou certa vez, que os piores inimigos do Espiritismo estariam entre seus pares. Pode parecer declaração demasiadamente dura e radical, mas veio dele mesmo e ele sabia do que estava falando. Hoje, nesse mundo de tanta confusão, o Movimento Espírita se vê envolto em um **emaranhado de parvoíces que deixam os espíritas sérios preocupados com o destino da doutrina no mundo**. Custa-se a acreditar que uma filosofia tão racional e desbravadora possa ter gerado pessoas com visão tão estreita e engessada da vida.

De duas uma: ou a Doutrina Espírita é defeituosa ou os espíritas não compreenderam seu alcance moral. Sabendo-se da inverdade da primeira hipótese, resta-nos curvar à realidade da segunda. A prova disso está na forma como a Doutrina é praticada nos centros espíritas do país inteiro, com réplicas perfeitas no exterior (principalmente em Portugal e nos Estados Unidos), ‘formando’ adeptos que de espíritas só têm o nome. São os espíritas imperfeitos, de que está cheio o movimento, como por exemplo, **os que vêm a público afirmar que Kardec está ultrapassado e que precisa ser reinterpretado, quando ainda nem se conhece a fundo dez por cento do seu pensamento**. Consideram-se doutos em Espiritismo por terem lido as obras básicas, e toda a literatura acessória, psicografada ou não. E ler é uma coisa. Estudar, entender e compreender é outra bem diferente. (...)

(...) Os espíritas ‘modernos’ parecem desconhecer tal coisa. E, se conhecem, não dão a menor importância, pois defendem ideias esdrúxulas e contrárias aos fundamentos kardequianos, **baseados em escritos ditados por Espíritos enganadores e pseudossábios**. Essas ideias infiltram-se com facilidade em nosso meio, porque encontram o terreno fértil da ingenuidade e da falta

do estudo que faz com que tudo se aceite sem exame, sem critério. É tempo de mudanças. O milênio termina e se inicia uma nova fase para o planeta. Os centros espíritas precisam se preparar para amparar o homem dentro de uma filosofia de vida melhor, mais justa e mais plena de compreensão das coisas divinas.

Para isso, necessita de espíritas sérios, que compreendam o verdadeiro sentido do Espiritismo, que possam trazer para dentro das casas espíritas uma nova ordem de práticas e metas, formando verdadeiramente homens de bem. Que possam retirar dos centros tudo o que não serve para a edificação do ser. Enfim, mostrar aos fariseus modernos a verdadeira face da Doutrina Espírita como agente modificador da humanidade e não como instrumento de gloriolas, de mera promoção pessoal e fábrica de fantasias”.

XVII – Catastrofismo Aparvalhante: as Previsões Apocalípticas que não se Cumpriram

Vejamos primeiramente a posição do Espiritismo sobre as previsões:

Em “O Livro dos Médiuns”:

289. Perguntas sobre o futuro.

7. Os Espíritos podem nos desvendar o futuro?

- Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente. É esse um problema sobre o qual sempre insistis para obter resposta precisa. Trata-se de um grave erro, porque a manifestação dos Espíritos não é meio de adivinhação. Se insistirdes numa resposta ela vos será dada por um Espírito leviano. Temos dito isso a todo instante. (Ver “O Livro dos Espíritos”, Conhecimento do futuro, nº. 868)

8. Às vezes, entretanto, alguns acontecimentos futuros não são anunciados espontaneamente pelos Espíritos de maneira verídica?

- Pode acontecer que o Espírito preveja coisas que considera conveniente dar a conhecer, ou que tenha por missão revelar-vos. Mas é nesses casos que mais devemos temer os Espíritos mistificadores, que se divertem fazendo predições. É somente pelo conjunto das circunstâncias que podemos julgar o grau de confiança que elas merecem.

10. Com que fim os Espíritos anunciam espontaneamente acontecimentos que não se realizam?

- Na maioria das vezes para se divertirem com a credulidade, com o terror ou a alegria que causam, pois riem do desapontamento. Entretanto, essas predições mentirosas têm às vezes um fim mais sério: o de experimentar as pessoas a que são dirigidas, verificando a maneira porque as recebem, a natureza dos sentimentos bons ou maus que despertam.

11. Por que os Espíritos sérios, quando fazem pressentir um acontecimento, geralmente não marcam a data? Por que não podem ou não querem?

- Por uma e outra razão. Eles podem, em certos casos, fazer pressentir um acontecimento: é então um aviso que vos dão. Quanto a precisar a época, muitas vezes não o devem fazer; muitas vezes também não o podem, porque eles mesmos não sabem. O Espírito pode prever um fato, mas o momento preciso pode depender de acontecimentos que ainda não se deram e só Deus o conhece. Os Espíritos levianos, que não têm escrúpulo de vos enganar, indicam os dias e as horas sem se importarem com a verdade. É por isso que toda predição circunstanciada deve ser considerada suspeita.

Ramatis e o Fim dos Tempos

Coletânea do livro “Mensagens do Astral”, de Ramatis, que reproduz fielmente alguns trechos do livro.

O QUE É E COMO OCORRERÁ O ‘FIM DOS TEMPOS’.

“O ‘fim do mundo’ profetizado refere-se tão somente ao fim da humanidade anticristã; será uma seleção em que se destaquem os da ‘direita’ e os da ‘esquerda’ do Cristo. Trata-se de promoção da Terra e de sua humanidade; lembra um severo exame que, para os

alunos relapsos e ociosos, representa terrível calamidade! Mas de modo algum a vossa morada planetária sairá do rodopio em torno do Sol, onde também constitui importante âncora do sistema. Após a operação cósmica, que lhe será de excelente benefício para a estrutura geofísica, deverá possuir maior equilíbrio, melhor circulação vital-energética na distribuição harmônica das correntes magnéticas, além de oferecer um ambiente psíquico já higienizado”. (pg. 22)

“As épocas de ‘juízo final’ têm também por função ajustar a substância planetária para se tornar melhor habitat e, conseqüentemente, requerem seleção de almas com melhor padrão, necessário para as sucessivas reencarnações em moradia aperfeiçoada”. (pg. 41)

“A eclosão desses acontecimentos dar-se-á pela presença de um planeta que se move em direção à Terra e cuja aproximação já foi prevista remotamente pelos Engenheiros Siderais. A sua órbita é oblíqua sobre o eixo imaginário do vosso orbe e o seu conteúdo magnético, poderosíssimo, atuará tão fortemente que obrigará, progressivamente, a elevação do eixo terráqueo.

“... a influência magnética deste astro far-se-á sentir até que se complete a verticalização da Terra. Quando o eixo terráqueo estiver totalmente verticalizado, o planeta intruso já se terá distanciado do vosso orbe”. (pág. 35 e 36)

O Planeta “Chupão”

Como vimos, segundo Ramatis, se aproximaria do planeta Terra um astro que faria com que nosso planeta tivesse o seu eixo elevado, causando uma série de catástrofes que dizimariam boa parte da população terrestre. Vejamos alguns textos mais de Ramatis para aferição:

“Simbolizai esse astro num gigantesco aspirador magnético que deve efetuar a absorção dos detritos mentais que povoam e obscurecem a atmosfera etéreo-astral da Terra, detritos esses que servem de barreira às influências benéficas dos bons Espíritos sobre o vosso mundo, assim como a poeira nas vidraças dificulta a penetração dos raios solares.

Refleti que a verdadeira profilaxia num porão cheio de detritos imundos exige primeiramente a retirada do monturo e não a saturação improdutiva do ambiente por meio de perfume. As substâncias deletérias aderidas às vidraças não serão removidas com água destilada, mas requerem a aplicação de ácidos corrosivos...” (pg. 185)

“O seu papel é o de atrair para o seu bojo etéreo-astral todos os desencarnados que se sintonizam com sua baixa vibração, pois, analogamente às limalhas de ferro quando atraídas por ferro magnético, esses espíritos terrícolas desregrados, ...ver-se-ão solicitados para a aura do orbe visitante. Essas entidades atraídas para o astro intruso serão os egoístas, os malvados, os hipócritas,

Os cruéis, os desonestos, os orgulhosos, tiranos, déspotas e avaros... encontrarão o cenário adequado aos seus despotismos e degradações, pois o habitante desse orbe encontra-se na fase rudimentar do homem das cavernas; mal consegue amarrar pedras com cipó, para fazer machados! A Terra será promovida à função de Escola do Mentalismo e os desregrados, ou os esquerdistas do Cristo, terão que abandoná-la, por lei natural de evolução”. (pg. 169)

EFEITOS FÍSICOS SOBRE A TERRA ATÉ O ANO 2000

“... as principais modificações que sofrerão os oceanos Pacífico e Atlântico, com as emersões da Lemúria e da Atlântida, que formarão então extensa área de terra, do que resultará a existência

de apenas três continentes, para melhores condições de existência da humanidade futura”. (pg. 132)

“É óbvio que, ao se elevar o eixo terráqueo, **o que há de acontecer até o fim deste século**, também se modificarão, aparentemente, os quadros do céu astronômico com que estão acostumadas as nações, os povos e tribos...” (pg.122)

“Com a elevação gradativa do eixo terráqueo, os atuais polos deverão ficar completamente libertos dos gelos e, até o ano 2000, aquelas regiões estarão recebendo satisfatoriamente o calor solar. O degelo já principiou; vós é que não o tendes notado. (...)

O degelo descobrirá à luz do dia as vastas regiões que se encontram refrigeradas e que conservam em seu seio vegetação luxuriante e minerais preciosos, que servirão ao homem do terceiro milênio. Grandes reservas nutritivas, de muito antes da catástrofe da Atlântida, resguardam-se debaixo do gelo, desde quando os polos não eram ainda regelados e que a Terra se situava noutras condições em relação ao seu eixo imaginário”. (pág. 228)

Erro crasso

“A fase mais intensa da modificação física situar-se-á entre os anos de **1982 e 1992**, e os efeitos se farão sentir até o ano de **1999**, pois o advento do Terceiro Milênio será sob os escombros que, em todas as latitudes geográficas, revelarão o maior ou menor efeito dos eventos dos ins dos tempos’. Daqui a mais alguns anos, os vossos geofísicos anunciarão, apreensivos, a verdade insofismável: ‘O eixo da Terra está se verticalizando’!!! (pág. 37)

“Mais ou menos entre os anos 1960 e 1962, os cientistas da Terra notarão determinadas alterações em rotas siderais, as quais serão os primeiros sinais exteriores do fenômeno de aproximação do astro intruso e da proximidade do ‘fim dos tempos’. Não será

nenhuma certificação visível do aludido astro; apenas a percepção de sinais de ordem conjectural, pois essa manifestação dar-se-á mais para o final do século”. (pág. 168)

A GUERRA

RAMATIS: “Quando se fizer a conjunção dos efeitos do astro intruso com os efeitos da loucura humana, no mau emprego da desintegração atômica, a terra será abrasada”. (pág. 219)

“Até o final deste século, libertar-se-ão da matéria dois terços da humanidade, através de comoções sísmicas, inundações, maremotos, furacões, terremotos, catástrofes, hecatombes, guerras e epidemias estranhas. O conflito entre o continente asiático e o europeu, já mentalmente delineado entre os homens para a segunda metade do século, com a cogitação do emprego de raios incendiários e da arma atômica, comprovará a profecia de São João, quando vos adverte de que o mundo será destruído pelo fogo e não mais pela água.

Em virtude dos cientistas não poderem prever com absoluto êxito os efeitos de vários tipos de energias destrutivas, que serão experimentadas para serem empregadas na hecatombe final, mesmo no período de Paz e com o mundo exausto, surgirão estranhas epidemias, deformando, diluindo e perturbando os genes formativos de muitas criaturas, do que resultarão sofrimentos para as próprias gestantes!” (pg. 189 e 190).

Por outro lado, a Doutrina Espírita afirma que o mundo não será destruído fisicamente e explica-o claramente:

“Não é racional se suponha que Deus destrua o mundo precisamente quando ele entre no caminho do progresso moral, pela prática dos ensinamentos evangélicos”. (Sinais Precursores, pág. 394, A Gênese)

Na segunda parte de Obras Póstumas, das previsões concernentes ao Espiritismo, Kardec apresenta mensagens dos Espíritos relativas ao fim do mundo, que assim nos esclarecem:

“Certamente, não tendes a temer nem dilúvio, nem abrasamento de vosso planeta, nem outras coisas desse gênero, porque não se pode dar o nome de cataclismo a perturbações locais que não se produziriam em todas as épocas. **Não haverá senão cataclismo moral, de que os homens serão os instrumentos**”. (Grifo nosso).

Portanto, o planeta não sofrerá a destruição que, de uma hora para outra, dizimaria toda a humanidade, evento terrível tão ao gosto dos milenaristas e catastrofistas de plantão. A Terra sempre passou por modificações físicas, que são Leis Naturais e devemos entender tais leis como processos evolutivos em curso há bilhões de anos.

“Não é, pois, o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral; é o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho, e do fanatismo que desaba; cada dia levaremos alguns resíduos.(...) O reino do bem deve nela suceder ao reino do mal”.

Ainda em “Obras Póstumas”, encontramos: “Numa criança que nasça, em lugar de um espírito atrasado e levado ao mal, que nela estaria encarnado, será um espírito mais avançado elevado ao bem”.

Este é, pois, o processo de transformação gradual a que estamos submetidos. Bem ao contrário do que afirma Ramatis, quando diz:

“Realmente, só a modificação draconiana, que se aproxima, verticalizando orbe e humanidade, é que vos poderá erguer e colocar-vos nos caminhos seguros da angelitude!” (in "Mensagens do Astral", pág. 51)

A isso podemos chamar de “**pedagogia da violência**”...

Em face de tais absurdos, um dos médiuns de Ramatis, Dalton Roque, afirmou que não concorda com previsões catastróficas e não acredita serem de Ramatis.

Vemos, pois, que nem mais os ramatisistas acreditam nas previsões ramatisianas...

XVIII – Terremotos recentes e histerias apocalípticas

Todos nós acompanhamos os acontecimentos recentes no **Haiti** e no **Chile**, com a ocorrência de terremotos de grande magnitude que ocasionaram mortes e destruição. Sem dúvida são acontecimentos que estarrecem a todos, haja vista que, na condição de encarnados, instintivamente ficamos em alerta para tudo que se constitua ameaça à nossa sobrevivência corpórea ou a de nossos semelhantes. Algo muito natural, pois caso não houvesse em nós o instinto de preservação e conservação, muito mais facilmente sucumbiríamos frente às dificuldades da vida corporal, refugiando-nos nas terríveis teias do suicídio, assim desperdiçando a oportunidade de uma encarnação, de que tanto precisamos para nosso aperfeiçoamento espiritual. É o que nos ensina a Doutrina Espírita em “O Livro dos Espíritos”.

Vejam os:

728 A destruição é uma lei natural?

“É preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar. O que chamais destruição é apenas transformação que tem por objetivo a renovação e o melhoramento dos seres vivos”.

729 Se a destruição é necessária para a regeneração dos seres, por que a natureza os cerca com meios de preservação e de conservação?

“Para que a destruição não ocorra antes do tempo preciso. Toda destruição antecipada dificulta o desenvolvimento do princípio inteligente; é por isso que Deus deu a cada ser a necessidade de viver e de se reproduzir”.

730 Uma vez que a morte deve nos conduzir a uma vida melhor, que nos livra dos males desta, e, por isso, mais deveria ser desejada do que temida, porque o homem tem um horror instintivo que o faz de temê-la?

“Já dissemos, o homem deve procurar prolongar a vida para cumprir sua tarefa; eis por que Deus lhe deu o **instinto de conservação, que o sustenta nas provas**; sem isso, muitas vezes se deixaria levar pelo desencorajamento. A voz secreta que o faz temer a morte lhe diz que ainda pode fazer alguma coisa para seu adiantamento. Quando um perigo o ameaça, é uma advertência para que aproveite o tempo e a morada que Deus lhe concede. Mas, ingrato! Rende mais graças à sua estrela do que ao seu Criador”.

No entanto, muitos ainda se questionam acerca da existência de tantos flagelos destruidores, que desde sempre têm ocorrido na face da Terra, pondo tão frequentemente em risco a vida das populações. O Espiritismo, contido nas obras da Codificação, nos dá uma resposta sensata e racional para o pleno entendimento desta e de outras questões.

Leiamos:

737 Com que objetivo os flagelos destruidores atingem a humanidade?

“**Para fazê-la progredir mais depressa.** Não dissemos que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos, que adquirem em cada nova existência um novo grau de perfeição? É preciso ver o objetivo para apreciar os resultados dele. Vós os julgais somente do ponto de vista pessoal e os chamais de flagelos por causa do prejuízo que ocasionam; mas esses aborrecimentos são, na maior parte das vezes, **necessários** para fazer chegar mais rapidamente a uma ordem de coisas melhores e realizarem alguns anos o que exigiria séculos”.

738 A Providência não poderia empregar para o aperfeiçoamento da humanidade outros meios que não os flagelos destruidores?

“Sim, pode, e **os emprega todos os dias**, uma vez que deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. É o homem que não tira proveito disso; é preciso castigá-lo em seu orgulho e fazer-lhe sentir sua fraqueza”.

738a Mas nesses flagelos o homem de bem morre como o perverso; isso é justo?

“Durante a vida, o homem sujeita tudo ao seu corpo; mas, após a morte, pensa de outro modo e, como já dissemos, a vida do corpo é pouca coisa; um século de vosso mundo é um relâmpago na eternidade. Portanto, os sofrimentos que sentis por alguns meses ou alguns dias não são nada, são um ensinamento para vós e servirão no futuro. Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, compõem o mundo real. Esses são filhos de Deus e objeto de toda a sua solicitude; os corpos são apenas trajes sob os quais aparecem

no mundo. Nas grandes calamidades que destroem os homens, é como se um exército tivesse durante a guerra seus trajes estragados ou perdidos. O general tem mais cuidado com seus soldados do que com as roupas que usam”.

738b Mas nem por isso as vítimas desses flagelos são menos vítimas?

“Se considerásseis a vida como ela é, e quanto é insignificante em relação ao infinito, menos importância lhe daríeis. Essas vítimas encontrarão numa outra existência uma grande compensação para seus sofrimentos se souberem suportá-los sem se lamentar”.

Obs.: “Quer a morte chegue por um flagelo ou por uma outra causa, não se pode escapar quando a hora é chegada; a única

diferença é que, nos flagelos, parte um maior número ao mesmo tempo. Se pudéssemos nos elevar pelo pensamento, descortinando toda a humanidade de modo a abrangê-la inteiramente, esses flagelos tão terríveis não pareceriam mais do que tempestades passageiras no destino do mundo”.

739 Os flagelos destruidores têm alguma utilidade do ponto de vista físico, apesar dos males que ocasionam?

“Sim, eles mudam, muitas vezes, as condições de uma região; mas o bem que resulta disso somente é percebido pelas gerações futuras”.

740 Os flagelos não seriam para o homem também provas morais que os submetem às mais duras necessidades?

“Os flagelos são provas que proporcionam ao homem a ocasião de exercitar sua inteligência, mostrar sua paciência e sua resignação à vontade da Providência, e até mesmo multiplicam neles os sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo, se não é dominado pelo egoísmo”.

741 É dado ao homem evitar os flagelos que o atormentam?

“Sim, em parte, embora não como se pensa geralmente. **Muitos dos flagelos são a consequência de sua imprevidência;** à medida que adquire conhecimentos e experiência, pode preveni-los se souber procurar suas causas. Porém, entre os males que afligem a humanidade, há os de caráter geral, que estão nos decretos da Providência, e dos quais cada indivíduo sente mais ou menos a repercussão. Sobre esses males, o homem pode apenas se resignar à vontade de Deus; e ainda esses males são, muitas vezes, agravados pela sua negligência”.

Obs.: “Entre os flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, é preciso colocar na primeira linha a peste, a fome, as

inundações, as intempéries fatais à produção da terra. Mas o homem encontrou na ciência, nos trabalhos de arte, no aperfeiçoamento da agricultura, na rotatividade das culturas e nas irrigações, no estudo das condições higiênicas, os meios de neutralizar ou de pelo menos atenuar os desastres. Algumas regiões, antigamente assoladas por terríveis flagelos, não estão preservadas hoje? Que não fará, portanto, o homem pelo seu bem-estar material quando souber aproveitar todos os recursos de sua inteligência e quando, aos cuidados de sua conservação pessoal, souber aliar o sentimento da verdadeira caridade por seus semelhantes?”

Portanto, passamos a compreender que, sendo o nosso planeta um **mundo de provas e expiações**, a Lei de Destruição tem como objetivo acelerar o progresso material e espiritual, não se constituindo tais acontecimentos nenhuma espécie de punição sistemática oriunda “ira divina”, como pensavam os antigos.

Contrariamente ao ensinamento espírita, o espírito Ramatis, objeto de nossos estudos neste espaço, traz uma interpretação toda própria e pessoal, fazendo previsões que, caso se cumprissem, impossibilitaria por completo a sobrevivência da raça humana na face do planeta, devido à forma abrupta com que certos acontecimentos catastróficos ocorreriam.

O citado espírito, com o intuito de influenciar os espíritas a adotarem um discurso muito próximo ao de seitas apocalípticas, fala da aproximação de um planeta proveniente de fora do Sistema Solar, que **faria com que o eixo terrestre se elevasse abruptamente**. Deste modo, **continentes inteiros desapareceriam e outros ressurgiriam**, como as mitológicas Atlântida e Lemúria.

Ora, qualquer estudante de nível primário saberia concluir que um evento desse porte teria consequências muito piores do que qualquer hecatombe nuclear, por si só suficiente para varrer a raça

humana da Terra. Demonstrando, pois, total desconhecimento sobre a questão, Ramatis chega a afirmar que certos países seriam pouco afetados por tão drásticas mudanças, elegendo o Brasil como uma espécie de “terra dos eleitos”, como consta do livro “Brasil, Terra de Promissão”, através da médium América Paoliello Marques.

É no livro “Mensagens do Astral”, no entanto, que constam em detalhes tais absurdas previsões, que, inclusive, não se cumpriram nas datas previstas. Confirmam algumas delas, tais como descrevemos acima:

“...as principais modificações que sofrerão os oceanos Pacífico e Atlântico, com as **emersões da Lemúria e da Atlântida**, que formarão então extensa área de terra, **do que resultará a existência de apenas três continentes**, para melhores condições de existência da humanidade futura”. (pág. 132)

“É óbvio que, ao se elevar o eixo terráqueo, **o que há de acontecer até o fim deste século**, também se modificarão, aparentemente, os quadros do céu astronômico com que estão acostumadas as nações, os povos e tribos...” (pág.122)

“Com a elevação gradativa do eixo terráqueo, os atuais polos deverão ficar completamente libertos dos gelos e, **até o ano 2000**, aquelas regiões estarão recebendo satisfatoriamente o calor solar. O degelo já principiou; vós é que não o tendes notado”. (...)

–Mais ou menos entre os anos **1960 e 1962**, os cientistas da Terra notarão determinadas alterações em rotas siderais, as quais serão os primeiros sinais exteriores do fenômeno de aproximação do astro intruso e da proximidade do fim dos tempos’. Não será nenhuma certificação visível do aludido astro; apenas a percepção de sinais de ordem conjetural, pois essa manifestação dar-se-á mais para o **final do século**”. (pág. 168)

Infelizmente, por falta de um estudo acurado, há ainda muitos que continuam a acreditar em tais previsões e, a cada terremoto, tsunami, erupção vulcânica ou notícia de mudanças climáticas, logo assanham-se em declarar que o espírito Ramatis estava, afinal, certo em suas profecias.

Tendo em conta os últimos acontecimentos, enumeremos, a fim de facilitar o entendimento de todos, as evidências que indicam que tais previsões são, no mínimo, puramente imaginosas:

1 – Acontecimentos como os terremotos recentes no Haiti e Chile **sempre ocorreram com certa frequência**, já muito antes do período compreendido entre 1950-2000, em que Ramatis afirma que a incidência de catástrofes aumentaria em função da aproximação do tal “astro intruso”. Além disso, os especialistas afirmam que não houve nenhum aumento na atividade sísmica e consideram totalmente dentro da normalidade o alto número de abalos sofridos recentemente. Eles atribuem essa **impressão** de que a quantidade de tremores cresceu à cobertura que a mídia, de maneira geral, tem dedicado ao assunto ultimamente. De acordo, por exemplo, com o analista do Observatório Sismológico da Universidade de Brasília (Obsis-UnB), Diogo Farrapo Albuquerque, “é normal a alta incidência de terremotos no mundo todo – a diferença é que a tragédia no Haiti chamou a atenção do mundo para as atividades sísmicas”.

2 – Ainda conforme quem realmente entende do assunto, os terremotos do Haiti e os que estão ocorrendo na Argentina, Colômbia, Chile ou em outras partes do mundo **não têm relação direta**. Eles **são causados pelo movimento entre placas tectônicas diferentes e, portanto, têm origens diferentes**. Portanto, cai por terra a teoria de que poderia ter relação com qualquer movimento estranho do planeta, como afirma Ramatis, quando atribui tais ocorrências à elevação do eixo terrestre;

3 – Após o terremoto do Chile, surgiu a notícia de que o terremoto no Chile teria deslocado o eixo central do planeta, fazendo com que a Terra demore menos que 24 horas para dar uma volta em torno de si mesma (rotação), deixando os dias 1,26 microssegundo mais curtos. Tal informação, alardeada pelos catastrofistas de plantão como sendo mais uma prova da sapiência ramatisiana, nada tem, na verdade, de extraordinária. Segundo especialistas, como Afonso Vasconcelos Lopes, professor do Departamento de Geofísica do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP (Universidade de São Paulo), **as mudanças são irrelevantes**, em entrevista dada ao *site* R7:

“Esse tipo de alteração no eixo da Terra só é importante no tempo geológico, ou seja, em milhões e milhões de anos com a acumulação de sucessivos tremores. Nesse caso (apresentado hoje pela Nasa), um evento individual não é importante”.

Apesar do eixo ter mudado em oito centímetros, o que parece muito, isso em nada vai afetar nossas vidas. Só daqui a mil anos vamos ter um segundo a menos no dia.

Tal advento, se comparado à previsão de Ramatis, também não encontra eco, pois o citado espírito fala que terremotos seriam reflexos (efeito) da alteração do eixo, e não o contrário;

4 – As alterações no clima, como todos sabem, são decorrentes do **efeito estufa e aquecimento global**, gerado pela derrubada de florestas e pelas queimadas das mesmas, pois são elas que regulam

a temperatura, os ventos e o nível de chuvas em diversas regiões. Como as florestas estão diminuindo no mundo, a temperatura terrestre tem aumentado na mesma proporção. Um outro fator que está gerando o efeito estufa é a queima de combustíveis fósseis. A queima do óleo diesel e da gasolina nos grandes centros urbanos tem colaborado para o efeito estufa. O dióxido de carbono (gás carbônico) e o monóxido de carbono ficam concentrados em

determinadas regiões da atmosfera formando uma camada que bloqueia a dissipação do calor. Outros gases que contribuem para este processo são: gás metano, óxido nitroso e óxidos de nitrogênio. Esta camada de poluentes, tão visível nas grandes cidades, funciona como um isolante térmico do planeta Terra. O calor fica retido nas camadas mais baixas da atmosfera trazendo graves problemas ao planeta.

XIX – Ramatis e o planeta Marte

Nesta parte do nosso estudo trataremos da questão da vida no Planeta Marte, conforme descreveu Ramatis no livro do mesmo nome, que anteriormente, quando publicado pela Editora da Boa Vontade, chegou a se chamar “A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores”. Não se sabe bem o porquê da mudança no nome, mas a parte que falava nos discos voadores foi retirada das edições publicadas pela Editora Freitas Bastos.

Quando os seguidores de Ramatis são confrontados com os erros contidos na obra supracitada, vêm com dois argumentos diferentes:

1 – Que Ramatis teria descrito vida espiritual, e não material; 2 – Que foi animismo do médium Hercílio Maes.

Vamos procurar mostrar que não foi nem uma coisa, nem outra, neste nosso estudo, a começar com a tese de que ele teria descrito vida espiritual, e não vida material, em Marte.

As Gafes

Numa época em que a questão da vida em outros planetas e OVNIs habitava o imaginário das pessoas, Ramatis aproveita o embalo para descrever, no citado livro, várias paisagens que de maneira alguma correspondem à realidade daquele planeta, fotografada e documentada pelas sondas que lá já pousaram.

Vamos analisar algumas dessas gafes:

1 – Sobre a superfície e o degelo dos polos

Pergunta: “Há o degelo que a nossa Ciência constata através dos seus telescópios?”

Ramatis: “Sim, e às vezes algo violento, principalmente porque a superfície marciana é quase plana, com raras elevações”.

Erro nº 1 – Não há degelo dos polos em Marte e muito menos água na sua superfície. O gelo em Marte é formado de dióxido de carbono congelado. Assim sendo, não passa para o estado líquido, e sim sublima-se (passa do estado sólido para o gasoso).

Erro nº 2 – A superfície de Marte está longe de ser predominantemente plana. O terreno é caótico, sendo que há muitas crateras e elevações gigantescas, como o Olympus Mons, um vulcão extinto que excede os 20.000 metros de altura.

A “água” do gelo de Marte, segundo Ramatis

Vejam o que ele diz:

Pergunta: A água de Marte é igual à nossa?

Ramatis: “É algo semelhante, embora muitíssimo mais leve. Cremos que os vossos astrônomos, em recente análise espectral, devem ter verificado que as neves e as nuvens, em Marte, são compostas quimicamente de H₂O, variando, no entanto, quanto à especificidade e peso. Sobre ações científicas, pode ser igualada à da Terra; porém o marciano prefere para o seu uso um tipo de ‘água pesada’, grandemente radioativa e que melhor lhe nutre o sistema “organo-magnético”.

E ele continua, colocando-se acima da Ciência:

Pergunta: “A composição das calotas polares é, realmente, produto do degelo acumulado, à semelhança de nossos polos”.

Ramatis: “Nisso a ciência terrena não se equivocou, inclusive na anotação das nuvens azuladas, que registrou em suas observações. O que por vezes nos surpreende, é que a mesma ciência, negando oxigênio suficiente em Marte, anota calotas polares e nuvens azuladas que resultam sempre de hidrogênio e oxigênio, na fórmula comum”.

Erro nº 3 – As neves são compostas de dióxido de carbono congelado, e não de água congelada na sua fórmula comum.

Erro nº 4 – As nuvens são formadas por dióxido de carbono evaporado, que se sublimou.

Erro nº 5 – Não há dois tipos de água em Marte, uma mais leve e outra mais pesada, como afirma o Espírito.

Quanto à temperatura no planeta Marte, Ramatis ousadamente assevera:

Pergunta: “Qual a temperatura de Marte, baseando-nos em nossas convenções termométricas?”

Ramatis: “Nas regiões equatoriais, a temperatura oscila de 25 a 30 graus, a qual é agradabilíssima ao sistema biológico marciano. Chove raramente; e, devido às quedas bruscas, à noite são comuns as geadas”. (pág. 37)

Já a verdade científica assevera que Marte é um planeta frio, com temperatura média de 63 graus Celsius negativos, com uma temperatura máxima no verão de -5°C e mínima nas calotas polares de -87°C .

A variação de temperatura chega a ser de 20 graus Celsius por minuto, durante o amanhecer. Soubemos também que ocorre variação da temperatura conforme a altitude. A sonda Mars

Pathfinder revelou que se uma pessoa estivesse em pé ao lado da sonda, notaria uma diferença de 15 graus Celsius entre os pés e o tórax. Essa intensa variação da temperatura em Marte provoca ventos fortes, gerando as grandes tempestades de poeira vistas na superfície marciana.

Percebemos, portanto, a pobreza da descrição ramatisiana, assim como a grande imprecisão se comparada à realidade constatada pelas sondas que lá estiveram no passado e mais recentemente. Ele não contava que, anos mais tarde, a astronáutica se desenvolveria a tal ponto que sondas seriam enviadas ao planeta e seriam capazes de tirar fotos e mapear toda a sua superfície.

Transcreveremos agora mais um trecho surpreendente da mencionada literatura, que, em nossa avaliação, prima pela incorreção e pelo desconhecimento total da realidade geológica e topográfica daquele planeta.

Pergunta: “Há muitos oceanos iguais aos nossos e existem zonas desertas?”

Ramatis: “A superfície líquida é muito menor do que a sólida, e suas águas se infiltram bastante no solo. Os mares são pouco profundos e os continentes muito recortados, existindo enseadas e golfos em quantidade. Quanto às áreas desertas, existem algumas, de areia fulva, nas outras zonas existem campos de cultura, os bosques e exuberante vegetação que se estendem à margem dos canais suplementares ou artificiais. E os imensos cinturões que observais, da Terra, quais bordados de verdura forrando as zonas ribeirinhas dos canais, são constituídos de ubérrima vegetação sob controle científico”. (pág. 38)

Para quem se dispôr a pesquisar o assunto na internet, por exemplo, por nada mais que 5 minutos, vai verificar que a descrição das condições geológicas e topográficas de Marte em nada se assemelham com a realidade.

No entanto, alguns simpatizantes de Ramatis inadvertidamente passaram a divulgar, quando da constatação da realidade marciana pela ciência, que Ramatis estava a descrever a paisagem espiritual do planeta. Ora, em vários momentos ao longo da obra “A Vida no Planeta Marte...”, a citada entidade espiritual descreve vida material, tanto que chega a dizer, na parte transcrita por nós acima: “...E os imensos cinturões que observais, da Terra... Se ele, pois, fala em “observação” da nossa parte, é claro que ele nos fala de matéria visível aos nossos olhos, isto está bem claro.

Certa feita, Herculano Pires chegou a comentar diretamente sobre esse assunto:

(...) “Têm saído no meio espírita alguns livros que apresentam Marte como superior à Terra. Ora, esses livros são muito fantasiosos. Basta essa fantasia para mostrar que não podemos depositar neles nenhuma confiança. Quando os espíritos chegam às minúcias a que descamam estes livros, minúcias sobre todo processo da vida em Marte, por exemplo, nós precisamos desconfiar dos mesmos. Porque não é essa a função dos espíritos. Que os espíritos tenham dado a Kardec uma espécie de ideia de como seria o nosso sistema solar no tocante à variedade de mundos, apresentando esses dois extremos, a gente entende, até mesmo como sendo uma espécie de maneira didática de transmitir o ensinamento sobre a posição dos mundos no espaço. E foi o que Kardec falou mesmo e ele achou muito interessante nesse sentido. Dá sempre uma ideia mais concreta do que é a vida no espaço.

A respeito de Júpiter, através das referências trazidas por Mozart e Palissy, chegou-se mesmo a transmitir, na sociedade parisiense dos espíritas, alguns desenhos, muito interessantes, sobre as casas em Júpiter, sobre as construções, como eram feitas; sobre a condição dos animais. Eles apresentaram os animais jupiterianos como animais evoluídos, animais que já estão se aproximando da condição humana, que são capazes de se incumbir de todos os

trabalhos mais pesados do homem para a construção de uma casa, essas coisas todas.

Esses desenhos foram publicados em Paris. Ainda existem alguns deles que sobreviveram, porque muitos outros foram destruídos pelo tempo. E particularmente destruídos numa guerra entre 39 e 45, quando os alemães invadiram a França, invadiram Paris e ocuparam a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Deram praticamente fim a toda a Sociedade, que retinha todo o arquivo de Kardec.

Mas, apesar disso, os desenhos são muito interessantes. Eu mesmo tenho em casa um quadro comum destes desenhos. É um quadro que foi desenhado por aquele famoso teatrólogo francês, Victor Ian Sardur. Ele era um médium que trabalhava com Kardec na sociedade parisiense. Acontece que Victor Ian Sardur não era desenhista. E nem era médium desenhista. Existiam na sociedade parisiense alguns médiuns, quase todos psicógrafos. E alguns eram desenhistas. Então, quando Mozart disse que ele e Palissy iam fazer alguns desenhos sobre Júpiter, todo mundo ficou esperando que um daqueles médiuns desenhistas os recebesse. Para surpresa de todos, quem recebeu foi o Victor Ian Sardur, que nunca fora desenhista e que era um teatrólogo. Esse desenho que eu tenho aí, por exemplo, foi tirado do próprio desenho publicado na revista espírita. O desenho, não digo original, mas o que foi publicado por Kardec, ele levou nove horas para fazer. Ele era tão minucioso, que exigia muito tempo para fazer.

Isso tem a finalidade de nos dar uma ideia de como seriam os mundos. Qual é a diferença de um mundo para outro? Por que os mundos adiantados têm certas posições, por assim dizer, que para nós são incompreensíveis? Por que um mundo como Júpiter é um mundo de matéria tão rarefeita? Porque é um mundo que está se aproximando da espiritualidade, um mundo que vai se aproximando dos mundos felizes, dos mundos celestes. E os espíritos chamavam de mundos celestes aqueles que, para nós,

seriam completamente invisíveis. São mundos de uma vida espírita muito superior, muito elevada. Então, essa escala dos mundos nos apresenta todas essas formas e os mundos mais primários, desde o mundo da lua, completamente material, completamente denso em matéria, desprovido, inclusive, de princípios de vida na atmosfera, até um mundo como Júpiter, em que nós encontramos essa solidez e essa beleza.

Mas quando nós falamos do problema de Marte, nós temos de lembrar que há, no espiritismo brasileiro, um problema a respeito disso. Existe o livro de Ramatis, que é muito conhecido: *A vida no planeta Marte*. Ramatis já é muito nosso conhecido, pois quando estudamos o espiritismo, e, estudamos a obra de Ramatis, vemos que não se trata de um espírito sábio, um espírito que está dando informações das mais absurdas sobre todas as coisas, como qualquer indivíduo pseudossábio na terra, que fala sobre qualquer coisa com a maior facilidade. Expõe teorias, defende princípios e, às vezes, os mais contraditórios, sem perceber que vai cair em contradição. Ramatis, então, é um espírito que não oferece nenhuma garantia para nós. As informações dele são puramente imaginárias, ilusórias. Não têm valor”. (Palestra proferida por José Herculano Pires. O texto acima é uma transcrição de fita de vídeo gravada por ocasião da palestra.)

Depois de tais constatações científicas sobre a realidade do planeta Marte, em contraposição a tudo que Ramatis descrevera, até mesmo uns dos mais famosos médiuns de Ramatis se pronunciou a respeito, só que defendendo o espírito e responsabilizando o médium Hercílio Maes. Vejamos o que escreveu o médium ramatisista Wagner Borges, em seu livro “Viagem Espiritual”:

“Quanto ao livro ‘A Vida no Planeta Marte’, esse talvez tenha sido o maior equívoco mediúnico de Hercílio Maes. Todas as informações sobre a vida extraterrestre ali descrita são verdadeiras.

(Como é que ele sabe? Esteve lá para conferir?)

No entanto, há um detalhe muito importante que precisa ser considerado: as informações são reais, mas aquele planeta não é Marte!” (...) Se ali houvesse realmente uma civilização evoluída, como Ramatis descreve, haveria indícios claros disso no planeta”.

Outro médium de Ramatis, Dalton Roque, recentemente em sua homepage, chegou a declarar:

“Não concordo com o livro sobre o planeta Marte. Não o li e nem o lerei”.

Vemos, portanto, que até mesmo ramatisistas respeitados em seu meio não mais conseguem sustentar os absurdos contidos no livro “A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores”, assinado por Ramatis e propagandeado em todo canto como sendo um livro espírita e de alta credibilidade.

Portanto, qual a verdadeira posição da Doutrina Espírita acerca desse tipo de relato sobre vida em outros mundos?

Kardec é bastante claro:

“Não temos sobre os outros mundos senão notícias HIPOTÉTICAS”.

Em 1862, Kardec pede explicações ao espírito Georges sobre suas mensagens a respeito de planetas, como Vênus, e o questionou sobre alguns pontos. Ao final, conclui:

“Essa descrição de Vênus, sem dúvida, não tem nenhum dos caracteres de uma autenticidade absoluta, e também não a damos senão a título condicional”.

Em “O Livro dos Médiuns”, consta ainda o seguinte:

296. Perguntas sobre outros mundos

32ª Que confiança se pode depositar nas descrições que os Espíritos fazem dos diferentes mundos?

“Depende do grau de adiantamento real dos Espíritos que dão essas descrições, pois bem deveis compreender que Espíritos vulgares são tão incapazes de vos informarem a esse respeito, quanto o é, entre vós, um ignorante, de descrever todos os países da Terra.

Formulais muitas vezes, sobre esses mundos, questões científicas que tais Espíritos não podem resolver.

Se eles estiverem de boa-fé falarão disso de acordo com suas ideias pessoais; se forem Espíritos levianos divertir-se-ão em dar-vos descrições estranhas e fantásticas, tanto mais facilmente quanto esses Espíritos, que na erraticidade não são menos providos de imaginação do que na Terra, tiram dessa faculdade a narração de muitas coisas que nada têm de real.

Entretanto, não julgueis absolutamente impossível obterdes, sobre os outros mundos, alguns esclarecimentos. Os bons Espíritos se comprazem mesmo em descrever-vos os que eles habitam, como ensino tendente a vos melhorar, induzindo-vos a seguir o caminho que vos conduzirá a esses mundos. É um meio de vos fixarem as ideias sobre o futuro e não vos deixarem na incerteza”.

a) Como se pode verificar a exatidão dessas descrições?

“A melhor verificação reside na **concordância** que haja entre elas. Porém, lembrai-vos de que semelhantes descrições têm por fim o vosso melhoramento moral e que, por conseguinte, é sobre o estado moral dos habitantes dos outros mundos que podeis ser

mais bem informados e não sobre o estado físico ou geológico de tais esferas. Com os vossos conhecimentos atuais, não poderíeis mesmo compreendê-lo; semelhante estudo de nada serviria para o vosso progresso na Terra e toda a possibilidade tereis de fazê-lo, quando nelas estiverdes”.

NOTA: As questões sobre a constituição física e os elementos astronômicos dos mundos se compreendem no campo das pesquisas científicas, para cuja efetivação não devem os Espíritos poupar-nos os trabalhos que demandam.

Senão fosse assim, muito cômodo se tornaria para um astrônomo pedir aos Espíritos que lhe fizessem os cálculos, o que, no entanto, depois, sem dúvida, esconderia. Se os Espíritos pudessem, por meio da revelação, evitar o trabalho de uma descoberta, é provável que o fizessem para um sábio que, por bastante modesto, não hesitaria em proclamar abertamente o meio pelo qual o alcançara e não para os orgulhosos que os renegam e a cujo amor-próprio, ao contrário, eles muitas vezes poupam decepções. (“O Livro dos Médiuns” - Capítulo XXVI - Das Perguntas que se Podem Fazer aos Espíritos/Perguntas sobre os outros mundos)

O grande escritor e divulgador espírita, Carlos Imbassahy, já desencarnado, certa feita foi perguntado sobre o espírito Ramatis e o planeta Marte, tendo respondido o seguinte, conforme consta do livro “As Melhores Respostas do Imbassahy”:

“Remete-me o confrade P. – que não deseja ver publicado seu nome – uma longa mensagem onde se descreve a vida em Marte, e me pergunta o que eu acho. Mas que posso eu achar num planeta a tal distância? Ainda se fosse ali em Cascadura... A coisa única que me ocorre dizer-lhe é que estas histórias de Marte são de morte!” (implicitamente, a vida em Marte sugere a obra de Ramatis; sem querer citá-la, Dr. Imbassahy limita-se a passar por alto pelo assunto...)

Jorge Rizzini também fez comentários interessantíssimos sobre esses relatos de Marte e Ramatis:

“A NAVE DE RAMATIS – QUE ESTÁ SEMPRE LOTADA DE ANALFABETOS ESPÍRITAS”

“O Espírito Ramatis sabe jogar com rara habilidade com fantasias e verdades. E, por não desprezar a verdade conseguiu ludibriar até mesmo alguns que se julgavam conhecedores da Doutrina Espírita. Mas não é exatamente mau. O problema é que ele convulsiona o Movimento Espírita com suas fantasias, através de um estilo austero, professoral, às vezes dramático.

Sua palavra é a última sobre qualquer assunto. Não há pergunta que o deixe embaraçado, seja sobre química ou física nuclear, botânica ou astronomia, pintura ou medicina, etc. Mas, entre os temas de sua predileção um há que o deixa enternecido e sobre o qual chegou a escrever um livro com mais de quatrocentas páginas e que tem o sugestivo título de ‘A Vida no Planeta Marte (e os discos voadores)’. A obra foi publicada em 1956, mas é atualíssima, pois os cientistas da Terra estão pesquisando aquele planeta.

Enquanto Ramatis, com seu estilo doutoral, com sua imaginação indomável, nos diz a respeito de Marte que:

- Já tem, aproximadamente, um bilhão e meio de habitantes;
- O Espírito reencarnante marciano vive no casulo materno sob condições análogas às terrenas;
- Estamos em relação aos marcianos, com relação à eletrônica, quatrocentos anos atrasados; moralmente, um milênio;
- Todos os sistemas religiosos do planeta são reencarnacionistas e entram em contato com os Espíritos desencarnados.

Estas e outras informações são de Ramatis, autor que fascinou os leitores e os fez sonhar com o planeta Marte. Sua capacidade de

narrar é singular, e sua imaginação ardente, se não supera pelo menos se iguala a dos fantásticos criadores de estórias em quadrinhos. Impossível não realçar essas qualidades, que lhe granjearam, logo ao ser publicado o seu primeiro livro, os aplausos do público em geral e, particularmente, de milhares de espiritistas incautos, que nele viram uma sumidade do Além.

Ramatis é um Espírito enfermo, trata-se, evidentemente, de um caso de megalomania, enfermidade mental. E não de maldade deliberada, já que suas mistificações, por estranho que pareça, sempre visam enlevar o público. Que a enfermidade atingiu o mais alto grau, não há dúvida, pois Ramatis se comove quando fala do Evangelho, como quando fala da 'civilização marciana'. Ele mistura verdade e mentira na mesma emoção. Ao invés de recriminações, Ramatis merece compreensão e preces. Os que merecem mesmo cuidados especiais são os 'espíritas' que ainda estão radiantes com a leitura de livros de Ramatis. Esses sim são detentores de um potencial capaz de deturpar o Movimento Espírita". Jorge Rizzini (Jornal Espírita, São Paulo-SP, fevereiro de 1977).

XX– Ramatis e o Presidente do Brasil

Voltamos ao assunto preferido de Ramatis em suas mensagens: as previsões. Incursionando por esse terreno delicado, a Entidade responde sem quaisquer objeções às mais ousadas questões sobre o porvir.

Em “A Vida Humana e o Espírito Imortal”, pág. 298 (4ª ed. Freitas Bastos), livro resultante de mensagens datadas do ano de 1970, consta o seguinte:

Pergunta: “Há fundamento na predição de que o Brasil, em breve, será governado por um presidente que, além de íntegro e excelente administrador, ainda saberá elevar o índice de espiritualidade do povo brasileiro?”

Ramatis: “Realmente, há fundamento na predição e podemos informar-vos que já se encontra encarnado, no Brasil, esse espírito que, além de dotado de invulgar capacidade administrativa, ainda é louvável instrutor espiritual. É criatura de avançado saber espiritual, mas visceralmente apolítica e de sentimentos religiosos universalistas, acima de seitas, doutrinas ou dogmas limitativos. Homem modesto, comunicativo e inteligente, é avesso a pompas, gloriolas, consagrações e quinquilharias do mundo material. Atualmente, vive à sombra de diversos movimentos espiritualistas, mas sem qualquer sectarismo que estiola o sentimento religioso ou fanatismo que resseca a alma! Ele será capaz de mobilizar energias incomuns para os melhores feitos em favor do seu povo! Afeito à música, pintura, ciência, educação e aos problemas de saúde da gente sem amparo, ainda é devotado a qualquer iniciativa que aperfeiçoe o homem! Espírito hábil, arguto, pesquisador, sem demagogia e mistificações, poderá esquematizar uma assistência

social e moral, de modo a solucionar grande parte do marginalismo das favelas. Sem ultrapassar o sentido lógico e respeito do direito humano, sob seu governo a crença religiosa será livre e os cultos favorecidos, sem o perigo do sectarismo que semeia conflitos e dissensões entre adeptos religiosos”.

Pergunta: “Mas se é homem sem ambições políticas, como poderia tornar-se presidente do Brasil, o qual sempre é fruto da especulação eleitoral majoritária?”

Ramatis: “Não será um governo produto das conveniências políticas partidárias, nem de movimentos de emancipação nacionalista ou ‘salvacionista’, mas resultado da escolha espontânea e da vontade unificada do povo, que já se mostra bastante decepcionado com os políticos astuciosos, mercenários e mentirosos! Nenhuma força poderá impedir-lhe a ascensão, porque isso é uma predestinação do Alto e acima de quaisquer pendências humanas!”

Segundo Ramatis, essa pessoa já é bastante conhecida entre nós:

Ramatis: “...Mas podemos afirmar-vos que esse candidato ao governo brasileiro já percorreu metade do caminho que pode levá-lo ao cargo supremo do país! E caso seu nome fosse revelado, cremos que metade da população brasileira o aplaudiria, em apoio à sua predestinação!”

E aí está uma verdadeira charada: quem é a pessoa a que Ramatis se refere?

Mas respondemos para poupar você, caro leitor, de gastar seu tempo à toa pensando nesta bobagem: essa pessoa não existe e jamais existiu!

Tendo em mente que Ramatis “profetizou” a ascensão dessa figura ao poder em 1970, portanto antes do advento do “fim dos

tempos” no ano 2000, conclui-se que ele já deveria ter aparecido. No entanto, mais de 40 anos se passaram, o tal “fim dos tempos” previsto por Ramatis não veio, e muito menos ascendeu ao poder uma pessoa que, mesmo sendo apolítica, passaria por cima de partidos e instituições e, num lance espetacular, ocuparia a Presidência da República com quase 100% dos votos! Além disso, em pouco tempo resolveria praticamente todos os problemas seculares do Brasil...

XXI – Vianna de Carvalho (espírito) e a Proposta Eclético- Orientalista

Vianna de Carvalho foi o mais importante personagem do Movimento Espírita do Estado do Ceará e um dos mais importantes da história do Movimento Espírita Brasileiro.

Defensor intransigente da Doutrina Espírita e sempre atento aos ataques por ela sofrida por parte de seus detratores, Vianna de Carvalho permanece alerta aos rumos do Movimento Espírita “do lado de lá”.

No que concerne à proposta de inserção de práticas orientalistas nas casas espíritas, o espírito Vianna de Carvalho se coloca firmemente contrário:

“E hoje, quando o Espiritismo sensibiliza milhões de vidas, o seu Movimento parece deperecer, perdendo em qualidade o que adquire em quantidade.

Adeptos precipitados tentam enxertar conceitos supersticiosos no organismo impoluto da Doutrina que dispensa apêndices, permanecendo ideal conforme nos foi legada por Allan Kardec.

A invigilância de alguns simpatizantes procura adaptar crenças ultramontanas ao texto doutrinário, para acomodar interesses imediatos e vazios, por falta de coragem para arrostar as consequências da fé na sua legitimidade.

O Espiritismo sobrepõe-se-lhes, porque nenhum exotismo pode fazer parte do seu contexto.

Teimam introduzir no seu conteúdo superior práticas que, embora respeitáveis, são do Orientalismo, não se coadunando com a tecedura de verdade de que Allan Kardec se fez intermediário consciente. Cabe, desse modo, ao Espírita tolerar, mas não ser conivente; respeitar, mas não concordar com as tentativas de intromissão de seitas, de práticas, de credices e superstições que fizeram a glória nas gerações passadas, poupando a Doutrina Espírita desse vandalismo injustificável, ao mesmo tempo convidando todos a uma releitura das suas bases, em confronto com os avanços do conhecimento hodierno, para que se reafirme a indestrutibilidade dos seus ensinamentos, confirmados, a cada momento, pelas conquistas da razão, da tecnologia e da ciência.

O Espiritismo é a Doutrina que vem de Jesus através dos imortais, codificada pelo pensamento ímpar de ALLAN KARDEC, para assinalar a era do espírito imortal e permanecer traçando diretrizes para as gerações futuras que nos cumpre, desde agora, preservar através de uma conduta saudável, ímpolita e compatível com os postulados que fulguram nesse colosso que é o Espiritismo, a Doutrina libertadora dos novos tempos”.

Como alguns exemplos de práticas orientalistas e ecletistas dentro das Casas Espíritas, podemos citar: uso de terminologia estranha ao Espiritismo, principalmente originária do hinduísmo (karma, dharma, mundo astral, corpos astrais, etc.); mantras e meditação transcendental; separação do salão da palestra em “lado dos homens” e “lado das mulheres”; uso de símbolos, amuletos e talismãs próprios do esoterismo (cristais, pedras, incensos, etc.) ditos capazes de atrair “boas energias”; terapias exóticas; exaltação a gurus; estímulo ostensivo ao vegetarianismo, etc.

Em outra mensagem, intitulada “Centro Espírita”, Vianna de Carvalho discorre como deve ser um Centro Espírita e suas atividades:

“Lugar de reequilíbrio e de harmonia, é, também, hospital de almas no qual terapias especializadas – passes, água fluidificada (bioenergia), oração, desobsessão e iluminação de consciência, – facultem a saúde do corpo, da mente e do espírito, emulando o paciente ao avanço, à vitória sobre si mesmo, sobre as paixões primitivas, que nele predominam.

Não pode ser confundido, porém, com Nosocômios, Casas de Saúde, Clínicas Médicas e semelhantes, competindo com as mesmas, portadoras de bases acadêmicas, pois que desvirtuaria a sua finalidade essencial passando a conflitar com as Entidades especializadas no mister, as quais deve auxiliar e não produzir perturbação.

No seu ambiente não há lugar para exibicionismo de natureza alguma que faça recordar os palcos do mundo, nos quais se projetam os conflitos do ego humano e as lutas características das naturais promoções competitivas do ser.

Tampouco, pode agasalhar ou dar curso às inovações que ressumam do orientalismo ancestral ou das terapias alternativas atuais, desfigurando-lhe, entorpecendo-lhe a finalidade superior”.

Vianna de Carvalho fala sobre as previsões aterradoras do “fim dos tempos”

Em 14 de abril de 1996, em Quarteira, Portugal, Vianna de Carvalho comenta sobre as famosas previsões aterrorizadoras de fim dos tempos, em mensagem intitulada “Revelações Inconsequentes”:

“Em uma doutrina portadora de constituição elevada e sólida, sem brechas para o aventureirismo ou para o mercantilismo adivinhatório, somente se equivoca aquele que prefere manter-se à margem dos seus ensinamentos, que são claros como a luz que esbate a treva, ou que prefere o engodo à verdade, a fantasia à

realidade, vivendo o período infantil do pensamento, irresponsável, portanto, ante os desafios existenciais para decifrar-se e avançar com segurança no rumo do destino traçado que tem à frente.

Não obstante, grassam em abundância, e multiplicam-se férteis, informações destituídas de veracidade, como é, aliás, do agrado das pessoas acostumadas ao ludíbrio, às vaidades e exaltações do ego, que somente prejudicam, contribuindo para o aumento da ignorância e leviandade em torno dos assuntos relevantes da Humanidade.

Pseudo-médiuns ou medianeiros em desequilíbrio, assessorados por Espíritos levianos que se comprazem em mantê-los no ridículo, amiúde apresentam-se como reveladores, e o são inconsequentes, ludibriando a boa-fé dos incautos ou incensando os orgulhosos com bombásticas informações em torno do seu passado, com promessas mirabolantes sobre o seu futuro, ou ainda, como emissários de Embaixadores Celestes para evitarem calamidades, alterarem acontecimentos, assumindo posturas de semideuses, que deslumbram os fascinados e se tornam condutores dos grupos humanos.

Os Espíritos Nobres não têm qualquer interesse em revelações em torno de personalidades de ontem ou de hoje, evitando a abordagem em torno do que hajam sido, trabalhando em favor do presente, do qual se origina o futuro, que é a grande meta.

Não tem nenhum sentido a busca de informações em torno do passado espiritual, particularmente se se anela por haver sido rei ou príncipe, nobre ou burguês, sábio, guerreiro ilustre, papa ou outra qualquer personagem importante, que em algum momento esteve presente na História.

A Lei é de progresso, portanto, evidente que se é sempre melhor do que aquilo que se haja sido, não se devendo preocupar com

cargos e homenagens do pretérito, agora mortos, e cuja evocação somente levaria à presunção, à ociosidade dourada ou à lamentação.

Outrossim, proliferam outras revelações trágicas em torno do fim dos tempos, das tragédias que irão ocorrer, como se não fossem elas do cotidiano, variando de expressão e de lugar, todas igualmente parte integrante do processo evolutivo de um planeta inferior, que avança para outro degrau na escala dos mundos.

O homem encontra-se reencarnado para aproveitar a oportunidade de reparação e aquisição de valores que lhe faltam na economia intelecto-moral, não para repetir experiências infelizes com novos fracassos ou para cultuar memórias extravagantes e fantasiosas, que em nada contribuem para a sua evolução. Cumpre, portanto, precatar-se todo aquele que se interesse pelo Espiritismo, com revelações inconsequentes, estudando a Doutrina e praticando-a com segurança, lançando o pensamento para a frente e para cima, na certeza de que cada um é o que de si próprio faz. O fato de haver alguém vivido em área de destaque não significa ser Espírito feliz, antes comprometido com as graves responsabilidades que nem sempre soube honrar e que agora defronta para corrigir.

A meta que todos devemos perseguir é aquela que conduz à auto-realização, utilizando-nos do serviço de dignificação da vida e das criaturas em cujo grupo nos encontramos, encarnados ou não, porém, unidos no mesmo ideal de edificação de um mundo melhor para todos, longe do sofrimento, da ilusão, da ignorância, sempre responsável pelo mal que viceja em nós e nos retém na retaguarda de onde procedemos”.

XXII – Ramatis, Pietro Ubaldi, Roustaing e Edgard Armond, por Cirso Santiago

“Ramatis, Pietro Ubaldi, Roustaing e Edgard Armond há muito tempo estão na berlinda e seus críticos já dissecaram suas obras de cabo a rabo. Considerei que o que já foi dito bastasse para o público compreender os equívocos que esses escritores cometeram em relação à Doutrina Espírita.

Todavia numa roda de amigos, em que falávamos sobre Espiritismo, veio à baila esses personagens e fiz rápida explanação sobre as trajetórias deles pelo movimento espírita brasileiro. E qual não foi a minha surpresa quando um companheiro, com boa bagagem de conhecimento doutrinário me disse: ‘Agora, sim, estou entendendo certas críticas referentes a essas figuras. Creio que o grosso do movimento espírita fica um tanto confuso diante das críticas que se fazem a eles porque não os conhecem de uma maneira mais global. Por que você não escreve sobre esse assunto?’.

- ‘Não escrevo, porque não me acho capaz de fazer um trabalho melhor do que aquilo que já está na praça!’

Foi o que eu disse ao meu interlocutor, procurando eximir-me de tão difícil tarefa. E ele me deu o xeque-mate:

- ‘Escreva o que você acabou de nos dizer que basta!’

Prometi-lhe refletir melhor sobre a sugestão. Dias após, concluí que a sugestão tinha sua razão de ser e propus a passar para o papel o seguinte:

RAMATIS

É um Espírito que há muito se infiltrou no movimento espírita brasileiro com a cumplicidade do médium paranaense Hercílio Maes. Juntos, Espírito e médium escreveram várias obras, que deixam muito a desejar quanto à pureza doutrinária. Eis algumas delas: ‘Fisiologia da Alma’, ‘O Evangelho à luz do Cosmo’, ‘Elucidações do Além’, ‘Magia de Redenção’, ‘Mediunismo’, ‘Mediunidade de Cura’, ‘Missão do Espiritismo’ e outras.

Não se pode negar que Ramatis é bastante inteligente e muito sagaz e, portanto, sabe disfarçar seu desconhecimento doutrinário, ou incoerência consciente doutrinária. Logo ganhou adeptos fervorosos e seus livros invadiram o nosso meio. Suas obras não só apresentam senões doutrinários, mas também fortes pitadas de orientalismo, verdadeiros enxertos inconvenientes à Doutrina Espírita. Mas sendo sagaz como é, não deixa de expressar aqui e ali pensamentos razoáveis, com pretensão estudada de confundir o público leigo. Desde sua estreia no movimento espírita nacional a crítica o tem sob sua mira, mas a coisa ficou feia mesmo foi quando veio à lume ‘A Vida no Planeta Marte’, em que ele foi longe demais e desvelou suas fantasias. A crítica especializada desceu-lhe o porrete, mas nessa altura esse Espírito já tinha feito escola por aqui e até hoje há espíritas (ou melhor, pretensos espíritas) que se arrepiam ante qualquer análise desfavorável à obra ramatisiana. No meu conceito Ramatis é espiritualista, mas não espírita.

PIETRO UBALDI

Nasceu na Itália e acabou, graças a alguns mecenas, radicando-se no Brasil. Desenvolveu sua mediunidade à margem dos ditames espíritas. Não sei se ele chegou a estudar as obras kardequianas, se chegou não deve tê-las aceitado integralmente. Kardec nunca lhe foi um paradigma. Ele sempre quis voar mais alto. Tinha ideias próprias e não iria submeter-se à Codificação Espírita. Mas como

o brasileiro é um eterno louvador do que vem de fora, Ubaldi em pouco tempo fez aqui grandes amigos espíritas, alguns destes até muito importantes dentro do nosso meio, o que lhe facilitou o seu percurso no Brasil. Certa vez, em Pedro Leopoldo- MG, chegou mesmo a sentar-se ao lado de Chico Xavier para psicografar uma mensagem. Sua linguagem mediúnica, porém, nunca teve a simplicidade e a clareza que vemos na linguagem xaveriana. Ficou por aí apresentando seus ensaios filosóficos que nada tinham com o Espiritismo autêntico. Sua preocupação, na verdade, sempre foi a de criar um movimento próprio: o ubaldismo.

Teve ímpeto de explicar a essência de Deus. Veja só até onde pode chegar um homem incensado. Seu livro de maior alcance foi 'A Grande Síntese'. O movimento espírita brasileiro se deslumbrou diante dessa obra. Mas muitos que a leram não a entenderam, apenas louvaram, pois é muito mais fácil louvar do que confessar ignorância. Depois disso, que eu saiba, não saiu mais nada de fôlego de seu lápis que ganhasse a mesma notoriedade de 'A Grande Síntese'. Mas ele só caiu mesmo na malha dos críticos mais exigentes quando se revelou adepto do monismo (o que é isso? O Aurélio é quem explica: monismo é Doutrina Filosófica, segundo a qual o conjunto das coisas pode ser reduzido à unidade, quer do ponto de vista de sua substância, quer do ponto de vista das leis lógicas ou físicas, pelas quais o universo se ordena. (O monismo poderá ser materialista ou espiritualista, lógico e físico). Escorando-se nessa tendência Ubaldi criou uma teoria própria que corre paralela ao Espiritismo que nada tem a ver com este. A meu ver Pietro Ubaldi foi um espiritualista, mas não espírita.

J.B. ROUSTAING

Foi destacado advogado da Corte Imperial de Bordeaux, na França. A vaidade doentia estava à flor de sua pele. Após ler 'O Livro dos Espíritos' e 'O Livro dos Médiuns', ambos de Allan Kardec, meteu em sua cabeça que com o auxílio dos Espíritos

Superiores poderia fazer uma obra superior àquelas duas. Note-se que em matéria espírita ele era calouro. Mesmo assim, não demorara a evocar entidades espirituais para efetivar seu sonho: superar Allan Kardec. Ele procurou a médium Emillie Collignon, também uma novata na lide da mediunidade e com sua cumplicidade evocou o Espírito João Batista. Imagine! Logo o precursor de Jesus.

Claro, Roustaing não poderia deixar por menos. Se Kardec se relacionava com o Espírito da Verdade, ele pelo menos tinha que ter à disposição um João Batista. Mas como Espírito não carrega carteira de identidade, o vaidoso advogado foi ludibriado, conforme atesta sua obra ‘Os Quatro Evangelhos’. Atrás do falso João Batista vieram Moisés e os evangelistas João, Lucas, Marcos e Mateus. Supostamente foram essas figuras do cristianismo nascente que passaram no século XVIII a citada obra a Roustaing, via Collignon.

A obra, além de mistificadora, traz um subtítulo que é verdadeira afronta à Doutrina Espírita: ‘Revelação da Revelação’. É muita pretensão, pois essa obra não suporta uma simples análise à luz do Espiritismo e não é espírita, pois nem Roustaing, nem a médium, muito menos os espíritos que a escreveram eram espíritas, quando muito eram espiritualistas. Se a primeira condição de uma obra espírita é ter o ‘imprimatum’ da universalidade, ‘Os Quatro Evangelhos’ é refutado aí, pois foi recebido apenas por uma médium. Quando essa obra chegou às mãos de Allan Kardec, ele elegantemente a refutou, insinuando que era uma obra prolixa, pois disse que em vez de três volumes, o que ali está escrito poderia ter sido enfeixado em dois e até mesmo num volume e o leitor ganharia com este enxugamento. Mais tarde, Kardec ainda lembrou-se dela dizendo que houve precipitação em trazer a lume certos assuntos como o corpo fluídico de Jesus e prometeu desenvolver esse tem a com maior profundidade. O que de fato o fez em ‘A Gênese’. E disse que o tempo se encarregaria de aprovar ou não a obra de Roustaing. Na França, ela não teve qualquer

sucesso. Vindo para o Brasil, porém, encontrou aqui os diretores da FEB, da época, receptivos e generosos. Logo a FEB, que se intitula representante mor do Espiritismo no Brasil, introduziu no movimento espírita brasileiro essa obra que representa por razões óbvias o 1º Cisma do Movimento Espírita. Não só a introduziu, como ao longo dos anos vem lhe dando guarida em detrimento à Codificação Espírita. A obra em questão é espiritualista e a FEB se diz espírita. Não é um contrassenso? E ainda para a nossa reflexão, faço aqui uma pergunta que já fiz alhures. Se essa obra foi publicada quando ainda o Espiritismo estava para ser concluído, pois Allan Kardec ainda não havia publicado ‘A Gênese’, com que fechou a Codificação da Doutrina Espírita, por que os espíritos que a ditaram à médium Collignon não a ditaram para o Codificador? Será que esses espíritos já haviam pulado da barca de Jesus? Isto, no mínimo, é muito suspeito! É bom que se diga que no passado muitos espíritas de renome se diziam roustainguistas. Mas assim que leram a obra de Roustaing calaram-se ou tornaram-se os seus maiores críticos. E alguns até mesmo depois de desencarnados jamais falaram um ‘o’ a favor dela, a não ser dentro da FEB. Será que isso não diz nada?

EDGARD ARMOND

(O Comandante Edgard Armond, como era chamado). Oficial da Força Pública do Estado de São Paulo, hoje denominada Polícia Militar, chegou à Federação Espírita do Estado de São Paulo em 1939. Nessa época, a FEESP dava seus primeiros passos, já que foi fundada em 1936. Homem inteligente e de palavra fácil, o Comandante Edgard Armond foi pouco a pouco conquistando o seu espaço dentro da Instituição Federativa. Lembremos que naquele tempo a literatura espírita era escassa. Existiam os livros da Codificação e além deles um ou outro livrinho de produção independente. A promissora obra de Francisco Cândido Xavier, o nosso Chico Xavier, estava ainda nos seus primeiros degraus. Armond logo constatou isso e começou a escrever uns livrinhos mais simples, próprios para os iniciantes à Doutrina Espírita. Eu

diria que a inspiração dos cursos de Espiritismo que até hoje estão em pleno vigor na FEESP nasceu das páginas desses livrinhos do Armond. Cursos esses que estão em todos os quadrantes do movimento espírita brasileiro e quiçá do exterior. O Comandante Armond chegou, então, à Diretoria da FEESP. E como Secretário Geral organizou a ‘Escola de Médiuns’ e a ‘Escola de Aprendizes do Evangelho’. Hoje estas escolas acolhem mais de cinco mil alunos. E criou também o passe padronizado que tem causado muita polêmica, porque é um ritual muito distante da prática espontânea, intuitiva que fora exemplificada por Jesus.

Sua bibliografia compõe-se de 25 obras. As que fizeram mais sucesso foram ‘Passes e Irradiações’ e ‘Os Exilados de Capela’. Foi ele também que trouxe para o nosso meio a ‘Cromoterapia’, que nada tem a ver com a Doutrina Espírita, mas que hoje está espalhada graças um opúsculo escrito por ele e publicado pela Editora Aliança. Devemos a ele também essa enxertia.

Em maio de 1944, o Comandante Armond fundou o jornal ‘O Semeador’, órgão doutrinário da FEESP. Apoiado por um grupo de amigos fundou ainda a Instituição Espírita ‘O Lar do Amor Cristão’, em São Paulo, e foi um dos signatários da Ata de Fundação da USE-União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Além da Cromoterapia e do passe padronizado que ainda hoje causam discussões no meio espírita e certamente serão questionados pelas gerações espíritas do futuro, devo ainda mencionar que suas obras estão carregadas de conceitos orientalistas, pois ele foi um grande estudioso das principais religiões orientais. Termos como ‘chacras’ e ‘carma’ e outros de origem oriental foram enxertados por ele no movimento espírita brasileiro. Há ainda em suas obras um legado místico muito forte que tomou o movimento espírita brasileiro de assalto. Não bastasse o bolor igrejeiro do roustainguismo, o misticismo e o orientalismo do Comandante Armond também trouxeram prejuízos sérios ao movimento espírita brasileiro.

Alegando problemas de saúde, Edgard Armond deixou a FEESP em 1966. E o estrago armondista no movimento espírita brasileiro iria se completar com a criação, por ele próprio, da Aliança Espírita Evangélica, que nasceu com vocação um tanto velada, a princípio, federacionista e tornou-se em pouco tempo, em nosso Estado de São Paulo, concorrente da USE e da FEESP.

A Aliança Espírita Evangélica é fortemente mística e orientalista e os centros ‘espíritas’ capitaneados por ela são todos místicos e orientalistas, o que traz ao Espiritismo um dano imensurável. Tudo isso é uma pena, pois a herança do Comandante Armond poderia ter sido bem melhor. Essa minha análise, ainda que superficial, me autoriza a considerá-lo, também, espiritualista, mas não espírita”.

(Publicado no Correio Fraternal do ABC Nº 365 de Junho de 2001) Fonte: espirito.org

XXIII – As Propostas de Atualização Doutrinária com Tendências Sincréticas

Uma das mais comuns alegações dos simpatizantes do espírito Ramatis diz respeito a uma suposta necessidade de atualização da Doutrina Espírita, ao mesmo tempo em que consideram que deva o Espiritismo aceitar influências e enxertias oriundas de doutrinas da Antiguidade.

Nada melhor do que consultarmos o próprio Codificador sobre essa questão, já que suas palavras são habilmente manipuladas para referendar essa defesa de um Espiritismo eclético e sincretista, pronto a aceitar toda e qualquer ‘colaboração’, seja advinda de religiões e doutrinas do passado, como de indivíduos encarnados ou desencarnados, de forma isolada.

“O Espiritismo, caminhando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro sobre um ponto, ele se modificará sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará”.

Verificamos aí que Kardec admite mudanças, desde que amparadas por novas descobertas, obviamente conduzidas pela Ciência.

E prossegue:

“Por sua natureza, a revelação espírita tem um duplo caráter: consiste ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica.

O primeiro, porque seu advento é providencial, e não o resultado da iniciativa ou de um propósito premeditado pelo homem; porque

os pontos fundamentais da doutrina são de fato o ensinamento dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que ignoram, que não poderiam aprender por si mesmos, e que lhes importa conhecer, hoje que já estão maduros para os compreender.

O segundo, porque este ensinamento não é o privilégio de nenhum indivíduo, mas é dado a todos da mesma forma; porque aqueles que o transmitem e os recebem não são absolutamente seres passivos, dispensados do trabalho de observação e de pesquisa; porque não devem abnegar de seu julgamento e de seu livre arbítrio; porque o controle não lhes está interdito, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi de forma alguma ditada integralmente, nem impõe a crença cega; porque ela é deduzida pelo trabalho do homem, pela observação dos fatos que os Espíritos colocaram sob seus olhos, e pelas instruções que lhes deram.

Essas instruções ele estuda, comenta, compara, tirando então, por si mesmo, suas consequências e aplicações. Em uma palavra, o que caracteriza a revelação espírita, é que a fonte é divina, a iniciativa pertence aos Espíritos, e sua elaboração vem do trabalho do homem”.

Vemos, pois, que o Espiritismo possui certas características da ciência: ele aplica o método experimental, vai às causas e às leis que regem os fenômenos, encoraja a objetividade, o espírito crítico e o desinteresse.

Herculano Pires se manifestou a respeito:

“Acontece, porém, que o Espiritismo é doutrina do futuro e não do passado ou do presente. Como os Evangelhos, que depois de dois mil anos continuam a nos empurrar para a frente, a Codificação está muito longe de ter sido superada. Pelo contrário, somente agora as Ciências estão dando os primeiros sinais de se

aproximarem do Espiritismo. Dessa maneira, os confrades aflitos, que se esfalfam na dura tarefa de ‘atualizar o Espiritismo’, estão apenas equivocados.

Todo o esquema da Doutrina Espírita apresenta-se harmonioso, perfeitamente conjugado em seus diferentes aspectos, antecedendo as conquistas em marcha nos vários setores do conhecimento. É por isso que não se pode falar em atualização do Espiritismo sem demonstrar ignorância doutrinária. Atualiza-se o que caducou, o que foi superado pela evolução, o que pertence ao passado. A própria linguagem da Codificação não comporta modificações pretensamente renovadoras. Se assim não fosse, teríamos de considerar como fracassados os Espíritos superiores que a revelaram e que, desde o princípio, indicam a sua função de plataforma do futuro”. (“Na Hora do Testemunho” – Herculano Pires – Paidéia – 1ª edição – pg. 58)

XXIV – Elucidações Importantes

Verificamos que muitas pessoas, talvez pouco versadas acerca da Ciência Espírita e do método kardeciano, consideram exageradas nossas advertências, inclusive taxando-as injustamente de anticaridosas.

No entanto, quando estudamos e conhecemos o pensamento dos Espíritos lúcidos, percebemos claramente que não há de ser outra forma, haja vista os critérios de avaliação necessários à análise de uma boa ou má comunicação.

Leiamos, pois, o que nos diz Allan Kardec, sob a orientação da Espiritualidade Superior:

“Os maus Espíritos temem o exame; eles dizem: ‘Aceitai nossas palavras e não as julgueis’. Se tivessem a consciência de estar com a verdade, não temeriam a luz.

O hábito de escutar as menores palavras dos Espíritos, de pesar-lhes o valor, distancia forçosamente os Espíritos mal-intencionados, que não vêm, então, perder inutilmente seu tempo, uma vez que se rejeite tudo o que é mau ou de origem suspeita.

Mas quando se aceita cegamente tudo o que dizem, que se coloca, por assim dizer, de joelhos diante de sua pretensa sabedoria, fazem o que fariam os homens – disso abusam”. (Allan Kardec, Escolhos dos Médiuns, Revista Espírita, fevereiro de 1859)

Fica aí evidenciado, assim como em inúmeras outras passagens, que se faz necessário passar pelo mais rigoroso exame toda e qualquer comunicação advinda dos espíritos.

Infelizmente, o que temos visto no movimento pretensamente espírita é justamente o contrário: tudo aquilo que (supostamente) venha dos espíritos é aceito sem o menor senso crítico e encarado como reflexo da mais pura verdade. Esquecem-se esses indivíduos apressados e pouco atentos, que a Doutrina Espírita não se responsabiliza por tudo que venha do mundo espiritual e para que algo seja incorporado pela Doutrina, deva ser confirmado utilizando-se do critério de concordância universal, e ainda ser confirmado pela lógica, pela razão e, se possível, pela Ciência, naquilo que for de sua competência opinar.

Um exemplo recente na questão Ramatis deixa tudo isso muito evidente. Para dar respaldo e credibilidade ao espírito Ramatis, alguns trataram de atrelar a sua figura a personalidades importantes da história, alegando ser Ramatis e elas o mesmo espírito. E o mais surpreendente é que tais “informações” não têm entre si a menor concordância. Com o intuito de impressionar, já foi dito de tudo sobre o espírito Ramatis: que já teria encarnado na Indochina, no Egito, na Arábia, na Grécia, e até nas lendárias Lemúria e Atlântida, terras que não se tem até hoje nenhuma prova que tenham sequer existido. Não contentes com tais (pseudo) revelações, logo surgiram informações que esse espírito teria vindo da estrela Sírius, e já teria sido, nada mais, nada menos, que Pitágoras, o grande matemático e filósofo (cerca de 570 - 496 a.C.), bem como Filon de Alexandria (cerca de 30 a.C. - 40 d.C.), um filósofo judeu responsável pela famosa Biblioteca de Alexandria e, pasmem, Francisco de Assis! Em um outro período, vejam só, ele teria desfrutado da companhia de Jesus Cristo e encarnado igualmente como Koot-Humi, um dos mentores de Helena Petrovna Blavatsky, a fundadora da Sociedade Teosófica. Além disso, com o intuito de angariar a admiração dos espíritos, teria conhecido Allan Kardec, como qual teria tido contato na Atlântida (?), na Judeia e no Egito, no templo do faraó Merneptah, filho de Ramsés... Para completar, Ramatis teria também muitos discípulos, encarnados e desencarnados, todos

igualmente elevados, bondosos e sábios, e que participam da mesma confraria místico-esotérica com uma grandiosa missão a cumprir...

Segundo consta ainda de um sítio ramatisista na internet, haveria também um outro espírito, chamado Ramal, que seria “uma maravilhosa Entidade extraterrena, do sexo masculino, filho de Ramatis, o Supremo Líder da Dimensão de Marte”. Além disso, também seria “médico, neurocirurgião, psiquiatra, químico, físico, parapsicólogo e sociólogo e profundo conhecedor de todos os mistérios, sabedoria e domínio da Magia Branca e Negra”, e só se comunicaria através da pessoa da “Dr^a.” Zélia Brandão. Tudo bastante estranho e exótico...

A estratégia de convencimento do leitor é a de posicionar Ramatis como um grande sábio que teria compartilhado da companhia de outros grandes sábios. Porém, tais afirmações são feitas sem a menor comprovação ou confirmação de quem quer que seja e sem qualquer estudo que possa ao menos deixar isso mais claro ou evidente. Segundo ainda alguns adeptos, Ramatis nem estaria mais na Terra, mas sim em Marte... Aliás, o conteúdo constante do livro “A Vida no Planeta Marte...”, aqui já comentado, indica uma tentativa de convencer o leitor desta suposta elevação espiritual de Ramatis. O resultado nós já verificamos: o que lá consta em nada foi confirmado, e as pesquisas, com fotos e análises científicas, em tudo contrariam a narrativa de Ramatis acerca daquele planeta, o que fez, inclusive, que médiuns de Ramatis viessem a alegar que o planeta descrito é outro, e não Marte, com a intenção de livrar o espírito do vexame, atribuindo o grande erro ao médium Hercílio Maes e um suposto animismo.

Com isso tudo, a tática é a de impressionar, fazendo com que muitos leitores abdicuem do senso crítico em relação ao conteúdo das mensagens ramatisianas, aceitando cegamente tudo que leiam.

Não foi sem razão que o espírito Erasto advertiu, em 1862, em mensagem inserida em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

“Os falsos profetas não existem apenas entre os encarnados, mas também, e muito mais numerosos, entre os Espíritos orgulhosos que, fingindo amor e caridade, semeiam a desunião e retardam o trabalho de emancipação da Humanidade, impingindo-lhe os seus sistemas absurdos, através dos médiuns que os servem. Esses falsos profetas, para melhor fascinar os que desejam enganar, e para dar maior importância às suas teorias, disfarçam-se inescrupulosamente com nomes que os homens só pronunciam com respeito.

São eles que semeiam os germes das discórdias entre os grupos que os levam a isolar-se uns dos outros e a se olharem com prevenções. Bastaria isso para os desmascarar. Porque, assim agindo, eles mesmos oferecem o mais completo desmentido ao que dizem ser. Cegos, portanto, são os homens que se deixam enganar de maneira tão grosseira.

Mas há ainda muitos outros meios de os reconhecer. Os Espíritos da ordem a que eles dizem pertencer, devem ser não somente muito bons, mas também eminentemente racionais. Pois bem: passai os seus sistemas pelo crivo da razão e do bom-senso, e vereis o que restará. Então concordareis comigo em que, sempre que um Espírito indicar, como remédio para os males da Humanidade, ou como meios de realizar a sua transformação, medidas utópicas e impraticáveis, pueris e ridículas, ou quando formula um sistema contraditado pelas mais corriqueiras noções científicas, só pode ser um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, lembrai-vos de que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, sempre o é pelo bom-senso das massas, e isso também constitui um critério. Se dois princípios se contradizem, tereis a medida do valor intrínseco de ambos, observando qual deles encontra mais repercussão e simpatia. Com

efeito, seria ilógico admitir que uma doutrina cujo número de adeptos diminui, seja mais verdadeira que outra, cujo número aumenta. Deus, querendo que a verdade chegue a todos, não a confina num círculo restrito, mas a faz surgirem diferentes lugares, a fim de que, por toda parte, a luz se apresente ao lado das trevas.

Repeli impiedosamente todos esses Espíritos que se manifestam como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que tentam impor-se a pessoas fracas e crédulas, prodigalizando-lhes louvores exagerados, a fim de fasciná-las e dominá-las. São, geralmente,

Espíritos sedentos de poder, que, tendo sido déspotas no lar ou na vida pública, quando vivos, ainda querem vítimas para tiranizar, depois da morte. Em geral, portanto, desconfiai das comunicações que se caracterizam pelo misticismo e a extravagância, ou que prescrevem cerimônias e práticas estranhas. Há sempre, nesses casos, um motivo legítimo de desconfiança.

Lembrai-vos, ainda, de que, quando uma verdade deve ser revelada à Humanidade, ela é comunicada, por assim dizer, instantaneamente, a todos os grupos sérios que possuem médiuns sérios, e não a este ou aquele, com exclusão dos outros. Ninguém é médium perfeito, se estiver obsedado, e há obsessão evidente quando um médium só recebe comunicações de um determinado Espírito, por mais elevado que este pretenda ser. Em consequência, todo médium e todo grupo que se julguem privilegiados, em virtude de comunicações que só eles podem receber, e que, além disso, se sujeitam a práticas supersticiosas, encontram-se indubitavelmente sob uma obsessão bem caracterizada. Sobretudo quando o Espírito dominante se vangloria de um nome que todos, Espíritos e encarnados, devemos honrar e respeitar, não deixando que seja comprometido a todo instante.

É incontestável que, submetendo-se ao cadinho da razão e da lógica toda a observação sobre os Espíritos e todas as suas comunicações, será fácil rejeitar o absurdo e o erro.

Um médium pode ser fascinado e um grupo enganado; mas, o controle severo dos outros grupos, com o auxílio do conhecimento adquirido, e a elevada autoridade moral dos dirigentes de grupos, as comunicações dos principais médiuns, marcadas pelo cunho da lógica e da autenticidade dos Espíritos mais sérios, rapidamente farão desmascarar esses ditados mentirosos e astuciosos, procedentes de uma turba de Espíritos mistificadores ou malfazejos. (Ver em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, na Introdução, o parágrafo II: Controle universal do ensino dos Espíritos. E em “O Livro dos Médiuns”, o cap. XXIII, Da obsessão)

XXV – Ortodoxia e Heterodoxia

Temos recebido muitas congratulações por onde vamos e em função da nossa obra “Ramatis, Sábio ou Pseudo-Sábio?” e, mais recentemente, em relação a este estudo, que amplia e atualiza as informações sobre o mesmo tema.

Por outro lado, temos também recebido críticas por termos, segundo alguns simpatizantes de Ramatis, uma postura “ortodoxa”. No entanto, encaramos isso como um grande elogio, embora não estejamos aqui para colhê-los ou mesmo para envaidecermo-nos de coisa alguma, simples trabalhadores que somos nessa grande seara de divulgação doutrinária.

Fomos colher a palavra de José Herculano Pires sobre a questão “ortodoxia” e “heterodoxia”, e notem como foi feliz o metro que melhor mediu Kardec:

“Muitas Casas Espíritas começaram a deteriorar-se quando se entregaram à orientação de supostos mestres espirituais. Dali por diante, numa sequência natural, encheram-se de doutrinas próprias, chegando algumas a retirar dos seus cursos as obras de Kardec, fundando escolas meio igrejeiras e meio esotéricas, instituindo-se uma ginástica de passes classificados e manobrados em estilo das antigas escolas magnéticas, criando ordens especiais no tipo de congregações marianas, chegando ao cúmulo de declarar em artigos de jornais que a sua linha doutrinária não era ortodoxa, mas heterodoxa. Isso quer dizer que não seguiam a doutrina certa de Kardec, mas uma mistura de doutrinas espiritualistas”. (Curso Dinâmico de Espiritismo – Herculano Pires – Edições Herculano Pires – 1ª edição – pág. 139)

“Pode alguém transigir com o erro sem dele participar? Fomos acusado de ortodoxo. Mas ortodoxia quer dizer “doutrina certa” e a heterodoxia, largamente pregada em nosso meio em nome de uma falsa tolerância, quer dizer “mistura de doutrinas, confusão de princípios, colcha de retalhos”. Não nos julgamos puros nem santos e muito menos sábios. Todos nós, que nos reunimos para repelir a adulteração, só tivemos em vista a pureza, a santidade e a sabedoria da doutrina que professamos. Somos apenas fiéis, conscientes de nossas responsabilidades doutrinárias e contrários a todas as formas de aviltamento do Espiritismo”. (“Na Hora do Testemunho” – Herculano Pires – Paidéia – 1ª edição – pág. 20)

XXVI – À Feição de Seita Apocalíptica

Todos nós conhecemos ou pelo menos já ouvimos falar de alguma seita ou religião que prega ou pregou o fim do mundo, cujos desfechos, para muitos seguidores, foram os piores possíveis.

Geralmente, esses grupos se utilizam do livro “Apocalipse”, de João, o evangelista, constante da Bíblia, para divulgarem suas ideias de destruição do planeta e justificarem suas missões de “salvação”.

No passado, na entrada do ano 1000, muitos crentes nessas profecias abandonaram propriedades e terrenos, de olho na última hecatombe. Como nada aconteceu, tiveram que recomeçar a vida do nada, depois de doar até a roupa do corpo a congregações religiosas.

Como advento do aquecimento global, tem ganhado força o discurso daqueles que acreditam em catástrofes que seguramente, da forma com que são descritas, varreriam a raça humana do planeta.

Embora a visão espírita seja diametralmente contrária a tudo isso, volta-e-meia surgem indivíduos ou grupos que se infiltram no Movimento Espírita divulgando tais ideias de “fins dos tempos”. O maior incentivador das mesmas em nosso meio: o espírito Ramatis.

Tudo começou, como já vimos aqui neste espaço, com a publicação do livro “Mensagens do Astral”, ditado por Ramatis e psicografado por Hercílio Maes, em Curitiba-PR, e que chegou a ter o título “Conexão de Profecias”, modificado logo após as

primeiras edições. Segundo essa obra, um planeta, chamado de “astro intruso” e apelidado de “planeta chupão”, também conhecido como “planeta X”, “Hercólobus”, “Absinto”, Planeta Higienizador”, etc., aproximar-se-ia da Terra de tal forma que o eixo terrestre sofreria uma abrupta elevação, que teria iniciado por volta de 1950 e alcançaria seu ápice até o ano de 1999. Esse astro intruso teria uma órbita excêntrica em torno do Sol, com um ciclo de 6.666 anos, sendo que sua primeira função seria atrair e sugar os espíritos inferiores responsáveis pela violência, pelas injustiças e imoralidades presentes na Terra. Tal advento ceifaria a vida de dois terços da população mundial, que seria sugada pelo tal astro...

Tal “revelação” alcançou o movimento espírita de maneira bombástica, principalmente entre aqueles não muito afeiçoados ao estudo da Codificação. Durante anos, ouviu-se falar nesse “grande” advento, transmitido como se fosse o autêntico posicionamento espírita sobre a questão.

O tempo se passou e a Verdade prevaleceu: as profecias retumbantes e catastrofistas de Ramatis esboroaram-se.

Livros, como o “2000, Nosso Último Ano no Planeta Terra”, foram escritos inspirados no pensamento ramatisiano, aturdindo as mentes mais sensíveis e ingênuas e jogando o Espiritismo na vala comum das seitas catastrofistas e sem conteúdo, do presente e do passado. Interessante notar que, ainda hoje, mesmo não tendo se cumprido a previsão de Ramatis, há grupos que insistem em defender essa ideia, entre eles o GER – Grupo de Estudos Ramatis, que alega ainda ter contatos com extraterrestres “em nível mental e físico”. Tudo, claro, atrás de uma fachada repleta de cientificismo vulgar, que prega o amor universal e, pasmem, o Espiritismo. Um belo exemplo de como essas mensagens colaboram para o desvirtuamento da mensagem espírita e subrepticamente conduzem a estados mentais confusos e alienantes,

extremamente danosos à saúde espiritual e mental de muitas pessoas.

Infelizmente, são poucos os que conhecem a Codificação Espírita. Caso a mesma fosse devidamente estudada, crendices como essas que aqui mencionamos não teriam vez em nossas fileiras, haja vista que os Espíritos Superiores foram bem claros na resposta à pergunta do Codificador a esse respeito e nos comentários que se seguem, que aqui transcrevemos:

P. Confirma o que foi dito, isto é, que não haverá cataclismos?

R. “Sem dúvida, não tendes que temer nem um dilúvio, nem o abrasamento do vosso planeta, nem outros fatos desse gênero, porquanto não se pode denominar cataclismos a perturbações locais que se têm produzido em todas as épocas. Apenas haverá um cataclismo de natureza moral, de que os homens serão os instrumentos”. (em 12 de maio de 1856)

“Tudo segue a ordem natural das coisas e as leis imutáveis de Deus não serão subvertidas. Não vereis milagres, nem prodígios, nem fatos sobrenaturais, no sentido vulgarmente dado a essas palavras.

Não olheis para o céu em busca dos sinais precursores, porquanto nenhum vereis, e os que vo-los anunciarem **estarão a enganar-vos.** Olhai em torno de vós, entre os homens: aí é que os descobrireis. (...)

Não acrediteis, porém, no fim do mundo material. A Terra tem progredido, desde a sua transformação; tem ainda que progredir e não que ser destruída. A Humanidade, entretanto, chegou a um dos períodos de sua transformação e o mundo terreno vai elevar-se na hierarquia dos mundos.

O que se prepara não é, pois, o fim do mundo material, mas o fim do mundo moral. É o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do orgulho, do egoísmo e do fanatismo que se esboroa. Cada dia leva consigo alguns destroços. Tudo dele acabará com a geração que se vai e a geração nova erguerá o novo edifício, que as gerações seguintes consolidarão e completarão”.

XXVII – “Férias” em Phobos e Deimos?

O querido leitor deve ter, logo de cara, estranhado o título do artigo, mas logo explicaremos do que se trata.

Antes de qualquer coisa, se faz necessário esclarecer que o Espiritismo aceita como plenamente possível a existência devida em outros planetas. Não seria racional acreditar que Deus teria criado o Universo infinito para só aqui abrigar vida inteligente, neste diminuto e insignificante planeta chamado Terra. Hoje, a Ciência admite plenamente essa realidade, sendo que recentemente novos cálculos feitos por Duncan Forgan, um astrofísico da Universidade de Edimburgo, na Escócia, apontam para a existência de civilização em até quase 40 mil planetas só nas cercanias de nossa galáxia.

No entanto, nem a posição espírita, nem a posição da Ciência oficial, podem servir de justificativa ou mesmo prova para que se dê credibilidade total a qualquer relato dos espíritos neste sentido, ainda mais quando vêm acompanhados de detalhes e narrações bizarras que, nas mais das vezes, encontram-se repletas de erros e inexactidões.

Em “O Livro dos Espíritos”, os espíritos superiores de antemão alertam que os espíritos não nos vêm poupar dos trabalhos que nos competem, isto é, não revelam aquilo que cabe a nós, encarnados, através do esforço, descobriremos por conta própria.

A Ciência Espírita, seguindo esse mesmo princípio, tem por objetivo o espírito, suas manifestações na Terra e suas relações com os homens. O Espiritismo estuda e pesquisa o mundo espiritual e não mundo materiais.

Segundo o astrônomo espírita Dulcídio Dibo, muitas comunicações sobre a vida em outros planetas contrariam os princípios metodológicos do Espiritismo, além de estarem opostas aos resultados das pesquisas astronômicas e científicas em geral. E deduziu o seguinte:

“1 – Não são todas as comunicações dos espíritos (mesmo os conhecidos como astrônomos) que devem ser consideradas válidas;

2 – A pluralidade dos mundos habitados é corolário do princípio da reencarnação e vice-versa: é neste sentido que as informações dos espíritos interessam ao Espiritismo;

3 – O problema científico do esclarecimento da vida material em outros planetas não compete à Doutrina Filosófica Espírita, mas, sim, à Astronomia e, mais recentemente, à Astronáutica. Da mesma maneira, o problema da vida espiritual em outros planetas ou astros compete à Doutrina Filosófica Espírita;

4 – A pesquisa das condições dos ambientes ecológicos dos planetas e de seus possíveis habitantes pertence aos homens e não aos espíritos;

5 – Os espíritos podem e estão transmitindo as informações que quiserem; contudo, o Espiritismo deve aguardar as confirmações, ou não, da habitabilidade dos planetas pelas pesquisas científicas dos homens.”

Voltando ao título deste artigo, encontramos no livro de Ramatis “A Vida no Planeta Marte e os Discos...”, no capítulo XXVII, intitulado “Viagens Interplanetárias”, a afirmação por parte do citado espírito de que os marcianos costumam realizar viagens aos satélites naturais daquele planeta através de uma linha de voo regular aos fins-de-semana. O “interessante” é que Ramatis cita a

grandeza da civilização marciana, com suas enormes metrópoles e indústrias, o que só fariam sentido em existir em um planeta densamente povoado. No entanto, estudando sobre os satélites marcianos, verificamos que os mesmos são diminutos em tamanho: Phobos tem um diâmetro aproximado de 22 km e Deimos não ultrapassa 11,5 km. Assim sendo, uma quantidade extremamente pequena de marcianos poderia recebê-los sem acarretar um grande problema de falta de espaço. Além disso, Deimos e Phobos estão longe de ostentar uma forma esférica. Ao contrário, mostram grande discrepância entre seus respectivos eixos maiores e menores. O resultado disso é o estranho aspecto que apresentam e que faz lembrar duas gigantescas batatas deformadas. São também os corpos mais escuros do sistema solar, pois não refletem mais que 5% da luz solar. Baseado no próprio relato de Ramatis, os marcianos ingerem água. Pelo jeito, teriam de levar uma grande quantidade do líquido até os dois satélites, porque sequer há traços de enrugamento em suas superfícies, demonstrando, assim, jamais ter existido água por lá.

Verificamos, portanto, mais uma vez, que o espírito Ramatis, para passar uma ideia de superioridade espiritual, aventurou-se a falar daquilo que não sabia, não contando que, anos mais tarde, o homem teria condições de enviar sondas não-tripuladas e fotografar Marte e seus satélites, além de contar também com o avanço dos instrumentos óticos para observação.

Em resumo: os Espíritos não se manifestam para libertar o homem do estudo e das pesquisas, nem para lhe transmitirem, inteiramente pronta, nenhuma ciência. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, os espíritos o deixam entregue às suas próprias forças. Isso sabem-no hoje perfeitamente os espíritas sérios e lúcidos. A experiência há demonstrado ser errôneo atribuir-se aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria e supor-se que baste a quem quer que seja dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas.

Já a insistência do argumento ramatisista de que os “marcianos” possam estar em outra “faixa vibratória” e que não podem ser detectados, além de ir contra o texto do próprio Ramatis, é uma forma de tornar a tese jamais passível de verificação, e, portanto, fazê-la não-científica.

Recentemente, Ramatis teria previsto a aparição de extraterrenos:

“Os irmãos extras preparam-se para, muito em breve, manter contato direto conosco, no início através de sinais nos céus e por fim pousarem no campo e depois nas cidades, à vista de todos. Então, as pessoas devem estar preparadas para recebê-los com tranquilidade e confiança, na certeza de que estão aqui para socorrer-nos, evitando-se afobações, correrias e tropéis que só servem para aumentar o sofrimento e o desperdício de almas. Após os primeiros contatos haverá informações sobre como as pessoas devem proceder com relação ao recebimento de ajuda”.
(mensagem recebida pelo Grupo de Estudos Ramatis)

Nem esperemos para ver, porque certamente nada disso acontecerá, a não ser, talvez, no próximo filme do Steven Spielberg...

XXVIII – Ramatis e os Intraterrenos

Confesso, amigos leitores, que a cada dia fico mais impressionado com a fértil imaginação de encarnados e desencarnados. Os primeiros, por acreditarem nos maiores absurdos supostamente vindos do mundo espiritual e de espíritos superiores, e os segundos pela capacidade de veicularem um sem número de ideias fantasiosas com o intuito de enganar e iludir os incautos, expondo-os ao ridículo.

Deparamo-nos, faz algum tempo, com a tese da existência de seres chamados de “intraterrenos”, que viveriam no “interior oco da Terra”, sendo superiores a nós, tanto moral como intelectualmente. Segundo os crentes na existência dos mesmos, esses seres, humanos como nós, muitos deles tidos como mortos e desaparecidos aqui na “superfície”, habitam enormes cidades subterrâneas cortadas por túneis e corredores, e também por ruas e avenidas. São cercados de tipos “diferentes” de animais e plantas, e têm como “missão” auxiliar os que vivem na superfície... Segundo ainda os relatos de ramatisistas, os intraterrestres alimentam-se essencialmente de frutos e leguminosas, sendo suas necessidades metabólicas menos elaboradas.

Tudo seria muito bonito e agradável ao “paladar” dos místicos em geral, se não fosse algo que afronta os mais elementares rudimentos da física, geologia, biologia e química.

Como podemos ver em qualquer ilustração das camadas geológicas da Terra, não existe interior oco algum, e, mesmo se existisse, a vida humana ou de qualquer ser vivo seria impossível, devido às altíssimas temperaturas e à ausência de oxigênio. Aliás, o magma que é expelido do interior dos vulcões é o atestado mais

visível de que não há a menor possibilidade de existirem essas tais cidades.

O espírito Ramatis, assim como muitos dos seus seguidores, parece aceitar essa fantasiosa hipótese. O Grupo de Estudos Ramatis (GER) e o “universalista” Laércio Fonseca são os principais defensores da existência de intraterrenos. Na internet, circula um documento da citada instituição em que certos detalhes sobre a dita civilização são fornecidos, tendo como base comunicações dadas pelo espírito Ramatis.

A geologia nos ensina que podemos dividir as camadas da Terra em três, mais precisamente chamadas de geosferas: a crosta, o manto e o núcleo.

A crosta é a camada mais externa do planeta e é a parte superior da litosfera, comum a espessura variável de 5 a 70 km. É constituída principalmente por basalto e granito e fisicamente é menos rígida e mais fria do que o manto e o núcleo da Terra.

O manto fica diretamente abaixo da crosta, prolongando-se em profundidade até ao limite exterior do núcleo. O manto terrestre estende-se desde cerca de 30 km de profundidade (podendo ser bastante menos nas zonas oceânicas) até aos 2.900 km abaixo da superfície (transição para o núcleo).

Já o núcleo, tido pelos ramatisistas como sendo oco, divide-se em:

- núcleo externo, que é a camada que se situa entre o núcleo interno (sólido) e o manto terrestre. Ele é formado por ferro e o material está em estado líquido. Essa descoberta se deve em grande parte ao estudo das ondas sísmicas e da sismologia. É essa região que forma o campo magnético da Terra. O campo é causado devido à movimentação do fluido condutor de eletricidade, em um fenômeno parecido com o movimento das bobinas em um gerador elétrico. Atualmente, cientistas acreditam

que o núcleo externo está ligado à inversão da polaridade magnética do planeta, ocorrida no passado.

- núcleo interno, que é a parte mais interna da Terra, estendendo-se por três mil e quinhentos quilômetros, do centro do planeta para o exterior. A ciência atesta que ele é metálico, formado principalmente por ferro, com um pouco de níquel e outros materiais misturados. A temperatura do núcleo da terra é muito alta, cerca de 6 mil graus Celsius. Na parte mais externa, o material que forma o núcleo interno é sólido, enquanto o material do núcleo externo se encontra na forma líquida.

Grande parte do conhecimento de que dispomos sobre o núcleo provém de evidências geofísicas, de geomagnetismo e sismologia.

Infelizmente, portanto, vemos pessoas indo em direção ao tortuoso caminho da alienação místico-religiosa, deixando de lado a sensatez e a lógica para aventurarem-se em crenças sem a menor base racional. Equivocam-se aqueles que acreditam que basta um espírito usar palavras bonitas, como amor, caridade, evolução, que, pronto! – podemos confiar cegamente no que ele diz. Isso é um grande erro, porque esta é a chave que espíritos mistificadores e pseudossábios se utilizam para fazerem-se acreditar. Podemos também notar nas mensagens dessas entidades o elogio disfarçado aos médiuns e aos membros dos grupos, através de ditados que exaltam a importância da “missão” dos mesmos, ao mesmo tempo em que procuram fazê-los surdos às advertências externas em relação à veracidade das informações.

XXIX – Onde está o Planeta Chupão de Ramatis?

Como já pudemos expor anteriormente, Ramatis, através de inúmeras obras psicografadas por diferentes médiuns, afirmou que o eixo da Terra se verticalizaria até o ano 2000 em função da aproximação de um planeta. Tal previsão evidentemente não se cumpriu, porém uma pergunta não quer calar: onde estaria esse planeta? Estamos no ano 2011 e nenhum sinal do mesmo.

Estudando o pensamento dos espíritos orgulhosos e que ostentam um falso saber, verificamos que estes, sabendo que a grande maioria das pessoas jamais olhou através de um telescópio e não possuem a mínima noção de como é o nosso sistema solar, exploram tal situação para imporem ideias fantasiosas e sem qualquer conteúdo. No caso do espírito Ramatis, assim como de seus seguidores, jamais foi apresentada uma foto sequer ou mesmo qualquer prova científica da existência do referido planeta. Se o planeta fosse do tamanho de Júpiter, o maior planeta de nosso sistema, ou mesmo se fosse tão pequeno quanto o planeta Plutão, seria visto facilmente pelo telescópio espacial Hubble e até mesmo por telescópios terrestres.

A foto, no entanto, jamais apareceu. Não existe prova alguma de sua existência e, além disso, confesso que realmente apreciaria dar uma olhada nos cálculos que mostram com exatidão a aproximação do referido astro com a Terra.

Infelizmente, contudo, ao invés de adotarem a postura de crer com base em fatos positivos, preferem muitos a postura de crer primeiro para então esperar pelas provas, o que é uma escolha que, definitivamente, não diferencia muitos “espiritualistas” dos

mais empedernidos dogmáticos religiosos do passado e do presente.

Agora unidos à outra seita new age, liderada pelos simpatizantes de uma entidade espiritual apelidada de “Comandante Estelar Ashtar Sheran”, muito parecida com personagens de ficção científica ou de algum desenho animado, os seguidores de Ramatis apostam no ano 2012 como sendo o ano em que o tal planeta fará seus estragos. Muitos chegam a apostar que seria a oportunidade de seres extraterrenos virem à Terra e apresentarem-se como uma espécie de “salvadores”, incluindo o tal Comandante Sheran”...

De qualquer forma, prefiro “Jornada nas Estrelas”.

Já a posição espírita encontra-se consagrada nas palavras do Espírito da Verdade em diálogo com Allan Kardec ocorrido em 12 de maio de 1856 (“Obras Póstumas” - Segunda Parte):

“Sem dúvida, não tendes que temer nem um dilúvio, nem o abrasamento do vosso planeta, nem outros fatos desse gênero, porquanto não se pode denominar cataclismos a perturbações locais que se têm produzido em todas as épocas. Apenas haverá um cataclismo de natureza moral, de que os homens serão os instrumentos”.

XXX – Espiritismo, Astrologia e Ramatis

Antes do surgimento dos livros do espírito Ramatis, através do médium Hercílio Maes, poucos eram aqueles que se aventuravam em traçar algum paralelo entre Espiritismo e Astrologia. Não por acaso. Na Codificação Espírita, mais especialmente em “O Livro dos Espíritos” e “A Gênese”, os Espíritos Superiores deixaram bem claro que os astros em nada influenciam nossa personalidade ou comportamento, que decorrem sempre do livre-arbítrio e do grau evolutivo alcançado por cada um.

Mas como a “tarefa” dos espíritos pseudossábios em nosso meio é o de provocar a confusão e a cizânia nas fileiras doutrinárias, logo estaria certo número de desavisados tomados pela dúvida: o Espiritismo tem algo a ver com a Astrologia e vice-versa?

A resposta para tal questionamento não é difícil de encontrar. Vejamos.

O confrade Richard Simonetti foi recentemente indagado sobre a questão e de maneira muito sucinta e apropriada respondeu:

01– Os astros governam nossa vida?

Resposta: Apenas no imaginário popular, sempre propenso a aceitar fantasias sobre os mistérios do destino humano. Há pessoas especializadas em ler o nosso futuro na borra do café. Ninguém perde dinheiro apostando na ingenuidade humana.

02– Mas a Astrologia é milenarmente cultivada, situada como uma complexa ciência...

R. Para os sonhadores... Astronomia, esta sim, uma ciência, demonstra que os movimentos dos astros não guardam a mínima relação com o destino das pessoas.

03– O fato de nascermos sob determinado signo, uma conjunção de astros no céu, no dia de nosso nascimento, não influi, de certa forma, em nossa personalidade, em nossa maneira de ser?

R. Nossa personalidade é fruto de experiências pretéritas, em vidas anteriores. Admitir que o indivíduo possa ser manso ou um troglodita, ter ouvido afinado ou não saber distinguir um fã de um dó, ter vocação para o estudo ou odiar livros, por influência astrológica é algo tão extravagante quanto a doutrina das graças, segundo a qual Deus teria seus escolhidos para a salvação. E a justiça, onde fica?

04– Como explicar o fato de que os horóscopos definem o perfil psicológico da pessoa, de conformidade com seu signo?

R. O perfil psicológico no horóscopo é feito de generalidades. As pessoas sempre se encaixam em algumas características apresentadas. Se consultarmos os doze signos do zodíaco verificaremos que em todos há algo de nossa personalidade.

05– E quanto ao dia-a-dia? Há pessoas que leem diariamente seu horóscopo com boa margem de acertos.

R. Também é feito de generalidades. Algo como dar tiros no escuro. Alguns atingirão o alvo. Considere, ainda, que sob influência do horóscopo as pessoas criam condicionamentos. Digamos que eu leia que o dia não me será favorável; terei dissabores e contrariedades. Admitindo essa ideia assumirei uma postura negativa que me levará a ver dissabores e contrariedades nas rotinas diárias e até contribuir para que aconteçam.

06– E poderia ser o contrário?

R. Exatamente. Se eu me convenço, porque li no horóscopo, de que meu dia será maravilhoso, assim tenderá, porquanto estarei estimulado a cultivar o bom humor, convicto de que tudo correrá bem.

07– Seria tudo condicionado ao poder de nossa mente?

R. Isso é elementar. Por isso a recomendação basilar do oráculo de delfos, não é: ‘homem, conhece a astrologia’. Recomenda ‘homem, conhece-te a ti mesmo’. Na medida em que nos aprofundarmos nesse imenso universo que é a nossa alma, decifraremos com muito mais propriedade o nosso destino.

08– E a opinião do Espiritismo?

R. No livro A Gênese, capítulo 7, Allan Kardec destaca a impropriedade da Astrologia, abordando fatos científicos. A pá de cal sobre o assunto está na questão 867, de O Livro dos Espíritos. Pergunta o codificador: ‘Donde vem a expressão: Nascer sob uma boa estrela?’ Respondem os espíritos mentores, incisivamente:

‘Antiga superstição, que prendia às estrelas os destinos dos homens. Alegoria que algumas pessoas fazem a tolice de tomar ao pé da letra’.

Procurarei ser tão sucinto e objetivo quanto o confrade Simonetti. Diria, com base no Espiritismo e na Ciência Oficial, que a astrologia não é uma ciência e que, assim como a astronomia, ela floresceu na Antiguidade, muito antes da formulação da teoria gravitacional e da teoria eletromagnética e do conhecimento de que todos os astros são compostos da mesma matéria existente aqui na Terra. Não existe matéria “celeste”, como acreditava Aristóteles (384-322 a.C.). Mas ao contrário da Astronomia, ela não incorpora as teorias científicas e assume que a Terra está no centro do Universo, rodeada pelo Zodíaco, e a definição dos

signos ignora a precessão do eixo de rotação da Terra, ou “dos equinócios”, movimento muito bem lembrado por Kardec em “A Gênese”.

Do ponto-de-vista moral, acreditar que nossa personalidade é moldada e nosso destino traçado conforme a posição dos astros no momento do nosso nascimento é retirar do homem o livre-arbítrio e reduzi-lo à máquina.

Se essa crença supersticiosa fosse levada a sério por todos, logo muitos criminosos justificariam suas más ações usando o argumento de que são maus porque os astros assim o quiseram. Uma maldição, causada por uma desagradável coincidência: a de nascer sob influências negativas, causadas por conjunções astrais desfavoráveis.

Ramatis, contrariamente à Ciência Oficial e ao Espiritismo, tenta “ensinar” diferente: chega a afirmar que Jesus teve que esperar uma conjunção astrológica favorável sob o signo de Peixes para vir à Terra. Para tal, teria esperado 1.000 anos... Necessito dizer (ou escrever) mais alguma coisa, prezado leitor?

XXXI– O Espiritismo e a questão vegetariana

A questão da alimentação sempre foi motivo de discussão. A abstenção desse ou daquele alimento sempre foi discutida e recomendada, e teve variadas finalidades de acordo com o povo, a época, a cultura e a região.

Conhecedor de tal realidade, Kardec perguntou aos Espíritos:

“A abstenção de certos alimentos, prescrita entre diversos povos, funda-se na razão?”

Resposta: “Tudo aquilo de que o homem se possa alimentar, sem prejuízo para a sua saúde, é permitido. Mas os legisladores puderam interditar alguns alimentos com uma finalidade útil. E para dar maior crédito às suas leis apresentaram-nas como provindas de Deus”. (O Livro dos Espíritos, questão nº 721)

Hoje, no meio espírita, tem crescido a ideia da carne como sendo um alimento impuro, que poderia interferir inclusive no potencial mediúnico dos médiuns e até no destino espiritual das criaturas. Um dos responsáveis por tais ideias: o polêmico espírito Ramatis.

O livro “Fisiologia da Alma”, psicografado pelo espiritualista e vegetariano radical Hercílio Maes, aborda o vegetarianismo muito mais em consonância ao pensamento hinduísta, radicalizando a questão e abordando-o sob um suposto prisma “espiritual”. Daí, foi um pulo para que certos –espíritos”, na verdade simpatizantes de Ramatis, passassem a dizer que não se podia ser verdadeiro espírita aquele que consumisse carne. O radicalismo de Ramatis no citado livro é tanto que, recentemente, um dos seus médiuns chegou a escrever em seu *site* na internet:

“Não acredito em vegetarianismo radical e não sou vegetariano”, comentando sobre algumas ideias polêmicas contidas nos livros de seu antecessor, o paranaense Hercílio Maes.

A postura de gigantes no entendimento doutrinário em relação ao modismo vegetariano foi firme. A difusão no movimento espírita da noção de que comer carne vermelha é proibido aos médiuns foi tida por Herculano Pires como típica do “misticismo igrejeiro”, ou resultante da contaminação por ideias do orientalismo mágico, constituindo-se, assim, em um flagrante engano, do ponto de vista científico-doutrinário.

Observemos que o tema não escapou a Kardec e aos Espíritos Superiores: “A alimentação animal, para o homem, é contrária à lei natural?”

R.: “Na vossa constituição física, a carne nutre a carne, pois do contrário o homem perece. A lei de conservação impõe ao homem o dever de conservar as suas energias e a sua saúde para poder cumprir a lei do trabalho. Ele deve alimentar-se, portanto, segundo o exige a sua organização”. (Em “O Livro dos Espíritos”, questão 722)

“A abstenção de alimentos animais ou outros, como expiação é meritória?”

R.: “Sim, se o homem se priva em favor dos outros, pois Deus não pode ver mortificação quando não há privação séria e útil. Eis porque dizemos que os que só se privam em aparência são hipócritas”. (Ver item 720.) (O Livro dos Espíritos, questão nº 724)

“As privações voluntárias, com vistas a uma expiação igualmente voluntária, têm algum mérito aos olhos de Deus?”

R.: “Fazei o bem aos outros e tereis maior mérito”. (idem, questão n. 720)

Referindo-se justamente às crenças hinduístas, em que até mesmo animais perigosos à saúde humana, como baratas e ratos, não podem ser mortos, Kardec indagou:

“Os povos que levam ao excesso o escrúpulo no tocante à destruição dos animais têm mérito especial?”

R.: “É um excesso, num sentimento que em si mesmo é louvável, mas que se torna abusivo e cujo mérito acaba neutralizado por abusos de toda espécie. Eles têm mais temor supersticioso do que verdadeira bondade”. (O Livro dos Espíritos, questão nº 736)

Vejamos ainda o que consta de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

“... Amai, pois, a vossa alma, mas cuidai também do corpo, instrumento da alma; desconhecer as necessidades que lhe são peculiares por força da própria natureza, é desconhecer as leis de Deus. Não o castigueis pelas faltas que o vosso livre arbítrio o fez cometer, e pelas quais ele é tão responsável como o cavalo mal dirigido o é, pelos acidentes que causa. Sereis por acaso mais perfeitos, se, martirizando o corpo, não vos tornardes menos egoístas, menos orgulhosos e mais caridosos? Não, a perfeição não está nisso, mas inteiramente nas reformas que submeterdes o vosso Espírito. Dobrai-o, subjugai-o, humilhai-o, mortificai-o: é esse o meio de o tornar mais dócil à vontade de Deus, e o único que conduz à perfeição” .

Tal ensino está em perfeita conformidade com o do Cristo, exarado nas seguintes passagens:

“E chamando a si as turbas, lhes disse: ‘Ouvi e entendei. Não é o que entra pela boca o que faz imundo o homem, mas o que sai da boca, isso é o que faz imundo o homem’.” (Mateus, XV:11).

“E respondendo Pedro, lhe disse: ‘Explica-nos essa parábola’. E respondeu Jesus: ‘Também vós outros estais ainda sem inteligência? Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce ao ventre, e se lança depois num lugar escuso? Mas as coisas que saem da boca vêm do coração, e estas são as que fazem o homem imundo; porque do coração é que saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicções, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias. Estas coisas são as que fazem imundo o homem. O comer, porém, com as mãos por lavar, isso não faz imundo o homem’.” (Mateus, XV: 16-20).

O comentário ao ensinamento de Jesus, contido n'“O Evangelho Segundo o Espiritismo, é incisivo:

“...Como era mais fácil observar a prática dos atos exteriores, do que se reformar moralmente, de lavar as mãos do que limpar o coração, os homens se iludiam a si mesmos, acreditando-se quites com a justiça de Deus, porque se habituavam a essas práticas e continuavam como eram, sem se modificarem”.

O respeitado médium José Raul Teixeira, certa feita, comentou a respeito, no que tange à relação entre consumo de carne e prática mediúnica:

Pergunta: “A alimentação vegetariana será mais aconselhável para os médiuns em geral?”

Raul Teixeira: “A questão da dieta alimentar é fundamentalmente de foro íntimo ou acatará à alguma necessidade de saúde, devidamente prescrita. Afora isto, para o médium verdadeiro não há a chamada alimentação ideal, embora recomende o bom senso que se utilize uma alimentação que lhe não sobrecarregue o

organismo, principalmente nos dias de reunião mediúnica, a fim de que não seja perturbado por qualquer processo de conturbada digestão que, com certeza, lhe traria diversos inconvenientes. A alimentação não define, por si só, o potencial mediúnico dos médiuns que deverão dar muito maior validade à sua vida moral do que à comida obviamente. Algumas pessoas recomendam que não se comam carnes, nos dias de tarefa mediúnica, enquanto outras recomendam que não se deve tomar café ou chocolate, alegando problemas das toxinas, da cafeína, etc., esquecendo-se que deveremos manter uma alimentação mais frugal, a partir do período em que já não tenha tempo o organismo para uma digestão eficiente. É mais compreensível, e me parece mais lógico, que a pessoa coma no almoço o seu bife, se for o caso, ou tome seu cafezinho pela manhã, do que passar todo o dia atormentada pela vontade desses alimentos, sem conseguir retirar da cabeça o seu uso, deixando de concentrar-se na tarefa, em razão da ansiedade para chegar em casa, após a reunião, e comer ou beber aquilo de que tem vontade. Por outro lado, a resposta dos espíritos à questão 723 de O Livro dos Espíritos é bastante nítida a esse respeito, deixando o espírita bem à vontade para a necessária compreensão, até porque a alimentação vegetariana não indica nada sobre o caráter do vegetariano. Lembremo-nos que o ‘médium’ Hitler era vegetariano e que o médium Francisco Cândido Xavier se alimenta com carne”. (em “Diretrizes de Segurança”)

Para os hinduístas, assim como para Ramatis, espírito que ainda traz impregnado certos atavios religiosos e culturais, dos quais não conseguiu despir-se, o ato de fazer abstinências, mortificações ou de cumprir rituais é mais fácil do que perdoar, vencer o orgulho, o ódio e o egoísmo. Muito fácil realmente, para os hipócritas, apegarem-se a fórmulas simplistas e ideias de ordenanças sagradas, pois lhes dão uma ilusória sensação de pureza.

Preocupado com o radicalismo da argumentação ramatisiana, o médium Wagner Borges, que afirma psicografar o citado espírito oriental, arrumou a seguinte justificativa, contida em seu livro “Viagem Espiritual”:

“O conteúdo das ideias expostas no livro ‘Fisiologia da Alma’ é de sua autoria, mas o radicalismo das opiniões é de Hercílio Maes, que era fanático por vegetarianismo (...)”

De qualquer forma, falta ao movimento ramatisista reconhecer tal interferência anímica e providenciar uma completa correção nos livros de Ramatis, não é mesmo?

Herculano Pires também comentou acerca da alimentação carnívora x vegetariana:

“Muitos espíritas se surpreendem ao saber que o Livro dos Espíritos não condena a alimentação carnívora e se deslumbram com livros onde ela é condenada. O exemplo da Índia seria suficiente para mostrar-lhes a razão da posição doutrinária. A subnutrição das populações indianas decorre em grande parte da zoolatria, da adoração de animais sagrados. O Espiritismo evita sacrificar o homem ao animal e ao mesmo tempo desviar os que o aceitam de um plano escorregadio de superstições. Nada é mais contrário ao racionalismo da doutrina e mais prejudicial à exata compreensão dos seus princípios do que o sentimentalismo extremado. O sacrifício brutal e brutalizante de animais em nosso mundo é realmente repulsivo. Mas estamos num mundo inferior em que as suas próprias condições naturais levam a isso”. (“Mediunidade” – Herculano Pires – Edicel – 4ª edição – pág. 100)

Assim sendo, para finalizarmos, pensamos que cada um tem o direito de seguir a dieta que bem entender, sem a pretensão de impor suas preferências às outras pessoas, sob qualquer pretexto. Todos somos do ponto-de-vista que os excessos são prejudiciais, e

não é isso que está em questão. Alimentar-se com parcimônia é saudável e constitui-se em prática ideal para todo aquele que deseja ter saúde.

XXXII – Movimento Espírita: “Alvo das investidas das sombras organizadas”

O espírito Camilo, através da psicografia de José Raul Teixeira, fez um alerta muitíssimo pertinente intitulado “Uma Reflexão sobre o Movimento Espírita”, constante da obra “Desafios da Educação” (Editora Fráter). Como o prezado e atento leitor poderá notar, a citada entidade espiritual analisa detalhadamente a quantas anda o Movimento Espírita em vista da falta de estudo e conhecimento do Espiritismo, resultando na tentativa de enxertias e desvios de todo tipo, incentivadas pela espiritualidade inferior, interessada em promover o sincretismo e a confusão em nossas fileiras.

Leiamos com atenção e vejamos a estreita conexão com aquilo que analisamos aqui. Inicialmente, a nobre entidade fala sobre a excelência da mensagem espírita e da grandiosa figura do Codificador Allan Kardec e sua preocupação com a **UNIDADE doutrinária**.

“A excelente Mensagem Espírita chega ao mundo como refrescante e iluminada aurora, anunciando um dia novo de bênçãos para o planeta, atendendo as imensas carências da alma terrestre, que vivia a braços com as trevas ocasionadas pelo absolutismo materialista, que tem seus fundamentos balançados, em razão das Vozes altíssimas e claras que rasgaram o silêncio dos túmulos, para invadir os ouvidos da Humanidade inteira.

Como chuva bondosa, a Doutrina Espírita penetra o solo ressequido das almas, onde, a partir de então, as sementes nobres dos ensinamentos do Mundo Superior teriam toda a chance de germinar e medrar, estabelecendo ventura e progresso.

Eram novos tempos para a cultura e para a fé, que, agora, irisadas por luzes espirituais que se mostravam diante de todos, formulando convite ao espírito humano para um pensamento mais alto.

No centro das ocorrências, destaca-se a figura augusta do professor Rivail, universalmente conhecido como Allan Kardec, e na sua visão de espírito de escol, sabia e afirmava que seria ponto de honra para o desenvolvimento da Mensagem na Terra a manutenção da unidade. Seria indispensável que em toda parte, onde surgisse um núcleo de estudos do Espiritismo, se pudesse falar a mesma linguagem, sem que houvesse riscos de ser ele desfigurado, sem riscos de que viesse a sofrer enxertias, o que seria descabida ocorrência no bojo de uma doutrina de tamanha lucidez. A preocupação do Codificador, porém, dizia que tais dificuldades eram passíveis de ocorrer”.

Prosseguindo, o espírito Camilo comenta sobre o crescimento do Movimento Espírita e faz um alerta:

“O tempo passa, as atividades em torno da Doutrina Espírita são desenvolvidas com rapidez. Da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em 1858, aos dias atuais, podem-se contar por milhares as instituições levantadas no mundo em nome da Veneranda Doutrina. Do pequeno grupo de almas dispostas, que ladearam o Codificador, suportando toda agrestia e fereza dos primeiros preconceitos até hoje, quando se torna status importante dizer-se espírita, há quase um século e meio de modificações na mentalidade geral.

À semelhança do que ocorreu com a primitiva comunidade dos Apóstolos de Jesus, que foi perdendo em qualidade à medida que se foi expandindo, se popularizando e ganhando notoriedade através do prestígio político de Roma, as atividades ao redor do Espiritismo – o Movimento Espírita – foi tomando contornos

preocupantes em todo lugar, na proporção do seu agigantamento acompanhado pelo desconhecimento declarado dos seus fundamentos”.

Como pudemos perceber, Camilo aponta o desconhecimento decorrente da falta de estudo do Espiritismo como razão principal para a perda de qualidade que se nota em todo lugar no que tange à prática doutrinária, tal qual ocorreu com o Cristianismo, que em praticamente nada se assemelha àquilo que foi legado por Jesus.

“Allan Kardec, valendo-se do seu inesgotável bom senso, estabeleceu que o Espiritismo é uma doutrina de livre exame, significando que, não sendo impositiva, oferece ao indivíduo que vai ao seu encontro todas as possibilidades de discussão e de análises, até que tenha podido compreender suas bases, de modo a vivê-las com clareza mental e segurança. Tristemente, muitos pensaram que tal condição de Mensagem lhes permita adaptar os seus preceitos doutrinários aos próprios gostos e tendências, sem causarem problemáticas adulterações no trabalho de profunda coerência dos Nomes Tutelares da Terra”.

Realmente perfeita a colocação do espírito Camilo. Muitos acham que podem adaptar seus atavismos ao corpo doutrinário espírita, demonstrando, com isso, total incoerência. Se não se encontram satisfeitos com o Espiritismo, e não sendo esta uma Doutrina exclusivista e impositiva, nada mais sensato que dedicarem-se aos seus movimentos religiosos, deixando a prática espírita livre de adulterações e enxertias descabidas.

“Referiu-se o Codificador à compreensão do Espiritismo dizendo que quem deseje tornar-se versado numa ciência tem que a estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das suas ideias (Kardec, A., O Livro dos Espíritos, introdução, parte VIII). Lamentavelmente, porém, muitos admitiram que poderiam falar e agir em seu nome, sem o mínimo de estudo de sua doutrina, na

pressa inconsequente por obter fenômenos que bem podiam ser buscados fora dos arraiais espíritas, o que não vincularia a possível má qualidade ou a sua impostura ao respeitável estatuto espiritista.

Os abnegados Prepostos do Cristo ensinam na Codificação que o ensino dos espíritos tem que ser claro e sem equívocos, para que ninguém possa pretextar ignorância e para que todos o possam julgar e apreciar com a razão (O Livro dos Espíritos, questão 627).

Desafortunadamente, indivíduos oriundos dos mais diversos territórios intelectuais, das mais variadas regiões morais, com as mais estranhas idiossincrasias, atiraram-se a propor alterações doutrinárias, a fazer em adaptações inconsistentes quão perigosas, introduzindo ideias e práticas francamente estranhas aos textos e contexto da Doutrina. São muitos os que, ignorantes, vão mantendo outras criaturas no seu mesmo nível, abominando estudos, detestando análises, impossibilitando a aeração dos movimentos do raciocínio. Um grande número não crê no que o Espiritismo expõe, mas se vale da atenção dos crédulos e ingênuos, sempre abundantes, para impor as suas próprias fantasias que trata de envolver com as cores da Veneranda Doutrina, porque sabe do desvalor do produto que oferece querendo adesões que lhe incense a vaidade.

Nenhum problema provocaria o indivíduo que criasse uma ordem de ideias, uma doutrina pessoal e que a defendesse com insistência, em seu nome mesmo, e a partir disso cobrasse atendimento, forjasse distintivos, premiações, imagens de ‘santos’ encarnados, liturgias sacramentais e ordenações. Toda a sua prática seria buscada e seguida pelas almas que sintonizassem com isso, como deparamos no mundo dos intocáveis ismos, personalizados e personalistas, arrebanhando grupos imensos de fanatizados, que pagam bem caro para comprar um lugar no céu..., conforme a promessa dos seus líderes”.

Camilo cita aquilo que também defendemos: sigam a quem quiserem e aquilo que bem entenderem, têm todos esse direito, mas aqueles que se dizem espíritas devam cuidar para que o Espiritismo mantenha-se livre de misturas, atavios e enxertias, permanecendo claro e límpido conforme nos foi legado pela Espiritualidade Superior.

“Quanto ao Espiritismo, porém, as coisas devem ser diferentes. Não havendo obrigação de a pessoa ser espírita; inexistindo qualquer ameaça infernal para quem não aceite sua orientação; não se prometendo premiações celestiais a quem quer que seja e sendo uma escolha livre da criatura, em meio de tão diversificadas opções, torna-se imprescindível que quem queira ser espíritas e despoje dessa terrível vaidade de que querer que as coisas sejam a seu gosto, ao invés de ajustar-se aos espirituais ensinamentos da Grande Luz. Imprescindível que o sincero espírita assuma, de fato, a disposição de melhorar-se com o conteúdo assimilado das lições do Infinito, pelejando para domar as suas inclinações inferiores”.

No trecho a seguir, Camilo fala da estratégia da espiritualidade inferior para aniquilar o Movimento Espírita:

“Com tristeza, percebe-se hoje que o Movimento Espírita, que dispõe de tudo o que a Doutrina Espírita lhe brinda para ser amadurecido, pujante e avançado, tem sido alvo das investidas das Sombras organizadas e se encharcado com seus conteúdos peçonhentos e danosos. Daí, são núcleos criados para reverenciar personalidades vaidosas, que não abrem mão da relação de vassalagem; são instituições montadas somente para atender os corpos, sem qualquer compromisso com o espírito imortal que permanece vagueando nas trevas de si mesmo; são casas erguidas para desfigurar o pensamento espírita, em razão das mesclas implantadas com doutrinas, filosofias e práticas orientalistas ou

africanistas que, mesmo merecendo respeito, têm propostas bem distintas das do Consolador”.

Tais observações de Camilo não poderiam ser mais claras: a ênfase em trabalhos de cura de corpos em detrimento do estudo da Doutrina; a inserção de práticas orientalistas e africanistas; a idolatria a personalidades vaidosas e centralizadoras, encarnadas e desencarnadas, tidas como detentoras exclusivas da Verdade... Tudo isso com o velado objetivo de desfigurar o Espiritismo.

Ainda em nosso Movimento Espírita, se há confundido o caráter universalista do Espiritismo com uma infausta tendência agregacionista, pois, ao invés de o pensamento espírita ajudar a ver o mundo dentro da óptica da Vida Superior, para que o indivíduo saia do nível das considerações meramente materiais, vê-se que tudo que é encontrado de ‘interessante’ mundo afora, deseja-se agregar ao Espiritismo. Cânticos, terapias, experimentações psíquicas diversas, mantras, vestuário, jargões, festividades de gosto execrável e coisas outras ocupando variado espectro, têm despontado aqui e ali, em nome da Doutrina Espírita. E o que é mais contristador, é que tudo isto se dá diante da postura inerme dos que aceitaram responsabilidades diretas das quais não dão conta. Tudo isto tem sido acompanhado com o consentimento dos que dirigem, coordenam, ‘orientam’...

Exatamente como pensa a seita ramatisista: tudo creem devam incorporar ao Espiritismo, em nome de um suposto “universalismo”, que, na verdade, não passa de confusão sincrética oriunda de atavismos e falta de aprofundamento e entendimento da proposta doutrinária espírita. Disseminam aos quatro cantos que Kardec (entenda-se a Codificação) estaria ultrapassado, como se as verdades universais fossem mutáveis, ao mesmo tempo em que desejam inserir no Espiritismo as credices e superstições cujas origens remontam milhares de anos, quando a civilização achava-se em sua infância. E quando chamados a atenção, colocam-se na posição de vítimas, de perseguidos,

raivosamente alegando “falta de caridade” daqueles que lutam pacificamente pela manutenção da unidade doutrinária. No entanto, como bem disse o espírito Camilo, falta de caridade é justamente nada fazer e tão-somente observar o crescimento dessas estranhas ideias em nosso meio.

Conclui Camilo, magistralmente:

“Afirmou o Celeste Guia que ninguém pode servir a dois senhores... Estabeleceu o Excelso Mestre: Seja o vosso falar sim, sim, não, não... Informa o Espírito da Verdade: Deus procede ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente.

Vale a pena refletir em todos esses brilhantes dizeres e nessas imagens tão expressivas dos mentores da Humanidade. A hora é, incontestavelmente, de testemunhos difíceis, e quem ainda não se sinta em condições de tomar do conteúdo da luminosa Revelação e dar-lhe impulso positivo, fazendo-a útil a si e aos irmãos do caminho, comece ou recomece o esforço íntimo para o fortalecimento da vontade de crescer, de despojamento do comodismo do homem velho, uma vez que Jesus Cristo confia nos empenhos das suas ovelhas, e conta que esses empenhos sejam verdadeiros, para que o seu devotamento não seja tão somente aparência, a fim de que se possa, então, construir um Movimento Espírita vívido e forte, capaz de representar as excelências do Espiritismo vivenciado e sofrido, se necessário, através das ações e convicções dos seus seguidores fiéis”.

XXXIII – Utilidade Pública: Incensos e Defumadores fazem mal à saúde

Queridos leitores, todos sabemos que a prática doutrinária espírita não se coaduna com o uso de objetos materiais para um suposto “afastamento de espíritos malfazejos” ou para “purificação de ambientes”, tais quais incensos, defumadores, etc. Os Espíritos Superiores nos ensinam que os mesmos, sendo matéria, não possuem qualquer poder ou efeito sobre os espíritos ou sobre os fluidos-ambiente.

Contrariamente, mais uma vez, à Doutrina Espírita, e ainda influenciado por suas crenças hinduístas, Ramatis afirma em seus livros, em especial em “Magia de Redenção”, que tais objetos atuam como “detonadores de miasmas astralinos”, contrariando tudo o que aprendemos acerca da natureza dos fluidos.

Não bastasse, pois, serem inúteis do ponto-de-vista espiritual, porque a raiz dos nossos problemas encontra-se no nosso pensamento, no nosso comportamento e nas nossas ações do presente e do passado, os incensos, defumadores e congêneres, conforme pesquisado recentemente, podem ser altamente prejudiciais à nossa saúde.

Leiamos a matéria publicada no jornal “A Folha de São Paulo”:

“Teste mostra que fumaça de incenso é prejudicial à saúde”, por Cláudia Collucci da Folha de São Paulo, em Brasília

“Usado desde a Antiguidade com sentido de purificação e proteção, o incenso acaba de receber sinal vermelho da Pro Teste, a Associação Brasileira de Defesa do Consumidor. Cinco marcas

avaliadas mostram que daquela fumacinha, aparentemente inocente, exalam substâncias altamente tóxicas.

Queimando um incenso todos os dias, por exemplo, a pessoa inala a mesma quantidade de benzeno – substância cancerígena – contida em três cigarros, ou seja, em torno de 180 microgramas por metro cúbico. Há também alta concentração de formol, cerca de 20 microgramas por metro cúbico, que pode irritar as mucosas.

As substâncias nem de longe lembram as especiarias aromáticas com as quais o incenso era fabricado no passado, como gálbano, estoraque, onicha e olíbano. Se há uma leve semelhança, ela reside na forma obscura da fabricação. No passado, o incenso era preparado secretamente por sacerdotes.

Hoje, o consumidor também não é informado como esses produtos são feitos e quais substâncias está inalando. O motivo é simples: por falta de regulamentação própria, os fabricantes de incenso não são obrigados a fazer isso.

Nas cinco marcas avaliadas (Agni Zen, Big Bran, Golden, Heme Mahalakshimi), todas indianas, não há sequer o nome do distribuidor brasileiro na embalagem. Muito menos a descrição de quais substâncias compõem o produto.

A Folha tentou localizar as empresas, por meio dos nomes dos incensos, mas, assim como a Pro Teste, não teve sucesso.

A avaliação foi feita a partir da simulação do uso em ambiente parecido com uma sala. Segundo a Pro Teste, foi medida a emissão de poluentes VOCs (compostos orgânicos voláteis) e de substâncias passíveis de causar alergias, como benzeno e formol. As concentrações foram medidas após meia hora do acendimento. Maria Inês Dolci, coordenadora institucional da ProTeste e colunista da Folha, alerta que os aromatizadores de ambiente,

como o incenso, são vendidos sem regulamentação ou fiscalização, o que representa perigo à saúde.

‘Os consumidores pensam que se trata de produtos inofensivos, que trazem harmonia e, na verdade, estão inalando substâncias altamente tóxicas e até cancerígenas’.

A Pro Teste reivindica que a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) faça um estudo sobre o impacto dos produtos na saúde e elabore regulamentação para a produção, importação e venda no Brasil.

‘Estou surpresa. Acendo incensos diariamente há 20 anos no momento em que faço minhas preces no altar budista que tenho na sala. É uma forma de agradecimento às divindades e de limpeza energética. Jamais pensei que eles pudessem fazer mais mal do que bem’, diz Renata Sobreira Uliana, 49.

O resultado dos testes também surpreendeu os médicos. ‘Nunca li nenhum artigo científico a respeito disso, mas é um dado muito interessante, que vai fazer a gente repensar a forma de liberar esse tipo de produto’, diz José Eduardo Delfini Cançado, presidente da Sociedade Paulista de Pneumologia.

Clystenes Soares Silva, pneumologista da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), explica que nem pessoas predispostas a desenvolver quadros alérgicos (como rinite e asma) nem pessoas saudáveis devem se expor aos incensos’.

XXXIV – Espiritismo sim, Kardecismo não

Dentre as confusões mais frequentes disseminadas por redutos seítistas e de tendência sincrética e comumente repetidas por pessoas desconhecedoras do Espiritismo encontra-se o uso incorreto de termos ou palavras para designar a Doutrina Espírita. Um deles é o termo “kardecismo”, dando a ideia de que há vários “Espiritismos”, enquanto, na verdade, o Espiritismo é um só, aquele que surgiu em 1857 com a publicação de “O Livro dos Espíritos”. Aliás, foi Allan Kardec que criou a palavra “Espiritismo” justamente no intuito de diferenciá-la de tudo que existia e do Espiritualismo em geral.

O próprio espírito Ramatis e os ramatisistas estão entre aqueles que gostam de se utilizar dos termos “kardecista” e “kardecismo” até mesmo de uma forma algumas vezes pejorativa com o intuito de passarem a ideia de que são espíritas, porém não “kardecistas”, e sim “universalistas”, criando, pois, uma pretensa ramificação no seio da Doutrina e do Movimento, algo que Allan Kardec sempre desaconselhou e desestimulou, como já vimos aqui em outros artigos.

Luiz Antonio Milleco, bem a propósito, escreveu um interessante artigo sobre a questão, intitulado “Espiritismo ou Kardecismo?”:

“De um tempo para cá um estranho fenômeno ocorre em nosso meio: pessoas respeitáveis aceitam a Doutrina Espírita, entusiasmam-se com seus postulados e se beneficiam da consolação por Ela propiciada. No entanto, chegado o momento das definições, afirmam-se não espíritas, mas espiritualistas ou ‘kardecistas’.

Quanto ao espiritualismo, a definição é incompleta, já que todas as crenças baseadas na existência da alma são espiritualistas. E quanto ao ‘kardecismo’?

As origens históricas do termo, embora não possam situar-se no tempo, são perfeitamente caracterizadas quanto aos fatos. Ao chegarem ao Brasil, os escravos trouxeram consigo suas crenças, seus cultos, que ali se fundiram, com o crescimento das crenças indígenas e católicas. Esses grupos étnicos já praticavam a mediunidade. Ora, com o aparecimento entre nós da Doutrina Espírita, uma de cujas bases principais é exatamente o fenômeno mediúnico, foram inevitáveis as generalizações. Tudo quanto se referisse ao intercâmbio com o outro plano era considerado Espiritismo.

Tal equívoco ocasionou lamentáveis deturpações. Não queremos aqui discriminar os grupos afro. Há entre eles os que, embora divergindo da Doutrina Espírita quanto ao aspecto religioso e à prática mediúnica, leem Allan Kardec, adotam seus postulados filosóficos e servem ao próximo com desprendimento e abnegação.

Não se pode negar, entretanto, as deturpações a que nos referimos acima. Eram comuns em certos setores da imprensa manchetes como: ‘Assassinato em um Centro Espírita’, ‘Incorporado pelo Guia Fulano...’. Além disso, não são raros os folhetos em que se lê:

‘Madame Fulana de tal. Vidente Espírita, soluciona todos os problemas, resolve caso de amor e dinheiro, prevê o futuro...’, etc. Resultado: para não se embarafustarem com toda esta confusão, alguns companheiros abrem mão do termo espírita e preferem a expressão ‘kardecista’. Haverá, porém, algum fundamento para tal posição?

Em primeiro lugar, Allan Kardec sempre fez questão de assinalar que, ao contrário de todas as doutrinas anteriores, o Espiritismo

não foi fundado por homens, mas é consequência das revelações trazidas pelo Plano Espiritual.

Em segundo lugar, não podemos descartar a gama de preconceitos que envolvem a substituição dos termos espírita e Espiritismo pelos termos ‘kardecista’ e ‘kardecismo’.

Não querem, estes companheiros, que suas crenças sejam confundidas com aquelas que, para eles, são ‘inferiores’. Não querem ser identificados como ‘feiticeiros’ ou ‘macumbeiros’. Tal confusão, no entanto, não advém deste ou daquele termo, mas da posição de cada um perante a vida e diante de si mesmo.

Ao invés de simplificarmos as coisas dando à Doutrina Espírita nomes que ela não possui, chamando-a ‘kardecismo’, ‘mesa branca’, ‘Espiritismo Científico’, etc., arquem os incômodos das explicações; e, definindo-nos claramente como espíritas, esclareçamos simplesmente os que nos abordem sobre o que é, e o que não é Espiritismo”. (Revista Espírita Harmonia - nº 34 - agosto de 1997)

XXXV – Planeta “X”, Chupão ou Nibiru: Respondendo a um leitor ramatisista

Um leitor anônimo escreveu um comentário, que transcrevemos *ipsis literis*, dizendo o seguinte:

“Respeito a opinião (sic) de vocês, mas estão um pouco desatualizados. Se não sabem, foi descoberto um planeta próximo a Plutão, denominado Planeta X, mas que anteriormente foi citado pelo médium Chico Xavier como o Planeta Chupão. Se vocês ligarem a teoria espírita com a lógica, veriam que jamais ela errou, mas se exitam (sic) em falar sem ao menos saber em que se resume tal coisa.

(<http://geniusvirtual.blogspot.com/2009/07/seria-oapocalispe-o-planeta-chupao.html>)

Esse link acima é para a reportagem completa, e abaixo dela está a fonte. Essa reportagem não é espírita, é científica. Parem um pouco e leiam para depois falar.

É por isso que sempre digo:

NÃO PODEMOS FALAR MAL DE ALGUMA COISA QUE NÃO CONHECEMOS COMPLETAMENTE, APENAS SE APOIANDO EM SUPOSTOS COMENTÁRIOS OU SUPOSIÇÕES”.

Bem, vemos que o colega ramatisista parece convencido da existência do tal planeta Chupão.

Já dizia Adam Savage, co-autor do programa de televisão “MythBusters”, que os criadores de mitos e seus simpatizantes nunca desistem. “Eles dizem que você tem de manter a mente

aberta”, disse ele, “mas rejeitam qualquer prova que não seja coerente com a tese deles”.

É exatamente o que ocorre com boa parte dos ramatisistas e suas teses exóticas. Mas, vamos aos fatos, desmistificando a lenda.

Tradução do artigo escrito por Ian O’Neill na Universe Today em 21 de dezembro de 2008 em:

(<http://www.universetoday.com/2008/05/19/no-doomsday-in-2012/>)

“De acordo com os defensores do apocalipse em 2012, algo bem grande chegará até nós. Por ‘algo grande’ quero dizer uma entidade cósmica incontrolável (por exemplo: o Planeta X, Nibiru ou uma tempestade solar ‘assassina’), e por ‘nós’ me refiro a todo o planeta Terra. Dar apoio a cenários apocalípticos em 2012 baseando-se no antigo calendário Maia parece estar tomando velocidade entre autores, sites na web, documentários e (pessoalmente meu favorito) os vídeos no Youtube. De acordo com eles, algo de mal se sucederá em torno da data de 21 de dezembro de 2012. Provavelmente a diferença mais interessante entre os cenários apocalípticos de 2012 e as profecias apocalípticas do passado é que quase todos os possíveis portadores do apocalipse (e os impossíveis... ou implausíveis) se autoproclamam assassinos do planeta.

Por isso, neste artigo vamos abordar outro cenário apocalíptico astronômico, passaremos em revista a teoria de que um cometa atualmente vindo do espaço profundo fará sua lenta aproximação final em sua órbita parabólica até a Terra.

Mas, antes que você fique preocupado, alegre-se em saber que a teoria do impacto cometário em 2012 é tão sólida como um saco vazio – não existe nenhum objeto observado lá fora e certamente

não existe nenhuma evidência sugerindo que poderá haver um impacto cometário em 2012...

Vejamos aqui a razão...

Vendendo o apocalipse

Em quatro anos a partir de hoje (21 de dezembro de 2012), o mundo chegará a seu fim de acordo com alguns indivíduos equivocados. Os apocalípticos sempre começam seus argumentos usando um antigo calendário (além de uma alta dose de Códigos da Bíblia, I Ching e antigas escrituras cuneiformes sumérias) para apoiar suas novas e engenhosas formas em que o mundo acabará. Desgraçadamente, a maior parte das teorias está baseada em má interpretação científica super promovida e simples mentiras. Normalmente há algum livro à venda ou algum site da web querendo se promover. Além disso, sabemos que não há nada mais rentável que o medo”.

É interessante destacar que Ian O’Neill começou a escrever para a Universe Today há justamente um ano, exatamente cinco anos antes do dia final do calendário Maia. Embora tal fato trata-se de uma mera coincidência, essa data é propícia para escrever-se um artigo sobre o ano de 2012 e Planeta Chupão expondo os mitos em volta dessas ideias.

“Provavelmente você deve ter visto a proliferação de anúncios do ‘Cometa de 2012’ em um amplo conjunto de websites, assim decidi investigar esta teoria em particular para ver se há algo de verdade atrás das afirmações de que um cometa (ou ‘planeta-cometa’) está se aproximando da Terra em uma rota de colisão. Para encurtar uma longa história, posso dizer categoricamente que não há nenhum impacto cometário iminente. Qualquer acusação de sonegação de informação por parte do governo serve para esconder a ciência podre que citam os apocalípticos (igual à

conexão PlanetaX/Nibiru). Se realmente querem conhecer a história toda, continuem a ler...

Ameaça do cometa?

Antes de observar as afirmações por conta deste cenário apocalíptico, primeiro devemos estudar qual o risco do planeta Terra sofrer realmente um impacto de um cometa. Sabemos que a Terra já passou por choques e é praticamente certo que teremos novos impactos no futuro. Mas o horizonte está limpo por pelo menos algumas décadas para um novo cometa ou asteroide ofensor. De fato, meteoritos em forma de pedaços de rocha são muito mais numerosos que cometas gelados no sistema Solar. A Terra recebe impactos de vários meteoritos rochosos de tamanhos consideráveis a cada ano (tomamos como exemplo o 2008TC3, o primeiro impacto de meteorito atmosférico e que foi acompanhado).

Embora raros, os impactos planetários por cometas realmente ocorrem.

Como já nos demonstrou o cometa Shoemaker-Levy 9 em 1994

Quando fragmentos de 2km de diâmetro desse objeto bombardearam a atmosfera de Júpiter, não devemos ser complacentes ao considerar um grande evento de impacto por cometas ou asteroides. O deslumbrante espetáculo de luz do cometa Shoemaker-Levy 9 na realidade estimulou os esforços para incrementar as pesquisas no céu vasculhando-o em busca de possíveis eventos de impactos catastróficos. Embora já se tenha identificado um vasto número de objetos próximos à Terra (NEOs), um número muito pequeno de NEOs tem sido considerado como de algum risco.

O asteroide de 270 metros de diâmetro 99942 Apophis provocou uma grande revolução em 2006 quando se converteu no asteroide

com maior valor na escala de Torino de perigo de impacto. Espera-se agora que Apophis passará de forma segura perto da Terra em 2029, mas dependendo do desvio gravitacional provocado pela Terra em 2029, Apophis poderá passar através de um ‘buraco de ferradura’ gravitacional, criando outra possibilidade de impacto em 13 de abril de 2036. Ainda assim, as possibilidades não merecem que sejam feitas apostas: você colocaria seu dinheiro em uma possibilidade de 1/45.000 de impacto do Apophis em 2036?

Existem outros corpos rochosos vagando lá fora, mas estes são na maior parte benignos. Certamente esses objetos não são uma ameaça para a vida cotidiana em 2012. Não obstante, devemos ser conscientes de que os asteroides são uma ameaça muito real para a humanidade no futuro. Como resultado deste aumento na consciência, tem-se descoberto e rastreado outros NEOs. Objetos tais como o 2.007VK184, um asteroide de 130 metros de diâmetro pode causar problemas em um futuro próximo, mas a probabilidade de impacto ainda é extremadamente baixa.

Os astrônomos da pesquisa do céu denominada Catalina Sky Survey estimam umas poucas datas de impacto para 2.007 VK184, mas as possibilidades nunca superam o valor de 0,037% para impacto com a Terra nos próximos 100 anos. Outros asteroides estão sendo atualmente rastreados e podem causar certa preocupação dentro de um século (embora nenhum ultrapasse o nível 1 da escala de Torino, e se isso ocorrer, a tendência natural é que voltem a cair para o nível 0 ‘normal’).

Para abreviar, os céus estão livres de quaisquer impactos iminentes (certamente nos próximos 4 anos) de um asteroide. Os cometas não trazem tampouco um risco significativo. Não há nenhuma evidência astronômica que apoie outra opção.

Esse cenário não impede que organizações tais como a Fundação B612 do ex-astronauta da NASA Rusty Schweickart de planificar possíveis ameaças futuras de asteroides/cometas. Embora os

filmes de Hollywood tentassem nos convencer que era uma boa ideia apenas explodir um cometa com uma bomba nuclear, a Fundação B612 não está de acordo. De fato, tal ação poderá ser péssima ideia. O que temos que ter em mente quando lemos sobre estudos de NEOs ou técnicas de desvio de asteroides/cometas é que necessitamos um grande período de tempo antecipado para ter alguma esperança de desviar o possível evento catastrófico de impacto. Tal não implica em uma preocupação imediata, é simplesmente uma precaução para salvaguardar o futuro próximo de nosso planeta.

Então, ao que tudo indica hoje, estamos a salvo de qualquer impacto astronômico. Isso não é o mesmo que dizer que não nos impactará um pequeno meteorito. As grandes bolas de fogo têm ocorrido regularmente (lembrem-se do bólido de 21 de novembro no Canadá, e a mais recente bola de fogo em 06 (seis) de dezembro no Colorado, o maior desses fenômenos possivelmente foi causado por um meteoro rochoso de 10 toneladas).

Tampouco é como dizer que não descobriremos mais NEOs em curso nos próximos quatro anos (poderíamos, em tese, descobrir um objeto ameaçador amanhã), mas o ponto é que não existe hoje absolutamente nenhuma evidência de que um impacto cometário que acabe com nossa civilização terá lugar justamente em 2012. Qualquer afirmação em contrário é totalmente infundada.

Então, porque vemos tantos anúncios tratando de vender a teoria do Cometa de 2012? Até onde posso dizer, está baseado em provas muito tênues. Então, vamos então acessar o aplicativo Google Earth para ver onde está o problema...

Se você tem instalado o Google Earth em seu computador pessoal, você ganhou a capacidade de olhar ‘acima’ também, não só para a superfície da Terra. Mudando o software para observar o céu noturno, podemos ver as constelações e o programa nos guiará em uma deslumbrante viagem pelo universo observável.

Apesar desta sobrecarga de informação, o Google estaria escondendo algo de nós? Esta organização baseada em um descomunal motor de busca está tentando ativamente ocultar-nos as observações de um cometa que se dirige para nós?

Oriente o Google Earth para RA: 5h54m00s, Dec: -6°00'00" e execute o zoom. Se você não tem o Google Earth, esta região pode também ser encontrada na versão on-line do Google Sky. Você verá então um espaço vazio retangular (também conhecido como a 'Anomalia de Google' nas imagens celestes), justamente ao lado da Nebulosa de Orion, ao sul do Cinturão de Orion.

Nota: a constelação de Orion e consequentemente a 'Anomalia de Google' estão em uma posição muito conspicua do céu noturno, observável com facilidade nos hemisférios norte e sul. Este vazio é só aparente ao observarmos os dados óticos. Se você alternar o conjunto de dados para o estudo de micro-ondas realizado pela Sonda de Anisotropia de Micro-ondas Wilkinson (WMAP) encontrará este vazio preenchido com dados.

Da mesma forma, os dados infravermelhos também cobrem essa região bastante bem.

Então, a teoria da conspiração afirma que o Google está ocultando observações de um cometa que se aproxima. Mas existe outra alternativa para a teoria de conspiração do cometa: o cometa também é conhecido às vezes como o 'planeta-cometa' e assim seria um candidato a Planeta X (mas eu pensava que o Planeta X era um candidato a anã marrom?). Sim, o Planeta X seria causa raiz de todos os cenários apocalípticos...

Tentarei resumir a seguir o tema do Planeta X de forma breve:

- 1) Os dados do observatório orbital IRAS

O planeta X? Essa é uma imagem comum nos sites da web sobre o Planeta X. É este o tal Planeta X ou simplesmente uma galáxia jovem? (fonte possível: NASA)

O Satélite Astronômico Infravermelho (IRAS) foi um telescópio orbital que durou apenas 10 meses em 1983. Realizou uma pesquisa em infravermelho de todo o céu, dando como resultado algumas fantásticas observações de galáxias jovens ultraluminosas e de ‘cirros’ intergalácticos. Não obstante, antes que estes objetos fossem identificados formalmente, a mídia, em particular o Washington Post, apontou que alguns destes objetos poderiam ser o legendário Planeta X, nas imediações do nosso Sistema Solar. Esta é uma das teorias chave que os apocalípticos citam como o fato de que o Planeta X existe. Usando uma lógica duvidosa, vários autores afirmam que estas observações iniciais demonstram que o Planeta X é, de fato, o planeta sumério ‘Nibiru’. ‘Nibiru’ é, portanto, uma anã marrom. Nesta teoria, morte e destruição se seguirá rapidamente, incluindo a aparição de uma raça alienígena conhecida como Annunaki (nossos ancestrais alienígenas) que querem a devolução para eles do planeta. Isto soa como maravilhosa ficção científica, mas sem nenhum embasamento em fatos científicos.

Então será este ‘cometa de 2012’ realmente o tal Planeta X? Se é assim (passando por alto o fato óbvio de que um cometa não é um planeta e muito menos uma anã marrom), por que a Anomalia de Google só é uma mancha em dados óticos? Se Google e a NASA estão tentando ocultar as provas de um ‘cometa’ (eliminando uma região de dados óticos), certamente eles também teriam removido os dados de IRAS? Em qualquer caso, os dados de IRAS não mostram mesmo nenhum objeto na região da tal anomalia (confira no pequeno retângulo à esquerda da imagem, na parte inferior). Além disso, por que o Google deixaria uma janela tão óbvia nos dados óticos, quando os mesmos poderiam ter sido eliminados apagando o tal suposto objeto ‘planeta-cometa’ do conjunto de dados?

A conclusão é clara: a anomalia de Google é de fato causada por dados perdidos, pura e simplesmente. Não há ali nenhum cometa, é simplesmente causada devido à falta de dados, e tal não demonstra a existência de algo sinistro.

2) Olhe para cima!

Se você necessita de algo mais para convencer-se de que a teoria do ‘cometa/Planeta X de 2012’ é uma completa estupidez, pense na posição proposta para este cometa. A região do céu relacionada com a anomalia de Google está bem visível para a maior parte do planeta ao longo do ano, dado que esse retângulo está situado na constelação de órion, justamente na vizinhança de algumas das estrelas e nebulosas mais conhecidas e estudadas (exemplos: Nebulosa da Cabeça do Cavalo e Grande Nebulosa de Órion). Se alguém tem suspeita sobre a anomalia de Google, por que não olhar diretamente por si mesmo?

Os astrônomos amadores têm acesso a equipamentos óticos muito avançados, assim creio que se houvesse alguma suspeita do ‘planeta cometa’ na região, esse objeto já sido observado (sem a ajuda do Google Sky).

Conclusão final

A verdade é que a teoria da conspiração sobre o Planeta X é errônea, mas a teoria do cometa de 2012 é ainda pior. As possibilidades de que um grande planeta passe através do Sistema Solar interior em 2012 são as mesmas de as de um impacto cometário nessa data: nenhuma.

Não podemos prever o futuro, e nenhuma profecia antiga jamais apontará a existência de um cenário astronômico moderno de fim do mundo’. Estou seguro que 2012 será um ano significativo por razões espirituais e religiosas, não estou debatendo isso. Não

obstante, que os apocalípticos usem a ciência moderna para demonstrar suas criações apocalípticas imprecisas para seu lucro pessoal não só é somente irresponsável, mas também danoso para a nossa sociedade”.

Acreditamos que não necessito dizer mais nada, não é, caros leitores? Só para concluir: o conhecimento dos seguidores de seitas apocalípticas, como a ramatisiana, é tanto, que o tal planeta “X” é chamado de “décimo segundo planeta”. Basta saber quais são o nono, o décimo e o décimo-primeiro...

XXXVI – Ramatis dita ficção e não realidade, assim como Hollywood

Já tratamos várias vezes do assunto “profecias” e sobre previsões de destruição do planeta feitas por Ramatis por diversas vezes pela internet e também em palestras, e verificamos que volta-e-meia aparecem indivíduos afeitos a esse tipo de mensagens recheadas de catastrofismo, defendendo com unhas e dentes a veracidade de tais ditados.

Com o lançamento do filme “2012”, o debate pareceu reacender, já que aqueles que acreditam nessas tais previsões passaram a ver na citada obra cinematográfica uma confirmação dos ditados ramatisistas e de tantos outros indivíduos, encarnados e desencarnados, aturdidos pelo desejo de espalhar o terror e o pânico.

O renomado jornal “The New York Times”, em recente reportagem sobre o tema, demonstrou muito bem a boa dose de irracionalidade e desinformação que ronda a questão. Leiamos:

Cientistas criticam proposta de “2012” e indicam cenários de fim do mundo

DENNIS OVERBYE

Do ‘The New York Times’

“A Nasa (agência espacial norte-americana) criticou a Sony em outubro por sugerir, em sua campanha publicitária para o filme ‘2012’, que o mundo acabaria em 2012.

No ano passado, o CERN (Centro Europeu de Pesquisas Nucleares), também assegurou que o mundo não acabaria tão cedo – portanto, acho que tudo isso é uma boa notícia para quem fica nervoso facilmente. Com que frequência vemos duas instituições científicas top de linha como essas nos garantindo que está tudo bem?

Por outro lado, é meio triste, se você estava ansioso por tirar umas férias das prestações do imóvel para financiar uma última festança.

As declarações do CERN tiveram a intenção de aliviar temores de que um buraco negro sairia de seu novo Grande Colisor de Hádrons (LHC) e engoliria a Terra.

O pronunciamento da Nasa, na forma de vários posts em sites e um vídeo postado no YouTube, foi uma resposta a temores de que o mundo fosse acabar no dia 21 de dezembro de 2012, quando um ciclo de 5.125 anos conhecido como Grande Contagem no calendário maia teoricamente chegaria a um fim.

Filme

O burburinho em torno do fim dos dias atingiu o auge com o lançamento do filme ‘2012’, dirigido por Roland Emmerich, que já trouxe desgraças fictícias para a Terra anteriormente, com alienígenas e geleiras, em ‘Independence Day’ e ‘O Dia Depois de Amanhã’.

No filme, o alinhamento entre o Sol e o centro da galáxia, no dia 21 de dezembro de 2012, faz com que o astro fique ensandecido e lance na superfície da Terra inúmeras partículas subatômicas ambíguas conhecidas como neutrinos.

De alguma forma, os neutrinos se transformam em outras partículas e aquecem o centro da Terra. A crosta terrestre perde suas amarras e começa a se enfraquecer e deslizar por aí.

Los Angeles cai no oceano; Yellowstone explode, causando uma chuva de cinzas no continente. Ondas gigantes varrem o Himalaia, onde governos do planeta tinham construído em segredo uma frota de arcas, nas quais 400 mil pessoas selecionadas poderiam se abrigar das águas.

Porém, essa é apenas uma versão do apocalipse. Em outras variações, um planeta chamado Nibiru colide com o nosso ou o campo magnético da Terra enlouquece.

Existem centenas de livros dedicados a 2012, e milhões de sites, dependendo de que combinação de ‘2012’ e ‘fim do mundo’ você digite no Google.

“Tolices”

Segundo astrônomos, tudo isso é besteira.

‘Grande parte do que se alega que irá ocorrer em 2012 está baseada em desejos, grandes tolices pseudocientíficas, ignorância de astronomia e um alto nível de paranoia’, afirmou Ed Krupp, diretor do Griffith Observatory, em Los Angeles, e especialista em astronomia antiga, em um artigo publicado na edição de novembro da revista ‘Sky & Telescope’.

Pessoalmente, adoro histórias sobre o fim do mundo desde que comecei a consumir ficção científica, quando era uma criança sem afeto. Fazer o público se borrar nas calças é o grande lance, desde que Orson Welles transmitiu a ‘Guerra dos Mundos’, uma notícia falsa sobre uma invasão de marcianos em Nova Jersey, em 1938.

No entanto, essa tendência tem ido longe demais, disse David Morrison, astrônomo do Ames Research Center da NASA, em Moffett Field, Califórnia. Ele é autor do vídeo no YouTube refutando a catástrofe e um dos principais pontos de contato da agência sobre a questão das profecias maias prevendo o fim dos dias.

‘Fico com raiva de ver como as pessoas estão sendo manipuladas e aterrorizadas para alguém ganhar dinheiro’, disse Morrison.

‘Não há direito ético que permita assustar crianças para ganhar dinheiro’.

Desesperados

Morrison afirmou receber cerca de 20 cartas e mensagens de e-mail por dia de pessoas até da Índia, assustadas até o último fio de cabelo. Em uma mensagem de e-mail, ele anexou exemplos que incluíam uma mulher perguntando se deveria se suicidar, matar sua filha e seu bebê ainda no útero. Outra mensagem veio de uma pessoa questionando se deveria sacrificar seu cachorro, a fim de evitar o sofrimento de 2012.

Tudo isso me fez lembrar os tipos de cartas que recebi no ano passado sobre o suposto buraco negro do Cern. Isso também era mais ficção científica do que fato científico, mas aparentemente não há nada melhor que a morte para nos aproximar de domínios abstratos como física e astronomia. Nessas situações, quando a Terra ou o Universo não estão nem aí para você e seus entes queridos, o cósmico realmente se torna algo pessoal.

Morrison disse não culpar o filme por todo o burburinho, não tanto quanto os vários outros divulgadores das previsões maias e a aparente incapacidade de algumas pessoas (e isso se reflete em vários aspectos da nossa vida nacional) de distinguir a realidade

da ficção. Porém, ele disse, ‘meu doutorado foi em astronomia, não em psicologia’.

Em mensagens de e-mail, Krupp disse: ‘Sempre estamos incertos em relação ao futuro, e sempre consumimos representações dele. Somos seduzidos pelo romantismo do passado longínquo e pela escala exótica do cosmo. Quando tudo isso se junta, ficamos hipnotizados’.

O porta-voz da Nasa, Dwayne Brown, afirmou que a agência não faz comentários sobre filmes, deixando essa tarefa para os críticos de cinema. No entanto, quando se trata de ciência, disse Brown, ‘achamos que seria prudente oferecer um recurso’.

Aquecimento global

Se você quer ter algo para se preocupar, afirma a maioria dos cientistas, deve refletir sobre as mudanças climáticas globais, asteroides ou guerra nuclear. Porém, se a especulação sobre as antigas profecias mexem com você, aqui estão algumas coisas, segundo Morrison e outros, que você deve saber.

Para começar, os astrônomos concordam que não há nada especial em relação ao alinhamento do Sol e do centro galáctico. Isso ocorre todo mês de dezembro, sem nenhuma consequência física além do consumo exagerado de panetones. De qualquer forma, o Sol e o centro galáctico não vão exatamente coincidir, nem mesmo em 2012.

Se houvesse outro planeta lá fora vindo em nossa direção, todo mundo já teria percebido. Quanto às violentas tempestades solares, o próximo auge do ciclo das manchas solares só ocorrerá em 2013, e será no nível mais suave, afirmam astrônomos.

O apocalipse geológico é uma aposta melhor. Já houve grandes terremotos na Califórnia, e provavelmente haverá outros. Esses

tremores poderiam destruir Los Angeles, como mostrou o filme, e Yellowstone poderia entrar em erupção novamente com uma força cataclísmica, mais cedo ou mais tarde.

Nós e nossas obras somos, de fato, apenas passageiros frágeis e temporários na Terra. Porém, neste caso, mais cedo ou mais tarde significa centenas de milhões de anos – e haveria bastante aviso quando chegasse a hora.

Os maias, que eram astrônomos e cronometristas bons o suficiente para prever a posição de Vênus 500 anos no futuro, merecem coisa melhor.

O tempo maia era cíclico; especialistas como Krupp e Anthony Aveni, astrônomo e antropólogo da Colgate University, afirmam não haver evidências de que os maias achassem que algo especial ocorreria quando o marcador da Grande Contagem atingisse 2012. Existem referências em inscrições maias a datas antes e depois da atual Grande Contagem, afirmam os especialistas.

Sendo assim, continue pagando suas prestações normalmente”.

XXXVII – O Que Está por Trás da Apometria?

Nos últimos tempos temos observado a propagação da Apometria no meio espírita sem que se tenha a preocupação em verificar se a mesma encontra respaldo na Doutrina Espírita. Basicamente, sem que nos alonguemos em demasiado, poderíamos dizer que, logo à primeira vista, verificamos tratar-se de uma suposta técnica de cura associada à mediunidade e pseudotécnicas de desdobramento e desobsessão.

Os apômetras, entre eles boa parte composta de simpatizantes e médiuns de Ramatis, como Norberto Peixoto, Dalton Roque, Wagner Borges e Márcio Godinho, adotam terminologias diversas daquelas utilizadas pela Doutrina Espírita e conceitos de crenças orientais. Além disso, certas afirmações por parte de seus seguidores e divulgadores colidem com a mais pura razão e com o método espírita:

- 1) O perdão da parte de adversários seculares é quase instantâneo, após serem submetidos à técnica. Quando a mesma não ocorre, tais espíritos são enviados ‘à força’ para o magma incandescente da Terra ou encapsulados em “bóolidos espaciais” para fora do planeta e mesmo de nossa galáxia (!);
- 2) Segundo a Apometria, há incorporação de “vários corpos” (sete!), de uma só personalidade, encarnada, ou não, em vários médiuns, com doutrinação simultânea, nas manifestações desses corpos”;
- 3) Utilização de pirâmides, cristais, rituais, maneirismos, gestual exótico, terminologia esdrúxula e pseudocientífica (“salto quântico”, “spin”, “despolarização de memória”, “campos

magnéticos”, “força Zeta”, chips astrais”, “potência quadrática”, contagem em português ou grego e “pulsos energéticos”) com o fito de dar à “técnica” um ar de sofisticação e inovação;

4) Crença na existência de implantes de “chips” no perispírito das pessoas por parte de espíritos obsessores, apelidados pelos apômetras de “magos negros”, e que só a técnica apométrica é capaz de extirpar...

Como podemos notar, mais uma vez verificamos o quanto é lamentável quando a razão e a fé racional, cujo uso é tão incentivado pelos Espíritos Superiores, cede espaço para o misticismo bizarro, para o exotismo e para a fé cega travestida de “inovação” e “novidade”.

A Doutrina Espírita, no entanto, bem estudada e compreendida, constitui-se o antídoto seguro contra todas as tentativas inglórias de sua deturpação.

XXXVIII – Emmanuel referenda Ramatis?

Tempos atrás tomamos conhecimento de um texto onde o espírito Emmanuel teria referendado os ditados ramatisianos. Já vínhamos verificando que, em praticamente todo assunto, a opinião do espírito Emmanuel vinha sendo indevidamente usada por boa parte de pessoas que se dizem espíritas para referendar determinada posição doutrinária, ou mesmo de cunho filosófico, científico e religioso. Porém, o que temos percebido ao longo do tempo é que a citada entidade espiritual, que só se comunicou através do médium Chico Xavier, teria adotado posicionamentos antagônicos e contraditórios, o que é, convenhamos, algo bastante estranho e digno de suspeição, o que fez com que viéssemos a pesquisar mais a fundo a questão.

Antes de listarmos essas posturas estranhas e suas fontes e origens, é bom que se cite a possibilidade de algum arranjo para “encaixar” Emmanuel ao lado de certos grupos, com o intuito de dar autoridade a certas opiniões. Embora eu particularmente tenha minhas dúvidas sobre isso, o que se sabe bem até hoje é que a Federação Espírita Brasileira (FEB) sempre teve a “preocupação” de destruir os originais das mensagens psicografadas, sendo que Chico Xavier anuía com o fato, dentro de sua postura altamente passiva e subserviente, principalmente em relação aos dirigentes febeanos, que eram tratados como indivíduos praticamente perfeitos e acima de quaisquer suspeitas pelo citado médium. Tal realidade pode ser facilmente verificada e constatada através da leitura do livro “Testemunhos de Chico Xavier” (1986), de autoria de Suely Caldas Schubert e editado pela própria FEB.

Assim sendo, não seria de admirar que tenha havido dois ou mais “Emmanuéis”, adredemente usados para declararem o que os dirigentes febeanos quisessem, assim como toda sorte de místicos que se aproximavam de Chico Xavier à busca de um “OK” daquele médium, erroneamente elevado à categoria de autoridade doutrinária, a despeito de sua inegável competência mediúnic e honestidade moral.

Emmanuel e Roustaing

A mais evidente aliança feita pelo espírito Emmanuel foi com o roustaingismo, isso é inegável. Tudo começou com o prefácio feito à obra “Vida de Jesus”, do autor declaradamente rustenista Antônio Lima, em que da primeira à última página, o autor defende os princípios rustenistas, como o corpo fluídico de Jesus e a queda angélica, entre outros disparates que colidem frontalmente com a Doutrina Espírita. Emmanuel chega a afirmar que o entendimento das questões abordadas no livro exigem uma espécie de entendimento superior, que ainda não está ao alcance de todos. Defendendo a diversidade no meio doutrinário, Emmanuel chega a declarar que “Cada qual, à maneira de Antônio Lima, poderá trazer o fruto de suas meditações e de seus estudos para a grande oficina da Fé”.

Mais tarde, Emmanuel reafirma suas convicções rustenistas, prefaciando, desta feita, a obra “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, uma obra que também, do início ao fim, faz propaganda do rustenismo, mesmo de uma maneira velada e imperceptível a quem não conhece as ideias contidas em “Os Quatro Evangelhos”, de J. B. Roustaing. O livro chega a citar Roustaing como coadjutor de Kardec, ao lado de León Dennis e Gabriel Delanne, além de fazer referência ao “anjo Ismael” com o espírito guia do Brasil – lembrando que o chamado anjo Ismael sempre estimulou e defendeu o roustaingismo. Além disso, o livro contém capítulos de propaganda febeana, em que exalta a condição daquela instituição como entidade máxima e legítima do

Movimento Espírita Brasileiro. E, pasmem os amigos, a obra também cita uma comunicação nitidamente apócrifa e mistificatória atribuída a Kardec-espírito, em que o Codificador exalta a FEB, o anjo Ismael e, conseqüentemente, o rustenismo, ao adotar também um linguajar místico-religioso. Transcreveremos aqui mais adiante para que os amigos identifiquem os absurdos, principalmente os que ainda não conhecem bem a questão.

Emmanuel e Pietro Ubaldi

O espírito Emmanuel, pela pena de F. C. Xavier, teria feito alguns comentários sobre a obra de Pietro Ubaldi:

“Quando todos os valores da civilização ocidental desfalecem numa decadência dolorosa, é justo que saudemos uma luz como esta, que se desprende da grande voz silenciosa da ‘Grande Síntese’.

“A ‘Grande Síntese’ é o Evangelho da Ciência, renovando todas as capacidades da religião e da filosofia, reunindo-as à revelação espiritual e restaurando o messianismo do Cristo em todos os institutos da evolução terrestre”.

“Enquanto o mundo velho se prepara para as grandes provações coletivas, sugere que meditemos sobre o campo infinito da Providência Divina, que enaltece a glória sublime e imperecível do

Espírito imortal”.

Vimos aí o apoio de Emmanuel à obra de Ubaldi, o que até se justifica pela similitude entre os princípios rustenistas e ubaldistas em certos pontos importantes, como o da queda angélica, por exemplo, que afronta um princípio básico e elementar da Doutrina Espírita, que é o da não-retrogradação.

Emmanuel, Herculano e Ubaldi

E dentro desta mesma tendência de apoiar tudo e todos, Emmanuel afirma ser Herculano Pires – o metro que melhor mediu Kardec”. Mesmo reconhecendo que o espírito foi justo na sua consideração desta feita, mais uma vez vemos o pensamento contraditório de Emmanuel, já que Herculano foi um defensor da coerência doutrinária, e sempre alertou quanto aos perigos do Rustenismo, do Ubaldismo e do Ramatisismo.

Em relação a Pietro Ubaldi, Herculano responde a mensagem que Pietro Ubaldi enviou ao VI Congresso Espírita Pan-Americano, realizado no mês de outubro de 1963, em Buenos Aires, e que causou estranheza nos meios doutrinários. Depois de discorrer sobre a estagnação das religiões, o autor de “A Grande Síntese” chega às seguintes conclusões:

- 1 – O Espiritismo estacionou na teoria da reencarnação e na prática mediúnica;
- 2 – Não possuindo “um sistema conceptual completo”, não pode ele ser levado a sério pela cultura atual;
- 3 – A filosofia espírita é limitada, não oferece uma visão completado Todo e “não abrange todos os momentos da lei de Deus”;
- 4 – O Espiritismo não construiu uma “teologia espírito-científica, que explique o que a católica não explica”;
- 5 – O Espiritismo “corre o perigo de ficar parado no nível Allan Kardec, como o catolicismo ficou no nível São Tomás e o protestantismo no nível Bíblia”. Diante dessa situação, propõe Ubaldi a adoção, pelo Espiritismo, dos livros de sua autoria, abrangendo a “série italiana” e a “série brasileira”. E explica:

“Trata-se de um produto realizado de uma forma que permite que ele caiba dentro do Espiritismo, porque atingido por inspiração, que é por ele julgada a mais alta forma de mediunidade, aquela consciente, controlada pela razão”.

E logo mais afirma:

“Só assim o Espiritismo poderá avançar paralelo à ciência e exigir atenção de parte dos materialistas, porque usa a forma mental e os métodos racionais dele. Só assim o Espiritismo poderá sair do trilho dos costumeiros conceitos que se repetem nas sessões mediúnicas e colocar-se no nível do mais adiantado pensamento moderno, penetrando no terreno da filosofia e da ciência e situando-se na sua altura”.

Ao que Herculano responde:

“A redação e a tradução dessa mensagem de Ubaldi, como se vê, por estes pequenos trechos, estão muito abaixo do texto de suas obras mais inspiradas, que pertencem à ‘série italiana’. Por outro lado, verifica-se que faltou a Ubaldi a percepção necessária para captar o processo espírita em suas verdadeiras dimensões.

O admirável médium de ‘A Grande Síntese’ revela absoluta falta de acuidade e de compreensão da realidade espírita no mundo de hoje, onde o Espiritismo vem cumprindo serenamente a sua finalidade. A sua crítica ao Espiritismo, resumida nos cinco pontos acima, coincide com a dos adeptos menos instruídos na doutrina, e pode ser respondida, ponto por ponto, por qualquer adepto de inteligência e cultura medianas, que conheça a Doutrina Espírita. Por outro lado, o oferecimento de suas obras ao Espiritismo revela desconhecimento da natureza da nossa doutrina e das exigências metodológicas para a aceitação da proposta, que não cobre essas exigências. Ubaldi desenvolveu suas faculdades mediúnicas à margem do Espiritismo. Seu primeiro livro, A Grande Síntese, apresenta curioso paralelismo com o Espiritismo, o que lhe valeu a simpatia e a amizade dos espíritas brasileiros. Na Itália ou no Brasil, porém, Ubaldi recusou-se sempre a integrar-se no movimento espírita, filiando-se na península à corrente da Ultrafãnia, do prof. Trespioli, que pretende haver superado a concepção espírita. Em seu livro ‘As Noúres’, Ubaldi

nos oferece a concepção ultrafânica da mediunidade, na qual enquadra o seu caso pessoal. É uma pretenciosa concepção de mediunidade cósmica, fugindo à naturalidade e simplicidade das comunicações espirituais entre espíritos desencarnados e médiuns. As pretensões de Ubaldi o transformaram, de simples médium em autor messiânico, agora arvorado em reformador do Espiritismo. Respondemos aos itens da sua crítica da seguinte maneira:

- 1 – O Espiritismo é uma doutrina evolucionista, como o provam as suas obras fundamentais e o seu imenso desenvolvimento em apenas cem anos de existência;
- 2 – O sistema conceptual espírita é completo e sua síntese está em O Livro dos Espíritos;
- 3 – A filosofia espírita não pode abranger o Todo e muito menos ‘todos os momentos da lei de Deus’, porque isso não está ao alcance de nenhuma elaboração mental, no plano relativo da vida terrena;– A teologia espírita é limitada às possibilidades atuais do conhecimento de Deus, segundo ensina Allan Kardec, e essas possibilidades não admitem ainda a criação na Terra de uma teologia científica, nem dentro nem fora do Espiritismo;
- 4 – O ‘nível Allan Kardec’ não é o do Espiritismo, mas sim o ‘nível Espírito da Verdade’, de quem Kardec, segundo dizia, foi um ‘simples secretário’. Encontrando-se, pois, nesse plano de revelação constante e progressiva, que é o da manifestação do Espírito da Verdade, segundo o próprio Kardec adverte, o Espiritismo está livre dos perigos da estagnação dogmática. Se, pelo contrário, adotasse as obras de Ubaldi para completá-lo, o Espiritismo cairia imediatamente no dogmatismo. Para cumprir sua missão, em todos os campos da atividade humana, o Espiritismo tem de manter-se como Ciência do Espírito (que investiga o elemento inteligente do Universo, paralelamente com a Ciência da Matéria, que investiga o elemento material); como Filosofia Livre, ‘sem os prejuízos do espírito de sistema’, segundo a expressão feliz de Kardec; e como Religião em Espírito e Verdade, de acordo com o anúncio do Cristo à Mulher Samaritana”.

Emmanuel e Ramatis

Embora Ramatis discorde de Roustaing na questão do corpo fluídico, possua teoria própria em relação à queda angélica, defenda Jesus como um espírito e o Cristo como outro, afirme, ao contrário de Emmanuel, que Jesus tenha estado e aprendido com os essênios, e defenda uma mescla com as religiões orientais, ao contrário da tese cristocêntrica apoiada pela FEB, anjo Ismael, Roustaing e Emmanuel, este último, seguindo um posicionamento deveras contraditório, comenta sobre o posicionamento de Ramatis em relação ao fim dos tempos catastrófico e quejandos.

Leiamos o relato ramatisista:

“Logo que apareceram as primeiras publicações da ‘Conexão de Profecias’ (hoje com o título “Mensagens do Astral”), de Ramatis, fomos a Pedro Leopoldo, a fim de ouvir a palavra autorizada de Emmanuel, através daquele aparelho maravilhoso que é Francisco Cândido Xavier. Isto, porque o que era dito pelo espírito de Ramatis parecia-nos perfeitamente lógico. Mas, como constituía novidade, não queríamos aceitar de pronto algo que não passasse pelo crivo de várias manifestações mediúnicas através de diversos aparelhos. Desta forma, munidos do aparelho de gravação em fita, fomos atendidos gentilmente pelo médium, que respondeu às perguntas que fazíamos, repetindo as palavras da resposta, que eram ditadas por Emmanuel. A gravação foi feita no dia 5 de janeiro de 1954. Conservamos até hoje o rolo gravado em nosso poder. Passamos a estampar as perguntas e respectivas respostas:

Pergunta: - “Que pode o irmão dizer-nos a respeito do astro que se avizinha, segundo a predição de Ramatis?”

Chico Xavier: - “Afirma nosso Orientador espiritual que não podemos esquecer que a Terra, em sua constituição física, propriamente considerada, possui os seus grandes períodos de atividade e de

repouso. Cada período de atividade e cada período de repouso da matéria planetária, que hoje representa o alicerce de nossa morada temporária, pode ser calculado, cada um, em duzentos e sessenta mil (260.000) anos. Atravessando o período de repouso da matéria terrestre, a vida se reorganiza, enxameando de novo, nos vários departamentos do Planeta, representando, assim, novos caminhos para a evolução das almas. Assim sendo, os grandes instrutores da Humanidade, nos planos superiores, consideram que, desses 260.000 anos de atividade, 60 a 64 mil anos são empregados na reorganização dos pródromos da vida organizada. Logo em seguida, surge o desenvolvimento das grandes raças que, como grandes quadros, enfeixam assuntos e serviços, que dizem respeito à evolução do espírito domiciliado na Terra. Assim, depois desses 60 a 64 mil anos de reorganização de nossa Casa Planetária, temos sempre grandes transformações, de 28 em 28 mil anos. Depois do período dos 64 mil anos, tivemos duas raças na Terra, cujos traços se perderam, por causa de seu primitivismo. Logo em seguida, podemos considerar a grande raça Lemuriana, como portadora de uma inteligência algo mais avançada, detentora de valores mais altos, nos domínios do espírito. Após a raça Lemuriana – em seguida aos 28.000 anos de trabalho lemuriano propriamente considerado – chegamos ao grande período da raça Atlântida, era outros 28.000 anos de grandes trabalhos, no qual a inteligência do mundo se elevou de maneira considerável.

Achamo-nos, agora, nos últimos períodos da grande raça Ariana. Podemos considerar essas raças, como grandes ciclos de serviços, em que somos chamados de mil modos diferentes, em cada ano de nossa permanência na crosta do planeta, ou fora dela, ao aperfeiçoamento espiritual, que é o objetivo de nossas lutas, de nossos problemas, de nossas grandes questões, na esfera de relações, uns para com os outros. Assim considerando, será mais significativo e mais acertado, para nós, venhamos a estudar a transformação atual da Terra sob um ponto de vida moral, para que o serviço espiritual, confiado às nossas mãos e aos nossos esforços, não se perca em considerações, que podem sofrer

grandes alterações, grandes desvios; porque o serviço interpretativo da filosofia e da ciência está invariavelmente subordinado ao Pensamento Divino, cuja grandeza não podemos perscrutar”. (Neste ponto, ele sutilmente discorda de Ramatis.)

“Cabe-nos, então, sentir, e, mais ainda, reconhecer, que os fenômenos da vida moderna e as modificações que nosso ‘habitat’ terreal vem apresentando nos indicam a vizinhança de atividades renovadoras, de considerável extensão. Daí esse afluxo de revelações da vida extraterrestre, incluindo sobre as cogitações dos homens; esses apelos reiterados, do mundo dos espíritos; essa manifestação ostensiva, daqueles que, supostamente mortos na Terra, são vivos na eternidade, companheiros dos homens em outras faixas vibratórias do campo em que a humanidade evolui. Toda essa eclosão de notícias, de mensagens, de avisos da vida espiritual, deve significar para o homem, domiciliado na Terra do presente século, a urgência do aproveitamento das lições de JESUS. Elas devem ser apreciadas em si mesmas, e examinadas igualmente no exemplo e no ensinamento de todos aqueles que, em variados setores culturais, políticos e filosóficos do globo – lhe traduzem a vontade divina, que na essência é sempre a nossa jornada para o Supremo Bem”.

Elogios rasgados e críticas veladas...

“Os termos da comunicação obtida em Curitiba (a ‘Conexão de Profecias’, de Ramatis) são de admirável conteúdo para a nossa inteligência, de vez que, realmente, todos os fatos alusivos à evolução da Terra, e referentes a todos os eventos, que se relacionam com a nossa peregrinação para a vida mais alta, estão naturalmente planejados, por aqueles ministros de Nosso Senhor Jesus Cristo; os quais, de acordo com Ele, estabelecem programas de ação para a coletividade planetária, de modo a facilitar-lhe os voos para a divina ascensão. Embora, porém, esta mensagem, por isso mesmo, seja digna de nosso melhor apreço, contudo, na experiência de companheiro mais velho, recomenda-nos nosso

Orientador Espiritual (Emmanuel) um interesse mais efetivo, para a fixação de valores morais em nossa personalidade terrena, de conformidade com os padrões estabelecidos no Evangelho de nosso Divino Mestre. Porque, para nossa inteligência, os fenômenos renovadores da existência que nos cercam têm qualquer coisa de sensacional, de surpreendente, nosso coração de inclinar-se, humilde, diante da Majestade do Senhor, que nos concede tantas oportunidades de trabalho, em nós mesmos, a revelação dos grandes acontecimentos porvindouros; novo soerguimento íntimo, novo modo de ser, a fim de que estejamos realmente habilitados a enfrentar valorosamente as lutas que se avizinham de nós, e preparados para desfrutar a Nova Era que, qual bonança depois da tempestade, facilitará nossos círculos evolutivos. Será, todavia, muito importante encarecer, que não devemos reclamar, do terceiro milênio, uma transformação absolutamente radical, nos processos que caracterizam, por enquanto, a nossa vida terrestre. O prazo de 47 anos é diminuto, para sanar os desequilíbrios morais, de tantos séculos, em que o nosso campo coletivo e individual adquiriu tantos débitos, diante da sabedoria e diante do amor, que incessantemente apelam para nossa alma, no sentido de nos levantarmos, para um clima mais aprimorado da existência”.

Vimos, logo acima, uma flagrante discordância. Chico Xavier/Emmanuel prosseguem:

-Não podemos esquecer, que grandes imensidades territoriais, na América, na África e na Ásia, nos desafiam a capacidade de trabalho. Não podemos olvidar, também, que a Europa, super alfabetizada, se encontra num karma de débitos clamorosos, à frente da Lei, em dolorosa expectativa, para o reajuste moral, que lhe é necessário. Aqui mesmo, no Brasil, numa nação com capacidade de asilar novecentos (900) milhões de habitantes, em quatrocentos e alguns anos de evolução, mal estamos – os espíritos, encarnados na Terra em que temos a bênção de aprender ou recapitular a lição do Evangelho – mal estamos passando das

faixas litorâneas. Serviços imensos esperam por nossas almas no futuro próximo.

E, se é verdade que devemos aguardar, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, condições mais favoráveis para a estabilização da saúde humana, para o acesso mais fácil às fontes da ciência; se nos compete a obrigação de esperar o melhor para o dia de amanhã cabe-nos, igualmente, o dever de não olvidar que, junto desses direitos, responsabilidades constringentes contam conosco, para que o Mundo possa, efetivamente, atender ao Programa Divino, através, não somente da super estrutura do pensamento científico – que é hoje um teto brilhante para os serviços de inteligência do mundo – mas também, através de nossos corações, chamados a plasmar uma vida, que seja realmente digna de ser vivida por aqueles que nos sucederão nos tempos duros; entre os quais, naturalmente, milhões de nós os reencarnados de agora, formaremos, de novo, como trabalhadores que voltam para o prosseguimento da tarefa de auto acrisolamento, para a ascensão sublime, que o Senhor nos reserva”.

Mais discordâncias, porém com elogios...

Pergunta: -“Foi, de fato, há 37.000 anos que submergiu a Atlântida?” (Ramatis afirma isso)

Chico Xavier: - “Diz nosso Amigo (Emmanuel) que o cálculo é, aproximadamente, certo, considerando-se que as últimas ilhas, que guardavam os remanescentes da civilização Atlântida (*sic*), submergiram, mais ou menos, 9 a 10 mil anos, antes da Grécia de Sócrates”.

Pergunta: - “Poderíamos ter alguns informes a respeito de Antúlio?” (Para Ramatis, Antúlio foi uma das encarnações de Jesus)

Chico Xavier: - “Vejo, aqui, nosso diretor espiritual, Emmanuel, que nos diz que um estudo acerca da personalidade de Antúlio exigiria minudências relacionadas com a história, no espaço e no tempo, que, de imediato, não podemos realizar. De modo que, tão somente, pode afiançar-nos que se trata de uma entidade de elevada hierarquia, no plano espiritual; vamos dizer, um assessor, ou um daqueles assessores, que servem nos trabalhos de execução do plano divino, confiado ao Nosso Senhor Jesus Cristo, para a realização do progresso da Terra, em geral. Esclarece nosso amigo que Jesus Cristo, como governador de nosso mundo, no sistema solar, conta, naturalmente, com grandes instrutores, para a evolução física e para a evolução espiritual, na organização planetária. E, subordinados a esses ministros, para o progresso da matéria e do espírito, no plano que nós habitamos presentemente, conta Ele com uma assembleia de múltiplos instrutores, de variadas condições, que lhe obedecem às ordens e instruções, numa esfera, cuja elevação, de momento, escapa à nossa possibilidade de apreciação. Antúlio forma no quadro destes elevados servidores”. (Visão cristocêntrica de Emmanuel x visão descentralizada de Ramatis)

Quem consegue entender?

Pergunta: - “Acha nosso irmão que a Mensagem de Ramatis deva ser divulgada com amplitude?”

Chico Xavier: - “Diz nosso Orientador que a Mensagem é de elevado teor... E todo trabalho organizado com o respeito, com o carinho e com a dignidade, dentro dos quais essa Mensagem se apresenta, merece a nossa mais ampla consideração, de vez que todos nós, em todos os setores, somos estudiosos, que devemos permutar as nossas experiências e as nossas conclusões para a assimilação do progresso, com mais facilidade em favor de nós mesmos”.

Dentro dessa salada doutrinária de Emmanuel, temos elogios e considerações favoráveis a todos. Teses e ideias das mais antagônicas são apoiadas por Emmanuel, desde o orientalismo catastrofista de Ramatis até o religiosismo católico impregnado em Roustaing.

E a pergunta é: De que lado está/esteve Emmanuel?

ADENDOS

Conforme prometido, vamos analisar o que o Kardec-espírito da

FEB teria ditado em sua mensagem através do médium rustenista Frederico Júnior e adredemente publicada no livreto “A Prece”, como para referendar a “missão” do anjo Ismael, a da FEB como “casa-máter”, a do Brasil como “coração do mundo, pátria do Evangelho” e do roustaingismo.

“Sendo assim, a esse pedaço de terra, a que chamais Brasil, foi dada também a Revelação da Revelação...”, pág. 13

Nosso comentário: Revelação da Revelação é subtítulo de “Os Quatro Evangelhos”.

“Ismael, o vosso guia, tomando a responsabilidade de vos conduzir ao grande templo do amor e da fraternidade humana, levantou a sua bandeira, tendo inscrito nela ‘Deus, Cristo e Caridade’. Forte pela dedicação, animado pela misericórdia de Deus, que nunca falta aos trabalhadores, sua voz santa e evangélica ecoou em todos os corações, procurando atraí-los para um único agrupamento onde, unidos..., onde enlaçados num único sentimento – o do amor – pudessem adorar o Pai em Espírito e Verdade...”

Nosso comentário: A expressão “em espírito e verdade” é exaustivamente repetida nos livros de Roustaing, e na mensagem a puseram na boca de Kardec...

Mais referências do Kardec-espírito da FEB enaltecendo o anjo Ismael:

“...todos os espíritas tinham o dever sagrado de vir aqui se agruparem – ouvir a palavra sagrada do bom Guia Ismael – único que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta e único que tem a responsabilidade de sua marcha e desenvolvimento”. (páginas 14/15)

O pseudo-Kardec da FEB renuncia à sua condição de Codificador do Espiritismo ao declarar que a Doutrina Espírita está contida em “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing – A Revelação da Revelação:

“...tudo converge para a Doutrina Espírita – Revelação da Revelação”. (pág. 16)

O “templo” de Ismael é exaltado:

“Disciplinai-vos pelos bons costumes no Templo de Ismael...” (pág. 19)

Como se vê, num centro doutrinariamente roustainguista, a mensagem atribuída a Kardec não poderia ser de outra forma. Os espíritos, adeptos do Docetismo (que pregava o corpo aparente de Jesus), ressuscitado por Roustaing, a cuja falange pertence Ismael, forjaram um Kardec para atestar a suposta missão do “anjo” Ismael e a importância da “Revelação da Revelação”. Um Kardec irreconhecível, que sai em defesa desesperada de Ismael e diz:

“Assim, quando os inimigos da Luz – quando o espírito das trevas julgava esfacelada a bandeira de Ismael, símbolo da Trindade Divina...” (pág. 14)

Vemos dois erros graves: a expressão “espírito das trevas”, que Kardec jamais usou, por ser errada e inadequada (ver pergunta 361-A de “O Livro dos Espíritos”), e a defesa da trindade divina, inaceitável para o Espiritismo.

O Kardec da FEB é místico

Vejam só:

“Se fora possível, a todos os que estremecem diante desses quadros horrorosos, praticar o jejum de que falava Jesus aos seus apóstolos; se fora possível a cada um compreender o papel do verdadeiro sacerdote, de que se acha incumbido, quando procurar e partir a hóstia sagrada, no altar de Jesus, com seus irmãos na Terra”. (pág. 250)

O pseudo-Kardec da FEB enaltece a caridade sem discernimento:

“A caridade que exclui a razão, a prudência e o bom-senso – a verdadeira caridade – é instintiva!” (pág. 29)

E se contradiz mais adiante:

“Assim, pois, o bem deve ser feito indistintamente, seja qual for o terreno em que houvermos de praticar. Mas, nem o próprio bem pode excluir a nossa razão, quando, tratando-se da justiça de Deus, pretendemos contrariá-la”. (p. 36)

Mais alguns detalhes

Emmanuel em “O Consolador”, perguntas 243, 277, 283 e 287, afirma, em defesa da evolução de Jesus em linha reta, isto é, sem reencarnar, exatamente como encontramos em Roustaing:

“Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado, com exceção de Jesus-Cristo, fundamento de toda a verdade neste mundo, cuja evolução se verificou em linha reta para Deus, e em cujas mãos angélicas repousa o governo espiritual do planeta, desde os seus primórdios”.

“O Eleito, porém, é aquele que se elevou para Deus em linha reta, sem as quedas que nos são comuns, sendo justo afirmar que o orbe terrestre só viu um eleito, que é Jesus-Cristo”.

“Antes de tudo, precisamos compreender que Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas”.

“A dor material é um fenômeno como o dos fogos de artifício, em face dos legítimos valores espirituais”.

“Homens do mundo, que morreram por uma ideia, muitas vezes não chegaram a experimentar a dor física, sentindo apenas a amargura da incompreensão do seu ideal”.

“Imaginai, pois, o Cristo, que se sacrificou pela Humanidade inteira, e chegareis a contemplá-Lo na imensidão da sua dor espiritual, augusta e indelével para a nossa apreciação restrita e singela”.

“De modo algum poderíamos fazer um estudo psicológico de Jesus, estabelecendo dados comparativos entre o Senhor e o homem”.

“Examinados esses fatores, a dor material teria significação especial para que a obra cristã ficasse consagrada? A dor espiritual, grande demais para ser compreendida, não constitui o ponto essencial da sua perfeita renúncia pelos homens?”

Chico Xavier fala de Roustaing

“Aguardo, com justificado interesse, o teu trabalho sobre Kardec-Roustaing. Deve ter sido um esforço exaustivo, mas muito lindo, o de procurar notícias das relações de ambos, nas publicações do ‘Espiritismo jovem’. Creio que esse trabalho, do qual te ocupas agora, é de profunda significação para o nosso movimento. Esperarei o ‘Reformador’, de outubro próximo, ansiosamente”. (Carta de Chico Xavier ao então presidente da FEB, Wantuil de Freitas, a 15 de setembro de 1946, a propósito de um estudo de autoria de Wantuil, publicado na edição de outubro do mesmo ano em “O Reformador”)

“Sinto inveja da leitura que vens fazendo com o Ismael da ‘Revue Spirite’. Deve ser um encanto entrar em contato com essas coleções antigas. Creio que estás fazendo esse trabalho com a inspiração de nossos Maiores. Creio, não – tenho a certeza disso. Que possamos recolher muitos frutos dessa tarefa abençoada é o meu desejo muito sincero. aguardo tuas notícias novas sobre a revisão do ‘Roustaing’. Não te excedas nesse serviço. Das 7 às 23 horas é demais. Resguarda teus órgãos visuais. Lembra-te de que a tua família espiritual hoje é enorme”. (Idem, com data de 25 de setembro de 1946, ainda sobre o mesmo assunto)

Chico comenta, ainda uma vez, em correspondência com data de 29 do mesmo mês, a nova edição da obra de Roustaing:

(...)“Aguardo com muito interesse a nova edição do ‘Roustaing’. Constituirá um grande serviço à Causa da Verdade e do Bem, nos moldes de que me tens dado notícias”.

Sobre o trecho de Roustaing em “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”:

“Não te incomodes com a declaração havida de que o trecho alusivo a Roustaing, em ‘Brasil’, foi colocado pela Federação. Quando descobrirem que a Casa de Ismael seria incapaz disso, dirão que fui eu. De qualquer modo, eles falarão. O adversário tem sempre um bom trabalho, o de estimular e melhorar tudo, quando estamos voltados para o bem”. (Carta de Chico para Wantuil, de 25 de março de 1947)

O presidente da FEB dá-lhe algumas informações sobre o caso, também por correspondência. Chico agradece, em nova missiva, esta última de 15 de abril do mesmo ano:

“Agradeço as notícias que me deste, relativamente ao caso da acusação havida quanto ao livro ‘Brasil’. Deus te proteja em teu ministério de supervisão espiritual”.

Meses mais tarde, ambos retornam ao assunto, dessa vez falando sobre uma nova edição desta obra. Wantuil enviara a Chico um exemplar com pequenos ajustes de redação, mas estava especialmente preocupado com a polêmica surgida sobre o trecho referente a Roustaing, e avaliava a possibilidade de adiar-se um pouco a nova tiragem, ou mesmo de submeter o trecho à revisão do autor espiritual. Chico discorda, e apresenta sua ponderação, em correspondência de 24 de agosto de 1947:

“Nosso gesto poderia traduzir, para muitos, temor ou excessiva consideração para com o bloco que nos acusa de interpolar os textos mediúnicos, porque não tendo havido uma providência desta, em qualquer edição dos livros recebidos em Pedro Leopoldo, desde a publicação do ‘Parnaso’, há quinze anos, a mudança seria extremamente chocante”...

Mas deixa a decisão final para o então presidente da “Casa de Ismael”, assinalando:

“De uma coisa poderemos estar certos – é de que nunca estaremos livres da perseguição e da leviandade dos nossos adversários gratuitos. Mais vale recebê-los com paternal vigilância que dispensar-lhes excessiva consideração. (...)”

Santa ingenuidade...

Sobre a revisão geral do texto, de natureza linguística, Chico agradece a dedicação de Wantuil em nova carta, enviada apenas seis dias depois:

“Restituí-te o livro ontem com todas as corrigendas que fizeste e podes crer que esses reajustamentos e todos os outros que pudeses fazer, no ‘Brasil, Coração do Mundo’ e em todos os outros livros, representam motivo de imenso prazer e de indefinível conforto para mim. Deus te recompense”.

Em outubro de 1947, Wantuil publica em “O Reformador” um artigo sobre a questão do corpo fluídico de Jesus, um dos pontos mais importantes da obra “Os Quatro Evangelhos”. Chico elogia o trabalho feito em missiva de 13 de novembro...

“Considero muito valiosa a página ‘Corpo Fluídico?’, do Reformador de outubro próximo passado. É de autoria de quem? Trata-se de um trabalho condensado de grande expressão educativa”....

E ainda reforça o elogio em outra, de 22 do mesmo mês:

“Minhas felicitações pela encantadora e substanciosa página ‘Corpo Fluídico?’. Creio que deves continuar a produzir trabalhos semelhantes para a nossa edificação geral”.

1951,15 de março. Os filhos de Wantuil seguem para a Europa. Vão a Bordéus (cidade de Roustaing) e Paris, em missão de pesquisa. Chico alegre-se com a notícia:

“Estou muito contente com a partida dos teus rapazes para a Europa. Será um grande serviço à nossa Causa a visita a Bordéus e Paris. Observador quanto é, Zêus pode trazer muito material informativo edificante para nós no Brasil, mormente no que se refere à obra de Roustaing. Também lastimo que o tempo dos dois estimados viajantes seja tão curto lá”.

1952, 23 de outubro: “Minhas felicitações pelo teu belo trabalho com a obra de Roustaing. Está realizando um serviço de grande importância para o nosso ideal”.

Em março de 53, Chico demonstra curiosidade sobre as vendas das obras de Kardec, Roustaing e dos grandes pioneiros de nossa doutrina – Léon Denis, Flammarion e Delanne – ressaltando seu valor doutrinário:

“Tendo em alta conta e profunda estima a obra de Kardec e de Roustaing e dos grandes pioneiros que foram Léon Denis, Flammarion e Delanne, ficaria muito contente e agradecido se me desses a conhecer a estatística sobre a penetração dos livros que nos legaram, em nossa Pátria, caso tenhas essa estatística com facilidade. Considero essa penetração muito importante para o trabalho de nossa Consoladora Doutrina, no Brasil”.

Wantuil envia-lhe os dados requeridos. Chico agradece, a 27 de junho do mesmo ano: “Grato pelas notícias dos grandes pioneiros Roustaing, Denis, Flammarion e Delanne. Se a ‘Revue Spirite’ algo publicar, esperarei tuas notícias”.

Mensagem de Ismael sobre a Concepção da “Virgem” e a Natureza do Corpo de Jesus

Abaixo uma mensagem de Ismael sobre o corpo de Jesus, recebida por Frederico Pereira da Silva Júnior:

“Meus filhos, bem pouco me cabe dizer sobre o vosso estudo de hoje. Soubestes guardar convosco a paz que os vossos guias vos trouxeram e, recebendo facilmente as suas inspirações, pudestes, com o vosso próprio espírito, tocar a verdade. É assim que firmastes opinião definitiva sobre a concepção da sempre Virgem e sobre o corpo aparentemente carnal de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se a opinião isolada do vosso bom Mestre Allan Kardec pôde, de alguma sorte, influir no entendimento de alguns, fazendo-lhes crer que o Redentor do mundo viera revestir-se da matéria grosseira dos corpos comuns, para dar o exemplo das maiores virtudes, encaminhando a humanidade inteira para a terra da promessa, hoje que todos os Espíritos bem iluminados afirmam que o nascimento de Jesus foi todo aparente, que o seu corpo apenas se constituíra de fluidos concentrados no seio da sempre Virgem Maria, não há razão de ser para duas opiniões a tal respeito. Maria foi sempre mãe de Jesus, como todas as mães são mães dos homens. Se o que se gera no ventre da mulher não é o Espírito, mas sim a massa que vai vestir o mesmo Espírito, incontestavelmente Maria foi mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo.

E, assim, bem o vedes, realizaram-se todas as profecias; e, assim, veio ao mundo Aquele a quem devemos a Seara da abundância, os frutos da verdade. Insistamos: a opinião do homem, falível quase sempre, pôde como que inocular, no espírito de seus irmãos, a ideia de que Jesus, se não revestisse um corpo carnal, igual ao de todas as criaturas humanas, seus sofrimentos seriam nulos. Entretanto, como bem disseram entre vós, qual o maior sofrimento, o físico ou o sofrimento moral? Mas, mesmo com esse corpo de natureza celeste, com essa reunião de moléculas fluídicas, que ainda desconheceis, não seria possível o próprio sofrimento físico do Redentor? Quem sofre, é o Espírito ou a carne? Não é a lesão, o golpe sobre a matéria que, por intermédio do perispírito, faz chegar ao Espírito as sensações e a dor? Vedes,

portanto, que não pode prevalecer de modo algum a opinião isolada do vosso bom Mestre Allan Kardec. Meus filhos, continuemos a estudar os Evangelhos do Senhor em todos os seus mais pequeninos detalhes. Procurai conhecer o espírito de toda a letra, com humildade, porque a verdade há de fazer-se aos vossos olhos, como um testemunho do agrado do Senhor, que vos vê esquecidos das paixões do mundo, concentrados, estudando a vida do seu amado Filho. O único requisito que se vos pede é a humildade”. - Ismael.

XXXIX – A Necessidade de se Conhecer o Grau de Elevação dos Espíritos

Algumas pessoas, geralmente aquelas que não se detiveram muito nos textos da Codificação, nos perguntam se não seria falta de caridade questionar se esse ou aquele espírito é bom ou mau, sábio ou pseudossábio, confiável ou não-confiável.

Respondemos, sempre que possível, com textos do próprio Codificador em que o mesmo nos incentiva a tal, uma vez que isso é de significativa importância para a análise das mensagens e parte importante do método espírita.

Vejamos os trechos, que são muitos, onde isso fica bem claro e evidenciado:

262. Se a perfeita identificação dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão secundária, sem importância, não se dá o mesmo com a distinção entre os Espíritos bons e maus. Sua individualidade pode ser-nos indiferente, mas a sua qualidade jamais. Em todas as comunicações instrutivas é sobre esse ponto que devemos concentrar nossa atenção, pois só ele pode nos dar a medida da confiança que podemos ter no Espírito manifestante, seja qual for o nome com que se apresente. O Espírito que se manifesta é bom ou mau? A que grau da escala espírita pertence? Essa a questão capital. (Ver “Escala Espírita” no item 100 de O Livro dos Espíritos)

263. Julgamos os Espíritos, já o dissemos, pela linguagem, como julgamos os homens. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que não conhece. Pelo estilo, pelas ideias, por numerosos indícios julgará quais são as instruídas e quais as

ignorantes, educadas ou sem educação, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais, etc. Acontece o mesmo com os Espíritos. Devemos considerá-los como correspondentes que nunca vimos e perguntar o que pensaríamos da cultura e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse aquelas coisas. Podemos tomar como regra invariável e sem exceção que a linguagem dos Espíritos corresponde sempre ao seu grau de elevação.

Os Espíritos realmente superiores não se limitam apenas a dizer boas coisas, mas as dizem em termos que excluem absolutamente qualquer trivialidade. Por melhores que sejam essas coisas, se forem manchadas por única expressão de baixaza temos um sinal indubitável de inferioridade. E com mais forte razão se o conjunto da comunicação ferir as conveniências por sua grosseria. A linguagem revela sempre a sua origem, seja pelo pensamento ou pela forma. Assim, mesmo que um Espírito quisesse enganar-nos com a sua pretensa superioridade, bastaria conversarmos algum tempo com ele para o julgarmos.

264. A bondade e a afabilidade são também atributos essenciais dos Espíritos depurados. Eles não alimentam ódio nem para com os homens nem para com os demais Espíritos. Lamentam as fraquezas e criticam os erros, mas sempre com moderação, sem amarguras nem animosidades. Se admitirmos que os Espíritos verdadeiramente bons só podem querer o bem e dizer boas coisas, concluiremos que tudo o que, na linguagem dos Espíritos, denote falta de bondade e afabilidade não pode provir de um Espírito bom.

265. A inteligência está longe de ser um sinal seguro de superioridade, porque a inteligência e a moral nem sempre andam juntas. (5) Um Espírito pode ser bom, afável e ter conhecimentos limitados, enquanto um Espírito inteligente e instruído pode ser moralmente bastante inferior.

Geralmente se pensa que interrogando o Espírito de um homem que foi sábio na Terra, em certa especialidade, obtém-se a verdade com mais segurança. Isso é lógico, e não obstante nem sempre é certo. A experiência demonstra que os sábios, tanto quanto os outros homens, sobretudo os que deixaram a Terra há pouco, estão ainda sob o domínio dos preconceitos da vida corpórea, não se livrando imediatamente do espírito de sistema. Pode assim acontecer que, influenciados pelas ideias que alimentaram em vida e que lhes deram a glória, vejam com menos clareza do que supomos. Não damos este princípio como regra. Longe disso. Advertimos apenas que isso acontece e que, por conseguinte, sua sabedoria humana nem sempre é uma garantia de sua infalibilidade como Espíritos.

(5) Atenção para a advertência final de que isso não constitui regra. Certas pessoas entendem que só devemos crer nos Espíritos ignorantes ou que se fazem passar por tal. Isso é ir de um extremo ao outro. Os Espíritos realmente elevados são inteligentes e bons, realizaram ao mesmo tempo a evolução intelectual e moral, como se depreende da própria regra de identificação de sua elevação pela linguagem. (N. do T.)

266. Submetendo-se todas as comunicações a rigoroso exame, sondando e analisando suas ideias e expressões, como se faz ao julgar uma obra literária e rejeitando sem hesitação tudo o que for contrário à lógica e ao bom senso, tudo o que desmente o caráter do Espírito que se pensa estar manifestando, consegue-se desencorajar os Espíritos mistificadores que acabam por se afastar, desde que se convençam de que não podem nos enganar. Repetimos que este é o único meio, mas é infalível porque não existe comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. (6) Os Espíritos bons jamais se ofendem, pois eles mesmos nos aconselham a proceder assim e nada têm a temer do exame. Somente os maus se melindram e procuram dissuadir-nos, porque têm tudo a perder. E por essa mesma atitude provam o que são.

Eis o conselho dado por São Luís a respeito:

“Por mais legítima confiança que vos inspiremos Espíritos dirigentes de vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca seria demais repetir e que deveis ter sempre em mente ao vos entregardes aos estudos: a de pesar e analisar, submetendo ao mais rigoroso controle da razão todas as comunicações que receberdes; a de não negligenciar, desde que algo vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro, de pedir as explicações necessárias para formar a vossa opinião”.

267. Podemos resumir os meios de reconhecer a qualidade dos Espíritos nos seguintes princípios:

1º) Não há outro critério para se discernir o valor dos Espíritos senão o bom senso. Qualquer fórmula dada pelos próprios Espíritos, com esse fim, é absurda e não pode provir de Espíritos superiores.

2º) Julgamos os Espíritos pela sua linguagem e as suas ações. As ações dos Espíritos são os sentimentos que eles inspiram e os conselhos que dão.

3º) Admitido que os Espíritos bons só podem dizer e fazer o bem, tudo o que é mau não pode provir de um Espírito bom.

4º) A linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna, elevada, nobre, sem qualquer mistura de trivialidade. Eles dizem tudo com simplicidade e modéstia, nunca se vangloriam, não fazem jamais exibição do seu saber nem de sua posição entre os demais. A linguagem dos Espíritos inferiores ou vulgares é sempre algum reflexo das paixões humanas. Toda expressão que revele baixaza, autossuficiência, arrogância, fanfarronice, mordacidade é sinal característico de inferioridade. E de mistificação, se o Espírito se apresenta com um nome respeitável e venerado.

5º) Não devemos julgar os Espíritos pelo aspecto formal e a correção do seu estilo, mas sondar-lhes o íntimo, analisar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Toda falta de lógica, de razão e de prudência não pode deixar dúvida quanto à sua origem, qualquer que seja o nome de que o Espírito se enfeite. (Ver nº 224.)

6º) A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão quanto à forma, pelo menos quanto à substância. As ideias são as mesmas, sejam quais forem o tempo e o lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidas segundo as circunstâncias, as dificuldades ou a facilidade de se comunicar, mas não serão contraditórias. Se duas comunicações com o mesmo nome se contradizem, uma das duas é evidentemente apócrifa. A verdadeira será aquela em que nada desminta o caráter conhecido do personagem. Entre duas comunicações assinadas, por exemplo, por São Vicente de Paulo, uma pregando a união e a caridade e outra tendendo a semear a discórdia, não há pessoa sensata que possa enganar-se.

7º) Os Espíritos bons só dizem o que sabem, calando-se ou confessando a sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com segurança, sem se importar com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choque o bom senso revela a fraude, se o Espírito se apresenta como esclarecido.

(6) ‘Não existe comunicação má que resista a uma crítica rigorosa’. Esta confiança de Kardec na análise racional das comunicações é acertada, mas depende do critério seguro de quem analisa. Por isso mesmo é conveniente fazer a análise em conjunto e recorrer, no caso de dúvida, a outras pessoas de reconhecido bom senso. O Espírito farsante pode influir sobre um indivíduo e sobre o grupo, o que tem ocorrido com frequência em virtude da vaidade, da pretensão ou do misticismo dominante. Comunicações avulsas e até obras mediúnicas alentadas, evidentemente falsas, têm sido publicadas, aceitas e até mesmo defendidas por grupos e instituições diversas. (Nota do Tradutor)

8º) Os Espíritos levianos são ainda reconhecidos pela facilidade com que predizem o futuro e se referem com precisão a fatos materiais que não podemos conhecer. Os Espíritos bons podem fazer-nos pressentir as coisas futuras, quando esse conhecimento for útil, mas jamais precisam as datas. Todo anúncio de acontecimento para uma época certa é indício de mistificação. (7)

9º) Os Espíritos superiores se exprimem de maneira simples, sem prolixidade. Seu estilo é conciso, sem excluir a poesia das ideias e das expressões, claro, inteligível a todos, não exigindo esforço para a compreensão. Eles possuem a arte de dizer muito em poucas palavras, porque cada palavra tem o seu justo emprego. Os Espíritos inferiores ou pseudossábios escondem sob frases empoladas o vazio das ideias. Sua linguagem é sempre pretensiosa, ridícula ou ainda obscura, a pretexto de parecer profunda.

10º) Os Espíritos bons jamais dão ordens: não querem impor-se, apenas aconselham e se não forem ouvidos se retiram. Os maus são autoritários, dão ordens, querem ser obedecidos e não se afastam facilmente. Todo Espírito que se impõe trai a sua condição. São exclusivistas e absolutos nas suas opiniões e pretendem possuir o privilégio da verdade. Exigem a crença cega e nunca apelam para a razão, pois sabem que a razão lhes tiraria a máscara.

11º) Os Espíritos bons não fazem lisonjas. Aprovam o bem que se faz, mas sempre de maneira prudente. Os maus exageram nos elogios, excitam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram exaltar a importância pessoal daqueles que desejam conquistar.

12º) Os Espíritos superiores mantêm-se, em todas as coisas, acima das puerilidades formais. Os Espíritos vulgares são os únicos que podem dar importância a detalhes mesquinhos, incompatíveis com

as ideias verdadeiramente elevadas. Toda prescrição meticulosa é sinal certo de inferioridade e mistificação de parte de um Espírito que toma um nome pomposo.

13º) Devemos desconfiar dos nomes bizarros e ridículos usados por certos Espíritos que desejam impor-se à credulidade. Seria extremamente absurdo tomar esses nomes a sério.

14º) Devemos igualmente desconfiar dos Espíritos que se apresentam com muita facilidade usando nomes bastante venerados, e só com muita reserva aceitar o que dizem. Nesses casos, sobretudo, é que um controle severo se torna indispensável. Porque é frequentemente a máscara que usam para levar-nos a crer em pretensas relações íntimas com Espíritos excelsos. Dessa maneira eles lisonjeiam a vaidade do médium e se aproveitam dela para o induzirem a atos lamentáveis e ridículos.

15º) Os Espíritos bons são muito escrupulosos no tocante às providências que podem aconselhar. Em todos os casos têm apenas em vista um fim sério e eminentemente útil. Devemos pois encarar como suspeita todas aquelas que não tenham esse caráter ou sejam condenáveis pela razão, refletindo maduramente antes de adotá-las, pois do contrário nos exporemos a mistificações desagradáveis.

16º) Os Espíritos bons são também reconhecíveis pela sua prudente reserva no tocante às coisas que possam comprometer-nos. Repugna-lhes desvendar o mal. Os Espíritos levianos ou malfazejos gostam de expô-lo. Enquanto os bons procuram abrandar os erros e pregam a indulgência, os maus os exageram e sopram a discórdia por meio de pífidas insinuações.

(7) As predições apocalípticas, com datas certas, de acontecimentos próximos têm sido feitas por espíritos pseudossábios nestes últimos anos. A linguagem dessas previsões

seria suficiente para mostrar a falsidade das comunicações. Muitas outras ainda serão feitas, pois há sempre quem as aceite. O estudo atento deste resumo prevenirá as pessoas prudentes contra esses embustes, hoje tão numerosos e que pelo seu ridículo afastam muita gente das luzes da doutrina. (Nota do Tradutor.)

17º) Os Espíritos bons só ensinam o bem. Toda máxima, todo conselho que não for estritamente conforme a mais pura caridade evangélica não pode provir de Espíritos bons.

18º) Os Espíritos bons só dão conselhos perfeitamente racionais. Toda recomendação que se afaste da linha reta do bom senso ou das leis imutáveis da Natureza acusa a presença de um Espírito estreito e portanto pouco digno de confiança.

19º) Os Espíritos maus ou simplesmente imperfeitos ainda se revelam por sinais materiais que a ninguém poderão enganar. A ação que exercem sobre o médium é às vezes violenta, provocando movimentos bruscos e sacudidos, uma agitação febril e convulsiva que contrasta com a calma e a suavidade dos Espíritos bons.

20º) Os Espíritos imperfeitos aproveitam-se frequentemente dos meios de comunicação de que dispõem para dar maus conselhos. Excitam a desconfiança e a animosidade entre os que lhes são antipáticos. Principalmente as pessoas que podem desmascarar a sua impostura são visadas pela sua maldade.

As criaturas fracas, impressionáveis, tornam-se alvo do seu esforço para levá-las ao mal. Usam sucessivamente os sofismas, os sarcasmos, as injúrias e até as provas materiais do seu poder oculto para melhor convencê-las, empenhando-se em desviá-las do caminho da verdade.

21º) Os Espíritos dos que tiveram, na Terra, uma preocupação exclusiva, material ou moral, se ainda não conseguiram libertar-se da influência da matéria continuam dominados pelas ideias

terrenas. Carregam parte dos preconceitos, das predileções e até mesmo das manias que tiveram aqui. Isso é fácil de se reconhecer pela sua linguagem.

22º) Os conhecimentos de que certos Espíritos muitas vezes se enfeitam, com uma espécie de ostentação, não são nenhum sinal de superioridade. A verdadeira pedra de toque para se verificar essa superioridade é a pureza inalterável dos sentimentos morais.

23º) Não basta interrogar um Espírito para se conhecer a verdade. Devemos, antes de tudo, saber a quem nos dirigimos. Porque os Espíritos inferiores, pela sua própria ignorância, tratam com leviandade as mais sérias questões. Também não basta que um Espírito tenha sido na Terra um grande homem para possuir no mundo espírita a soberana ciência. Só a virtude pode, purificando-o, aproximá-lo de Deus e ampliar os seus conhecimentos.

24º) Os gracejos dos Espíritos superiores são muitas vezes sutis e picantes, mas nunca banais. Entre os Espíritos zombeteiros, mas que não são grosseiros, a sátira mordaz é feita quase sempre muito a propósito.

25º) Estudando-se com atenção o caráter dos Espíritos que se manifestam, sobretudo sob o aspecto moral, reconhece-se a sua condição e o grau de confiança que devem merecer. O bom senso não se enganará.

26º) Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é necessário antes saber julgar-se a si mesmo. Há infelizmente gente que toma a sua própria opinião por medida exclusiva do bem e do mal, do verdadeiro e do falso. Tudo o que contradiz a sua maneira de ver, as ideias, o sistema que inventaram ou adotaram é mau aos seus olhos. Falta a essas criaturas, evidentemente, a primeira condição para a reta apreciação: a retidão do juízo. Mas elas nem percebem. Esse o defeito que mais enganos produz. (8) Todas estas instruções decorrem da

experiência e do ensino dos Espíritos. Completamo-las com as próprias respostas dadas por eles a respeito dos pontos mais importantes. (9)

(8) A afirmação de Kardec no nº 25: ‘O bom senso não se enganará’ se refere, como vemos, às pessoas dotadas de bom senso. Neste nº 26 ele nos adverte quanto ao perigo das pessoas que não possuem ‘a retidão do juízo’. Por isso devemos recorrer com humildade ao juízo dos outros, não nos fechando orgulhosamente em nossas opiniões. (N. do T.)

(9) O próprio Kardec nos dá o exemplo do que ensina: completa as suas instruções com as respostas textuais dos Espíritos às suas consultas. Este é um exemplo vivo de como foi escrita a Codificação. Às suas experiências pessoais, aos resultados sensatos de suas observações, Kardec junta a opinião esclarecida dos Espíritos superiores. (N. do T.)

268. Perguntas sobre a natureza e a identidade dos Espíritos:

— Por quais sinais podemos reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?

Pela sua linguagem, como distingues um estouvado de um homem sensato. Já dissemos que os Espíritos superiores nunca se contradizem e só tratam de boas coisas. Só querem o bem. Essa é a sua preocupação. Os Espíritos inferiores estão dominados pelas ideias materiais. Suas manifestações se ressentem da sua ignorância e da sua imperfeição. Só aos Espíritos superiores é dado conhecer todas as coisas e julgá-las sem paixão.

1. O conhecimento científico de um Espírito é sempre uma prova da sua elevação?

— Não, porque se ainda estiver sob a influência da matéria pode ter os vossos vícios e preconceitos. Há pessoas que são no vosso

mundo excessivamente invejosas e orgulhosas. Pensas que ao deixá-lo perdem esses defeitos? Resta-lhes, depois que partem daí, principalmente as que alimentaram fortes paixões, uma espécie de atmosfera que as envolve e conserva todas essas coisas más.

— Esses Espíritos semi-imperfeitos são mais temíveis que os Espíritos maus, porque, na sua maioria, juntam a astúcia e o orgulho à inteligência. Pelo seu pretensão saber eles se impõem às pessoas simples e ignorantes, que aceitam sem exame as suas teorias absurdas e mentirosas. Embora essas teorias não possam prevalecer contra a verdade, não deixam de produzir um mal momentâneo porque entram a marcha do Espiritismo e porque os médiuns se enganam ingenuamente quanto ao mérito das comunicações que recebem. Este o ponto que requer grande estudo de parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns. **Para distinguir o verdadeiro do falso é que devemos convergir toda a nossa atenção.** (10) (grifo nosso)

2. Muitos Espíritos protetores se apresentam com nomes de santos ou de personagens conhecidos. O que devemos pensar disso?

— Todos os nomes de santos e de personagens conhecidos não bastariam para designar o protetor de cada criatura. São poucos os Espíritos de nomes conhecidos na Terra. É por isso que quase sempre não dão os seus nomes. Mas na maioria das vezes quereis um nome. Então, para vos satisfazer eles usam o de um homem que conheceis e que respeitais.

3. Esse empréstimo de nome não pode ser considerado uma fraude?

— Seria fraude se feito por um Espírito mau que desejasse enganar. Mas sendo para o bem, Deus permite que se faça entre os

Espíritos da mesma ordem, pois entre eles existe solidariedade e similitude de pensamentos.

(10) Muitos entendem que não devemos importar-nos com as mistificações, pois a verdade acaba prevalecendo. Kardec toca o nó da questão ao advertir que estes embustes ‘entravam a marcha do Espiritismo’ e prejudicam a atividade dos médiuns, perturbando-lhes o discernimento necessário ao cumprimento de suas missões. Grande número de criaturas sofre a desorientação proveniente das confusões semeadas no campo doutrinário e muitas chegam mesmo a perder oportunidades de uma encarnação ardentemente solicitada na vida espiritual. Dever dos espíritos, portanto, é combater as mistificações e desmascarar os Espíritos embusteiros, assegurando O progresso normal da doutrina que eles se empenham em ridicularizar com suas teorias absurdas. Esse é o bom combate de que falava o apóstolo, em que os inimigos não são os Espíritos nem as pessoas por eles fascinadas, todos dignos do nosso amor, mas os erros semeados entre as criaturas ingênuas. (N. do T.)

9. Compreendemos que seja assim quando se trata de ensinamento sério. Mas como os Espíritos elevados permitem a Espíritos de baixa classe usarem nomes respeitáveis para semear o erro através de máximas muitas vezes perversas?

— Não é com a sua permissão que o fazem. Isso não acontece também entre vós? Os que assim enganam serão punidos, ficai certos disso, e a punição será proporcional à gravidade da impostura. Aliás, se não fosseis imperfeitos só teríeis Espíritos bons ao vosso redor. Se sois enganados, não o deveis senão a vós mesmos. Deus o permite para provar a vossa perseverança e o vosso discernimento, para vos ensinar a distinguir a verdade do erro. Se não o fazeis é porque não estais suficientemente elevados e necessitais ainda das lições da experiência.

10. Espíritos pouco adiantados, mas animados de boas intenções e do desejo de progredir não são às vezes incumbidos de substituir um Espírito superior para se exercitarem na prática do ensino?

— Jamais nos Centros importantes. Quero dizer nos Centros sérios e para um ensino de ordem geral.

(11) Os que o fazem é por sua própria conta e, como dizem, para se exercitarem. É por isso que as suas comunicações, embora boas, trazem sempre a marca da sua inferioridade. Recebem essa incumbência apenas para as comunicações de segunda importância e para as que podemos chamar de pessoais.

11. As comunicações espíritas ridículas são às vezes entremeadas de boas máximas. Como resolver essa anomalia, que parece indicar a presença simultânea de Espíritos bons e maus?

— Os Espíritos maus ou levianos se metem também a sentenciar, mas sem perceberem bem o alcance ou a significação do que dizem. Todos os que o fazem entre vós são homens superiores? Não, os Espíritos bons e maus não se misturam. É pela constante uniformidade das boas comunicações que reconheceréis a presença dos Espíritos bons.

12. Os Espíritos que induzem ao erro estão sempre conscientes do que fazem?

— Não. Há Espíritos bons, mas ignorantes; podem enganar-se de boa fé. Quando tomam consciência da sua falta de capacidade eles a reconhecem e só dizem o que sabem.

13. Ao dar uma falsa comunicação, o Espírito sempre o faz com má intenção?

— Não. Se for um Espírito leviano apenas se diverte a mistificar, sem outra finalidade.

14. Desde que certos Espíritos podem enganar pela linguagem, podem tomar também uma falsa aparência para os médiuns videntes?

— Isso acontece, mas é mais difícil. Em todos os casos isso somente se dá com uma finalidade que os próprios Espíritos maus desconhecem, pois servem de instrumentos para uma lição. O médium vidente pode ver os Espíritos levianos e mentirosos como os outros médiuns podem ouvi-los ou escrever sob sua influência. Os Espíritos levianos podem aproveitar-se da faculdade do médium para o enganar com uma falsa aparência. Isso depende das qualidades do próprio Espírito do médium. (12)

15. É suficiente a boa intenção para não ser enganado, e nesse caso os homens realmente sérios, que não mesclam de curiosidade leviana os seus estudos, também estariam expostos à mistificação?

— Menos do que os outros, evidentemente. Mas o homem tem sempre algumas esquisitices que atraem os Espíritos zombeteiros. Julga-se forte e quase nunca o é. Deve desconfiar, por isso mesmo, da fraqueza proveniente do orgulho e dos preconceitos. Não se levam muito em conta essas duas causas de que os Espíritos se aproveitam, pois agradando-lhes as manias estão seguros de conseguir o que desejam. (13)

16. Por que Deus permite que os Espíritos maus se comuniquem e digam coisas más?

- Mesmo o que há de pior traz um ensinamento. Cabe a vós saber tirá-lo. É necessário que haja comunicações de toda espécie para vos ensinar a distinguir os Espíritos bons dos maus e para que vos sirvam de espelho.

17. Os Espíritos podem sugerir desconfianças injustas contra certas pessoas, por meio de comunicações escritas, e separar amigos?

— Os Espíritos perversos e invejosos podem praticar os males que os homens praticam. Eis porque precisamos estar sempre em guarda. Os Espíritos superiores são sempre prudentes se reservados quando censuram: nada dizem de mal, advertem com jeito. Se quiserem que duas pessoas, no próprio interesse delas, deixem de ver-se, provocarão incidentes que as separem de maneira natural. Uma linguagem que semeia discórdia e desconfiança provém sempre de um Espírito mau, seja qual for o nome de que se sirva. Assim, recebi sempre com reservas o que um Espírito disser de mal contra outro, sobretudo quando um Espírito bom já vos disse o contrário, e desconfiai também de vós mesmos, das vossas próprias aversões. Das comunicações espíritas aceitai somente o que for bom, grande, belo, racional e o que a vossa consciência aprove.

(11) ‘Les grands centres’, como está no original, ou os Centros importantes, como diríamos em português, são as instituições responsáveis, pouco importando o seu tamanho ou número de adeptos. Para se compreender a razão dessa espécie de privilégio (ao menos aparente) confronte-se este item com os de nº 19 e 20. A justiça espírita é aplicada segundo os méritos reais de pessoas e instituições, visando sempre ao bem geral. (N. do T.)

(12) Passa-se exatamente como entre os encarnados: o trapaceiro só consegue êxito com as pessoas que lhe dão ouvidos. Daí o ensino evangélico de vigiar e orar. Na mediunidade esse ensino se aplica como verdadeira lei. O médium que não vigiar a si mesmo e não souber manter-se em oração está sujeito a todos os enganos. Mas cada engano será para ele uma lição, como é para os homens enganados por outros. (N. do T.)

(13) Todos temos as nossas manias e as nossas pretensões. Os Espíritos zombeteiros ou mistificadores, por simples diversão ou maldade se aproveitam delas, dizendo coisas que estão de acordo com essas fraquezas do nosso caráter. Com isso nos agradam e nos dominam. (N. do T.)

18. Pela facilidade com que os Espíritos maus se infiltram nas comunicações, parece que nunca se pode estar certo da verdade?

— Sim, podeis, desde que tendes a razão para os julgar. Ao ler uma carta sabeis reconhecer muito bem se foi um grosseirão ou um homem educado, um tolo ou um sábio que a escreveu. Se recebeis uma carta de um amigo distante, o que vos prova que é dele? A letra, direis. Mas não há farsantes que imitam todas as letras e tratantes que podem conhecer os vossos negócios? Não obstante, há indícios que não vos permitem enganar. O mesmo se dá com os Espíritos. Imaginai que é um amigo que vos escreve ou que se trata da obra de um escritor. E julgai da mesma maneira.

19. Os Espíritos superiores poderiam impedir os maus de tomarem nomes falsos?

— Certamente que o podem. Mas, quanto piores são os Espíritos, mais teimosos são e frequentemente resistem às injunções. Convém saber que há pessoas pelas quais os Espíritos superiores se interessam mais do que por outras, e quando julgam necessário sabem preservá-las da mentira. Contra essas pessoas os mistificadores são impotentes.

20. Qual a razão dessa parcialidade?

— Isso não é parcialidade, é justiça. Os Espíritos bons se interessam pelos que aproveitam os seus conselhos e se esforçam seriamente para melhorarem. São esses os seus preferidos e os ajudam, mas pouco se importam com aqueles que os fazem perder o seu tempo em belas palavras.

21. Por que Deus permite aos Espíritos o sacrilégio de usarem falsamente nomes veneráveis?

— Poderíeis perguntar também por que Deus permite aos homens mentir e blasfemar. Os Espíritos, como os homens, têm o seu livre-arbítrio para o bem e para o mal, mas nem uns nem outros escaparão à justiça de Deus.

22. Há fórmulas eficazes para expulsar Espíritos mentirosos?

— Fórmula é matéria. Vale mais um bom pensamento dirigido a Deus.

23. Certos Espíritos disseram possuir sinais gráficos inimitáveis, espécies de selos pelos quais se pode reconhecer e constatar a sua identidade. Isso é verdade?

— Os Espíritos superiores só possuem como sinais de sua identidade a elevação de suas ideias e de sua linguagem. Qualquer Espírito pode imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, traem-se de tantas maneiras que só um cego se deixa enganar por eles.

24. Os Espíritos inferiores não podem imitar também o pensamento?

— Imitam o pensamento como os cenários do teatro imitam a Natureza.

25. Seria assim tão fácil descobrir a fraude por um exame atento?

— Nem há dúvida. Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas é preciso ter olhos de joalheiro para distinguir a pedra verdadeira da falsa, e quem não sabe distingui-la procura um lapidário.

26. Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que se contentam mais com palavras do que com ideias, que chegam mesmo a tomar ideias falsas e vulgares por sublimes. Como essas pessoas, inaptas para julgar os homens, podem julgar os Espíritos?

— Quando são bastante modestas para reconhecer a sua insuficiência não se fiam em si mesmas. Quando, por orgulho, se julgam mais capazes do que são, pagam pela sua tola vaidade. Os Espíritos mistificadores sabem a quem se dirigem. Há pessoas simples e pouco instruídas que são mais difíceis de enganar do que as espertas e sabidas. Agradando o amor-próprio eles fazem dos homens o que querem. (14)

(14) A vaidade anula a inteligência e a instrução. A humildade supre através da vaidade que os mistificadores dominam os mais inteligentes e instruídos. Podemos ver isso ao nosso redor, e nos espantamos de que certas pessoas se deixem levar por mistificações evidentes. Os itens 25 e 26 esclarecem bem esse problema. Devemos meditar sobre esses itens. (Nota do Tradutor)

Referência e fonte: “O Livro dos Médiuns”.

XL – Divaldo apoia Ramatis... Mas, e daí?

Há muito tempo estamos aguardando para falar sobre esse assunto. No entanto, como alguns ramatisistas vêm se utilizando da declaração do citado médium datada de 15 de agosto de 2004 para dar credibilidade ao espírito Ramatis, resolvemos fazer algumas considerações.

A princípio, ficamos verdadeiramente surpresos quando soubemos, quase que imediatamente, que o conhecido médium Divaldo Pereira Franco havia proferido, em público, considerações elogiosas acerca do espírito Ramatis. Afinal, Divaldo sempre se apresentou como fiel defensor do Espiritismo e da Codificação Kardeciana, assim como psicografou livros de um dos maiores expoentes da pureza doutrinária, o cearense Vianna de Carvalho.

Com certeza, seu trabalho de divulgação é notável, temos de reconhecer. Porém, assim como todos nós, o médium Divaldo tem o direito a ter suas opiniões, nem sempre todas elas, contudo, abalizadas pela Doutrina. O que não se pode, por isso, é tomar suas opiniões como se representassem o posicionamento do Espiritismo ou mesmo fosse um reflexo indefectível da Verdade. Nos últimos tempos, aliás, Divaldo Franco tem se envolvido em inúmeras polêmicas. Muitas delas, inclusive, receberam sinais de desagrado tanto de espíritas como dos próprios ramatisistas, como poderemos nos certificar neste nosso artigo.

Inicialmente, não poderíamos deixar de colocar as coisas como elas devem verdadeiramente ser. Em termos de divulgação e entendimento doutrinário, a primeira e a última palavra deva ser a da Codificação Espírita, acima de toda e qualquer opinião

individual, seja de um espírito ou de um indivíduo encarnado. Concomitantemente à Doutrina, a Ciência material, naquilo que ela estuda e aborda, também deve ser levada em consideração, tal qual explicou o Codificador:

... “O Espiritismo não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo-se com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”.

Portanto, é importante ressaltar que o posicionamento espírita acompanha o progresso científico, e não opiniões isoladas de médiuns ou de espíritos. Esta é uma questão capital nesta nossa análise.

Da mesma forma, notamos que se tem dado aos médiuns, especialmente no Movimento Espírita Brasileiro, uma autoridade e notoriedade que eles jamais tiveram à época de Kardec e na própria Codificação, por exemplo.

Claro que se pode ser, ao mesmo tempo, um grande conhecedor da Doutrina e médium, mas o que a grande maioria leva unicamente em consideração, infelizmente, é a mediunidade (ostensiva) do indivíduo, como se isso, por si só, o elevasse à condição de ser superior, inatacável e acima do Bem e do Mal. Esta é uma visão equivocada, oriunda do desconhecimento acerca do papel do médium e também de um certo misticismo atávico, onde o médium

é tido como possuidor de “poderes sobrenaturais” ou uma espécie de intercessor ou “pistolão” espiritual, pronto a interceder em favor de seus seguidores e admiradores, haja vista o número de pessoas que seguem alguns desses medianeiros em verdadeiras caravanas. O interesse, neste caso, passa a não ser mais o conhecimento espírita, mas uma ostensiva idolatria à figura do médium em si.

Assim sendo, é evidentemente errôneo formarmos uma opinião baseados tão-somente no que disse o médium “X” ou “Y”, abandonando a Codificação Espírita e a Ciência, assim como a razão, a lógica e o bom-senso. Isso é abdicar da criticidade e do princípio da fé raciocinada, postura esta totalmente em oposição àquilo que o Espiritismo ensina.

As Polêmicas

Como dissemos no início, o médium Divaldo Franco tem se envolvido em inúmeras polêmicas, algumas delas ferindo tanto posicionamentos da própria Doutrina como dos ramatisistas, que listaremos e comentaremos a seguir.

Apometria

Como pudemos desenvolver no artigo “O Que Está por trás da Apometria”, Ramatis e os ramatisistas se colocam como maiores incentivadores da Apometria. No entanto, a posição de Divaldo é diametralmente oposta:

“Apometria não é Espiritismo” (Autor: Divaldo Pereira Franco)

“Não irei entrar no mérito nem no estudo da apometria porque eu não sou apômetra, eu sou espírita e o que posso dizer é que a apometria, segundo os apômetras, não é espiritismo. Porquanto as suas práticas estão em total desacordo com as recomendações de

“O Livro dos Médiuns”. Não examinaremos aqui o mérito ou de mérito porque eu não pratico a apometria, mas segundo os livros que têm sido publicados, a apometria, segundo a presunção de alguns, é um passo avançado do movimento Espírita no qual Allan Kardec estaria ultrapassado. Allan Kardec foi a proposta para o século XIX e para parte do século XX e a apometria é o degrau mais evoluído no qual Allan Kardec encontra-se totalmente ultrapassado. Tese com a qual, na condição de espírita, eu não concordo em absoluto. (...) Então, se alguém prefere a apometria, divorcie-se do Espiritismo. É um direito! Mas não misture para não confundir”.

(Leia o texto na íntegra em:

<http://www.oespiritismo.com.br/textos/ver.php?id1=91>)

Crianças Índigo e Cristal

Já no meio espírita, Divaldo recebeu duras críticas por seu apoio à tese da existência das chamadas “crianças índigo” e “cristal”, originária de uma estranha seita “new age”.

Segundo o escritor e dirigente espírita Richard Simonetti, da cidade de Bauru - SP, essas crianças seriam, ao invés de espíritos evoluídos, como afirma Divaldo, “uma geração de espíritos perturbados, com subdesenvolvimento moral, comprometidos com graves desvios de existências anteriores. Não podem ser identificados como espíritos missionários porque detestam a disciplina e assumem postura que contrariam elementares princípios de civilidade”.

Já a pedagoga Dora Incontri afirma que tudo não passa de uma mistificação grosseira, oriunda das mensagens de um espírito chamado Kryon, que a tradução brasileira mudou para “médium Kryon”, que se afirma extraterrestre e o espírito mais próximo de Deus. Uma grande mistificação com fins comerciais, sem

nenhuma racionalidade, sem nenhum critério científico. Segundo ainda a pedagoga espírita, “espíritas embarcam gostosamente na ideia. Por que? Alguns certamente o fizeram de boa-fé, outros com claros interesses financeiros, porque se trata de um tema vendável, na linha da auto-ajuda descompromissada, aquela que agrada ao leitor, por trazer receitinhas prontas de como tratar um filho índigo – e muitos podem se iludir no orgulho de ter um filho de aura azul, predestinado a mudar o mundo, um mutante genético”.

O Fim dos Tempos

Como bem sabemos, Ramatis defende a tese da existência de um astro que, devido a sua aproximação com nosso planeta, iria provocar, até o ano 2000, a elevação abrupta do eixo terrestre e consequentes cataclismos globais que viriam a dizimar boa parte da humanidade. Embora Divaldo Franco tenha defendido o espírito Ramatis, o mesmo não parece corroborar tais previsões apocalípticas em entrevista ao jornal “O Paraná”, muito pelo contrário:

O Paraná: “Muitos acreditam no final dos tempos, a partir da virada para o próximo milênio. Como o Espiritismo encara isso?”

Divaldo: “Como uma superstição. Normalmente, através da história, a mudança de século sempre trouxe, particularmente na idade média, o fantasma do horror. Baseado em que, nessa mudança, a Terra se deslocaria do eixo, haveria uma erupção de epidemias, de terremotos, maremotos, de fenômenos sísmicos e, na virada do milênio, foi ainda mais apavorante, por causa desse mesmo critério supersticioso. Em todo o Evangelho, nos 27 livros que o constituem, não há nenhuma referência ao novo milênio. As observações, a respeito do ‘fim do mundo’, estão no Apocalipse de João, quando ele dirá, através de metáforas e de imagens, de uma concepção de um estado alterado de consciência, que vê a transformação que se operaria na Humanidade. Mais

tarde poderíamos colher outros resultados também no chamado sermão profético de Jesus, que está no evangelista Marcos, capítulo 13, versículo 1 e seguintes, quando Jesus saía do templo de Jerusalém e os discípulos, muito emocionados, dizem: Senhor, vede que pedras, vede que templo’. E Jesus lhes redargue:

‘Em verdade vos digo que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada’. Foram para o Getsêmani, no Horto das Oliveiras, e ali os amigos disseram: ‘Conta-nos quais serão os sinais que antecederão a isso’. Ele narra uma série de fenômenos que certamente atingiriam a Terra. Aconteceu que, realmente, no ano 70, Tito teve a oportunidade de derrubar o templo de Jerusalém, que não foi mais reerguido, e no ano 150, na segunda diáspora dos hebreus, praticamente Jerusalém foi destituída da Terra, somente voltando a ter cidadania quando a ONU reconheceu o Estado de Israel com os direitos que, aliás, lhe são credenciados e que ele merece. Mas as doutrinas religiosas, com o respeito que nos merecem, que sempre se caracterizaram pelo Deus-temor ao invés do Deus-amor, por manterem as pessoas na ignorância e intimidá-las, ao invés de libertá-las pelo esclarecimento, estabeleceram que o fim do mundo seria desastroso, seria cruel, como se não vivêssemos perpetuamente num mundo desastroso e cruel, cheio de acidentes, de vulcões, de terremotos, de maremotos, de guerras, de pestes, etc. Para nós, espíritas, o fim do mundo será o fim do mundo moral negativo, quando nós iremos combater os adversários piores, que são os que estão dentro de nós: as paixões dissolventes; os atavismos de natureza instintiva agressiva; a crueldade; o egoísmo e, por consequência, todos veremos uma mudança da face da Terra, quando nós, cidadãos, nos resolvamos por libertar-nos em definitivo das nossas velhas amarras ao ego e das justificativas por mecanismos de fuga. Então o homem do futuro será um homem mais feliz, sem dúvida. Haverá uma mudança também da justiça social. Haverá justiça social na Terra, porque nós, as criaturas, compreenderemos os nossos direitos, mas acima de tudo, os nossos deveres, deveres esses como fatores

decisivos aos nossos direitos. Daí, a nossa visão apocalíptica do fim dos tempos é a visão da transformação moral em que esses tempos de calamidade passarão a ser peças de museu, que o futuro encarará com uma certa compaixão, como nós encaramos períodos do passado que nos inspiram certo repúdio e piedade pela ignorância, então, que vicejava naquelas épocas”.

(Fonte: <http://mundoespirita.com.br/antigo/jornal/set6-1.htm>)

A Umbanda e os Pretos Velhos

Sabemos que o movimento ramatisista possui muita simpatia pela Umbanda, sendo que inúmeros médiuns umbandistas têm alegado receber mensagens de Ramatis. Divaldo Franco, contudo, declarou o seguinte recentemente, causando estranheza em muitos umbandistas e ramatisistas também:

“... Na cultura brasileira, remanescente do africanismo, há uma postura muito pieguista, que é a do preto velho. E muitas pessoas acham que é sintoma de boa mediunidade ser instrumento de preto velho. Quando lhe explicamos que não há pretos velhos, nem brancos velhos, que todos são Espíritos, ficam muito magoadas, dizendo que nós, espíritas, não gostamos de pretos velhos. E lhes explicamos que não é o gostar ou não gostar. Se tivessem lido em ‘O Livro dos Médiuns’, ‘O Laboratório do Mundo Espiritual’, saberiam que se a entidade mantém determinadas características do mundo físico, é porque se trata de um ser atrasado. Imagine o Espírito que manquejava na Terra, porque teve uma perna amputada, ter de aparecer somente com a perna amputada. Ele pode aparecer conforme queira, para fazer-se identificar, não que seja o seu estado espiritual. Quando, ao retornar à Pátria da Verdade, com os conhecimentos das suas múltiplas reencarnações anteriores, pode apresentar-se conforme lhe aprouver.

Então, a questão do preto velho é um fenômeno de natureza animista africanista, de natureza piegas. Porque nós achamos que o fato de ter sido preto e velho, tem que ser Espírito bom, e não é. Pois houve muito preto velho escravo que era mau, tão cruel quanto o branco, insidioso e venal. E também houve e há muito branco velho que é venal, é indigno e corrompido. O fato de ter sido branco ou preto não quer dizer que seja um Espírito bom.

Cabe ao médium ter cuidado com esses atavismos, e quando esses Espíritos vierem falando errado, ou mantendo os cacoetes característicos das reencarnações passadas, aclarar-lhes quanto à desnecessidade disso. Porque se, em verdade, o preto velho quer falar em nagô, que fale em nagô, mas que não fale um enrolado que não é coisa nenhuma. Ou, se a entidade foi alemã na Terra e não logre falar o idioma do médium, que fale alemão, mas que não fale um falso alemão para impressionar. O médium só poderá falar o idioma no qual ele já reencarnou em alguma experiência passada. Desde que não há milagres nem sobrenatural, o médium é um instrumento. Sendo a mediunidade um fenômeno orgânico, o Espírito desencarnado vai utilizar o que encontre arquivado no psiquismo do médium, para que isto venha à baila”. (Extrato de um ensaio do médium Divaldo Pereira Franco, que tem como título “Consciência”)

Aliás, é bom que se diga que a visão de Ramatis varia de médium para médium. Enquanto que para o Ramatis de Hercílio Maes a Umbanda é culto fetichista, para o Ramatis de Norberto Peixoto é a religião do terceiro milênio...

Rituais

Segundo Ramatis, “rituais, mantras, etc. são meios de se alcançar o ‘Cristo Planetário’, espírito superior até a Jesus.” (“Mensagens do Astral”, pág. 302) Assim sendo, para Ramatis, rituais podem nos colocar em comunicação até mesmo com

espíritos bastante adiantados. Para Divaldo, contudo, rituais não se justificam:

O Paraná: “Existem rituais no Espiritismo?”

Divaldo: “O Espiritismo, inicialmente, é o resultado de uma investiga o científica, por isso mesmo dizemos que o Espiritismo   ciência, não uma ciência convencional, porque o material com que labora não obedece às leis das doutrinas físicas. Trabalhando com o espírito imortal, está sempre na dependência das suas rea o es psicológicas, das suas atitudes emocionais.

Essa investiga o científica, que é resultado da observa o, ofereceu uma visão filosófica, e nessa proposta filosófica, o Espiritismo responde aos quesitos que perturbam o pensamento filosófico. Por efeito, tem uma  tica moral. Nessa  tica moral surge uma vertente religiosa, não do ponto de vista de uma religião constituída, que se caracteriza por um misticismo, por paramentos, por sacerdócio organizado, pelas expressões se tistas, ou que se permita caracterizar por uma forma ou fórmula de culto externo. É, portanto, uma doutrina destituída de toda e qualquer apresenta o visual que tenha por meta impressionar.   uma Doutrina que leva o indivíduo a uma autorreflexão a respeito da vida e das suas responsabilidades perante a consciência cósmica”.

Divaldo e Sai Baba

É conhecida, já de muito tempo, a admira o de Divaldo Franco pelo guru indiano, já desencarnado, Sathya Sai Baba. O médium baiano, assim como fez com Ramatis, rasgou-se em elogios a Sai Baba, afirmando ser o mesmo um dos seres mais evoluídos da Terra e digno de toda confiança e apreço. Divaldo chegou a relatar que, estando ele em um país distante, foi acometido por uma crise de angina no quarto do hotel, e Sai Baba teria se materializado (!) e o tratado ali mesmo, tal qual um médico. Mais tarde, na  ndia, segundo Divaldo, os dois se encontraram e assim

que se viram Sai Baba sorriu para Divaldo, e lhe disse logo: -“Que bom, meu filho! Este já é o nosso segundo encontro!” Depois disso, Divaldo relatou ter visto intensa luminosidade espiritual e sentido uma intensa paz ao encontrar o indiano.

Apesar dessa elevada opinião de Divaldo Franco sobre o citado guru, o que muitos no Brasil ainda não sabem, no entanto, é que Sai Baba andou envolvido em inúmeros escândalos, inclusive com acusações de participação em assassinatos, pedofilia e fraude em seus espetáculos de materialização, conforme veremos em detalhes.

Os Truques de Sai Baba

Abaixo, podemos ver alguns vídeos em que Sai Baba é flagrado executando truques de mágica, que afirma serem de “materialização”.

O parapsicólogo Wellington Zangari comenta sobre estudos científicos realizados com Sai Baba:

“Haraldsson e Wiseman apresentaram juntos, em 1994, na Convenção da Parapsychological Association, um estudo que fizeram com Sai Baba. Eu estive lá e assisti com interesse a apresentação, sobretudo porque foi acompanhada de um vídeo do estudo. Submeteram o alegado paranormal a alguns controles simples, como ter suas mãos colocadas dentro de sacos plásticos fechados por elásticos. Nenhum fenômeno ocorreu enquanto houve esse tipo de controle. A conclusão do trabalho aponta para a possibilidade de fraude”.

Acusações vindas de toda parte

Diversas instituições mundo afora, como a UNESCO, o Departamento de Estado Norte-Americano, a “BBC” e o jornal “Times” de Londres, os jornais “Telegraph” e “The Guardian”,

além de outras importantes instituições midiáticas da União Europeia, Escandinávia, Canadá e Austrália, já fizeram trabalhos investigativos sobre Sai Baba. Os documentários “The Secret Swami” (2004) da BBC, e “Seduced by Sai Baba”, produzido por uma emissora dinamarquesa em 2002, já foram vistos por milhões de pessoas em diversos países e contêm diversos testemunhos de pessoas que se disseram enganadas e violentadas física e emocionalmente pelo guru indiano.

Sai Baba e seus simpatizantes alegam, contudo, que tal cobertura é mero sensacionalismo. Antigos devotos (entre eles importantes ex-líderes, como o milionário Isaak Tigrett) afirmam que uma série de fatos estranhos ocorreram, incluindo assassinatos a sangue frio cometidos pela polícia no quarto de Sai Baba em 06 de junho de 1993. Seus ex-seguidores afirmam que, ameaçados pela mídia indiana e pela influência política de Sai Baba e seu multimilionário império, não tiveram outra alternativa senão fazer as denúncias a meios de comunicação não-indianos.

Houve, inclusive, uma petição pública para investigações oficiais de Sathya Sai Baba e de sua organização em nível mundial.

Já no endereço <http://saibabaexposed.blogspot.com> é possível ler, na íntegra, a reportagem investigativa levada a cabo pelo respeitado jornal inglês “The Guardian”, contendo denúncias de abuso sexual contra meninos.

Conclusão

Pudemos ver que um médium é um indivíduo que também pode se enganar e emitir opiniões completamente equivocadas. No caso específico de Divaldo Franco, o mesmo, inadvertidamente e sem ter colhido os elementos suficientes que lhe dessem a segurança de uma análise precisa, fez considerações elogiosas a uma entidade espiritual cujos ditados colidem frontalmente com os postulados da Doutrina Espírita e com as opiniões do próprio

Divaldo acerca de temas importantes. Talvez na ânsia de agradar aos seus simpatizantes e colher a simpatia dos mesmos, Divaldo, que parece jamais ter lido os livros ditados por Ramatis, chegou a afirmar tratar-se de nobre entidade. Da mesma maneira, Divaldo parece ter se equivocado em relação ao guru Sai Baba, tendo inclusive relatado uma materialização do mesmo em seu quarto, algo que provavelmente nem deve ter ocorrido, o que é bastante grave, em nossa opinião. Em ambos os casos, tanto Ramatis quanto Sai Baba falam de amor, de caridade, de Deus – palavras estas fáceis de pronunciar, mas que servem tão-somente de nuvem de fumaça para acobertar interesses inconfessáveis.

Portanto, a lição que aprendemos é que não devemos nos fiar na opinião deste ou daquele, mas sim aprofundarmos conhecimentos, confrontando as opiniões e submetendo-as às informações da Doutrina Espírita, da Ciência e da mais severa lógica num estudo atento e imparcial. O próprio Codificador, mesmo sendo um homem de extensa cultura, não olvidou tais cuidados, sugerindo, inclusive, a utilização de um Método de Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE) que pode ser encontrado no 9º parágrafo do item II da Introdução d'O Evangelho Segundo o Espiritismo (ESE), e na parte final do item XXVIII do cap. XXXI de "O Livro dos Médiuns", que transcrevemos abaixo:

“Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros”. (definição contida no ESE).

“A melhor garantia de que um princípio é a expressão da verdade se encontra em ser ensinado e revelado por diferentes Espíritos, com o concurso de médiuns diversos, desconhecidos uns dos outros e em lugares vários, e em ser, ao demais, confirmado pela razão e sancionado pela adesão do maior número”. (definição contida em O Livro dos Médiuns).

Se o prezado médium Divaldo Franco tivesse seguido tal critério, talvez não tivesse incorrido em análises tão precipitadas. O argumento que o mesmo se utiliza, na sua palestra em questão, colocando-o na boca de Kardec, é que Ramatis pode ser aceito porque o que importa é o “conteúdo moral”. No entanto, o critério kardeciano jamais foi só esse. Confirmam:

“Aplicando esses princípios de ecletismo às comunicações que nos enviaram, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que **são de uma moralidade irreprochável**, e excelentes como fundo; mas que desse número não há 300 para publicidade, e apenas 100 de um mérito inconteste. Essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes”. (Allan Kardec, Revista Espírita, 1863, maio.)

Podemos ver que, dentre 3.000 mensagens de uma moral irreprochável, Kardec só aceitou 100 como dignas de publicidade e publicação.

Para finalizar, disponibilizamos uma lista de estudiosos espíritas que se colocaram contrários ao conteúdo dos ditados do espírito Ramatis após terem analisado detidamente seus livros confrontando-os com os da Doutrina Espírita:

- 1) Herculano Pires – jornalista, filósofo, educador e escritor espírita brasileiro, com várias obras publicadas;
- 2) Deolindo Amorim – jornalista, escritor e conferencista espírita brasileiro. Colaborou no Jornal do Commercio e em praticamente toda a imprensa espírita do país;
- 3) Carlos Imbassahy – advogado, jornalista, escritor e espírita brasileiro;
- 4) Ary Lex – médico, escritor e dirigente da FEESP por muitos anos;

- 5) Celso Martins – jornalista, professor de Biologia e Física, palestrante e escritor espírita com mais de 30 obras publicadas;
- 6) Sérgio Aleixo – professor de Português e Literatura, expositor e escritor, membro da diretoria da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro (ADE-RJ);
- 7) Jorge Rizzini – médium e escritor consagrado, tem fama de ter sido o guardião dos conceitos espíritas;
- 8) Américo Domingos Nunes Filho – pediatra, escritor, conferencista e pesquisador espírita brasileiro;
- 9) Nazareno Tourinho – escritor, articulista e imortal da Academia Paraense de Letras;
- 10) Iso Jorge – Médico psiquiatra, professor, escritor e articulista espírita;
- 11) Dulcídio Dibo – Professor universitário, versado em Astronomia, expositor e autor de diversas obras doutrinárias;
- 12) José Passini – Possui Licenciatura em Letras, Mestrado em Língua Portuguesa e Doutorado em Linguística, é Presidente do Instituto Jesus, obra de amparo ao menor carente; presidente da Aliança Municipal Espírita, por duas vezes; presidente do Centro Espírita União, Humildade e Caridade e Membro da equipe do programa Opinião Espírita (Rádio e Televisão) e do Departamento de Evangelização da Criança da Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora;
- 13) Cirso Santiago – jornalista e editor do Jornal Correio Fraternal do ABC;
- 14) Gélio Lacerda – Advogado e escritor, ex-presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo.

XLI – Rizzini descreve Ramatis, sem meias palavras

Jorge Toledo Rizzini (1924-2008), escritor consagrado, jornalista profissional, polemista dos melhores, desde cedo mostrou-se grande defensor dos postulados doutrinários e do Espiritismo bem estudado e entendido, além de detentor de elevadas aptidões mediúnicas em favor do Bem geral. São de sua autoria os excelentes “Escritores e Fantasmas”, “Materializações de Uberaba”, “Caso Arigó” e outros, escritos via mediúnica.

Amigo pessoal de José Herculano Pires e de Chico Xavier, não se furtou de comentar sobre o espírito Ramatis, que tanta confusão semeou e ainda semeia com seus livros repletos de informações desencontradas e fantasiosas, sem qualquer amparo na Ciência e na Doutrina Espírita.

Artigo: “Ramatis e o Planeta Marte”

A Nave de Ramatis – que está sempre lotada de analfabetos espíritas

“O Espírito Ramatis sabe jogar com rara habilidade com fantasias e verdades. E, por não desprezar a verdade, conseguiu ludibriar até mesmo alguns que se julgavam conhecedores da Doutrina Espírita. Mas não é exatamente mau. O problema é que ele convulsiona o Movimento Espírita com suas fantasias, através de um estilo austero, professoral, às vezes dramático.

Sua palavra é a última sobre qualquer assunto. Não há pergunta que o deixe embaraçado, seja sobre química ou física nuclear, botânica ou astronomia, pintura ou medicina, etc. Mas, entre os temas de sua predileção um há que o deixa enternecido e sobre o

qual chegou a escrever um livro com mais de quatrocentas páginas e que tem o sugestivo título de “A Vida no Planeta Marte (e os Discos Voadores)”. A obra foi publicada em 1956, mas é atualíssima, pois os cientistas da Terra estão pesquisando aquele planeta.

Enquanto Ramatis, com seu estilo doutoral, com sua imaginação indomável, nos diz a respeito de Marte que:

- Já tem, aproximadamente, um bilhão e meio de habitantes;
- O Espírito reencarnante marciano vive no casulo materno sob condições análogas às terrenas;
- Estamos em relação aos marcianos, com relação à eletrônica, quatrocentos anos atrasados, e, moralmente, um milênio;
- Todos os sistemas religiosos do planeta são reencarnacionistas e entram em contato com os Espíritos desencarnados.

Estas e outras informações são de Ramatis, autor que fascinou os leitores e os fez sonhar com o planeta Marte. Sua capacidade de narrar é singular, e sua imaginação ardente, se não supera pelo menos se iguala a dos fantásticos criadores de estórias em quadrinhos.

Impossível não realçar essas qualidades, que lhe granjearam, logo ao ser publicado o seu primeiro livro, os aplausos do público em geral e, particularmente, de milhares de espiritistas incautos, que nele viram uma sumidade do Além.

Ramatis é um espírito enfermo – trata-se, evidentemente, de um caso de megalomania, enfermidade mental. E não de maldade deliberada, já que suas mistificações, por estranho que pareça, sempre visam enlevar o público. Que a enfermidade atingiu o mais alto grau, não há dúvida, pois Ramatis se comove quando fala do Evangelho, como quando fala da ‘civilização marciana’. Ele mistura verdade e mentira na mesma emoção. Ao invés de recriminações, Ramatis merece compreensão e preces.

Os que merecem mesmo cuidados especiais são os ‘espíritas’ que ainda estão radiantes com a leitura de livros de Ramatis. Esses sim são detentores de um potencial capaz de deturpar o Movimento Espírita”. (“Jornal Espírita”, São Paulo-SP, fevereiro de 1977).

XLII – A Serviço da Desinformação

Em grande parte dos nossos artigos, temos tecido comentários de alerta acerca das confusões fomentadas pelos adversários velados do Espiritismo, sejam eles encarnados ou desencarnados, com o objetivo de jogar a prática espírita na vala comum das concepções fetichistas e da alienação místico-religiosa. Infelizmente, ainda contam poucos os que levam a sério tais advertências, considerando-as exageradas ou mesmo apelando para uma postura dita evangélica, em que procuram enxergar apenas um suposto lado “bom” das coisas, numa tentativa inglória de fecharem os olhos aos absurdos e imposturas que surgem de toda parte, em que se empresta à Doutrina Espírita uma postura que ela, de forma alguma, endossa em suas obras basilares, isto é, as da Codificação. Talvez por isso esses mesmos adversários velados insistam que estejam as obras de Allan Kardec “ultrapassadas”, pois não conseguem alicerçar suas teorias e práticas naquilo que verdadeiramente ensina a Doutrina, apelando, assim, para a argumentação de que se faz necessário – inovar”, – modernizar”, mesmo que para isso se desfigure e contrarie frontalmente os mais básicos e elementares preceitos doutrinários e as mais rudimentares noções científicas, assim como a própria lógica e a razão.

Já tratamos do tema em nosso artigo “Nos Descaminhos da Fascinação”, onde evidenciamos o risco que corre aquele que cegamente aceita tudo que venha dos espíritos ou de indivíduos que se apresentam portadores ou medianeiros de verdades e revelações espirituais, sem o contributo do conhecimento que o Espiritismo proporciona - só verdadeiramente adquirido à custa de muito estudo e humildade, - e da necessidade de uma postura

crítica diante de tudo aquilo que deparamos sob o rótulo de “espírita”.

A estratégia mais empregada por esses adversários ocultos do Espiritismo tem sido a utilização de escritos psicografados para a mais fácil disseminação de suas excêntricas ideias. Não lhes interessa tanto, como no passado, causar problemas em pequenos núcleos e grupamentos espíritas - o que querem é alcançar o maior número possível de pessoas em um curto espaço de tempo. Como? Nada melhor do que encher as prateleiras das livrarias com seus ditados revestidos de belas palavras, mas que escondem a semente da tentativa de desmoralização do Espiritismo, na medida em que lhe ataca a unidade e a compromete perante a opinião pública. Alguns desses escritos, apressadamente convertidos em livros por editores famintos pelo lucro fácil e rápido, primam pela fantasia, pela linguagem trivial e sem profundidade, amparadas em historietas romanceadas repletas de chavões e ideias rasas, com superficial alusão ao Espiritismo e ao Evangelho para melhor enganar o leitor desavisado. O objetivo é passar a sensação de estarem em conformidade com a Doutrina Espírita e a mais pura moral evangélica. Outras obras, especialmente as publicadas nas décadas de 50 e 60, abordam certos temas sob uma abordagem esotérica e/ou cientificista, bem em moda naqueles tempos, da qual certos autores encarnados se aproveitaram para angariar notoriedade, sendo que muitas vezes, para melhor impressionar, afirmaram advir do mundo espiritual, como exemplificaremos, mais adiante, no artigo “Artigo Investigativo: Ramatis pode nem existir”.

É por essas e outras que Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo, advertiu:

“Nunca será demais toda a circunspeção, quando se trate de publicar semelhantes escritos. As utopias e as excentricidades, que neles por vezes abundam e chocam o bom-senso, produzem lamentável impressão nas pessoas ainda noviças na Doutrina, dando-lhes uma ideia falsa do Espiritismo, sem mesmo se levar

em conta que são armas de que se servem seus inimigos, para ridicularizá-lo. Entre tais publicações, algumas há que, sem serem más e sem provirem de uma obsessão, podem considerar-se imprudentes, intempestivas, ou desazadas”.

Tempos atrás ficamos surpresos com o caso apresentado pelo programa “Linha Direta”, da Rede Globo, que abordou o caso de dois homens encontrados mortos no alto de um morro em minha cidade natal, Niterói-RJ, no ano de 1966. Segundo o programa, esses dois indivíduos teriam morrido em consequência de sua aproximação com o Espiritismo e ao tentarem buscar contato com marcianos. Como o prezado leitor poderá constatar, é relatado que, inicialmente, os dois homens teriam recebido a orientação de um espírita para a feitura de “trabalhos espirituais” realizados com fogos de artifício (!), prática esta que, nem de longe, é endossada ou ensinada pela Doutrina Espírita. Já em relação à questão dos marcianos, a inspiração teria sido o livro “A Vida no Planeta Marte”, de Ramatis, inclusive mostrado na reportagem em sua terceira parte (vide ao fim do artigo). A citada obra é analisada por mim nos artigos “Ramatis e o planeta Marte” e “Férias em Phobos e Deimos”, onde demonstramos suas mais diversas cincadas científicas e doutrinárias, que, infelizmente, não foram percebidas pelos dois homens, que acabaram perecendo de maneira estranha. Fascinados pelas supostas revelações contidas no livro, não hesitaram em subir até o alto do morro em um dia de chuva intensa e sucessivos raios a fim de tentarem contato com supostos ETs, utilizando-se de máscaras de chumbo e consumindo estranhas cápsulas contendo alguma substância que não pôde ser detectada por falha de procedimento do Instituto Médico Legal. Conforme averiguamos, é possível que tenham frequentado ou recebido alguma orientação de um centro espiritualista de orientação africanista chamado “Centro Espírita Cabana Pai José”, fundado em 1935, e localizado exatamente na rua que dava acesso ao morro e que, coincidentemente ou não, dava espaço ao estudo e divulgação das obras ramatisianas.

No entanto, foram as ideias espíritas injustamente acusadas de terem influenciado a dupla a cometer a insanidade que acabou por lhes tirar a vida, devido à errônea associação que comumente se faz entre os livros e ideias da suposta entidade espiritual Ramatis e o Espiritismo, assim como das práticas fetichistas (conhecidas também como trabalhos espirituais) e a prática espírita que, na verdade, nada tem a ver com elas.

Faz-se necessário, cada dia mais, resgatar o Espiritismo através da divulgação e estudo das obras da Codificação. Enquanto o Movimento Espírita der espaço à publicação de obras mediúnicas de gosto duvidoso, que são confundidas como sendo autenticamente espíritas, teremos confusões como esta que, muitas vezes, levam a autênticas tragédias de amargas consequências, das quais se regozijam seus mal-intencionados autores.

XLIII – Ramatis e a Lei de Reprodução

Dentro de nossa análise dos ditados do espírito Ramatis, encontramos inúmeros posicionamentos unilaterais da citada entidade que contrariam diametralmente as preciosas instruções dos Espíritos Superiores a Allan Kardec, assim como o próprio senso-comum. É o caso da posição ramatisiana acerca dos métodos contraceptivos contida na obra “A Vida Humana e o Espírito Imortal”, através do médium Hercílio Maes. Vejamos:

“Só existe um único e justificável recurso para a limitação de filhos, capaz de livrar o homem de qualquer responsabilidade para com a Lei do Carma: é a continência sexual! Fora disso, o homem é culposo de tentar fugir ou evitar as suas consequências procriativas! Em verdade, os próprios animais mostram-se mais corretos do que o homem nas suas relações sexuais, pois só as praticam em épocas de cio destinadas à procriação, mantendo-se em continência nos períodos de infecundidade!”

Como se vê, Ramatis afirma, textualmente, que o único e justificável recurso para a limitação de filhos é a abstinência, sendo que ainda aconselha aos encarnados a agirem tal qual o animal irracional, que só tem relações sexuais quando a fêmea está no cio!...

Com certeza, tal opinião radical, mais uma vez, nem de longe encontra respaldo na Doutrina Espírita e/ou na Ciência Oficial, além de ser equivocada do ponto de vista moral, uma vez que Ramatis só admite o sexo para reprodução, ignorando que os seres humanos têm sua sexualidade não só motivada pela biologia e com vistas à reprodução, mas também e principalmente por valores afetivos.

Ramatis ignorou também que nos animais irracionais, os períodos de receptividade sexual, chamados de estro ou cio, ocorrem em intervalos específicos e identificáveis, seguidos por fases de atividade sexual, bem diferente do que ocorre na espécie humana.

Concordante com as conquistas da Ciência, da razão e da lógica, e não com preconceitos e radicalismos próprios dos espíritos pouco adiantados, o Espiritismo ensina que a ordenação bíblica —“crescei e multiplicai-vos”— inclusive utilizada por Ramatis para sustentar sua argumentação, não tem sido, até hoje, bem compreendida por todos. Os que se atêm à letra das Escrituras, sem penetrar-lhe o espírito, veem nessas palavras uma lei divina, estabelecendo que a reprodução das espécies, inclusive a humana, deva ser livre e ilimitada, e que obstá-la seria grave pecado. Sem dúvida, a reprodução dos seres vivos é lei da natureza e preenche uma necessidade no mecanismo da Evolução; isso não quer dizer, entretanto, seja proibido ao homem adotar certas medidas para a regular. Tudo depende da finalidade que se tenha em vista.

No que diz respeito ao controle da natalidade humana, objeto, hoje, de complexas pesquisas nos campos da Biologia, da Genética, da Farmacologia, da Sociologia, etc., e de acalorados debates entre teólogos e moralistas de várias tendências, a Doutrina Espírita nos autoriza a afirmar que, em havendo razões realmente justas para isso, pode o homem limitar sua prole, evitando a concepção.

A questão nº 694 de “O Livro dos Espíritos” dirime todas as dúvidas sobre o assunto, pois condena taxativamente apenas “os usos, cujo efeito consiste em obstar a reprodução, para satisfação da sensualidade”, deixando claro que pode haver, como de fato há, inúmeros casos em que se faz necessário não só restringir, mas até mesmo evitar qualquer quantidade de filhos.

“O homem se distingue dos animais — disseram ainda os Espíritos Reveladores na Codificação — por obrar com conhecimento de causa”. Portanto, o que dele se espera não é apenas que procrie por força do instinto sexual, qual mero reprodutor, mas que sejam pais e mães responsáveis e zelosos, dignificando a existência de seus filhos.

Ramatis ainda chega a afirmar que não foi necessário o uso de pílulas anticoncepcionais para limitar-se a procriação dos animais antediluvianos e monstruosos, como eram os brontossauros e dinossauros, pois eles foram escasseando sob o rigorismo da própria Lei que os criou, numa comparação dantesca com os animais pré-históricos, num claro incentivo à reprodução descontrolada e irracional.

Mais adiante, após condenar o erotismo, o desejo e o prazer oriundo do contato sexual, cai em contradição ao responder a seguinte pergunta ao falar dos sultões e seus haréns, indiretamente justificando a poligamia:

P.: “E que dizeis desses sultões, donos de vastos ‘haréns’ de mulheres, cuja descendência atinge a centenas de filhos?”

Ramatis: “Eles cumprem a Lei da Procriação sob os costumes e a moral concebida pela sua raça, atendendo às próprias necessidades dos espíritos de sua linhagem evolutiva! (...) Assim, a prolífica descendência dos sultões, no Oriente, ou de certos povos e tribos disseminadas pela África e Ásia, auxilia na solução dos problemas espirituais, porque proporcionamos corpos ou instrumentos de aprendizado para outros irmãos desesperados ou carentes de alfabetização, através do livro da natureza material!”

Já os Espíritos Superiores, em resposta à questão 701, ensinam que a abolição da poligamia, lei ainda existente entre alguns povos, marca um progresso social – que dizemos grandioso –, porquanto “o casamento, segundo as vistas de Deus, tem que

se fundar na afeição dos seres que se unem”. E concluem sabiamente:

“Na poligamia não há afeição real: há apenas sensualidade”.

Seguindo com suas “instruções” sobre sexo somente para procriação, Ramatis ainda afirma que um casal deve ter, no mínimo, quatro filhos (!), para estar quite com a Lei, o que é uma insensatez, pois estabelece um parâmetro único de conduta para todos os casais existentes no planeta.

Verificamos, assim, que o Espiritismo estabelece que o indivíduo pode regular, segundo a sua vontade, o número de filhos que deseja possuir, aquilo que hoje conhecemos como “planejamento familiar”. Já Ramatis, adotando um posicionamento radical e moralista, atrela o sexo apenas à reprodução, tal qual um fundamentalista religioso, que enxerga pecado em tudo. Frente a tal absurdo, um dos médiuns de Ramatis, Wagner D’Eloi Borges, em seu livro “Viagem Espiritual”, chegou a afirmar que tal pensamento sobre os contraceptivos não seria de Ramatis, mas sim uma interferência anímica de Hercílio Maes, na já conhecida estratégia de defender o espírito de qualquer maneira, exaltando-o quando ele parece acertar e imputando os inúmeros absurdos única e exclusivamente ao médium.

Esperamos que o leitor tenha podido, mais uma vez, aquilatar o que é ensino espírita e diferenciá-lo daquilo que não passa de uma ingloria tentativa de um espírito pseudossábio em impor suas ideias, tomadas como reflexo da Verdade e que deseja, a todo custo, que prevaleçam.

XLIV – Uma Tese por demais “Cabeluda”

Uma das características marcantes dos espíritos pseudossábios é a pretensão de falarem sobre tudo com desassombro, com o intuito de demonstrar possuírem conhecimentos ilimitados e melhor impressionarem aos que lhes dão ouvidos.

Allan Kardec, assim como os Espíritos Superiores, fez várias advertências em relação a essa classe de espíritos, sendo que o Movimento (dito) Espírita brasileiro (MEB) parece ignorá-las, preferindo acreditar que tudo que provém do mundo espiritual deva ser acatado e mesmo publicado sem qualquer análise crítica (prática esta, aliás, tida erroneamente como anticaridosa), como se no mundo espiritual só houvesse espíritos sábios e iluminados, únicos capazes de se comunicarem com os homens. Ledo engano, o que denota um profundo desconhecimento da Doutrina Espírita e da metodologia kardeciana no trato com os Espíritos. E, como resultado, temos percebido o enorme avanço de ideias estranhas à Doutrina, tornadas conhecidas através de obras repletas de excentricidades, exotismos e heresias científicas e doutrinárias de toda sorte, misturadas a conceitos aceitáveis e palavras bonitas exaradas com o fito de despistar os leitores menos atentos.

No precioso livro “Viagem Espírita em 1862”, o Codificador faz, já àquela época, comentários importantes sobre a questão:

(...) “Esses erros provêm quase sempre de Espíritos levianos, sistemáticos ou pseudossábios, que se comprazem vendo editadas suas fantasias e utopias (...) Mas, como esses Espíritos não possuem nem a verdadeira cultura, nem a verdadeira sabedoria, não conseguem manter por muito tempo o seu papel e a ignorância os trai. (...) é preciso que não temais, para o futuro, a

influência dessas obras. Elas podem, momentaneamente, acender um fogo de palha, mas quando não se apoiam em uma lógica rigorosa, vede, ao fim de alguns anos – muitas vezes de alguns poucos meses –, a que se reduziram”. (...)

E conclui com o bom senso que o caracterizava:

(...) “Uma vez que os Espíritos possuem livre-arbítrio e uma opinião sobre os homens e as coisas, compreender-se-á que a prudência e a conveniência mandam afastar esses perigos. No interesse da doutrina convém, pois, fazer uma escolha muito severa em semelhantes casos (...)”.

Em “O Livro dos Médiuns”, Allan Kardec descreve a tática adotada pelos espíritos pseudossábios, alertando para o perigo que representam:

“Estes são os mais perigosos, porque afetam uma aparência séria, de ciência e de sabedoria, em favor da qual proclamam, em meio a algumas verdades e boas máximas, as mais absurdas coisas”.

E arremata, ensinando qual deva ser a postura eminentemente espírita e correta em relação aos mesmos:

“Separar o verdadeiro do falso, descobrir a trapaça oculta numa cascata de palavras bonitas, desmascarar os impostores, eis, sem contradita, uma das maiores dificuldades da Ciência Espírita”.

No que tange especificamente ao espírito Ramatis, já tivemos a oportunidade de listar e comentar inúmeras de suas discrepâncias em relação ao Espiritismo e às Ciências em geral, desde previsões apocalípticas de destruição do planeta que não se cumpriram até descrições pormenorizadas da topografia marciana que em nada se assemelham à verdadeira conformação daquele planeta, teses estas que funcionaram como carros-chefes do citado espírito, e

que hoje encontram-se fragorosamente desmentidas pelo tempo e pelo avanço da tecnologia e do pensamento humano.

No entanto, Ramatis não só se mostrou um equivocada profeta e astrônomo, mas também um bem mal informado médico dermatologista, com grande desconhecimento acerca da fisiologia humana. Na obra “Magia de Redenção”, ditada ao médium Hercílio Maes, capítulo IX, intitulado “O uso do cabelo na feitiçaria” (página 163 - 7ª edição), consta o seguinte:

PERGUNTA: “Poderíeis dizer-nos porque os homens ficam calvos e tal fenômeno é mais raro entre as mulheres?”

RAMATIS: “Apesar dos inúmeros fatores organogênicos e hereditários enfermicos, que enfraquecem a cabeleira humana, além do uso nocivo de cremes, gomas, produtos e tinturas químicas que atacam o bulbo capilar, **uma das principais causas da calvície masculina é a ignorância do homem em cortar os seus cabelos.** Aliás, modernamente, observa-se que as próprias mulheres também se candidatam à calvície prematura, **por adotar em o cabelo curto e o deceparem fora de época.** As leis que disciplinam os fenômenos da vida física, etérica, astralina ou mental, na verdade

derivam-se de uma só lei imutável e eterna – a Lei Divina da Criação Cósmica! Ela é a mesma lei que rege a coesão dos astros no campo sideral, a afinidade entre as substâncias químicas e o amor entre as criaturas humanas. Em consequência, até no corte do cabelo o homem deve obedecer a regência das leis que regulam o seu crescimento capilar, **caso não deseje ficar calvo!**”

Como pôde perceber o leitor, Ramatis aponta o corte dos cabelos como um dos fatores que provocam a calvície em homens e mulheres! – algo que, evidentemente, não faz o menor sentido, haja vista que, caso assim fosse, seríamos todos carecas, uma vez que não há quem não corte os cabelos nos dias de hoje.

Não se contentando em prescrever uma medida anacrônica para evitar a perda dos cabelos, Ramatis ainda chega a afirmar que o corte dos cabelos deva obedecer às fases da Lua, antigo mito cultural e crendice, hoje desmentida pela Ciência moderna. Na verdade, sabe-se que o cabelo é formado por uma proteína chamada de alfa-queratina, sendo que tudo o que acontece com ele está na parte interior do couro cabeludo, a três ou quatro milímetros de profundidade. Nosso cabelo nada mais é do que células mortas impregnadas de queratina. Portanto, não há uma conexão entre o crescimento dos cabelos com as fases da Lua, já que não se pode comparar crescimento dos cabelos com crescimento de plantações, por exemplo, que obedecem a leis bem diferentes entre si. Tal crendice tem origem nas mitologias dos povos agrícolas, que achavam que o que era bom para as plantas servia para os cabelos. Assim, conforme a superstição, aparar os fios na lua cheia aumentaria o volume; na minguante, teria o efeito oposto; na lua nova seria ótimo para renovar o visual e, na crescente, ideal para se tornar um Sansão ou uma Rapunzel. Há, sim, provas de que os fios reagem à melatonina, hormônio associado à luminosidade do meio ambiente, por isso a taxa de crescimento é ligeiramente menor durante o inverno.

XLV – Os Efeitos da Heterodoxia e do Ecletismo no Movimento Espírita Francês

Como bem sabemos, o Espiritismo surgiu na França em 1857, com a publicação de “O Livro dos Espíritos” pelo professor Hippolyte León Denizard Rivail, que se utilizou do pseudônimo “Allan Kardec” para que ficasse bem marcada a distinção daquele seu trabalho com outros oriundos de sua profissão como respeitado pedagogo, discípulo de Pestalozzi.

Com o sucesso alcançado pela primeira obra da Codificação Espírita, base de todo o edifício doutrinário, Allan Kardec decidiu fundar, em Paris, a 1º de abril de 1858, a “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”, cuja existência justificou da seguinte maneira:

“A extensão por assim dizer universal que tomam diariamente as crenças espíritas faziam desejar vivamente a criação de um **centro regular de observações**. Esta lacuna acaba de ser preenchida. A Sociedade cuja formação temos o prazer de anunciar, composta exclusivamente de pessoas sérias, isentas de prevenções e animadas do sincero desejo de esclarecimento, contou, desde o início, entre os seus associados, com homens eminentes por seu saber e por sua posição social. Estamos convictos de que ela está chamada a prestar incontestáveis serviços à constatação da verdade. Sua lei orgânica lhe assegura uma homogeneidade sem a qual não haverá vitalidade possível; está baseada na experiência dos homens e das coisas e no conhecimento das condições necessárias às observações que são o objeto de suas pesquisas. Vindo a Paris, os estranhos que se interessam pela doutrina espírita terão um centro ao qual poderão dirigir-se e comunicar suas próprias observações”.

De acordo com o relatório de abril de 1862, publicado na Revista Espírita, a Sociedade experimentou considerável crescimento em seus primeiros anos de funcionamento, com 87 sócios efetivos pagantes, contando entre os membros: cientistas, literatos, artistas, médicos, engenheiros, advogados, magistrados, membros da nobreza, oficiais do exército e da marinha, funcionários civis, empresários, professores e artesãos. O número de visitantes chegava a quase 1.500 pessoas por ano, considerável para a época.

Kardec, que desempenhava o cargo de presidente desde a criação da entidade, fatigado com o excesso de trabalho e aborrecido com as querelas administrativas, por várias vezes externou o desejo de renunciar. Instado, porém, pelos Espíritos coordenadores do trabalho, continuou no exercício da presidência até a data de sua desencarnação.

Conforme se pode claramente notar em escritos, documentos e depoimentos da época, o Codificador era rigoroso no cumprimento das disposições estatutárias e na disciplina na condução das atividades aí realizadas. Exigia de todos os participantes extrema seriedade e isso contribuiu para dar muita credibilidade à instituição e aos seus pronunciamentos acerca dos assuntos tratados. Era extremamente prudente e austero nos pareceres exarados e nunca permitiu que a Sociedade se tornasse arena de controvérsias e debates estéreis, geralmente fomentados por indivíduos interessados em desviarem o Espiritismo dos rumos estabelecidos nas obras da Codificação.

Com o desencarne de Allan Kardec em 1869, vitimado por um aneurisma, um de seus colaboradores mais diretos, **Pierre Gaëtan Leymarie**, passou a exercer as funções de redator-chefe e diretor da “Revue Spirite” (1870 a 1901) e gerente da “Librairie Spirite” (1870 a 1897). No entanto, sem as mesmas credenciais do Codificador e por seu excessivo espírito de tolerância, não foi capaz de obstruir a ação de (pseudo) adeptos que desvirtuaram a finalidade da Revista, abrindo suas páginas à propaganda de

filosofias espiritualistas, inclusive à de Roustaing, que diverge do Espiritismo. Houve, ao mesmo tempo, o desvirtuamento das finalidades da Revista Espírita, em que foi oferecido – terreno livre a lutadores de todas as correntes com a condição de que defendessem causas espiritualistas ou de ordem essencialmente humanitária e moral, expondo-se assim às críticas acirradas de uns, às acusações ou descontentamento de outros...” , conforme consta na obra “Processo dos Espíritas” (ed. FEB, 1977, págs. 22/23 da 2ª edição). Nesses ‘lutadores de todas as correntes’ **incluíam-se adeptos do Orientalismo, como teosofistas, budistas, ocultistas, esotéricos, etc.**, como relata a obra ‘Allan Kardec’ (FEB, vol. III) de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen.

Esta é, portanto, **a causa do desaparecimento do Espiritismo na França**. O sincretismo, a miscelânea do Espiritismo com outras correntes espiritualistas, desfigurando por completo a prática espírita, que **até hoje é confundida, na França e em praticamente toda a Europa, com toda a sorte de superstições, como a astrologia, quiromancia, feitiçaria, bruxaria, etc.**

No Brasil, na atualidade, o que podemos claramente verificar é que a história se repete, sendo que a tática dos inimigos velados do Espiritismo continua a mesma: a de propor e forçar a sorrateira entrada de questionáveis práticas e ideias no seio do movimento espírita brasileiro.

Por um lado, tivemos a adoção das obras de Roustaing pela Federação Espírita Brasileira, tendo seus membros apelidado-as de “Curso Superior de Espiritismo”, “Quarta Revelação” e “Revelação da Revelação”. Graças a isso, até hoje sentimos o reflexo dessa política febeana, na medida em que no movimento instaurou-se uma mentalidade piegas, subserviente e igrejeira, erroneamente confundida com postura caritativa e tolerante, devido a toda uma série de obras, mediúnicas ou não, que, embora não mencionassem Roustaing ou suas obras, conseguiram incutir, sub-repticiamente, o ideário neo-docetista no seio do Movimento.

Por outro lado, e adotando ideias diferentes das do rustenismo, os simpatizantes do orientalismo insistem, com base principalmente nos ditados do espírito **Ramatis** ao médium espiritualista Hercílio Maes, em dar ao Espiritismo uma **faceta mística calcada nas religiões orientalistas do passado e na Teosofia**, julgadas capazes de enriquecer o Espiritismo. Para tanto, não se furtam em chamar Kardec (e, conseqüentemente, as obras da Codificação Espírita) de ultrapassado, e a Doutrina de carente de remendos, considerando como principal artífice dessa “missão” o próprio espírito Ramatis e seus confusos ditados, sob a fachada de “universalismo”, termo geralmente utilizado para encobrir ideias sincretistas e práticas fetichistas.

A lista de “inovações” propugnada por esses redutos seitas é extensa: **adoção da astrologia, da apometria, de rituais, de terminologias estranhas ao Espiritismo, crença em profecias de destruição do planeta, crença em extra e intraterrenos com missão de salvar o planeta, e toda sorte de divagações místicas sem o menor embasamento lógico ou factual**, geralmente induzindo a uma alienação místico-religiosa que em nada fica a dever às religiões dogmáticas tradicionais, só que com uma faceta diferente, de cunho essencialmente esotérico.

Portanto, enquanto encararmos tudo isso de braços cruzados, vitimados pela falsa ideia de que estaremos sendo intolerantes e antifraternos ao (nos) esclarecermos e não compactuarmos com essa tentativa de desvirtuamento do entendimento e da prática espírita dentro e fora dos centros espíritas e federações, tudo ficará como está, com tendência a piorar, tal qual aconteceu com o próprio Cristianismo, hoje uma autêntica colcha de retalhos devido aos mesmos fatores que hoje ameaçam o Espiritismo.

A articulista **Vanda Simões**, atenta a essa realidade, escreveu certa feita um interessante artigo intitulado “**Nossos Espíritas**

Imperfeitos” que nós aqui transcrevemos e utilizamos para concluir nossas considerações:

“Allan Kardec afirmou certa vez, que os piores inimigos do Espiritismo estariam entre seus pares. Pode parecer declaração demasiadamente dura e radical, mas veio dele mesmo e ele sabia do que estava falando. Hoje, nesse mundo de tanta confusão, o Movimento Espírita se vê envolto em um **emaranhado de parvoíces que deixam os espíritas sérios preocupados com o destino da doutrina no mundo**. Custa-se a acreditar que uma filosofia tão racional e desbravadora possa ter gerado pessoas com visão tão estreita e engessada da vida.

De duas uma: ou a Doutrina Espírita é defeituosa ou os espíritas não compreenderam seu alcance moral. Sabendo-se da inverdade da primeira hipótese, resta-nos curvar à realidade da segunda. A prova disso está na forma como a Doutrina é praticada nos centros espíritas do país inteiro, com réplicas perfeitas no exterior (principalmente em Portugal e nos Estados Unidos), ‘formando’ adeptos que de espíritas só têm o nome. São os espíritas imperfeitos, de que está cheio o movimento, como por exemplo, **os que vêm a público afirmar que Kardec está ultrapassado e que precisa ser reinterpretado, quando ainda nem se conhece a fundo dez por cento do seu pensamento**. Consideram-se doutos em Espiritismo por terem lido as obras básicas, e toda a literatura acessória, psicografada ou não. E ler é uma coisa. Estudar, entender e compreender é outra bem diferente. (...)

(...) Os espíritas ‘modernos’ parecem desconhecer tal coisa. E, se conhecem, não dão a menor importância, pois defendem ideias esdrúxulas e contrárias aos fundamentos kardequianos, **baseados em escritos ditados por Espíritos enganadores e pseudossábios**. Essas ideias infiltram-se com facilidade em nosso meio, porque encontram o terreno fértil da ingenuidade e da falta do estudo que faz com que tudo se aceite sem exame, sem critério. É tempo de mudanças. O milênio termina e se inicia uma nova

fase para o planeta. Os centros espíritas precisam se preparar para amparar o homem dentro de uma filosofia de vida melhor, mais justa e mais plena de compreensão das coisas divinas.

Para isso, necessita de espíritas sérios, que compreendam o verdadeiro sentido do Espiritismo, que possam trazer para dentro das casas espíritas uma nova ordem de práticas e metas, formando verdadeiramente homens de bem. Que possam retirar dos centros tudo o que não serve para a edificação do ser. Enfim, mostrar aos fariseus modernos a verdadeira face da Doutrina Espírita como agente modificador da humanidade e não como instrumento de gloriolas, de mera promoção pessoal e fábrica de fantasias”.

XLVI – Fraternidade sim, Sincretismo não

Veza por outra surge alguém ou algum grupo atacando a coerência espírita e defendendo certas ideias de fundo ecumenista dentro e fora do movimento espírita. Alegam eles que o Espiritismo – e consequentemente os espíritas – devam estar “abertos” a outras concepções e ensinosa, sem o qual correm o risco de tornarem-se intolerantes e antifraternos, e, portanto, em dissonância com o que prega a Doutrina.

Nada mais falacioso.

Não devemos confundir fraternidade e tolerância com ecumenismo, ao qual os ramatisistas, aliás, deram erroneamente outro nome, o de “universalismo”. O que chamam eles de “universalismo” não passa de sincretismo, fenômeno bastante presente e comum na cultura brasileira. A definição de sincretismo é de “uma fusão de doutrinas de diversas origens, seja na esfera das crenças religiosas, seja nas filosóficas”, exatamente aquilo estimulado por Ramatis e seus simpatizantes.

No caso da Doutrina Espírita, obviamente reconhecemos alguns pontos em comum com outras correntes filosóficas e até mesmo com algumas crenças religiosas, porém analisando com mais profundidade tais similitudes, veremos que a visão espírita possui nuances próprias que as ligam a outros princípios não abraçados por essas outras filosofias e religiões. Evocar semelhanças sem considerar a Doutrina Espírita como um todo, mas em partes, certamente conduz a essas frustradas tentativas de comparação e adaptação.

Verifica-se daí que a confusão geralmente ocorre entre aqueles que ainda não compreenderam a Doutrina Espírita em profundidade, assim como não abarcaram em detalhes todos os seus princípios, confundindo-os com suas próprias concepções pessoais advindas de suas vivências em movimentos religiosos, geralmente no Catolicismo e na Umbanda.

A falta de leitura e estudo sistemático dos livros da Codificação Espírita, somado ao fato de que boa parte da população brasileira é constituída de analfabetos funcionais com grande dificuldade de interpretação de textos simples, só agravam a situação e dão armas àqueles que insistem que deva o Espiritismo assimilar ideias, práticas e conceitos estranhos ao seu corpo doutrinário.

Conscientes dessa realidade, espíritos pseudossábios e muitas das vezes mal-intencionados, interessados na disseminação da confusão e do divisionismo, insistem nessa absurda proposta de desfiguração do Espiritismo, através de ditados repletos de sentimentalismo piegas e sem conteúdo, induzindo o leitor à ideia de que o espírita deva aceitar enxertias, à prática espírita, de ritualismos e cultos exteriores sem nenhuma fundamentação doutrinária e lógica, sob a alegação de que devemos estar “abertos” e dispostos a contribuir com o progresso e com uma suposta evolução do ideário spiritista. Mas, que evolução é essa que acaba por incentivar o retorno e/ou permanência das mentalidades em torno do pensamento mágico? “Pensamento mágico” significa interpretar dois eventos que ocorrem próximos como se um tivesse causado o outro, sem qualquer preocupação com o nexos causal. Por exemplo, se a pessoa acredita que cruzar os dedos trouxe boa sorte, ela associou o ato do cruzamento de dedos com o evento favorável subsequente e imputou um nexos causal entre os dois. Psicólogos já observaram que grande parte das pessoas é propensa ao pensamento mágico e, assim, o pensamento crítico fica frequentemente em desvantagem. O que se vê, mais comumente nas religiões cristãs dogmáticas tradicionais, são lideranças religiosas explorando essa tendência a

fim de auferir vantagens, na medida em que estimulam os seus fiéis a procurarem resolver seus problemas por meio de promessas, ofertas em dinheiro, sacrifícios, etc. Já no espiritualismo esotérico e nas práticas feiticistas dos cultos afro-brasileiros, a solução da maioria dos problemas hodiernos estaria nas oferendas, no uso de talismãs, amuletos, realização de rituais, consagrações, etc. Embora, pois, se diferenciem quanto à forma, todas essas práticas são oriundas do pensamento mágico, ou, como diriam alguns, do misticismo.

Já asseverava Ary Lex que “no movimento espírita costuma haver uma certa condescendência para com as pequenas deturpações, condescendência essa rotulada como ‘tolerância cristã’. Estão errados. Tolerância deve haver para as falhas das pessoas, que devem ser esclarecidas e apoiadas, ajudando-as a saírem do ciclo erro-sofrimento. Tolerância com as pessoas, sim, com as deturpações, jamais”. E conclui: “É urgente e fundamental que todos aqueles que tiveram a ventura de entender o Espiritismo lutem, dia a dia, pela manutenção da pureza doutrinária”.

O alerta de Ary Lex nada mais representa do que uma tentativa de convidar os espíritistas a manterem o pensamento mágico distante das práticas espíritas dentro e fora dos Centros.

A questão 554 de “O Livro dos Espíritos” corrobora essa posição. Confirmamos:

P.: “Que efeito podem produzir fórmulas e práticas mediante as quais pessoas há que pretendam dispor do concurso dos Espíritos?”

R.: (...) “Todas as fórmulas são mera charlatanaria. Não há palavra sacramental nenhuma, nenhum sinal cabalístico, nem talismã, que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porquanto estes são só atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais”. E continua mais adiante: “Ora, muito raramente

aquele que seja bastante simplório para acreditar na virtude de um talismã deixará de colimar um fim mais material do que moral. Qualquer, porém, que seja o caso, essa crença denuncia uma inferioridade e uma fraqueza de ideias que favorecem a ação dos espíritos imperfeitos e escarninhos”.

Em “O Livro dos Médiuns”, é perguntado aos Espíritos Superiores:

P.: Certos objetos, como medalhas e talismãs, têm a propriedade de atrair ou repelir os Espíritos conforme pretendem alguns?

R.: “Esta pergunta era escusada, porquanto bem sabes que a matéria nenhuma ação exerce sobre os Espíritos. Fica bem certo de que nunca um bom espírito aconselhará semelhantes absurdidades. A virtude dos talismãs, de qualquer natureza que sejam, jamais existiu, senão, na imaginação das pessoas crédulas”.

O Codificador Allan Kardec comentou, concluindo e reiterando a total desvinculação do Espiritismo com o pensamento mágico propalado pelas religiões e crenças fetichistas:

“Os Espíritos são atraídos ou repelidos pelo pensamento e não por objetos materiais (...). Em todos os tempos os Espíritos superiores condenaram o emprego de signos e de formas cabalísticas; e todo Espírito que lhes atribui uma virtude qualquer ou que pretende dar talismãs que denotam magia, por aí revela a própria inferioridade, quer quando age de boa-fé e por ignorância, (...) quer quando conscientemente (...). Os sinais cabalísticos, quando não são mera fantasia, são símbolos que lembram crenças supersticiosas na virtude de certas coisas, como os números, os planetas e sua correspondência com os metais, crenças nascidas no tempo da ignorância e que repousam sobre erros manifestos, aos quais a ciência fez justiça, mostrando o que há sobre os pretensos sete planetas, os sete metais, etc. A forma mística e ininteligível de tais

emblemas tem o objetivo de os impor ao vulgo (...), aquilo que não compreende”.

A seu turno, verificamos nas obras de Ramatis uma proposta inversamente contrária, constantemente presente em seus ditados, como podemos notar abaixo e em inúmeras passagens dos livros psicografados pelo médium Hercílio Maes:

“Rituais, mantras, sincronizações entre adeptos ou despertamento da vontade; o comando nas quais podereis alcançar o Cristo Planetário!”

“Os amuletos e talismãs, quando realmente dinamizados por magos experientes, obedecem aos mesmos princípios dos minerais radioativos, mas a sua ação é mais vigorosa e específica no campo etéreo-astral invisível aos sentidos humanos”.

“Há fundamento lógico e científico no preparo de amuletos e talismãs, quando isso é feito por meio de magos autênticos (...)”

“Há certos tipos de ervas cuja reação etérica é tão agressiva e incômoda, que torna o ambiente indesejável para certos espíritos, assim como os encarnados afastam-se dos lugares saturados de enxofre ou gás metano dos charcos”.

“Só as pessoas rudes ou confusas podem considerar a defumação benfeitora uma superstição ou dogma”.

“Os espíritos subversivos ou obsessores fogem espavoridos do ambiente onde atuam, quando a queima de pólvora é feita por médiuns ou magos experientes, pois alguns deles são bastante escarmentados em tais acontecimentos.”

Em outras passagens, Ramatis procura rebaixar o Espiritismo frente às crenças orientalistas:

“Da mesma forma, reconhecemos que há, entre o neófito espírita, exclusivamente submerso na sua doutrina, e o espiritualista afeito ao conhecimento iniciático, um extenso abismo de compreensão”.

Abaixo, vemos claramente a intenção de incentivar o sincretismo:

“Sem dúvida, apesar de o Espiritismo ser doutrina corporificada para libertar os homens das superstições e dos tabus infantis, ele pode estacionar no tempo e no espaço, tal qual acontece com a Igreja Católica. É acontecimento fatal, caso seus adeptos ignorem deliberadamente o progresso e a experiência de outras seitas e doutrinas vinculadas à fonte original e inesgotável do Espiritualismo Oriental”.

Herculano Pires, à época, reagiu corajosamente a esse tipo de proposta:

“Só um setor do conhecimento, nesta hora de transição, não necessita renovações, e esse setor é precisamente o Espiritismo. O que ele exige de nós não é renovação doutrinária, mas apenas expurgo de infiltrações espúrias nos Centros, produzidas pela leviandade de praticantes que se desvairam da orientação doutrinária, adotando atitudes, fórmulas e práticas antiquadas. (...) O terror místico proveniente de um longo passado religioso de mistérios e ameaças não tem mais razão de ser. Não obstante, encontramos no meio espírita um pesado lastro desse terror em forma de traumatismos inconscientes que geram comportamentos antiespíritas”.

Já dizia Bossuet: “O maior desregramento do espírito é crer nas coisas porque se quer que elas existam”.

Por nossa vez, diríamos que a superstição e as crendices são exemplos desse desregramento, doenças da alma, autênticas amarras que prendem o espírito às trevas da ignorância,

conduzindo-o aos descaminhos advindos da fuga da realidade. Se há uma maneira dos falsos profetas da erraticidade e espíritos pseudossábios atacarem o Espiritismo é justamente desfigurando-o através do estímulo ao culto exterior, do pensamento simplista, da credence, todos representantes do caminho mais fácil, porém inócuo, que tanto atrai aqueles indivíduos desinteressados em promover em si aquilo que realmente interessa, que é a transformação moral, que advém justamente do esforço e do avanço da inteligência, conforme puderam claramente ensinar os Espíritos Superiores nas questões 192, 365, 780 e 780a de “O Livro dos Espíritos”.

LXVII – Universalismo crístico ou Misticismo antiespírico?

Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. (I João 4)

O Espiritismo, consubstanciado na Doutrina Espírita, teve e tem como principal missão restabelecer a Verdade e revelar ainda outras tantas, só capazes de serem hoje compreendidas em conformidade com o progresso intelecto-moral alcançado pela humanidade após séculos de lutas contra as trevas da ignorância.

A História nos conta que a Igreja Católica lutou por muito tempo para que seus dogmas de fé não fossem atingidos pelas descobertas e avanços da Ciência, o que poderia comprometer o domínio sobre os fiéis e desmantelar sua influência e privilegiada posição econômica e política.

Com o Renascimento, período marcado por transformações em muitas áreas da vida humana, que assinalam o final da Idade Média e o início da Idade Moderna, houve ruptura com as estruturas medievais, marcando grandes avanços nas artes, na filosofia e nas ciências.

O pensamento iluminista, a seu turno, durante o século XVIII, marcou o fim do obscurantismo, inaugurando uma nova era, iluminada pela razão e respeito à humanidade. As novas descobertas da ciência, a teoria da gravitação universal de Isaac Newton e o espírito de relativismo cultural fomentado pela exploração do mundo ainda não conhecido foram também importantes para a eclosão do Iluminismo.

Entre os precursores, destacaram-se os grandes racionalistas, como René Descartes e Spinoza, e os filósofos políticos Thomas Hobbes e John Locke. Na época, é igualmente marcante a fé no poder da razão humana. Chegou-se a declarar que, mediante o uso judicioso da razão, seria possível um progresso sem limites. Porém, mais que um conjunto de ideias estabelecidas, o Iluminismo representava uma atitude, uma maneira de pensar. De acordo com Immanuel Kant, o lema deveria ser “atrever-se a conhecer”. Surge o desejo de reexaminar e pôr em questão as ideias e os valores recebidos, com enfoques bem diferentes, daí as incoerências e contradições entre os textos de seus pensadores. A doutrina da Igreja foi duramente atacada, embora a maioria dos pensadores não renunciassem totalmente a ela.

A França teve destacado desenvolvimento em tais ideias e, entre seus pensadores mais importantes, figuram Voltaire, Montesquieu, Diderot e Rousseau. Kant, na Alemanha, David Hume, na Escócia, Cesare Beccaria, na Itália, Benjamin Franklin e Thomas Jefferson, nas colônias britânicas, figuram entre os maiores expoentes.

Tempos depois, já com a Igreja Romana em pleno declínio na Europa e com a Inquisição dando seus últimos suspiros, surge Allan Kardec, descortinando o mundo espiritual, sem fantasias, sem mistérios, sem hermetismo, desvelando ao mundo a realidade de além-túmulo, e apresentando uma Doutrina eminentemente racional e lógica, filtrando todo e qualquer arroubo místico advindo da fé cega, seja de origem dogmática ou advinda de puras concepções humanas de cunho fantasista.

Não obstante os esforços da Espiritualidade Superior para que fossem atingidos tais elevados objetivos, muitos indivíduos, talvez confundindo a nova situação de liberdade do pensamento, partiram para a revivescência de mitos e credices, em sua maioria advindos das priscas eras do paganismo, na tentativa de

conduzir à ausência de dogmatismos ou estruturas religiosas padronizadas.

Alguns partidários dessas teorias, os quais podemos chamar de “neopagãos”, nos tempos modernos, acreditam ter encontrado, surpreendentemente, no Espiritismo, a confirmação de suas crenças. Utilizando-se de alguns postulados espíritas, como a comunicabilidade dos espíritos e a reencarnação, passam tais indivíduos a transmitirem informações e a escreverem obras que acabam por cair no gosto de alguns “espíritas”, obviamente ainda pouco versados na Doutrina, ou seja, que pouco ou nada estudaram (e entenderam) da Codificação.

O espírito Ramatis pode ser apontado como espírito mais citado pelos propagadores do neopaganismo no meio espírita. Defensor daquilo que chama de “universalismo crístico”, o espírito Ramatis tem se utilizado de médiuns ideologicamente adeptos de concepções neopagãs que, bem-intencionados ou não, se servem do Espiritismo e do movimento espírita para divulgarem suas ideias. Entre eles, podemos citar o médium Roger Bottini, que escreve obras romanceadas que versam sobre temáticas no mínimo exóticas, tais como: era de Peixes, civilização atlante, fim dos tempos, etc. Ao mesmo tempo, o médium diz receber revelações sobre personagens famosas da antiguidade, como faraós egípcios, legisladores hebreus do porte de Moisés, assim como outros em que não encontramos registros, já que teriam vivido na Atlântida, Lemúria ou alguma civilização lendária qualquer. Tudo isso entremeado por relatos de existência de dragões, magos negros, energias desconhecidas, seres interplanetários, e tudo que possa atizar a imaginação do leitor. Como de costume, a fim de angariar confiança, o citado autor chega a declarar que foi filho de Allan Kardec em uma encarnação passada, como se tal informação, pura e simples, sem qualquer indício e confirmação, pudesse lhe conferir alguma autoridade extra. Confira o que afirma o citado “médium” em seu sítio na internet:

“Além de ter vivido na personalidade de Akhenaton, Allan Kardec foi, também, Atônís, o sacerdote do sol na Atlântida, e Andrey era seu filho. Logo, por mais incrível que isso possa parecer, Allan Kardec foi meu pai na extinta Atlântida e um inesquecível amigo no antigo Egito, durante seu reinado como o faraó filho do Sol”.

E para dar peso à sua ousada afirmação, trata de creditar tais informações ao auxílio de um espírito, já que, para muitos desavisados, basta ser espírito para possuir toda a sabedoria e conhecimento universais:

“Logo, sei o que estou dizendo. Essas informações são obtidas através de um processo de regressão de memória conduzido por Hermes, que é o mentor espiritual de todos os nossos livros”.

Em outro trecho do mesmo sítio, o sr. Bottini ainda “revela”:

“(…) Como eu era o próprio Natanael, e vivi próximo a Moisés desde os tempos da Atlântida, quando ele viveu como Atlas, posso ter “defendido” de forma exagerada as suas atitudes nos eventos da libertação do povo judeu da escravidão no Egito”.

O mais estarrecedor e surpreendente de tudo isso é que tais teorias são apresentadas como oriundas da evolução do pensamento espírita, embora colidam frontalmente com os métodos e objetivos da Doutrina e não tenham recebido, nem de perto, a confirmação proveniente do controle universal.

Frente a tudo isso, a advertência de Erasto, constante em “O Livro dos Médiuns”, cresce em importância, já que, em matéria de Espiritismo, o benfeitor espiritual afirma que “é preferível rejeitar dez verdades a aceitar uma única mentira”. Tal assertiva denota prudência e critério para a avaliação de qualquer conteúdo, mais notadamente os de origem mediúnica.

Como já tratamos em outras oportunidades, a fascinação de origem mediúnica é um problema recorrente, e decorre das próprias dificuldades do médium, tornando-o presa fácil de pseudossábios e mistificadores da erraticidade. Listemos algumas delas:

- 1) vaidade (desejo imoderado de atrair admiração dos homens);
- 2) orgulho (conceito elevado ou exagerado de si próprio);
- 3) narcisismo (amor excessivo a si mesmo);
- 4) egoísmo (exclusivismo que faz o indivíduo referir tudo a si próprio);
- 5) presunção (ato ou efeito de presumir; de vangloriar-se; de formar de si grande opinião);
- 6) arrogância (tomar como seu; atribuir a si);
- 7) ambição (desejo veemente de fortuna, de glória, de honrarias, de poder; cobiça.)

No que tange especificamente ao item 7, pudemos recentemente verificar que há médiuns (ou pseudo-médiuns) inclusive organizando excursões pagas ao Egito e outros locais tidos como “especiais” e “místicos” com o fito de alcançarem vantagens pecuniárias, o que é certamente algo lamentável, sob todos os pontos-de-vista. O Espiritismo nada tem a ver com eles, que se valem da condição de médiuns para adquirirem fama, dinheiro e poder.

O papel do verdadeiro espírita é o de esclarecer, orientar e, inclusive, desmascarar toda e qualquer iniciativa que vise a iludir, a enganar ou mistificar, uma vez que tais atitudes são reprováveis e atrasam a marcha evolutiva, tanto de suas vítimas como de seus executores, assim como colaboram para o descrédito e ridicularização da própria Doutrina Espírita, utilizada por indivíduos inescrupulosos como pano de fundo para encobrir uma série de interesses espúrios.

Não só leiamos, mas acima de tudo estudemos a Doutrina Espírita, para que nosso discernimento se amplie e possamos nos imunizar dessas e outras tantas influências perniciosas que lutam, nas sombras, para a derrocada desse clarão de conhecimento e sabedoria que ressuma do Espiritismo.

XLVIII – Artigo investigativo: Ramatis pode nem existir

Não é de hoje que muitos que acompanharam e ainda acompanham os ditados atribuídos a um espírito conhecido como “Ramatis” cogitam da hipótese do mesmo sequer ter existido. Tal possibilidade, inicialmente, não nos pareceu digna de análise, mas como temos a obrigação de investigar em constante busca pela verdade, fomos atrás dos possíveis sinais que indicassem ser esta uma hipótese provável.

Surpreendentemente, na medida em que fomos avançando em nossa pesquisa, verificamos que há muitas evidências que indicam ser Ramatis e seus ditados, especialmente aqueles constantes das obras do “médium” Hercílio Maes, um reflexo, uma cópia das ideias abraçadas pelo citado médium.

Vejamos alguns pontos importantes a serem analisados:

1 - Hercílio Maes, o primeiro indivíduo a afirmar receber mensagens desse “espírito oriental” (?), veio a se dizer “espírita” somente após a publicação dos livros atribuídos a Ramatis, em cujas fichas catalográficas constam como sendo “espíritas”. Antes disso, o mesmo afirmava que era adepto da Teosofia, doutrina que, mais adiante, verificaremos que possuirá todos os seus principais postulados defendidos nas obras atribuídas ao espírito Ramatis.

2 - Hercílio Maes adotou, enquanto esteve encarnado, uma postura perante as religiões e doutrinas idênticas àquela propugnada por Ramatis: além de Teosofista, como dissemos, também era Rosacruziano, depois tornando-se “espírita”,

promovendo uma miscelânea idêntica à que Ramatis incentiva em seus livros a título de “universalismo”.

3 - Hercílio Maes era um vegetariano radical, daqueles que considerava grave delito espiritual o consumo de carne. Tal noção foi igualmente repetida à exaustão em seus livros “psicodatilografados”, o que não verificamos nas obras de outros médiuns que afirmam ser intermediários de Ramatis. Leadbeater, um dos autores teosóficos mais mencionados por ele nos rodapés de seus livros, era igualmente radical defensor do vegetarianismo.

4 - Tal qual informamos acima, Hercílio Maes dizia receber as mensagens de Ramatis através da inspiração, sendo que não se utilizava de lápis e papel, e sim de uma máquina datilográfica, para transcrever tais mensagens advindas, segundo ele, de sua mediunidade inspirativa.

No entanto, segundo “O Livro dos Médiuns” (cap. XV, item 182), “médium inspirado” é toda pessoa que recebe, seja no estado normal, seja no estado de êxtase, pelo pensamento, comunicações estranhas a suas ideias pré-concebidas”. Ora, assim sendo, falta em Hercílio Maes justamente esta característica fundamental da mediunidade inspirada, modalidade de mediunidade intuitiva, que é a desconexão entre as ideias do médium e as do espírito comunicante. Não é possível distinguir, como verificaremos mais adiante, o pensamento de um e de outro, porque o segundo repete *ipsis literis* as opiniões e ideologias do primeiro, o médium. Os ditados atribuídos a Ramatis, ao contrário do que se prevê e espera na mediunidade inspirada, não estavam fora dos limites dos conhecimentos e capacidades do médium. (Ver LM, Cap. XV, item 180)

5 - Outro fator digno de estranheza é o histórico atribuído às pregressas encarnações de Ramatis. Afirmava Hercílio Maes que Ramatis teria sido um instrutor em um santuário iniciático na Indochina do século X d.C, falecendo ainda cedo. Em vida no

século IV teria participado dos acontecimentos narrados no poema hindu Ramaiana, o que não parece fazer sentido uma vez que esses contos épicos hindus são puramente alegóricos, não se ocupando nem de fatos, nem de personagens reais. Além disso, não há qualquer registro histórico ou tradição que sequer mencione a existência do suposto grupo iniciático fundado por um instrutor chamado Rama-tys. Este, portanto, ao que parece, nada mais seria do que o alterego (do latim *alter* = outro, *egus* = eu) de Hercílio Maes, que para dar credibilidade e anonimato à autoria de seus escritos, em dado momento, propositalmente ou não, “cria” uma entidade espiritual ao qual delega sua representação.

Notemos, agora, as notáveis semelhanças entre o que afirma Ramatis e os conceitos da Teosofia, doutrina abraçada pelo médium Hercílio Maes.

1 - A tese da elevação do eixo da Terra

Um dos carros-chefes dos livros de Hercílio Maes/Ramatis, que praticamente nem é abordado em livros de outros médiuns daquele espírito, é a tese de que a Terra sofreria uma elevação de seu eixo, causando uma série de calamidades e transformações nas condições de vida na Terra. Tal teoria não é nova. A obra intitulada “A Doutrina Secreta” (1888), de Helena Blavatsky, co-fundadora da Sociedade Teosófica, já a defendia e atribuía sua origem a “ensinamentos antigos”. Tal qual Ramatis reproduziria em seus livros, Blavatsky relata que acontecimentos igualmente assombrosos no passado teriam dado fim às mitológicas Atlântida e Lemúria, berços de sociedades hiper evoluídas.

2 - Jesus e Cristo como entidades distintas

A afirmação de Ramatis, inteiramente contrária ao que ensina a Doutrina Espírita, de que Jesus fora um médium de Cristo, não é nova. Novamente verificamos que é no Teosofismo que originalmente encontramos a defesa dessa tese. O Teosofismo

afirma que Jesus e Cristo são pessoas distintas e que Cristo usou o corpo de Jesus quando este abandonou o seu corpo. Infelizmente, como boa parte dos “espíritas” não conhece a Codificação, a “revelação” de Ramatis pareceu, nos idos dos anos 50s, inteiramente crível e doutrinariamente correta.

3 - Vocábulo utilizados na Teosofia

Todos os termos consagrados pela Teosofia estão presentes nas obras de Ramatis, em detrimento dos termos espíritas, comprovando aí a intrínseca relação do médium com a Teosofia, e não com o Espiritismo. Alguns desses termos são: “chakra”, “karma”, “corpo astral”, “plano astral”, “miasmas astralinos”, etc. O mesmo ocorre com relação a algumas concepções relativas à Criação, como o “Manvantara” (período de tempo do ciclo de existência dos planetas em que ocorre atividade que dura, segundo o cômputo dos Brâmanes, 4.320.000.000 de anos), e o “Ciclo de Brahma”, mencionados e descritos no livro “Mensagens do Astral” e em outras obras atribuídas a Ramatis escritas por Hercílio Maes. Uma repetição sistemática daquilo que se estuda na Teosofia.

4 - Bibliografia indicada

É comum verificarmos nos rodapés dos livros de Hercílio Maes/Ramatis menções e estímulo à leitura de livros teosóficos, como os de C.W. Leadbeater e Annie Besant. Vemos daí, mais uma vez confirmada, a ligação entre o médium e as ideias teosóficas, reproduzidas em suas obras e atribuídas a um espírito de nome Ramatis.

5 - Superioridade Oriental

Também está presente nas obras de Hercílio/Ramatis uma constante alusão à uma pretensa superioridade das doutrinas orientais e de seus adeptos e representantes, tal qual nas obras

teosóficas. Ramatis, da mesma maneira, chega a afirmar que o Espiritismo desaparecerá caso não sorva os inesgotáveis ensinamentos dos movimentos orientalistas.

6 - A Vida no Planeta Marte

Mais um carro-chefe das obras de Ramatis em que verificamos enorme semelhança com obras teosóficas. Mais uma vez, a suposta dupla Hercílio-Ramatis expõe uma posição teosófica e a apresenta como uma verdade espírita e/ou científica. Hercílio-Ramatis novamente retira das obras do teósofo Leadbeater o conteúdo para seus escritos psicodatilografados, e, o que é pior, apresentando-as como suas e confundindo o meio espírita, principalmente os que não aprofundaram conhecimentos na Codificação. A descrição de Marte feita por Hercílio/Ramatis é idêntica àquela dada anos antes por Leadbeater no livro “Vida em Marte segundo a Teosofia”. Confirmamos:

1 - Marte não seria um planeta inóspito; tão pouco seria desabitado. Menor que a Terra, Marte seria mais avançado em termos “astrofísicos” (vemos que até a terminologia utilizada é a mesma);

2 - Seu solo seria fértil e teria exuberante vegetação. A população atual, pouco numerosa, ocuparia as regiões equatoriais, onde a temperatura seria mais elevada e ainda existem reservas de água. O grande sistema de canais que pode ser observado pelos astrônomos da Terra seriam muito antigos, estaria desativado e teria sido construído, por gerações passadas, a fim de aproveitar o degelo anual das camadas de gelo que ocorria na antiguidade marciana. Os canais ativos, segundo Leadbeater e Hercílio-Ramatis, atualmente, não são visíveis para os telescópios terrenos. Eventualmente, um cinturão verde poderia ser visto ao longo da área habitada, na estação em que a água flui pelos dutos. A vida em Marte dependeria dessa estação tal como o Egito dependeu, no passado e ainda hoje, das enchentes do Nilo. Esta parte do planeta

possuiria florestas e campos cultivados que somente podem ser debilmente visualizados pelos terráqueos quando a posição de Marte se torna relativamente mais próxima da Terra. Leadbeater afirma, ainda, que em Marte o Sol parece ter a metade do tamanho que tem quando visto da Terra. Apesar disso, na porção habitada do planeta o clima seria agradável com temperaturas diurnas em torno de 70 graus Fahrenheit (33° Centígrados) e noites frias. Nos céus de Marte, quase nunca há nuvens. Também seriam raríssimas as chuvas ou precipitação de neve. As variações climáticas praticamente não existiriam. Tudo isso é repetido quase que *ipsis literis* na obra de Hercílio Maes;

3 - Hercílio-Ramatis simplesmente repetem as “informações” de Leadbeater na obra “A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores”, e afirmam que a aparência dos marcianos não seria muito diferente da nossa a não ser pela estatura. Os mais altos chegariam a 1,65m de altura e teriam a caixa torácica muito desenvolvida. Toda a população marciana seria constituída de uma só raça sem grandes diferenças aparentes exceto, como entre nós, o fato de alguns serem louros e outros morenos. Alguns possuem a pele amarelada e os cabelos negros; a maioria, porém, tem cabelos louros e olhos de tonalidade azul ou violeta. Suas roupas seriam coloridas e brilhantes e ambos os sexos trajam vestimentas semelhantes, túnicas longas feitas de material leve. Geralmente, andam descalços, mas, ocasionalmente, usam sandálias metálicas fixadas por tiras na altura dos tornozelos.

Tal qual lemos na obra de Leadbeater, Hercílio-Ramatis afirma que os marcianos apreciam as flores que existiriam em grande variedade no planeta; as cidades seriam planejadas nos moldes de um jardim. Suas casas, estruturadas em módulos padronizados, seriam cercadas de canteiros floridos e possuiriam paredes transparentes e coloridas, feitas de material semelhante ao vidro que permitiriam a visão das flores no exterior embora, do lado de fora não se possa ver o que acontece dentro das residências. As

portas seriam feitas de metal. Uma única língua seria falada em todo o planeta.

Assim como Hercílio-Ramatis afirmam na obra “A Vida no Planeta Marte...”, Leadbeater disse ter obtido suas informações com visitas ao local, feitas “espiritualmente”. Em nosso ponto-de-vista, uma afirmação feita com o fito de passar credibilidade.

Conclusão

O prezado leitor tirará suas conclusões, sendo que apresentamos essa tese tendo em vista as enormes e evidentes semelhanças entre as ideias teosóficas, particularmente as contidas nas obras de Leadbeater, e os conceitos e informações contidas nas obras cuja autoria é atribuída ao espírito Ramatis. Cabe notar, também, que boa parte de tais ideias não são repetidas em livros psicografados por outros médiuns de Ramatis, que inclusive já fizeram análises atribuindo tais discrepâncias a uma suposta interferência anímica de Hercílio Maes.

Portanto, ao que parece, não é possível saber, ao certo, a quem pertence a autoria dos livros de Hercílio Maes: se ao médium, que teria passado para o papel, conscientemente ou não, opiniões suas advindas da leitura de obras teosóficas, ou se ao Espírito, que, de qualquer forma, teria feito o mesmo, atribuindo a si toda a autoria. Poderíamos, inclusive, chegar ao ponto de duvidar que realmente exista um espírito chamado Ramatis, já que não há qualquer traço indicativo ou registro histórico que aponte que o mesmo tenha alguma vez passado pela Terra.

Creio estar na hora de não perdermos mais tempo com suposições e teorias que em nada acrescentam ao Espiritismo. Pelo contrário, tais teorias meramente individuais e personalistas, advindas de certos espíritos e médiuns, que contrariam a Codificação Espírita e que não respeitam o princípio da concordância, só promovem a

confusão e lançam o Espiritismo ao ridículo, tornando-o alvo fácil das investidas de seus inimigos ocultos e declarados.

Não fosse pelo esforço de alguns verdadeiros apóstolos do Espiritismo no passado a alertar para os perigos de se aceitar tudo que venha do mundo espiritual, com certeza teríamos um Movimento Espírita ainda mais afastado das suas bases e envolto em um emaranhado de distorções e desvios.

Trabalhemos, pois, para que o Espiritismo passe a ser melhor compreendido, começando de nós mesmos com a tarefa que temos de sermos divulgadores fiéis e responsáveis.

XLIX – Insistindo nos mesmos Erros

Como já pudemos tratar em dezenas de estudos, o primeiro médium a afirmar receber comunicações advindas de um espírito chamado “Ramatis” foi Hercílio Maes nos anos de 1950, pegando carona em teses presentes em obras teosóficas e apresentando-as como novidades que deveriam os espíritas aceitar sem pestanejar, conforme expusemos em “Artigo Investigativo: Ramatis pode nem existir”. Afinal, repetia-se ferozmente, já naquela época: “Kardec está ultrapassado”, “a Doutrina é progressista”, e algumas outras frases “chavões” sem qualquer consistência.

Depois do desencarne do médium paranaense, alguns outros médiuns, embalados pelo sucesso de vendas dos livros de Maes e, principalmente, pela aceitação do ramatismo por parte de um considerável contingente de simpatizantes, em sua maioria constituída de neófitos no estudo da Doutrina Espírita, passaram a atribuir a Ramatis a autoria de ditados que, em muitos pontos importantes, contradisseram algumas das suas principais teses, principalmente aquelas já tidas como ultrapassadas e desmentidas pelos fatos e pelas Ciências, tais como as retumbantes previsões de catástrofes globais para o fim do século XX e as descrições equivocadas acerca da topografia do planeta Marte e do cotidiano de seus supostos habitantes. De modo a amenizar tais discrepâncias e escaparem de críticas e suspeições, alguns desses médiuns atribuíram tais inconsistências a uma suposta interferência anímica de Hercílio Maes.

Não obstante a avalanche de equívocos, contraditados pela Doutrina Espírita e pela Ciência, há quem insista ainda, nos dias atuais, em reviver e reeditar tais teorias sob uma fachada nova,

intentando encontrar nas fileiras espíritas apoio e suporte à divulgação das mesmas.

O primeiro esforço articulado pelas lideranças do movimento ramatisista de modo atingir um maior número de leitores e angariar mais simpatizantes foi o de reeditar as obras de Ramatis através de uma editora com fins puramente comerciais, retirando da pequena “Livraria Freitas Bastos”, do Rio de Janeiro, os direitos de exclusividade sob as obras de Hercílio Maes. A partir daí, coincidentemente ou não, surgiram de várias partes do Brasil novos autores apresentando-se como médiuns de Ramatis, cada qual apresentando a citada entidade espiritual com uma roupagem diferente e ainda mais exótica de modo a agradar aos mais variados gostos e tendências religiosas, tudo sob a fachada de um certo “universalismo” – na verdade, uma inglória tentativa de sincretizar o Espiritismo e, concomitantemente, facilitar a obtenção dos elevados lucros oriundos da vendagem de livros que de espíritas nada têm, apesar de assim se intitulem em suas respectivas fichas catalográficas.

Insistindo nos velhos argumentos

Em nosso artigo “Universalismo Crístico ou Misticismo Anti-Espírico”, alertamos para o exotismo das obras do médium Roger Bottini, do Rio Grande do Sul. Ao lermos e analisarmos um dos seus livros, intitulado “A Nova Era” (Editora do Conhecimento), deparamo-nos com textos atribuídos ao espírito Hermes, que se diz pertencente à falange de Ramatis. É o que parece ser, pois as teses anti-doutrinárias e as cincadas científicas estão lá, presentes.

Citemos algumas delas:

1- Afirma o espírito Hermes: “A extinta Atlântida possuía conhecimentos superiores aos da atual humanidade”

Nosso comentário: Até hoje não há nenhuma prova concreta da existência dessa mitológica civilização. Caso tenha realmente existido, não faz sentido algum acreditar que ela tenha alcançado, 9.600 anos antes de Cristo, uma evolução intelecto-moral superior à de hoje. Caso isso fosse verdade, poderíamos perguntar onde estariam os aviões supersônicos, as naves espaciais, os computadores atlantes e o sem número de aparatos tecnológicos que temos hoje, advindos da evolução gradativa da inteligência humana ao longo dos séculos.

2- Em nota de rodapé, consta a antiga previsão de Ramatis sobre um suposto Presidente da República que se elegeria passando por cima de partidos e instituições e que “salvaria” o Brasil. Já tratamos deste assunto no artigo “Ramatis e o Presidente do Brasil”. Primeiramente, segundo a nossa Carta Magna, a Constituição, só podem concorrer e eleger-se para cargos do Poder Executivo pessoas filiadas a partidos políticos. Em segundo, Ramatis “profetizou” a ascensão dessa figura ao poder em 1970, sendo que o espírito afirmou, à época, que o mesmo já teria percorrido mais da metade do caminho até a Presidência. No entanto, mais de 40 anos se passaram, e nada aconteceu.

3- Utilizando-se de um expediente surrado e vazio, o espírito Hermes ousadamente afirma que os “universalistas” são vítimas de perseguição e que aqueles que não concordam com suas propostas são obsidiados governados por “espíritos das Trevas”, ou “magos negros”: “Outra forma de atuação é fascinando os líderes religiosos para crerem-se os únicos detentores da verdade e, assim, lutarem contra seus irmãos no campo das ideias. Vemos claramente essa posição entre alguns encarnados que respondem pela própria Doutrina Espírita. Eles trabalham ferrenhamente contra o processo de união religiosa até mesmo com relação aos espíritas universalistas, seus irmãos de crença. Esses pobres fascinados rechaçam livros espíritas que contestam as suas posições dogmáticas, acreditando serem os

donos exclusivos da verdade. Os espíritos das Trevas então realizam um trabalho de indução mental para que eles acreditem que seus irmãos, que pensam de forma mais abrangente e menos sectária, estão fascinados ou envolvidos por entidades maléficas, em uma total inversão do que realmente ocorre. O objetivo dos magos negros é sempre prejudicar os trabalhadores da Espiritualidade, os quais consideram seus “inimigos mortais”. Logo, atividades que visem a prejudicar o trabalho de união das crenças religiosas, de conscientização para o período de transição planetária e do trabalho de esclarecimento para a Nova Era, são a meta principal desses irmãos ainda dominados pelas forças do mal”.

Realmente já tratamos do tema no artigo “Nos Descaminhos da Fascinação”. O leitor poderá ver quais são alguns dos sintomas desse tipo de obsessão, e certamente notará que indivíduos que creem na existência de crianças índigo, planeta chupão, apometria, poder curador de cristais e objetos materiais, profecias mirabolantes e aterrorizantes, intraterrestres, ETs que implantam chips em seres humanos, terapias exóticas e milagreiras, entre outras teorias esdrúxulas e sem qualquer respaldo, realmente só podem abrir brechas a espíritos galhofeiros e mistificadores que se esforçam em afastar o indivíduo da realidade, alienando-os e expondo-os a uma posição ridícula, levando de roldão a própria Doutrina Espírita perante a opinião pública.

Acredito que, ao invés de alegarem perseguição gratuita, deveriam os “universalistas” aceitar o debate e análise dessas teorias, pois só quem realmente considera-se “dono da verdade” se fecha ao debate e enfeza-se quando questionado. Ademais, jamais um espírito superior agiria de tal forma, pois, segundo nos ensina a Doutrina Espírita, “Os maus Espíritos temem o exame; eles dizem: ‘Aceitai nossas palavras e não as julgueis’. Se tivessem a consciência de estar com a verdade, não temeriam a luz. O hábito de escutar as menores palavras dos Espíritos, de pesar-lhes o valor, distancia forçosamente os

Espíritos mal-intencionados, que não vêm, então, perder inutilmente seu tempo, uma vez que se rejeite tudo o que é mau ou de origem suspeita. Mas quando se aceita cegamente tudo o que dizem, que se coloca, por assim dizer, de joelhos diante de sua pretensa sabedoria, fazem o que fariam os homens - disso abusam”. (Allan Kardec, Escolhos dos Médiuns, Revista Espírita, fevereiro de 1859)

4- Insistindo na divulgação de mensagens atemorizantes sobre hecatombes causadas pela suposta aproximação de um astro intruso, o espírito Hermes corrige a data do “fim dos tempos”. Enquanto Ramatis, nos anos de 1950, asseverou que o mundo não passaria do ano 2000 sem que dois terços da humanidade perecessem e a Terra fosse destruída por uma série de eventos catastróficos, o espírito Hermes, através de Roger Bottini, afirmou em 2002: “Esses períodos de transição abrangem em torno de cem anos do calendário terreno, sendo que o atual se iniciou na segunda metade do século passado e deverá ser concluído até o final deste século”. Vemos, daí, que como as previsões não se cumpriram, tratou-se logo de mudar as datas, empurrando-as para frente: bem típico das seitas apocalípticas.

5- Não satisfeito em demonizar os espíritas que não concordam com as ideias excêntricas que divulga, o espírito “universalista” Hermes não perdoa sequer uma grande personagem: Maria Madalena. Segundo ele, a discípula de Jesus, também conhecida como Maria de Magdala, teria sido usada pelo que os “universalistas” chamam de “Astral Inferior” e por “magos negros” - termos não aceitos e não constantes da Doutrina Espírita - para tentar seduzir e desvirtuar Jesus, com a intenção de “prejudicar os sagrados projetos do Alto”.

Essa teoria não encontra respaldo nem nos textos bíblicos, nem em estudos sobre o Jesus histórico. Consta dos Evangelhos que Maria Madalena acreditava que Jesus Cristo realmente era o Messias. (Lucas 8:2; 11:26; Marcos 16:9). Madalena esteve

presente na crucificação e no funeral de Cristo, juntamente com Maria de Nazaré e outras mulheres. (Mateus 27:56; Marcos 15:40; Lucas 23:49; João 19:25) (Mateus 27:61; Marcos 15:47; Lucas 23:55). No sábado após a crucificação, teria saído do Calvário rumo a Jerusalém com outros crentes para poder comprar certos perfumes, a fim de preparar o corpo de Cristo da forma como era de costume funerário. Teria permanecido na cidade durante todo o sábado, e no dia seguinte, de manhã muito cedo, “quando ainda estava escuro”, foi ao sepulcro, achou-o vazio, e recebeu de um anjo a notícia de que Cristo havia ressuscitado e foi-lhe dito que devia informar tal fato aos apóstolos. (Mateus 28:1-10; Marcos 16:1-5,10,11; Lucas 24:1-10; João 20:1,2; compare com João 20:11-18). Em Lucas 8:2, faz-se menção, pela primeira vez, de “Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios”.

No entanto, não há qualquer fundamento bíblico para considerá-la como a prostituta arrependida dos pecados que pediu perdão a Cristo; também não há nenhuma menção de que tenha sido prostituta. Este episódio é frequentemente identificado com o relato de Lucas 7:36-50, ainda que não seja referido o nome da mulher em causa. Há, inclusive, “O Evangelho de Maria Madalena”, que traz uma nova interpretação de quem teria sido Maria de Magdala. Segundo este evangelho, ela teria sido uma discípula de suma importância à qual Jesus teria confidenciado informações que não teria passado aos outros discípulos, sendo por isso questionada por Pedro e André. Ela surge ali como confidente de Jesus, alguém, portanto, mais próximo de Jesus do que os demais. Em trechos do citado evangelho, consta o que é um claro desmentido à tese dos “universalistas”:

“O apego à matéria gera uma paixão contra a natureza. É então que nasce a perturbação em todo o corpo; é por isso que eu vos digo: Estejais em harmonia... Se sois desregrados, inspirai-vos em representações de vossa verdadeira natureza. Que aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça. Após ter dito aquilo, o Bem-aventurado

saudou-os a todos dizendo: Paz a vós – que minha Paz seja gerada e se complete em vós! Velai para que ninguém vos engane dizendo: Ei-lo aqui. Ei-lo lá. Porque é em vosso interior que está o Filho do Homem; ide a Ele: aqueles que o procuram o encontram. Em marcha! Anunciai o Evangelho do Reino”.

“Pedro disse: ‘O Salvador realmente falou com uma mulher sem nosso conhecimento? Devemos nos voltar e escutar essa mulher? Ele a preferiu a nós?’. E Levi respondeu: ‘Pedro, você sempre foi precipitado. Agora te vejo lutando contra a mulher como a um adversário. Se o Salvador a tornou digna, quem és tu para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhece muito bem. Foi por isso que a amou mais que ama a nós’.”

6- Ainda incorrendo nos caminhos tortuosos das pseudorrevelações na tentativa de passar uma pretensa superioridade espiritual, o espírito Hermes, discípulo de Ramatis, afirma que “a velocidade da luz é entendida pelos cientistas humanos como o meio mais rápido de se viajar no espaço sideral. E eles estão corretos, dentro dos limites físicos”. Em setembro de 2011, no entanto, foi descoberta a existência de partículas subatômicas (neutrinos) mais rápidas do que a luz.

7- Quando são citados trechos dos livros da Codificação Espírita, o desconhecimento parece ser ainda maior. O espírito Hermes, no capítulo XII, afirma que o espírito é criado “puro e ignorante”, e não “simples e ignorante”, o que é totalmente diferente. Mais adiante, diz que foi Kardec o criador da definição de “perispírito”, enquanto que, na verdade, foram os Espíritos que a transmitiram a Kardec no item 93 de “O Livro dos Espíritos”. Aliás, esse é um erro comum por parte dos “universalistas”, que para reforçarem a tese de que o Espiritismo estaria ultrapassado, geralmente imputam ao Codificador a autoria dos ensinamentos, e não aos Espíritos Superiores que, de fato, responderam aos questionamentos elaborados pelo professor francês.

L – Universalismo e Movimentos Cismáticos

É muito natural que as pessoas possuam diferentes maneiras de pensar, algo que ocorre, entre outros fatores, devido ao fato de cada um estar num patamar diferente de compreensão sobre determinada questão ou assunto.

No entanto, quando um ou mais indivíduos que dizem pertencer a uma determinada religião, ou que dizem apoiar certo conjunto de ideias de cunho filosófico (como a Doutrina Espírita, por exemplo), passam a discordar de alguns de seus princípios ou ensinamentos, forma-se aquilo que se convencionou chamar de “cisma”.

O cisma caracteriza-se por uma dissidência (ou cisão), em que geralmente seus partidários mantêm certos princípios originais e passam, concomitantemente, a adotar outros que lhes pareçam melhores ou mais convenientes. De maneira geral, passam a isolar-se do movimento originário, adotando práticas e divulgando conceitos próprios.

Allan Kardec, o sistematizador da Doutrina Espírita, deixou comentários importantes e esclarecedores acerca dos cismas que já surgiam e viriam a surgir no movimento espírita, tendo deixado evidenciado sua preocupação perante os mesmos. Leiamos:

“Uma questão que se apresenta em primeiro lugar no pensamento é a dos Cismas que poderão nascer no seio da Doutrina; o Espiritismo deles será preservado?”

Não, seguramente, porque terá, no começo sobretudo, que lutar contra as ideias pessoais, sempre absolutas, tenazes, lentas em se

harmonizarem com as ideias de outrem, e contra a ambição daqueles que querem ligar, mesmo assim, o seu nome a uma inovação qualquer; que criam novidades unicamente para poderem dizer que não pensam e não fazem como os outros; ou porque o seu amor-próprio sofre por não ocupar senão uma posição secundária”. (em Constituição do Espiritismo - Dos Cismas, Obras Póstumas)

Vemos claramente que Allan Kardec se refere a novidades oriundas de ideias pessoais através das quais adeptos ambiciosos e, por que não dizer?, vaidosos e sequiosos por destaque, de maneira persistente procuram fazer prevalecer, exatamente como temos observado nos últimos tempos.

Cabe frisar que o Espiritismo se deparou, inicialmente, com simpatizantes de praticamente todas as religiões e filosofias. Uns, logo reconhecendo que a Doutrina Espírita possuía ideias, conceitos e princípios que lhe eram próprios, perceberam que não seria possível conciliar o Espiritismo com doutrinas do passado, fossem elas do Ocidente ou do Oriente, apesar dos alguns (poucos) pontos aparentemente em comum. Já outros, afetivamente ligados às suas antigas religiões, acharam que o Espiritismo nada teria a perder aceitando o que chamavam de “contribuições” dessas correntes do espiritualismo em geral, fossem elas oriundas de religiões dogmáticas (como o Catolicismo), ou de religiões orientais e/ou orientalistas.

Como já estudamos anteriormente em outros artigos, especialmente em “Os Cavalos de Troia do Espiritismo” e em “Os Efeitos do Ecletismo e da Heterodoxia no Movimento Espírita Francês”, J.-B. Roustaing foi o primeiro a liderar um movimento cismático com suas ideias neo-docetistas muito semelhantes ao ideário católico. Tempos depois, com o desencarne do Codificador, logo se apossaram da Sociedade Parisiente de Estudos Espíritas, espiritualistas de toda ordem, especialmente teosofistas, ocultistas e esotéricos, com a complacência de Pierre

Gaëtan Leymarie, pouco afeito a manter a mesma postura austera do Codificador.

Anos depois, no Brasil, os adeptos do rustenismo adiantaram-se e fundaram a Federação Espírita Brasileira (FEB), dominando amplamente o movimento espírita com uma avalanche de obras que, pouco a pouco, foram minando a divulgação e o estudo das obras da Codificação, considerada pelos mesmos superadas pela obra –Os Quatro Evangelhos” de J.-B. Roustaing, apelidada de –“a Revelação da Revelação”.

Já nos idos de 1950, surgem os livros de Hercílio Maes, com ideias em oposição ao rustenismo e com a proposta de acrescentar ao Espiritismo práticas, ensinamentos e conceitos do rosacrucianismo e da teosofia, como pudemos claramente apontar em “Artigo investigativo: Ramatis pode nem existir”. A proposta? Uma só: estabelecer o que Hercílio apelidou de “universalismo”, como se o Espiritismo, por si só, não fosse uma doutrina eminentemente universalista.

Vejamos, uma a uma, as definições de “universalismo” contidas no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, e verificaremos que a Doutrina espírita, mais do que qualquer outro conjunto de ideias (doutrina), é essencialmente universalista:

Universalismo - substantivo masculino;

1 Rubrica: religião.

“doutrina ou crença que afirma que todos os homens estão destinados à salvação eterna, em virtude da bondade de Deus”

Comentário: É exatamente isso o que ensina o Espiritismo. Acresce ainda que alcançamos o mais alto estágio evolutivo através da reencarnação (ou vidas sucessivas), onde nos são dadas as oportunidades de aprendizado e aperfeiçoamento intelectual-moral.

2 caráter do que é universal ou universalista; universalidade

Comentário: Allan Kardec, servindo-se de médiuns de praticamente todos os pontos do planeta e desconhecidos uns dos outros, atestou que os ensinamentos espíritas são de origem universal. Tal fato pode ser verificado no artigo Controle Universal do Ensino dos Espíritos (CUEE), o eficaz método espírita de aferição da Verdade. Além disso, o Espiritismo assenta-se sob fatos naturais e não admite nada do que se afaste dessas mesmas leis, imutáveis como o próprio Criador. Utilizando-se do critério de concordância universal, o codificador pôde chegar a um eficaz meio de aferição das mensagens que lhe chegavam.

3 tendência de tornar universal uma religião, uma ideia, um sistema etc., fazendo com que se dirija ou abranja a totalidade e não um grupo particular.

Comentário: O Espiritismo se destina a todos, porque todos estamos submetidos às mesmas leis universais. Não se dirige somente aos espíritas, e nem defende qualquer beneplácito divino ou superioridade dos espíritas sobre os demais.

4 opinião dos que só reconhecem como autoridade o assentimento universal

Comentário: Como já foi dito e demonstrado, Allan Kardec utilizou-se de comunicações oriundas dos quatro cantos do planeta, tendo sido o único a sistematizar uma doutrina desta maneira. Portanto, é errôneo afirmar que o Espiritismo tenha um viés unicamente ocidental, ou que tenha privilegiado o pensamento predominante no Ocidente.

Assim sendo, não há razão para fundar qualquer movimento pretensamente ligado ao Espiritismo que se auto-intitule

“universalista”, já que a própria Doutrina Espírita é, por si só, universalista.

Em nossas pesquisas, pudemos observar que os idealizadores do movimento universalista, os contemporâneos Edgard Armond e Hercílio Maes, ambos ramatisistas e adeptos de correntes espiritualistas orientais, intentaram, conscientemente ou não, na verdade, promover um sincretismo dessas filosofias com o Espiritismo. O primeiro, escrevendo livros de próprio punho, tendo sido o livro “Exilados de Capela” o que mais sucesso alcançou; o segundo, atribuindo tais ideias a um espírito “oriental” chamado Ramatis.

Edgard Armond foi inclusive chamado por Ramatis de “discípulo querido”, sendo que boa parte do projeto de implantação da Aliança Espírita Evangélica, assim como os trabalhos mediúnicos em si e programação de estudos, foram inspirados nos ditados constantes das obras de Hercílio/Ramatis. Tais informações, para que fique claro que não estamos tirando de nossa cabeça, constam do livro “No Tempo do Comandante”, de Edelson da Silva Jr., uma biografia de Armond.

Preocupado com a situação, em que eram propagados Brasil afora uma série de práticas e informações que colidiam com o Espiritismo e afrontavam o método kardeciano, Deolindo Amorim lançou a preciosíssima obra “O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas” (1958). Sem combater nenhuma corrente ou filosofia espiritualista, como a Teosofia, a Rosacruz, e as diversas seitas de origem asiática e africana, embora ressaltando eventuais coincidências de pontos filosóficos, Deolindo define, separa e identifica o que é o Espiritismo, mostrando a sua independência.

“(…) Todas as doutrinas organizadas têm o seu corpo de princípios, seus postulados, sua orientação. O Espiritualismo, em sua amplitude, é a matriz de muitas escolas, religiões e correntes filosóficas, mas a própria disciplina da inteligência exige que se

dê a cada religião ou doutrina o seu lugar inconfundível: ESPIRITISMO é Espiritismo; TEOSOFIA é teosofia; ECLETISMO é ecletismo. É melhor discernir do que confundir, pois é discernindo que se põe ordem nas ideias para procurar a Verdade.

“O Espiritismo é uma doutrina universalista, e tanto quanto as doutrinas que mais o sejam; mas é indispensável não levar a noção de universalismo ao arbítrio de acomodações inconvenientes senão prejudiciais à clareza do espírito crítico.

Repetimos que o Espiritismo é universalista, os seus problemas têm o sentido da universalidade, mas também é oportuno acentuar que o Espiritismo não é uma forma de sincretismo doutrinário ou religioso, sem unidade nem consistência. Não, absolutamente! Já se falseou muito a ideia de universalismo. Ser universalista é ter visão global do conhecimento, é estimar a universalidade dos valores espirituais acima e além de todas as configurações geográficas ou históricas. Universalismo é uma convicção, é uma posição consciente em face da cultura humana e espiritual; não é, portanto, a junção pura e simples de crenças, doutrinas e práticas diversas”. (cap. I - A Reencarnação e as Escolas Orientais)

A última linha do brilhante comentário de Deolindo Amorim é uma descrição fiel do que acontece em núcleos espíritas (ou pretensamente espíritas) que adotam esse comportamento sincrético dito “universalista”. Adoção de práticas mediúnicas exóticas (apometria, passes padronizados, etc.), utilização de terapias alternativas muitas vezes inócuas (cromoterapia, radiestesia, cristalterapia, etc.), venda de objetos tidos como concentradores ou debeladores de “energia” (cristais, incensos, defumadores, etc.), uso de uniformes e roupas especiais (jalecos brancos, imitando profissionais da saúde), e por aí vai.

Até mesmo o espírito André Luiz, entidade incensada por boa parte do contingente espírita, mostrou-se claramente contrário a essa postura agregacionista e oportunista:

“Muitos, companheiros, sob a alegação de que todas as religiões são boas e respeitáveis, julgam que as tarefas espíritas nada perdem por aceitar a enxertia de práticas estranhas à simplicidade que lhes vige na base, lisonjeando indebitamente situações e personalidades humanas, supostas capazes de beneficiar as construções doutrinárias do Espiritismo.

No entanto, examinemos, sem parcialidade, a expressão contraditória de semelhante atitude, analisando-a, na lógica da vida.

Criaturas de todas as plagas dos Universos são filhas do Criador e chegarão, um dia, à perfeição integral. Mas, no passo evolutivo em que nos achamos, não nos é lícito estar com todas, conquanto respeitemos a todas, de vez que inúmeras se encontram em experiências diametralmente opostas aos objetivos que nos propomos alcançar.

Não existem caminhos que não sejam viáveis e todos podem conduzir a determinado ponto do mundo. Contudo, somente os viajores irresponsáveis escolherão perlustrar atalhos perigosos e desfiladeiros obscuros, espinheiros e charcos, no Dédalo de aventuras marginais, ao longo da estrada justa.

Indiscriminadamente, os produtos expostos num mercado são úteis. Mas sob a desculpa do acatamento que se deve a todos, não nos cabe comer de tudo, sem a mínima noção de higiene e sem qualquer consideração para com a própria saúde.

Águas de qualquer procedência liquidam a sede. No entanto, com a desculpa de que todas são valiosas, não é aconselhável se beba qualquer uma, sem qualquer preocupação de limpeza, a menos

que a pessoa esteja nas vascas da sofreguidão, ameaçada de morte pelo deserto.

Sabemos que a legislação humana obtida à custa de sofrimento estabelece a segregação dos irmãos delinquentes para o trabalho reeducativo; sustenta a polícia rodoviária para garantir a ordem da passagem correta; mantém fiscalização adequada para o devido asseio nos recursos destinados à alimentação pública e cria agentes de filtragem para que as fontes não se façam veículos de endemias e outras calamidades que arrasariam populações indefesas.

Reflitamos nisso e compreenderemos que assegurar a simplicidade dos princípios espíritas, nas casas doutrinárias, para que as suas atividades atinjam a meta da libertação espiritual da Humanidade não é fanatismo e nem rigorismo de espécie alguma, porquanto, agir de outro modo seria o mesmo que devolver um mapa luminoso ao labirinto das sombras, após séculos de esforço e sacrifício para obtê-lo, como se também, a pretexto de fraternidade, fossemos obrigados a desertar do lar para residir nas penitenciárias; a deixar o caminho certo para seguir pelo cipoal; a largar o prato saudável para ingerir a refeição deteriorada e desprezar a água potável por líquidos de salubridade suspeita”. (“Práticas Estranhas”, livro “Opinião Espírita” (1963) - F.C. Xavier)

Assim sendo, o alerta está dado.

Infelizmente, os interessados em tornar o movimento espírita um celeiro de fantasias muito se aborrecem com esses comentários, mas é preciso que não nos deixemos enganar. Há muitos interesses envolvidos nisso, tanto materiais, quanto espirituais. De um lado, espíritos pseudossábios, autênticos falsos profetas da erraticidade, charlatões da espiritualidade, que revestem suas mensagens das palavras de amor, caridade, etc. apenas com o intuito de melhor enganarem acerca de suas luzes. Ditam o que

lhes vêm à cabeça com o intuito de promover a confusão. Do outro, indivíduos encarnados que pouco se aprofundaram no estudo sério da Doutrina Espírita, desejosos por terem sobre si os holofotes e o dinheiro que esse grande mercado da literatura “trash” pseudo-espírita tem proporcionado.

Cabe aos dirigentes espíritas discernir que “tolerar” não significa o mesmo que “transigir”. Toleramos a todos, amamos a todos, mas a título de amar não nos é lícito conspurcar aquilo que nos é mais caro: o Espiritismo e sua missão de libertação das consciências das faixas da ignorância, causa primária de tudo aquilo que causa sofrimento e impede as almas de voarem mais celeremente rumo à perfeição.

LI – Chico Xavier e as confusões apocalípticas

Na edição 439 do jornal “Folha Espírita”, foi lançado um artigo escrito pela senhora Marlene Nobre em que constam supostas “revelações” do médium Francisco C. Xavier sobre o futuro do planeta e, mais especificamente, sobre o Brasil. E, mais uma vez, assanharam-se os apocalípticos de plantão em saírem por aí afirmando que, desta feita, não têm eles mais dúvida: de 2019 não passa! Já tratamos deste tema em outras oportunidades, em que discorremos sobre as previsões de Ramatis que se revelaram totalmente falsas e fantasiosas.

Desta feita, transcreveremos inicialmente a excelente análise sobre o tema realizada pelo escritor e estudioso espírita Sérgio F. Aleixo:

“Chico Xavier: Definitivamente, Outra Religião!”

“Faz algum tempo, afiancei que caducaram por completo os prognósticos ao final do capítulo XXV do livro *A Caminho da Luz* (F.E.B., 1939), de Emmanuel.[1] O jesuíta assegurava ali, evidentemente em falso, que eram chegados os tempos em que as forças do mal seriam compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres; que se vivia na Terra, à época, um crepúsculo, ao qual sucederia ainda profunda noite, e que, ao século XX é que competiria a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos.

Justo agora, num jornal ‘espírita’ de grande circulação, entrevistado pela festejada Dr.^a Marlene Nobre, o Ilmo. Sr. Geraldo Lemos Neto participa as revelações que, em 1986, Chico Xavier lhe fez sobre o futuro reservado ao nosso planeta e seus habitantes nos próximos anos, finalizando com esta pérola

emmanuelina: 'As profecias são reveladas aos homens para não serem cumpridas'. De fato, as do suposto ex-senador de Roma, sem dúvida advogando aí em causa própria, nunca se cumpriram.

Kardec já advertira em A Gênese, XVI, 16, que 'os espíritos realmente sábios nunca predizem nada com épocas determinadas', bem como 'se pode ter por certo que, quanto mais circunstanciadas as predições, mais elas são suspeitas'. Portanto, definitivamente, nada tem que ver com o Espiritismo, doutrina codificada por Allan Kardec, essa nova religião, essa nova Igreja chamada Federação Espírita Brasileira, que sempre teve por ícones mui dóceis de sua propaganda antidoutrinária o médium Chico Xavier e todos os seus guias e congêneres, agora erigidos em profetas apocalípticos.

De acordo com as tais revelações,[2] surpreendentemente não por decisão própria, mas ouvindo o apelo de outros seres angelicais de nosso sistema solar, Jesus convocou, em julho de 1969, reunião destinada a deliberar, na atmosfera terrestre, sobre o futuro de nosso planeta. Fico a imaginar se a convocação foi mediante algum satélite por ali disponível... A razão do apelo, pasmem: a chegada do homem à Lua naquele mês.

Jesus, pelo visto, não se abalou. Foi atendendo aos seus pares do sistema solar que marcou o conclave celeste. Depois de muitos diálogos, debates e sugestões, mesmo ante o receio e a indisposição de algumas potências angélicas presentes, o Mestre concedeu-nos uma 'última chance' e 'todas as injunções cármicas previstas para acontecerem no final do século XX' (eufemismo empolado para o fim do mundo) 'foram suspensas'. Mais não parecem desse modo, pelo evidente conflito, deuses mitológicos que espíritos puros?

Pois bem. Revogadas assim, de improviso, as disposições anteriores, Emmanuel estaria livre da acusação de falso profetismo. Contudo, neste caso, menos interessa que suas profecias não se hajam cumprido do que o simples fato de haver

predito acontecimentos espantosos para época determinada, o que espíritos verdadeiramente sábios nunca, nunca fazem. Além do mais, em A Gênese, XVIII, 26, aprende-se:

‘A Terra, no dizer dos espíritos, não deve ser transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova a sucederá da mesma maneira, sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas. Tudo, pois, se passará, exteriormente, como de hábito [...] Assim, aqueles que esperam ver a transformação ocorrer através de efeitos sobrenaturais e maravilhosos ficarão decepcionados’.

Mas voltemos ao monte Olimpo. Para tranquilizar as potências angélicas receosas e indispostas com a dilação que obteve do prazo para o fim do nosso mundo em mais 50 anos além do antes previsto, Jesus impôs às nações mais desenvolvidas e responsáveis da Terra (impôs como?) que não lançassem a III Guerra. Basta evitarem isso até 2019 e nosso mundo será admitido no sistema solar na condição de planeta de regeneração. Oras! Se um espírito apenas sábio nada prediz com época marcada, que se dirá de um espírito puro como Jesus, a fazê-lo em meio à indisposição receosa de alguns de seus pares.

Daí por diante, apesar de Chico Xavier dizer a G. L. Neto que ‘nenhum de nós pode prever os avanços que se darão a partir dessa data de julho de 2019’, o próprio Chico, pasmem, instado pelo interlocutor, passa a enumerá-los, desde a erradicação da pobreza, passando pelo fabrico de aparelhos para conversas com desencarnados, até a permissão expressa de Jesus aos extraterrestres, a fim de que nos ofertem tecnologias inimagináveis.

O mais assombroso, porém, são as previsões para a hipótese de o homem iniciar a III Guerra até 2019, que será, nesse caso, terminada por uma reação colossal das forças telúricas do planeta, inviabilizando a vida no hemisfério norte e abrindo um período de

reconstrução de mais de mil anos. Isso levaria, pasmem de novo, a uma invasão autorizada pela O.N.U. ao hemisfério sul. Parece o filme ‘O Dia Depois de Amanhã’.

E restará aos brasileiros, além de só um quarto do seu território, a obrigação de ‘exemplificar a verdadeira fraternidade cristã’, ensinando aos invasores os mais altos valores de espiritualidade. Aprenderão com os norte-americanos o respeito às leis, o amor ao direito, à ciência e ao trabalho; com os europeus, o amor à filosofia, à música erudita; com os asiáticos o respeito ao dever, etc. Um povo que precisa aprender o respeito às leis e o amor ao direito com invasores norte-americanos irá ensinar-lhes, em contrapartida, os mais altos valores de espiritualidade... Surreal!

Outra providência dos deuses gregos, agora na atmosfera do nosso planeta vestidos de seres angélicos, foi que, desde 2000 (suposto ano da volta de Emmanuel), só permitem reencarnar aqui mansos, brandos, amorosos e pacíficos, sendo os recalitrantes no mal encaminhados a mundos atrasados, o maior deles, Quírom, ou Kírom. Todos os que hoje têm no máximo 11 anos integrariam, pois, esse exército de brandos. Matemática canhestra. Decerto, se trata de outra profecia a não se cumprir. E tudo bem. Afinal, é para isso que as profecias, segundo Emmanuel, são reveladas, sobretudo as dele.

Toda essa mixórdia ridícula integra outra religião, um divinismo oracular abasileiradamente sincrético; não é Espiritismo, mesmo porque nada conseguiu sê-lo após o passamento, em 31/03/1869, do Gênio Lionês ao mundo espírita, de onde ainda contempla o cumprimento desta profecia do Espírito de Verdade: ‘[...] as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas’.[3]

Assim, profecias são verdadeiras predições e se cumprem com rigor, exceção feita às mistificações de espíritos pseudossábios, como Emmanuel, Ramatis e assemelhados, que julgam saber mais do que realmente sabem, ou simplesmente insistem sobre aquilo

que deve permanecer oculto, a fim de darem a impressão de que conhecem os segredos de Deus.[4]

[1] Revista “Espiritismo e Ciência” n. 53. Kardec e os Exilados. Cf. texto atualizado:

http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com/2010_03_29_archive.html;

Kardec Versus Emmanuel em 12 Passos,

http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com/2011_06_12_archive.html,

bem como esta palestra:

<http://www.youtube.com/user/sergiofaleixo#p/c/F40B80DEDC8DE9CF/0/4h4r6CxP8Rs>

[2] Cf. <http://www.vinhadeluz.com.br//site/noticia.php?id=760>

[3] KARDEC. Obras Póstumas. 12 de junho de 1856. Em casa do Sr. C.; médium: Srta. Aline C. Minha Missão.

[4] Cf. O Livro dos Espíritos, 104. O Livro dos Médiuns, 300.

Pois bem! E como dissemos no início, os catastrofistas de plantão logo vieram a público respaldar a suposta revelação profética. Um deles, o médium ramatisista e auto-proclamado “espírita universalista” Roger Bottini, já citado neste nosso espaço por afirmar receber mensagens de um deus da mitologia grega, saiu, mais uma vez, em defesa das mensagens de Hercílio/Ramatis em seu sítio na internet, procurando confirmar as previsões do citado espírito com uma matemática elementar e bastante equivocada. O mais interessante é que o “médium” gaúcho cita e enaltece a reportagem em que Chico Xavier teria previsto as calamidades para 2019, mas ao mesmo tempo as prevê para 2036(!). Confirmamos passo-a-passo essa declaração:

1 - O “médium” ramatisista começa criticando duramente aqueles que não creem nas previsões de Ramatis, chamando-os de “pessoas de visão estreita”:

“Um exemplo disso, é o sistemático ataque que sempre sofreram as obras de Ramatís por parte dessas pessoas de visão estreita; principalmente devido às revelações de seu profético livro “Mensagens do Astral”, recebido mediunicamente pelo médium Hercílio Maes e publicado em 1956”.

2 - Logo após, o “médium” tenta atrelar a tal reunião citada por Emmanuel, supostamente ocorrida em 1969, às previsões feitas por Ramatis:

“Ou seja, esse livro foi escrito bem antes do ano de 1969, momento em que houve a reunião do astral, citada no texto da pergunta, dando uma moratória de 50 anos a nossa humanidade para procurar corrigir-se antes dos cataclismos de fim dos tempos. No livro de Ramatís, o sábio mentor afirma que esses acontecimentos ocorreriam no final do século vinte”.

3- Como as tais previsões de Ramatis para o ano 2000 não se cumpriram, a estratégia é responsabilizar o plano espiritual e afirmar que eles mudaram de planos:

“E, pelo que vemos nas referências de Chico, era isso que realmente aconteceria (...). Voltando ao texto, vemos que as datas mencionadas por Chico Xavier fecham muito bem. Realmente, os eventos de fim dos tempos foram adiados e, a partir da próxima década, começarão a se intensificar os sinais de efetivação da transição planetária, sendo que por volta de 2036 teremos os mais impressionantes eventos”.

Talvez temendo a proximidade do ano de 2019 e o conseqüente vexame advindo do fato desses eventos não se cumprirem, o sr. Bottini estica a previsão e, numa matemática bisonha, $1969 + 50$ acaba resultando em 2036 (!).

Outro fato digno de nota é que consta do livro “Encontros no Tempo” (IDE), de Hércio Marques C. Arantes, publicado na época em que Chico Xavier ainda estava vivo, uma declaração do citado médium afirmando o seguinte:

“Muitas realizações para o Terceiro Milênio, segundo Emmanuel, poderão talvez ocorrer depois de 2990. Imaginemos, pois, certos fenômenos de triagem para séculos não muito próximos. Os amigos desencarnados afirmam que na próxima galáxia, de cuja vida e grandeza compartilhamos, existem numerosos mundos de feição primitiva, aptos a nos receberem para estágios mais simples de progresso espiritual, caso não queiramos seguir o surto de elevação de elevação em que a nossa Terra está penetrando”.

Daí perguntamos ao estimado leitor: qual declaração mereceria e merece maior credibilidade? A primeira, relatada após o desencarne do médium, ou a segunda, tornada pública através de um livro enquanto Chico Xavier ainda estava entre nós?

Percebe-se aí a tendência, nos dias de hoje, de tudo colocarem na boca do médium Chico Xavier com o intuito de angariar notoriedade e, principalmente, credibilidade. Há pouco tempo, inclusive, até mesmo uma dieta em forma de simpatia foi amplamente divulgada como sendo de autoria do mesmo.

Já a Doutrina Espírita em si, contida toda ela nas obras da Codificação, é cada vez mais posta de lado, e são poucos que a consultam antes de sair divulgando algo em nome do Espiritismo. Predomina a leviandade e a completa falta de compromisso ético-moral, tanto perante a própria Doutrina como com as próprias pessoas em geral, que certamente estão procurando o Espiritismo para se instruírem, e acabam tendo contato com mentiras, fantasias e mistificações de todo gênero, principalmente divulgadas por indivíduos de tendência mística e que, na mais das vezes, querem obter vantagens pessoais com tudo isso.

A Doutrina Espírita é demasiadamente clara e cristalina e não há como misturá-la a outras “coisas” de conteúdo duvidoso, que caem por terra ao menor arremedo de racionalidade e discernimento.

Como já pude recentemente dizer a um conhecido divulgador ramatisista por e-mail, nada temos contra alguém desejar aventurar-se no espiritualismo genérico. Que tenha boa sorte! Mas daí subverter uma doutrina tão racional como é o Espiritismo é outra coisa, bem diferente.

Não podemos agregar tudo ao Espiritismo e ao seu Movimento a pretexto de caridade e boa convivência com pessoas que pertençam a outras doutrinas e/ou religiões. O Espiritismo não ensina intolerância religiosa, portanto fundar um movimento nessas bases é querer posar de “mais realista do que o rei”, conforme a expressão popular. Podemos muito bem discordar e sermos fraternos, uma vez que ser fraterno não quer dizer que se deva aceitar tudo. Seria um contrassenso e uma violência à liberdade de pensamento.

O Espiritismo, por sua vez, nada tem a ver e não respalda qualquer previsão de “final dos tempos”. A marcha evolutiva da humanidade se dará lenta e gradativamente, conforme as sábias leis de Deus e da Natureza. Isso se encontra bem claro nas obras da Codificação elaborada por Allan Kardec:

P. — Disseram os Espíritos que os tempos são chegados em que tais coisas têm de acontecer: em que sentido se deve tomar essas palavras?

R. — Em se tratando de coisas de tanta gravidade, que são alguns anos a mais ou a menos? Elas nunca ocorrem bruscamente, como o chispar de um raio; são longamente preparadas por acontecimentos parciais que lhes servem como que de precursores, quais os rumores surdos que precedem a erupção de um vulcão. Pode-se, pois, dizer que os tempos são chegados, sem que isso signifique que as coisas sucederão amanhã. Significa unicamente que vos achais no período em que se verificarão.

P. — Confirma o que foi dito, isto é, que não haverá cataclismos?

R. — Sem dúvida, não tendes que temer nem um dilúvio, nem o abrasamento do vosso planeta, nem outros fatos desse gênero, porquanto não se pode denominar cataclismos a perturbações locais que se têm produzido em todas as épocas. Apenas haverá um cataclismo de natureza moral, de que os homens serão os instrumentos. (12 de maio de 1856 - Obras Póstumas)

O que pervaga pelo Movimento Espírita são indivíduos que desejam os holofotes e correm atrás de fama e de dinheiro advindos da exposição desses relatos confusos e fantasiosos, mui habilmente engendrados, em meio a discursos repletos de palavras bonitas e lugares comuns. Atentemos a isso e assim colaboraremos para uma divulgação séria desse colosso que é o Espiritismo. Essa é a parte que cabe a todos nós.

LII – O Espiritismo e os vários “fins do mundo”

Vem dos idos de 1950 a tentativa de tornar o movimento espírita um disseminador de previsões catastrofistas de “fim dos tempos”. Para muitos que ainda não haviam estudado e aprofundado conhecimentos da Codificação Espírita, as previsões atribuídas aos Espíritos, alguns deles tidos como superiores apenas pelo fato de serem espíritos ou terem sido apresentados como tal, representavam a confirmação das profecias de João, o Evangelista, contidas na Bíblia, ou ainda das previsões de Nostradamus, Edgar Cayce, entre outros.

Embalados pelo livro “Mensagens do Astral” de Hercílio Maes/Ramatis (1956), passou-se a divulgar que o fim dos tempos estava próximo devido à suposta aproximação de um enorme astro que provocaria a elevação abrupta do eixo terrestre, causando destruição por toda parte e ceifando a vida de 2/3 dos habitantes do planeta até o ano de 1999. Muitos indivíduos e instituições, espíritas ou não, compraram a ideia. Um dos primeiros foi Alziro Zarur, fundador da LBV (Legião da Boa Vontade), que através de seus programas radiofônicos diários anunciava que deveriam todos se acautelar, pois de 1000 havia passado, mas de 2000 não passaria. Outro que, desta feita em nome do Espiritismo, passou a divulgar as catástrofes vindouras foi Edgard Armond, que, conforme já estudamos no artigo “Universalismo e Movimentos Cismáticos”, admirava e acreditava nos escritos atribuídos ao espírito Ramatis. No entanto, os anos de 1999 e 2000 se passaram e nada de extraordinário aconteceu. Terremotos, erupções vulcânicas, maremotos, enfim, toda uma série de eventos ocorreram como desde sempre se deram na face do planeta, sem que 1% do que fora previsto por Ramatis tivesse ocorrido.

Porém, como é típico dos que não querem, por orgulho ou vaidade, dar o braço a torcer, ou mesmo porque não querem abjurar de suas ideias fantasiosas para encarar a realidade, vieram as justificativas e as tentativas de encontrar novas datas para a ocorrência dos desastres, julgados capazes de tornar o mundo melhor pela “expulsão dos maus” para que os “bons”, finalmente, predominem na Terra.

Nada disso, contudo, é novidade e muito menos tem algo a ver com o Espiritismo.

Às vésperas do ano 1000, por exemplo, teóricos do apocalipse já previam a hecatombe, mas, como nada aconteceu, a data “certa” passou a ser 1033, isto é, 1000 anos após a morte de Cristo. Em 1524, astrólogos previram o início do fim do mundo para 1º de fevereiro com uma inundação em Londres. Como nenhuma gota caiu na cidade naquele dia, a justificativa dada foi que houve um erro de cálculo. O “certo” era 1624. Em 1533, Melchior Hoffmann previu que o mundo seria consumido pelas chamas. Ao final, nada aconteceu, e ele foi preso e morreu na prisão. Poucos anos depois, em 1537, o astrólogo Pierre Turrel afirmou dispor de quatro datas para o fim do mundo: 1537, 1544, 1801 e 1814. Acabou ficando para a história como o que mais datas usou para safar-se do vexame. Cento e onze anos depois, em 1648, o judeu Sabbatai Zevi se auto-intitulou o próprio Messias, que desta feita viria para expulsar os maus da Terra. Como naquele ano nada aconteceu, previu o apocalipse para 1666 e acabou preso. Decepcionado, converteu-se ao Islamismo. Em 1736, o teólogo William Whiston, repetindo o mesmo erro de 1524, anunciou que em 13 de outubro haveria uma gigantesca inundação, fazendo com que o rio Tâmsa lotasse de embarcações em rota de fuga. Como ocorrera em 1524, no dia anunciado da catástrofe sequer choveu. Em 1843, o líder adventista William Miller previu o apocalipse para 3 de abril, depois 7 de julho, depois 21 de março de 1884 e, finalmente, 22 de outubro. Desacreditado, morreu cinco anos depois da última previsão. Em 1881, alguns egiptólogos previram o fim do mundo

baseados em alguns escritos encontrados. Refizeram as contas, mudando o ano do fim para 1936. Obrigados pelas circunstâncias, reformularam as previsões, empurrando-as para 1953. No início do século XX, foi a vez dos Testemunhas de Jeová. Foram três os anos previstos para o fim, todos obviamente errados: 1874, 1814 e 1975. Já ao final do século XX, no ano de 1980, um presságio astrológico árabe dizia que o mundo deveria se preparar para uma catástrofe devido a uma conjunção de Júpiter e Saturno em Libra. Chegando em 1999, os crentes nas previsões de Nostradamus davam como certo um cataclismo em 10 de março. Atribuíram o erro ao próprio Nostradamus. Em 2000, teóricos do apocalipse disseram que o juízo final ocorreria 2000 anos depois de Cristo. Como aconteceu no ano 1000, a previsão “pulou” para 2033. E, mais recentemente, como todos sabem, são as profecias maias as utilizadas para novamente espalhar o temor. Caminham com certeza para o fracasso, pois nem mesmo os maias afirmaram que o fim de um de seus três calendários representava o fim do mundo.

Já a visão apocalíptica disseminada no meio espírita (e não amparadas pela Doutrina) tenta ser mais “light” nas previsões, uma vez que não seria o fim do mundo, mas apenas uma sucessão de catástrofes que provocaria uma seleção entre espíritos mais adiantados e mais atrasados. No entanto, apesar da sutil diferença, as previsões não têm se mostrado menos equivocadas. Diversos membros do movimento ramatisista, uma espécie de seita que diz divulgar o Espiritismo, mas que vive batendo na tecla de estar a Codificação ultrapassada, e que se auto-intitulam “universalistas crísticos” ou simplesmente “espíritas universalistas”, ainda hoje insistem em disseminar as previsões contidas nos livros de Ramatis. O tema é tratado abertamente em revistas, sites, programas de TV e Congressos do movimento ramatisista, como se as ditas previsões já não estivessem se esboroadas. Exatamente como no passado, a tática é encontrar explicações pretensamente racionais ao não cumprimento das profecias e, logicamente, informar novas datas. O primeiro a se arriscar foi o “médium”

universalista Roger Bottini que, em seu sítio na internet, afirma que está tudo certo para 2036. Vai ter bastante tempo para pensar numa explicação “plausível” para o não cumprimento da previsão...

Na verdade, o que ocorre com os indivíduos que acreditam nessas previsões, sejam elas vindas numa embalagem religiosa ou não, é que esses não desistem de sua crença, mas, ao contrário, mais se aferram a ela. Há um caso clássico relatado no livro “Quando a profecia falha”, de Leon Festinger, em que ele e seus colegas se infiltram em uma seita do fim do mundo composta de 15 pessoas. Eles acreditavam que uma mulher recebia mensagens de extraterrestres e que o mundo acabaria, segundo eles, em 21 de dezembro de 1954. Antes da catástrofe, eles seriam resgatados pela nave-mãe e levados para um lugar seguro. Como nada aconteceu, a mulher que se comunicava com os “ETs” disse ter recebido uma nova comunicação, em que o grupo era elogiado por ter espalhado tanta “luz” com suas orações que Deus havia decidido cancelar a destruição do mundo. Haviam, pois, encontrado um meio de acreditar na profecia.

Pode-se perceber também que, direta ou indiretamente, os crentes no “fim dos tempos” colocam-se invariavelmente numa posição de “salvos” e “direitistas do Cristo”, enquanto que quem não acredita geralmente é posicionado como herético, descrente e “esquerdista do Cristo”. O fim desses últimos deveria ser mesmo morrer, sem dó nem piedade, na visão dos extremistas. Já os primeiros nem cogitam da hipótese de morrer, pois, como são muito “bonzinhos”, herdarão a Terra renovada.

Mais recentemente, surgiu a notícia, comentada por mim no artigo “Chico Xavier e as confusões apocalípticas” que o médium Chico Xavier também teria feito uma previsão de grandes acontecimentos para 2019 e que o Brasil será praticamente poupado da hecatombe, já que aqui é o “coração do mundo, pátria do Evangelho”... Só faltou dizer que Deus é brasileiro.

Em meio a tantos absurdos, só nos resta afirmar categoricamente: não há absolutamente coisa alguma na Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, que possa servir de embasamento para tais ideias e previsões. O Espiritismo trata da Lei do Progresso, em que os mundos são como escolas e os espíritos pouco a pouco vão se aperfeiçoando em moral e inteligência a fim de ascenderem a outros mundos mais evoluídos. Diz também que, muitas das vezes, conflitos de ideias acabam sendo o móvel necessário para o progresso geral das sociedades humanas, infelizmente descambando, por vezes, em guerras fratricidas.

Allan Kardec, na Revista Espírita de agosto de 1865, ensina: “O Espiritismo tem como objetivo a regeneração da Humanidade: isto é um fato constatado. Ora, não podendo essa regeneração operar-se senão pelo progresso moral, daí resulta que seu objetivo essencial, providencial, é o melhoramento de cada um”.

Não será justo que agora, em que mal as ideias espíritas tornam-se conhecidas e a humanidade em geral sinaliza uma mudança para melhor, mesmo que lenta, haverá Deus de destruir o planeta, como um pai que espanca o filho na tentativa de educá-lo de um dia para o outro. A humanidade tem muito a caminhar, sendo que a Natureza não dá saltos. Tudo tem seu tempo: o plantio e a colheita. As previsões do apocalipse geralmente são cridas por quem acha que a colheita possa vir antes da germinação. Definitivamente, não é isso que nos ensinam os Espíritos (verdadeiramente) superiores.

LIII – Saint Germain, Novo “Governador do Planeta” ou apenas um Bon Vivant?

Segundo ensina a Doutrina Espírita, Jesus de Nazaré representa “o tipo da perfeição moral a que a humanidade pode aspirar na Terra” (O L.E., questão 625), sendo que Allan Kardec, com absoluta clareza, classifica-o, na dissertação IX do cap. XXXI de “O Livro dos Médiuns”, como “o espírito puro por excelência”. Já na questão 625 de “O Livro dos Espíritos”, Kardec indaga: “Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo?”, e os Espíritos responderam simplesmente: “Vede Jesus”.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, logo no primeiro capítulo, nos é ensinado que “o Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélico-cristã, que há de renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar de todos os corações a caridade e o amor do próximo e estabelecer entre os humanos uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, a que a Natureza está submetida, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a Humanidade avance. São chegados os tempos em que se hão de desenvolver as ideias, para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus.

Têm elas de seguir a mesma rota que percorreram as ideias de liberdade, suas precursoras. Não se acredite, porém, que esse desenvolvimento se efetue sem lutas. Não; aquelas ideias precisam, para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraiam a atenção das massas. Uma vez isso

conseguido, a beleza e a santidade da moral tocarão os espíritos, que então abraçarão uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e descerra as portas da felicidade eterna. Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá”.

Não obstante tais claros ensinamentos, estabelecendo que a transformação da humanidade, lenta e gradativa, se dará através da compreensão das Leis de Deus transmitidas a nós por intermédio de espíritos missionários do quilate de Jesus e da própria Doutrina Espírita, os seguidores do espírito Ramatis, influenciados, assim como ocorrera com Hercílio Maes, pelas ideias teosóficas, apresentam Saint Germain como um espírito do mesmo quilate de Jesus, e, o que é ainda mais surpreendente, como o “novo governador do Planeta Terra”. Tal “novidade”, bem ao gosto dos “universalistas”, que em alto e bom som propagam aos quatro ventos que a Doutrina estaria “ultrapassada” e carente de “complementos”, é encontrada nos livros de um dos mais recentes médiuns de Ramatis, Roger Bottini, do Rio Grande do Sul, ao qual já nos referimos nos artigos “Universalismo Crístico ou Misticismo Anti-Espírico” e “Insistindo nos Mesmos Erros”. Em seu livro “A Nova Era”, lemos que “os já aprovados para a Nova Era ingressarão em uma época de novos aprendizados sob a orientação do mestre Saint Germain”, referindo-se aos indivíduos que sobreviverem às devastadoras catástrofes supostamente provocadas por um planeta chamado “Absinto”, repetindo, assim, as mesmas previsões feitas por Ramatis a Hercílio Maes e que não se cumpriram nas datas previstas (de 1992 a 1999). Jesus, ao seu turno, segundo eles, assumiria atividades superiores, pois teria encerrado a sua missão, ficando o planeta aos cuidados de Saint Germain.

Pois bem, mas quem seria Saint Germain? Segundo a Teosofia e a seita esotérica chamada “Grande Fraternidade Branca”, com base nos escritos de Annie Besant, Charles Leadbeater e Alice Bailey, Saint Germain seria um “Mestre Ascensionado do Sétimo Raio de Luz Cósmica” ou “Chama Violeta”, que, dois mil anos após a

vinda de Jesus, receberia a incumbência de substituí-lo na Era de Aquário”. Ainda segundo os autores acima citados, Saint Germain teria sido o descobridor do elixir da vida eterna, tendo se tornado, conseqüentemente, imortal.

No entanto, da versão acima o que se tem são apenas descrições sem qualquer comprovação ou documentação histórica, oriunda apenas de relatos de pessoas que sequer o conheceram pessoalmente e que já possuíam uma inclinação mística bastante acentuada, digamos assim, carecendo de completa credibilidade. Já o filósofo Rousseau e o político Horace Walpole o conheceram. O “Conde” (de) Saint Germain chegou à corte francesa em 1743, com passado nebuloso. Muitos chegaram a duvidar da autenticidade de seu título nobiliárquico. Era um virtuose do violino, mestre da alquimia e de outras ciências ocultas, um modismo da época. E tinha grande lábia. Não demorou a conquistar a confiança do rei Luís XV. A sua fama de dom-Juan e uma suspeita de falsificação de joias entretanto macularam sua imagem. Em 1746, teve de sair fugido para não ser preso ou vitimado por alguma vingança. Voltou a aparecer em Versalhes em 1758. O rei o enviou a missões de espionagem na Inglaterra, Holanda e Áustria. Na Itália, virou amigo de Casanova, que se transformou em seu parceiro de farra. Para toda bela mulher, revelava possuir o elixir da eterna juventude. O truque funcionava especialmente com jovens da corte e criadas crédulas. Acabou, porém, desvirginando a filha de um nobre que o estava hospedando. Achou melhor sumir de novo. Depois, foi avistado diversas vezes na Europa, sempre com nomes diferentes: conde de Tsarogy, conde Welldone, marquês de Montferrat. Na época, já estava em decadência. Foi tido como charlatão na corte do rei Frederico da Prússia ao dizer que transformava chumbo em ouro. Supostamente, morreu amargurado em 1784.

Na Revista Espírita de fevereiro de 1859, o espírito São Luís é questionado, ao tratar do tema “Os Agêneres”, se o conde de

Saint-Germain não pertencia à categoria dos agêneres. A resposta foi simples e direta: - “Não; era um hábil mistificador”.

Caberá ao leitor analisar se alguém com as características citadas acima realmente estaria em condições de servir de guia e modelo da humanidade... Da mesma forma, sem infantilmente colocarem-se como vítimas de perseguição, cabe aos auto-intitulados “espíritas universalistas”, em especial os seus representantes e autores dessas obras em tantos pontos em completa oposição ao Espiritismo, darem explicações para tamanho disparate, que se soma aos outros tantos que já identificamos e mencionamos em artigos anteriores.

LIV – Médium “universalista” diz receber mensagens de deus grego

“Muitas comunicações há, de tal modo absurdas, que, embora assinadas com os mais respeitáveis nomes, o senso comum basta para lhes tornar patente a falsidade. Outras, porém, há, em que o erro, dissimulado entre coisas aproveitáveis, chega a iludir, impedindo às vezes se possa apreendê-lo à primeira vista. Essas comunicações, no entanto, não resistem a um exame sério. (...) De fato, a facilidade com que algumas pessoas aceitam tudo o que vem do mundo invisível, sob o pálio de um grande nome, é que anima os Espíritos embusteiros. A lhes frustrar os embustes é que todos devem consagrar a máxima atenção; mas, a tanto ninguém pode chegar, senão com a ajuda da experiência adquirida por meio de um estudo sério. Daí o repetirmos incessantemente: Estudai, antes de praticardes, porquanto é esse o único meio de não adquirirdes experiência à vossa própria custa”. (Allan Kardec, em “O Livro dos Médiuns”)

Na Antiguidade, os povos não possuíam meios de explicar os fenômenos naturais e emprestaram a esses fenômenos nomes de deuses, considerando-os como tais. O trovão inspirava um deus, a chuva outro. O céu era um deus pai, e a terra uma deusa mãe, sendo os demais seres seus filhos. Originaram-se, a partir daí, histórias e aventuras que explicavam de forma poética o mundo que os rodeava. Esses núcleos arquetípicos mitológicos recebem o nome de “mitologemas”. A um conjunto de mitologemas de mesma origem histórica dá-se o nome de “mitologia”.

A Mitologia Grega, especificamente falando, “é o estudo dos conjuntos de narrativas relacionadas aos mitos dos gregos antigos, de seus significados e da relação entre eles e os povos”

(Wikipedia), e advém de uma mistura entre a cultura dos indo-europeus, pré-gregos, e até mesmo dos asiáticos, egípcios e outros povos com as quais os gregos estabeleceram contato.

O estudo da genealogia e filiação das divindades cultuadas pelos gregos chama-se “teogonia”, o mesmo nome da obra do poeta Hesíodo, escrita possivelmente no século VIII a.C.

Segundo a teogonia imaginada pelos gregos, toda a desordem universal teria sido posta em ordem por Zeus e se desenvolve por seis gerações sucessivas de deuses. Zeus, em determinado momento, casa-se com Maia, uma das sete filhas de Atlas e Pleione, filha de Oceano. Zeus, para que Maia e suas irmãs escapassem do gigante Órion, transformou-as no aglomerado estelar das Plêiades, integrante da constelação de Touro. Com Zeus, Maia teve Hermes, o belo mensageiro dos deuses. E é justamente sobre Hermes, essa figura mitológica que só existiu nas narrativas dos gregos antigos, que iremos tratar daqui por diante.

Segundo a *Encyclopaedia Britannica* – Volume XI, Hermes Trismegisto – é uma divindade complexa, com múltiplos atributos e funções. Hermes foi no início um deus agrário, protetor dos pastores e dos rebanhos. Um escrito de Pausânias deixa bem claro esta atribuição do filho de Maia: “Não existe outro deus que demonstre tanta solícitude para com os rebanhos e para com o seu crescimento”. Mais tarde, os escritores e os poetas ampliaram o mito, como por exemplo, Homero, nos seus poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*. Na *Odisseia*, por exemplo, o deus intervém como mago e como condutor de almas (nas *Rapsódias X e XXIV*)”.

Segundo ainda a farta literatura sobre o assunto, Hermes é também o deus das estradas. Nas encruzilhadas, para servir de orientação, os transeuntes amontoavam pedras e colocavam no topo do monte a imagem da cabeça do deus. A pedra lançada sobre um monte de outras pedras, simbolizava a união do crente

com o deus ao qual elas estavam consagradas. Considerava-se que nas pedras do monte estavam a força e a presença do divino.

Para os gregos, Hermes regia as estradas porque andava com incrível velocidade, por usar as sandálias providas de asas. Deste modo, tornou-se o mensageiro dos deuses, principalmente de seu pai, Zeus. Conhecedor dos caminhos, não se perdendo nas trevas e podendo circular livremente nos três níveis (Hades ou infernos, Terra ou telúrico e Paraíso ou Olimpo), Hermes tornou-se um deus condutor de almas.

A astúcia, a inventividade, o poder de tornar-se invisível e de viajar por toda a parte, aliados ao caduceu com o qual conduzia as almas na luz e nas trevas, são os atributos que exaltam a sabedoria de Hermes, principalmente no domínio das ciências ocultas, que se tornarão, na época helenística, as principais qualidades do deus.

A partir deste ponto, Hermes se converteu no patrono das ciências ocultas e esotéricas. É ele quem sabe e quem transmite toda a ciência secreta. O feiticeiro Lúcio Apuléio declara em seu livro de bruxaria (de magia) que invocava Mercúrio – o Hermes dos romanos – como sendo aquele que possuía os segredos da magia e do ocultismo.

Hermes Trismegistos é o nome grego dado ao deus egípcio Thoth, considerado o inventor da escrita e de todas as ciências a ela ligadas, inclusive a medicina, a astronomia e a magia. Segundo o historiador Heródoto, já no séc. V a.C. Thoth era identificado e assimilado a Hermes Trismegisto, i.e., ao Três Vezes Poderoso Hermes.

No mundo greco-latino, sobretudo em Roma, com os gnósticos e neoplatônicos, Hermes Trismegisto se converteu num deus cujo poder varou os séculos. Na realidade, Hermes Trismegisto resultou de um sincretismo com o Mercúrio latino e com o deus

egípcio Thoth, o escrivão no julgamento dos mortos no Paraíso de Osíris, e patrono de todas as ciências na Grécia Antiga.

Em Roma, a partir dos primeiros séculos da era cristã, surgiram muitos tratados e documentos de caráter religioso e esotérico que se diziam inspirar-se na religião egípcia, no neoplatonismo e no neopitagorismo. Esse vasto conjunto de escritos que se acham reunidos sob o nome de ‘Corpus Hermeticum’, coleção relativa a Hermes Trismegisto, é uma fusão de filosofia, religião, alquimia, magia e astrologia, e tem muito pouco de egípcio.

Hermes Trismegisto foi, na Mitologia Grega, o deus que reuniu os atributos que todos os grandes pensadores e iniciados desejaram transmitir às futuras gerações.

O Hermetismo foi estudado durante séculos pelos árabes e, por seu intermédio, chegou ao Ocidente, onde influenciou homens como Albertus Magnus. Em toda a literatura Medieval e do Renascimento são frequentes as referências a Hermes Trismegistos e aos Escritos Herméticos, estudados e aprofundados, principalmente, pelos Alquimistas e posteriormente pelos Rosacruz. Para os Rosacruz, Hermes Trismegistos foi um sábio. O Dr. H. Spencer Lewis, escritor e Grande Mestre da Ordem Rosacruz, se referia a Hermes como uma pessoa real.

É justamente baseado e confiante neste enorme engano que o médium ramatisista Roger Bottini afirma que, - pasmém os queridos leitores -, psicografa mensagens de Hermes Trismegisto (cujo sobrenome aparece erroneamente grafado em seus livros), o deus da mitologia grega! Segundo o referido médium, já citado aqui nos artigos “Saint Germain, Novo Governador do Planeta ou apenas um Bon Vivant?”, “Universalismo Crístico ou Misticismo anti-espíritico?” e “Insistindo nos mesmos erros”, Hermes Trismegisto é seu espírito protetor e, certa feita, o levou, em desdobramento, a uma cidade astral chamada “O Império do Amor Universal” (“A História de um Anjo” - Editora do Conhecimento). Ali Roger Bottini teria conhecido um anjo

chamado Gabriel, que o leva a uma visita ao “Templo da União Divina”, onde assiste a espetáculos de música, teatro, e danças. Daí conhece Danúbio, espírito de suposta alta hierarquia que diz ser o protetor responsável por sua encarnação na Terra. Em uma reunião de confraternização, o médium relata, no mesmo livro já citado, ter visto Jesus e recebido do próprio uma benção pelo seu trabalho literário em benefício da humanidade.

Vemos aí, claramente, que o médium não se faz de rogado e, sem qualquer timidez e ao mesmo tempo fingindo modéstia, coloca-se sempre acompanhado de sumidades do além, entre eles o próprio Jesus Cristo, que ainda o elogia por sua elevada missão. Nada que nos surpreenda, já que o médium Roger Bottini declara ter sido, também, como já comentamos em artigos anteriores, filho de Allan Kardec em outras encarnações.

Em meio a narrativas onde aparecem faraós egípcios e habitantes da mitológica Atlântida, surgem “dragões” e “magos negros”, “ditadores do abismo” e “senhores da escuridão”, onde fica evidenciado que o autor, em linhas gerais, pega carona nos textos da sofrível obra de R.A. Ranieri conhecida como “O Abismo”, no livro “Erg, O Décimo Planeta” de Roger Feraudy (que aponta o auge dos eventos catastróficos na Terra para o ano 2036), além dos não menos fantasiosos livros “Legião”, “Senhores da Escuridão” e “A Marca da Besta”, de Robson Pinheiro. Todos esses autores, por sua vez, parecem ter se inspirado no livro “Os Exilados da Capela”, de Edgard Armond, que até hoje é confundido como sendo autenticamente espírita. Para completar, as obras de Hercílio Maes/Ramatis servem para dar o cunho sincrético e místico, assim como corroboram as profecias de destruição do planeta por conta da aproximação de um suposto “astro intruso”.

Nesse conjunto de tolices e absurdos, que bem poderiam ser apresentados como meros frutos de uma imaginação hiperexcitada, o que mais causa tristeza e indignação é o de atribuírem tais ludíbrios ao Espiritismo, fazendo-se passar seus

autores como “espíritas”, e seus conceitos como inteiramente de acordo com a magna Doutrina Espírita. Além disso, fica evidente a faceta mercantilista, onde editoras sem o menor compromisso ético e doutrinário logo se assanham em patrocinar tais empreitadas devido ao grande número de leitores ávidos por consumirem fantasias espirituais, mas pouco interessados em realmente se esclarecerem.

Por conta disso tudo, acaba caindo o Espiritismo na total falta de credibilidade perante boa parte da opinião pública, sendo que a Doutrina se coloca clara e frontalmente contrária a essa postura caricata, sensacionalista e mercantilista.

São mais do que atuais os ensinamentos espíritas, inclusive as próprias instruções de Allan Kardec e dos Espíritos Superiores acerca das mistificações:

“Se é desagradável ser enganado, mais desagradável ainda é ser mistificado; esse é, aliás, um dos inconvenientes de que mais facilmente nos podemos preservar.

Consultando os Espíritos sobre esse tema (mistificações), eis as respostas que nos deram:

Pergunta de AK: –As mistificações constituem um dos escolhos mais desagradáveis do Espiritismo prático; haverá um meio de nos preservarmos deles?”

Resposta: “Parece-me que podeis achar a resposta em tudo quanto vos tem sido ensinado. Sim, certamente, há um meio simples: o de não pedirdes ao espiritismo senão aquilo que ele vos pode e deve dar-vos; sua finalidade é o melhoramento moral da humanidade; tanto assim que, se não vos afastardes desse objetivo, jamais sereis enganados, porquanto não há duas maneiras de se compreender a verdadeira moral, ou seja, a moral que todo homem de bom-senso pode admitir.

“O papel dos Espíritos não é o de vos informar sobre as coisas deste mundo, mas o de vos guiar seguramente no que vos possa ser útil para o outro mundo. Quando vos falamos do que a este (mundo dos homens) diz respeito, é que o julgamos necessário, mas não para dar resposta a uma solicitação vossa. Se vedes nos Espíritos os substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros, então, sim, é certo que sereis enganados.

Pergunta de AK: - “Mas, há pessoas que nada perguntam e que são indignamente enganadas por Espíritos que vêm espontaneamente, sem serem chamados”.

Resposta: - “Se elas não perguntam nada, é porque se comprazem em ouvir o que eles dizem, o que dá no mesmo. Se acolhessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do espiritismo, os Espíritos levianos não as tomariam tão facilmente por enganados”.

Pergunta de AK: - “Por que permite Deus que pessoas sinceras e que aceitam o Espiritismo de boa-fé, sejam mistificadas? Não poderia isto ter o inconveniente de lhes abalar a crença?”

Resposta: - “Se isto lhes abalar a crença, é porque a fé que demonstram ter não é muito sólida; as que renunciariam ao espiritismo, por um simples desapontamento, provariam não o terem compreendido e não se apegaram à parte séria. Deus permite as mistificações, para experimentar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir os que do Espiritismo fazem objeto de divertimento”. (Espírito da Verdade em “O Livro dos Médiuns”, cap. XXVII da Segunda Parte, nº 303).

Cabe aos espíritas sinceros darem um basta nessas ardilosas imposturas, através do esclarecimento constante e da denúncia bem fundamentada. Caso contrário, em breve teremos um Movimento Espírita completamente dominado por esses autênticos falsos profetas, sejam eles encarnados ou da

erraticidade. Tal chamamento nos foi trazido por Erasto, com o qual concluímos o presente estudo:

“É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, fácil se torna rejeitar a absurdidade e o erro. Pode um médium ser fascinado, e iludido um grupo; mas, a verificação severa a que procedam os outros grupos, a ciência adquirida, a alta autoridade moral dos diretores de grupos, as comunicações que os principais médiuns recebam, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, justificarão rapidamente esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos mistificadores ou maus”. - Erasto, discípulo de São Paulo. (Paris, 1862)

Bibliografia consultada sobre Hermes Trismegisto:

Hermes Trismegisto - Ensinaamentos Herméticos AMORC Grande Loja do Brasil - Dr. H. Spencer Lewis;
Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia – Nicola Aslan;
La Franc-Maçonnerie Rendue Intelligible à Ses Adeptes – Oswald Wirth;
Encyclopaedia Britannica – Volume XI;
O Vale dos Reis – O Mistério das Tumbas Reais do Antigo Egito;
– John Romer; A Doutrina Secreta – Volume V – H.P.Blavatsky;
Odisseia - Homero

Comentários adicionais:

(1) Hercílio Maes/Ramatis, como era também ligado ao Rosacruzianismo, incluiu no livro “O Sublime Peregrino” (cap. I) o seguinte comentário: “Assim, em épocas adequadas, baixaram à Terra instrutores espirituais como Antúlio, Numu, Orfeu, Hermes, Crisna, Fo-Hi, Lao Tsé, Confúcio, Buda, Ma-harshi, Ramacrisna,

Kardec e Ghandi, atendendo particularmente às características e aos imperativos morais e sociais do seu povo”. Vemos aí, mais uma vez, que Hercílio Maes “importa” do rosacruzianismo diversas concepções, possivelmente colocando-as na boca de um espírito, como já vimos no artigo investigativo “Ramatis pode nem existir”. Confirmam.

(2) No trecho acima mencionado, Orfeu também é mencionado como figura real, enquanto, na verdade, também não passa de uma personagem da mitologia grega, filho de Apolo e da Musa Calíope.

LV – O destino dos animais e a questão do “cão intercessor”

O Espiritismo é uma doutrina espiritualista de caráter filosófico e, ao mesmo tempo, uma ciência experimental, segundo a definição de Allan Kardec. O objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual, seguindo-se daí que o conhecimento acerca dos princípios da matéria, estudados pelas ciências ordinárias, lhe serve de complemento, uma vez que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. Deste modo, Espiritismo e Ciência se completam reciprocamente.

Contrariamente a isso, certos simpatizantes da Doutrina Espírita preferem renegar os conhecimentos científicos e descambam para a tentativa de anexar ao conhecimento e práticas espíritas conceitos oriundos do Espiritualismo genérico, com o que intentam “enriquecer” o corpo doutrinário espírita. Desta forma, passam a disseminar, junto aos núcleos espíritas, ideias e conceitos que conflitam clara e diretamente com os mais básicos e elementares princípios espíritas, ocasionando, assim, grandes confusões entre os simpatizantes da Doutrina, conduzindo o Movimento, de maneira sub-reptícia, à perda de unidade e, conseqüentemente, provocando desinteligências entre os adeptos, o que facilita a formação e fortalecimento de redutos seitas. Atuam, portanto, à feição de vírus perigosos, como já tratamos no artigo “Os Cavalos de Troia do Espiritismo”.

Uma dessas questões elementares a que nos referimos acima é aquela que trata do animal irracional e sua destinação após a morte, assim como o grau de evolução ao qual pertencem. Tal assunto é tratado de maneira clara na obra basilar da Doutrina

Espírita, “O Livro dos Espíritos”. Da questão 592 até a de número 610, os Espíritos Superiores respondem às mais variadas perguntas formuladas pelo codificador Allan Kardec, onde chegamos às seguintes conclusões, que abaixo enumeramos:

1. Os animais possuem instinto, que é uma forma rudimentar de inteligência, e não são detentores de livre-arbítrio;
2. Os animais não podem analisar seus erros e acertos. Assim sendo, não podem sofrer penas nem gozos por não terem consciência de seus atos praticados no mundo físico. Não há neles senso moral, já que a inteligência não se encontra suficientemente desenvolvida para tal;
3. A alma dos animais, após a morte do corpo, é devolvida rapidamente ao mundo físico, seja em um planeta ou outro para que continuem sua evolução até chegarem ao estado hominal, donde daí para frente possuirão livre-arbítrio e sofrerão as penas e gozos do mundo espiritual.

Em “O Livro dos Médiuns”, cap. XXV, 283, itens 36 e 37, também podemos colher mais informações sobre a questão:

4. O princípio inteligente que anima o animal fica em estado latente após a morte, sendo que espíritos encarregados desse trabalho imediatamente o utilizam para animar outros seres. Não lhes sobra tempo disponível para se por em relação com outras criaturas. Sendo assim, não há espíritos errantes de animais, mas somente espíritos humanos.
5. Consequentemente, não há animais habitando o mundo espiritual, e nem é possível obter comunicações de animais por via mediúnica ou por quaisquer outros meios.

É isso, pois, resumidamente, o que ensina o Espiritismo sobre o destino da alma dos animais, assim como suas possibilidades e nível de adiantamento.

No entanto, volta e meia deparamo-nos com declarações em evidente contraposição ao exposto acima sendo feitas em centros espíritas ou presentes em obras que dizem inspirar-se no Espiritismo. Decorrem, obviamente, de mera opinião pessoal de seus autores, mas que são consideradas, por certo número de desavisados, como autêntico ensinamento espírita. Isso ocorre mais comumente nos núcleos de orientação ramatisista, que se auto-intitulam “universalistas”, onde se pretende, a todo instante, “reformular” o Espiritismo a título de “modernidade” e “vanguardismo”. Porém, infelizmente, o que encontramos nesses redutos é um autêntico sincretismo, onde tudo se mistura, sem qualquer critério de aferição da Verdade. Opiniões individuais se mesclam a conceitos do orientalismo, cujas doutrinas jamais formaram um corpo uniforme, somadas a comunicações atribuídas a espíritos, que são logo cridas como autênticas e repositórios de verdades cristalinas, a título de contribuição ao corpo doutrinário espírita. Esquecem-se, contudo, que o critério espírita de aceitação das mensagens oriundas do mundo espiritual deve ser o da concordância universal, tendo como base a própria revelação espírita, toda ela consubstanciada nas obras da Codificação.

Um exemplo prático dessa triste realidade tem sido as mensagens atribuídas a um deus grego (!) pretensamente recebidas pelo “médium universalista” gaúcho Roger Bottini, que também diz psicografar Ramatis. Já realizamos uma abordagem crítica deste caso e assunto no artigo “Médium ‘universalista’ diz receber mensagens de deus grego” - o qual sugerimos a leitura para melhor entendimento do que agora escrevemos -, sendo que, recentemente, causou-nos enorme perplexidade o comentário feito pelo Sr. Bottini sobre um suposto “cão intercessor” chamado Fiel. Segundo o médium supracitado, seus leitores estariam livres para orar ao cão e “pedir auxílio para seus ‘pets’ que estejam doentes ou tenham desencarnado”. Segundo o Sr. Bottini, “Fiel é um cão do reino astral muito especial” e “vive junto a Hermes”, o deus da

mitologia grega, e “atenderá aos pedidos feitos a ele com muito amor e carinho”(…)

Desta feita, apelamos ao leitor que analise minimamente a declaração acima e compare com o que é ensinado pela Doutrina Espírita. Lembramos que o autor faz palestras em centros espíritas e se diz “espírita universalista” – uma maneira encontrada de não ter que divulgar fielmente os princípios espíritas e misturá-los a tudo que lhe venha na cabeça. O resultado disso é que, dentro em breve, certamente, teremos pessoas que se dizem “espíritas” declarando abertamente por aí que oram a um cão, que amorosamente atende aos seus pedidos. A impressão causada, com certeza, será a pior possível, passando o Espiritismo a alvo de chacota e desprestígio por parte daqueles com mínima capacidade de raciocínio e senso crítico.

Segundo as instruções dos Espíritos a Allan Kardec, principalmente as contidas na Introdução de “O Evangelho segundo o Espiritismo” e em “O Livro dos Médiuns”, faz-se necessário estarmos alerta a esses focos de grosseira mistificação e aplicarmos uma postura crítica que consiste em separar o verdadeiro do falso. É nosso dever submeter ao cadinho da razão e da lógica todas as comunicações, sobretudo aquelas que possuem um caráter exótico e exclusivista, geralmente advindas de indivíduos vaidosos que se auto-intitulam detentores de alguma missão especial ou conhecimento inacessível a maioria, que apresentam como verdades absolutas. Na mais das vezes, são vítimas de espíritos mistificadores ou pseudossábios, que se ornaram com nomes pomposos para melhor enganar. O mal que tais entidades intentam causar é enorme, porque visam à desfiguração da mensagem espírita, expondo-a ao ridículo e ao vexame perante a opinião pública, enfraquecendo, assim, os magnos objetivos de esclarecimento e libertação da ignorância propostos pela Doutrina. A fim de atenuar a má impressão que causam, podem essas entidades espirituais até estimular seus medianeiros a erguerem alguma obra de caridade ou a desenvolverem alguma

atividade de assistência social, intentando, assim, formar uma nuvem de fumaça em torno do médium e angariar a admiração dos incautos que lhes seguem os esdrúxulos ideários. Tais ideários, atualmente, estão geralmente ligados aos conceitos de salvação planetária, coletiva e/ou individual, onde se inserem “revelações” e previsões sobre futuras hecatombes apocalípticas, inculcando que seus seguidores serão salvos em função de suas crenças, preces ou ações determinadas pelo(s) líder(es) seítista(s). Tudo, obviamente, sugerindo muito amor, fraternidade e caridade em frases de efeito, que, na verdade, encobrem boas doses de presunção, e estímulo ao medo e ao misticismo.

O Espiritismo bem estudado e compreendido é seguramente o melhor antídoto contra tais ilusões e artimanhas, mas como cada vez mais se tem priorizado a leitura de obras romanceadas e as de abordagem superficial e simplista de pretenso caráter espírita, deixando-se de lado o estudo sério e metódico das obras kardecianas, tem crescido o número de adeptos que pouco ou nada sabem sobre a Doutrina, tornando-se, assim, presas fáceis dos espertalhões encarnados e desencarnados.

Já declarava Kardec em 1861, em “O Livro dos Médiuns”:

“Os Espíritos são as almas dos homens, e como os homens não são perfeitos, há também Espíritos imperfeitos, cujo caráter se reflete nas comunicações. É incontestável que há Espíritos maus, astuciosos, profundamente hipócritas, contra os quais devemos nos prevenir”.

Herculano Pires, em vista desses preciosos esclarecimentos, teceu comentários, tendo em mente o que vem ocorrendo no movimento espírita brasileiro:

“A malandragem dos Espíritos mistificadores ultrapassa às vezes tudo que se possa imaginar. A arte com que assestam as suas baterias e tramam os meios de persuadir seria digna de atenção, caso se limitassem a brincadeiras inocentes. Mas as mistificações

podem ter consequências desagradáveis para os que não se previnam. Somos muito felizes por termos podido abrir os olhos a tempo a muitas pessoas que nos pediram conselhos, livrando-as de situações ridículas e comprometedoras. (...) Devem também considerar desde logo suspeitas as predições com épocas marcadas e todas as indicações precisas referentes a interesses materiais. Toda cautela com as providências prescritas ou aconselhadas pelos Espíritos, quando os fins não forem claramente razoáveis. Jamais se deixar ofuscar pelos nomes usados pelos Espíritos para darem validade as suas palavras. Desconfiar das teorias e sistemas científicos ousados. Enfim, desconfiar de tudo o que se afaste do objetivo moral das manifestações. Poderíamos escrever um volume dos mais curiosos com as estórias de todas as mistificações que têm chegado ao nosso conhecimento. A falta de observação dessas instruções tem permitido a divulgação e aceitação de numerosas teorias pseudocientíficas em nosso país e em todo o mundo, que contribuem para o descrédito do Espiritismo. A vaidade pessoal de médiuns, de estudiosos da doutrina e até mesmo de intelectuais de valor inegável, estes sempre dispostos a criticar e a superar Kardec, tem levado essas pessoas ao ridículo, inutilizando-as para o verdadeiro trabalho de divulgação e orientação. Essas instruções devem ser lidas e meditadas pelos que desejam realmente servir à causa espírita”.

Assim sendo, prezado leitor, se desejamos estar aptos a seguir a causa espírita, levemos em consideração tais instruções, precavendo-nos, assim, dos engodos que dão o ar da graça em nosso meio. Somente o estudo atento das obras kardecianas, somados ao desenvolvimento do senso crítico alicerçado na mais severa lógica, pode imunizar-nos desses vírus inoculados pelos inimigos secretos do Espiritismo e do bem geral. Amar ao próximo não é somente aliviar suas dores, mas preveni-las, e isso começa por libertá-lo de tudo que conduza ao erro e à ilusão, que, conseqüentemente, levará ao sofrimento. Na ignorância repousa a origem de todo o mal.

LVI – Entrevista de José Raul Teixeira

O conhecido e respeitado divulgador espírita José Raul Teixeira, meu conterrâneo, ao qual tive a oportunidade de estar certa feita e oferecer a obra “Ramatis, Sábio ou Pseudo-Sábio?”, - que, aliás, foi muito bem avaliada pelo mesmo, - deu oportuna entrevista em 29 de março de 2011 à Revista “O Consolador”, onde manifesta sua preocupação com a enxurrada de obras antidoutrinárias e de má qualidade que vêm lotando as prateleiras de alguns anos para cá. Confirmam:

Pergunta: “O livro espírita é sempre bem-vindo como portador de ensinamentos, mas percebe-se uma quantidade considerável deles que, embora difundidos no meio espírita, destoam dos fundamentos contidos na obra kardequiana. Como devem se posicionar os espíritas, principalmente os que são dirigentes de casas espíritas, diante dessas obras?”

Raul Teixeira: “Diante da falta de hábito da boa leitura por parte de grandíssimo número das pessoas em nossas sociedades, entendemos que o Movimento Espírita não teria como escapar da participação delas em seus quadros. Danoso processo de preguiça intelectual empurra os indivíduos para o desinteresse em aprender e para a pouca leitura. Pouca leitura, por sua vez, acarreta pouco conhecimento, parco discernimento e baixo poder de análise.

Enquanto se mantiver o imenso contingente de espíritas que adora ler as orelhas dos livros apenas e os romances de final feliz, sem nenhum interesse para examinar tanto os fundamentos do Espiritismo quanto as suas obras literárias sérias, que os confirmam, teremos essa invasão aventureira de literatura de gosto duvidoso – algumas vezes mediúnicas, outras vezes

pseudomediúnicas, mas sempre produtos da mistificação dos seus autores desencarnados e de seus instrumentos humanos.

Os dirigentes de instituições espíritas, quando conscientes e responsáveis perante a Doutrina Espírita, assim como os demais espíritas lúcidos e atentos, deverão examinar cuidadosamente todo o produto intelectual que lhes chegue – mediúnico ou não –, a fim de que não compactuem com o sombrio projeto do Além inferior, que vem encontrando instrumentos dóceis e fáceis para enodoar a mediunidade séria, lançando-a na vala comum das inconseqüências, como para confundir neófitos e inexpertos que, ingenuamente, creem que tudo o que aparece para a venda nas livrarias ditas espíritas guarda compromisso superior com a sã divulgação e esclarecimento do Espiritismo.

A melhor posição será sempre a da vigilância tranquila e permanente, sem qualquer neurose ou desesperação, na certeza de que o esforço continuado dos seguidores fiéis acabará por suplantar a sanha dinheirista dos espertalhões de plantão, quando, então, todos teremos a visão mais aclarada para os livros de real valor como obra genuinamente espírita.

LVII – Hercílio Maes, médium ou escritor?

Em um dos nossos últimos artigos, intitulado “Artigo Investigativo: Ramatis pode nem existir”, discorremos sobre as semelhanças entre alguns conceitos e textos teosóficos e os ditados do espírito Ramatis, e também acerca da conseqüente (e grande) possibilidade de Ramatis sequer ter existido ou existir. Desta feita, faremos um exame da biografia de Hercílio Maes, o primeiro médium a alegar ter recebido mensagens daquele espírito.

Em “**Simplemente Hercílio**” (Editora do Conhecimento, 2010), o próprio filho de Hercílio, Mauro Maes, discorre sobre acontecimentos ocorridos durante a vida do pai, assim como alguns dos seus pensamentos e opiniões, sendo muitos deles bastante interessantes para a análise que estamos fazendo, em que buscamos, ao máximo, a isenção, para que cheguemos mais próximos da Verdade.

Resumamos algumas das informações constantes do livro que consideramos como as mais relevantes para o objeto de nossa pesquisa. Citaremos as páginas do livro para que o leitor possa aferir com mais facilidade o que declaramos.

1 - É informado que Hercílio Maes recebeu uma educação católica a contragosto, já que sua mãe era católica fervorosa. Para satisfazer o desejo da mãe, foi coroinha. Por conta disso, na juventude tornou-se ateu, opção que, segundo seu filho, conservou-se por muito tempo (pág. 12). Teria sido somente por ocasião de um atropelamento a um casal que Hercílio teria se aproximado do Espiritismo (pág. 15). No entanto, é dito alhures que ele teria tido contato com Ramatis já aos três anos de idade, o

que faz com que haja aí um grande contrassenso no que concerne à sua posterior opção pelo ateísmo. É dito que Ramatis teria feito essa primeira aparição “completamente materializado”, envergando um turbante com uma pedra verde e uma cruz dentro de um triângulo. Algo que, de tão impressionante, dificilmente teria sido deixado de lado por alguém.

2 - Aos 30 anos teria acontecido o segundo contato. Hercílio Maes alegava ser dotado de “mediunidade intuitiva” e teria usado dessa faculdade para escrever as obras atribuídas a Ramatis, embora fosse também médium psicógrafo (pág.18). Guardou as primeiras mensagens, todas escritas com utilização de uma máquina de escrever, até que um amigo militar chamado Levino Cornélio Wischral se interessou e, entusiasmado, o incentivou para que fossem publicadas, passando, então, a revisá-las. Percebe-se aí que não foi feito qualquer tipo de estudo analítico das obras antes de sua publicação, tendo as mensagens ficado restritas a um pequeno grupo de pessoas antes de irem direto para o prelo. Levino já havia incursionado por esse terreno movedição com a publicação de um folheto intitulado “**O Sol**”, onde um espírito chamado Henrique Voes teria descrito o Sol e seus habitantes (!) através de uma médium chamada Guilhermina Drischel. Parecia ter um gosto especial por obras de cunho duvidoso: foi ainda prefaciador do livro “**Num Disco Voador Visitei Outro Planeta**”.

3 - Tempos depois, Hercílio passou a reunir pessoas em sua casa a fim de formular perguntas a Ramatis, sendo que o próprio espírito, segundo é relatado, sugeria algumas delas. Como isso acontecia não é esclarecido, já que Hercílio não recebia mensagens de Ramatis nem através da psicografia, nem pela psicofonia. Somente se pode contar com o relato do médium, e nenhuma prova cabal de contato mediúnico direto é demonstrada, uma vez que as supostas mensagens eram recebidas “intuitivamente”.

4 - Por conta disso, à página 20, é relatado que Hercílio sofreu críticas de grandes vultos do Movimento Espírita, tais como Herculano Pires, Jorge Rizzini e Henrique Rodrigues, logo após o surgimento da primeira obra, intitulada “A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores”, lançada pela Editora da Boa Vontade, ligada à LBV de Alziro Zarur, que sempre defendera a tese do “de 1000 passará, mas a 2000 não chegará”, incessantemente repetida em seus programas de rádio. Acreditavam eles que as obras eram de origem anímica, algo que jamais ficou bem esclarecido para o público em geral. No entanto, com as pesquisas que recentemente envidamos, ficou evidenciado que tais ditados têm incrível semelhança com certos escritos anteriores de autores teosóficos, o que certamente foi verificado, à época, por Herculano Pires, estudioso da Teosofia antes de conhecer o Espiritismo.

Incomodado com as críticas bem fundamentadas, Hercílio Maes alegou não ser importante a autoria das mensagens, mas seu conteúdo:

“Mesmo que Ramatis não existisse, mesmo supondo-se a tese de Herculano Pires, o que importa é o conteúdo das mensagens. (...) Que importa que fossem inspiração minha? Eu também sou um espírito”.(...)

É realmente impressionante como a atitude do analista é vista como condenável no meio espírita. Isso demonstra desconhecimento da obra kardeciana. “Os médiuns geralmente assumem a condição de ofendidos, e aparecem aos olhos da sociedade como infelizes e injustiçados”, conforme pontua Wilson Garcia, no ótimo “Uma Janela para Kardec” (Editora EME). O autor também enfatiza que analisar a identidade e o pensamento dos espíritos não é apenas necessidade, mas verdadeira obrigação. Foi um espírito quem nos instrui sobre isso na Codificação: “É isto que exige um muito grande estudo da

parte de espíritas esclarecidos e dos médiuns; em distinguir o verdadeiro do falso é que devemos dirigir toda nossa atenção”.

No que diz respeito diretamente à declaração de Hercílio transcrita acima, Kardec reconhece que a “identidade dos Espíritos é uma das mais discutidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo”, não deixando de ressaltar que “em muitos casos, a identidade absoluta é uma questão secundária e sem importância real”. É preciso convir, no entanto, que a identificação é absolutamente desnecessária apenas quando “se trata de instruções gerais”, o que não se aplica a mensagens assinadas por espíritos que se posicionam como superiores, como é o caso de Ramatis, por exemplo. Tanto é que consta de “O Livro dos Médiuns” a análise de três mensagens cujo autor espiritual teria sido São Francisco de Paula. A apreciação dessas mensagens demonstra que é preciso, às vezes, certa argúcia para que se perceba o engodo que o espírito engendra, algo que, infelizmente, não ocorre porque grande parte do contingente espírita não estuda as obras da Codificação, não lhe conhece os princípios, o método e sua real proposta.

5 - Mais adiante no livro, o autor tece comentários sobre a vida cotidiana de Hercílio Maes e família. Afirma que o pai fazia questão que os filhos compreendessem as bases da Doutrina Espírita e que elas fizessem parte da educação desde tenra idade. Além disso, é contado que fenômenos mediúnicos ocorriam vez ou outra, tendo os filhos conhecimento do trabalho do pai como autor de livros de origem mediúnica. Estranhamente, é informado, alguns capítulos adiante, que seus filhos converteram-se a religiões protestantes. “*Yara frequentava a igreja do Mórmons, Zeila a igreja presbiteriana e eu a igreja evangélica*” (pág. 26). Nem é preciso lembrar ao leitor deste artigo que todas essas religiões condenam veementemente o Espiritismo, a prática mediúnica e os próprios espíritas, além de seus ensinamentos colidirem frontalmente com a Doutrina. Mauro Maes, o autor do livro em questão, houvera sido, inclusive, incumbido pelo pai, aos

12 anos de idade, de passar a limpo as páginas do livro “A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores”, sua primeira obra. A meu ver, é bastante improvável que alguém, no caso todos os filhos, tendo tido um contato tão de perto com o Espiritismo desde tenra idade através do próprio pai que tanto diziam seguir e admirar, pudessem vir a seguir movimentos religiosos tão antagônicos. De duas, uma: ou esse contato com o Espiritismo não foi tão intenso assim, de modo que acabou por não convencer ninguém, ou havia uma dúvida no ar sobre a veracidade e/ou origem dos fenômenos dos quais o pai dizia ser intermediário.

6 - Consta do mesmo livro que Maes possuía uma compreensão integral e profunda da Doutrina Espírita. No entanto, são relatadas ocasiões onde fica evidenciada uma aproximação muito maior com a Umbanda que, embora respeitável, possui crenças, práticas e terminologia que lhe são próprias, nada tendo a ver com a Doutrina codificada por Kardec. Uma prova de que Maes passou a confundir as coisas, é que um homem chamado Júlio Simó Costa foi nomeado “cambono” nas reuniões mediúnicas realizadas no escritório de Hercílio Maes. É dito ainda que os móveis eram cobertos com panos brancos, algo que nada tem a ver com aquilo que é aprendido no Espiritismo. As entidades comunicantes eram, além de Ramatis, também ligadas àquele rito africanista.

7 - Como é muito comum no meio umbandista, Hercílio Maes fazia reclamações constantes em relação a não-aceitação de seu trabalho por parte da maioria do contingente espírita brasileiro. O tom da crítica que desferia contra os espíritas era ácido e de cunho pessoal, algo que jamais foi feito por aqueles que não aceitavam as obras de Ramatis, que focavam unicamente nas discrepâncias e exotismos presentes nos ditados daquele espírito, e nunca na figura de seu (suposto) médium. Maes costumava defender o conteúdo de seus livros dizendo que seus críticos não podiam compreendê-los, pois que estavam “na base do leite” (pág.

82), isto é, uma clara insinuação de que as obras elaboradas por Allan Kardec são uma espécie de be-a-bá infantil, amplamente superada pelas suas. Declarou ainda Hercílio Maes sobre os espíritas estudiosos contrários a Ramatis: “São limitados, com preconceitos e sempre achando que o Espiritismo é que irá salvar o mundo, quando antes de Buda o céu já era povoado de santos!” Um argumento fraco, evidentemente, já que nenhum deles jamais afirmou algo parecido.

8 - Defensor do “universalismo”, uma espécie de sincretismo disfarçado, Hercílio Maes se auto-proclamava, assim como os defensores desse sistema de ideias, como um espírito “consciente”, enquanto que quem não seguisse a mesma cartilha era “sectário” (pág.82).

Em carta enviada ao Sr. Antonio Plínio da Silva Alvim, presidente de conhecido núcleo ramatisista no Rio de Janeiro, demonstrou um evidente deslumbramento com as mensagens que recebia, e proferiu comentários que possuíam enorme semelhança, tanto na forma, quanto no fundo, com as críticas proferidas pelo “espírito” Ramatis em seus livros:

“Sem dúvida, Antônio, comprovei que realmente existem duas hierarquias de espíritos na Terra: uma que foi exilada de três ou mais planetas, capaz de sentir e compreender a mensagem universalista de Ramatis, e outra que, desenvolvendo sua consciência exclusivamente no psiquismo global, ainda não está em condições de suportar conceitos que ultrapassem os limites de sua conscientização primária. Eles estão certos: a mensagem é demasiadamente além de sua capacidade receptiva intelecto-emotiva. (...) Mas, caro Antônio, apenas trocaram de etiqueta, pois sendo fanáticos, limitados, irônicos e reverendos do catolicismo, assim se mostram no protestantismo, e, finalmente, no espiritismo. São como raposas: trocam de pele, mas não mudam a manha... Antigos clérigos, desde o papado até o irmão leigo dos conventos, adquirem aquela postura secular e

conventual de não entregarem o posto antes de morrer! Assim, eles grudam-se 20, 30 ou 40 anos na direção de um centro espírita ou federação, com unhas e dentes, jamais cedendo a vez a novos valores idealistas”.

Talvez ainda não soubesse Hercílio Maes que aquele seu amigo permaneceria no cargo de presidente de um Centro ramatisista em um bairro da zona norte do Rio, ininterruptamente, por 39 anos, de 1964 até 2003, só deixando o cargo após seu desencarne!...

9 - Outras afirmações ousadas e errôneas estão presentes na biografia oficial do médium de Ramatis:

“A obra de Ramatis é complementar à codificação feita por Allan Kardec”. (pág. 93)

Discordamos, já que algo que é complementar jamais seria discordante. Listamos algumas das inúmeras discordâncias em “Breve Resumo de Algumas Diferenças”.

“No livro ‘A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores’, Ramatis antecipou um detalhe, à época impensável: quando os marcianos se aproximam das portas de uma residência, elas se abrem e depois se fecham automaticamente”.

Na verdade, a porta automática já havia sido imaginada em 1899, no livro “When the Sleeper Wakes”, por H.G. Wells, e foi efetivamente inventada em 1954, um ano antes da publicação do livro escrito por Maes.

“Quanto ao livro Mensagens do Astral, o derretimento das calotas polares, a verticalização do eixo imaginário da Terra já são realidades”.

A ciência informa que o nível dos mares vem subindo há mais de 20.000 anos, desde o fim da última era glacial. De lá para cá, já

ganharam 120 metros. A maior aceleração do derretimento das calotas polares começou a ser verificada entre o final do século XIX até 1940, quando houve a maior parte do aumento de 0,3 a 0,6 grau Celsius na temperatura da Terra. Tal vem se dando devido ao efeito estufa. Nada tem a ver com a teoria ramatisiana, que afirma que a causa seria a aproximação de um astro (o famoso “planeta chupão”), que teria começado a provocar tais mudanças somente a partir de 1950. Ramatis afirma que o ápice desse processo, com catástrofes globais, se daria até 1999, sendo que nada aconteceu. Quanto à verticalização do eixo da Terra, nada de anormal foi verificado até hoje. O movimento ramatisista tenta até hoje arrumar alguma explicação para as previsões que não se cumpriram.

10 - A biografia de Maes conta também com a colaboração de pessoas que lhe foram próximas em vida. A astróloga Mariléia Castro, revisora do livro, se mostrou a mais deslumbrada, e revoltada na mesma intensidade. Chama os espíritas que não aceitam Ramatis de “ex-clérigos da época inquisitorial”. Para justificar a necessidade de aceitação das ideias orientalistas de Maes/Ramatis, alega que Allan Kardec fora um sacerdote druida, embora os druidas tenham vivido na Gália, uma antiga província do Império Romano, hoje território francês, muito distante, pois, do Oriente.

Conta, também, uma história difícil de acreditar e própria de quem alcançou níveis altíssimos de credulidade irrefletida. Diz ter ouvido de Hercílio Maes que este teria sofrido um acidente automobilístico provocado por “forças trevosas” incomodadas com os livros de Ramatis. Não obstante, Hercílio teria se desmaterializado no momento do acidente e se rematerializado instantes depois, já fora do carro. Acredite, caro leitor, se puder...

Seu fascínio pelo médium de Ramatis não para por aí. A Sra. Mariléia de Castro acreditava que Maes podia ir em espírito a Marte e retornar, sendo que, quando voltava, corroborava o que

teria ouvido de Ramatis: sim, havia uma civilização hiper mega desenvolvida naquele planeta. Para comprovar tal tese, mostra fotos tiradas do solo marciano onde aparecem uma suposta terraplenagem, um duto e um rosto.

Começamos pelo rosto: trata-se somente de uma ilusão. Em nova foto tirada do mesmo local tempos depois, a NASA comprovou que é apenas uma colina no imenso deserto marciano. Em comunicado, a agência espacial explicou a ilusão de ótica, dizendo que “a enorme formação rochosa, que lembra uma cabeça humana, é formada por sombras que dão a ilusão de olhos, nariz e boca”. Tal fenômeno é conhecido como pareidolia. Já o suposto “duto” não passa de uma conformação do caótico terreno de Marte. Se houvesse a propalada superdesenvolvida civilização marciana, dutos certamente teriam uma aparência bem melhor, já que o que lá aparece é fincado no solo e totalmente irregular. O caso da terraplenagem se enquadra no mesmo caso, e na verdade se deve às marcas deixadas no solo de Marte pela correnteza de água há 3,8 bilhões de anos.

Não satisfeita, Mariléia de Castro procura defender a revelação ramatisiana sobre Marte com a citação de autores que a teriam posteriormente referendado. Cita, daí, um artigo que teria sido escrito pelo teosofista Charles Leadbeater em 1955, em que há uma descrição da civilização marciana, segundo ela própria admite, “em termos incrivelmente análogos aos de Ramatis”. O que a Sra. Mariléia não sabe é que Leadbeater desencarnou em 1934. Assim sendo, como já pudemos ver em “Artigo Investigativo: Ramatis pode nem existir”, há uma evidente “inspiração” na obra do teosofista inglês, já que a obra de Ramatis é de 1955, mesmo ano em que a revista “O Teosofista” publicou o tal artigo.

Mais adiante, à página 122, é reproduzida uma entrevista realizada com Hercílio Maes pela revista Panorama em 1969. Ao longo da entrevista, várias imprecisões científicas e doutrinárias

são cometidas. Entre elas, o suposto médium de Ramatis afirma que os satélites de Marte são artificiais e que foram lançados pelos habitantes de Marte. Nada mais incorreto e fantasioso. Ocorre é que, em 1959, Walter Scott Houston publicara uma “pegadinha” de 1º de abril (Dia da Mentira) na edição da revista “Great Plains Observer”, anunciando que “o Dr. Arthur Hayall, da Universidade de Sierras, constatou que as luas de Marte são na verdade satélites artificiais”. Só que não havia nem Dr. Hayall, nem Universidade de Sierras, meramente fictícios. A mentira ganhou fama quando o anúncio de Houston foi repetido, aparentemente de maneira séria, pelo cientista soviético Iossif Shklovsky, citado por Hercílio Maes na entrevista.

11 - Ao longo de todo o livro “Simplesmente Hercílio”, depara-se o leitor com inúmeras revelações feitas por Hercílio Maes sobre as vivências pregressas de inúmeras personagens da história. Alegava ele que tinha acesso a tais informações. O interessante, tal como ocorre com outro “médium” de Ramatis, o Sr. Roger Bottini, conforme demonstramos em estudos interiores, é que eles foram sempre criaturas de elevada condição social e/ou espiritual que habitaram planetas adiantados, continentes perdidos, foram faraós, reis, rainhas, parentes próximos de expoentes da Bíblia e do próprio Allan Kardec, conheceram Jesus, enfim, estiveram sempre presentes entre a nata da nata. Só que a mosca azul da vaidade não pica a todos. É contado no livro supracitado que, certa feita, Hercílio teria encontrado a médium Yvonne Pereira no ano de 1969 em um evento, e afirmou que ela teria sido George Sand (pseudônimo de Amandine Dupin), famosa escritora e musa inspiradora de Chopin. Yvonne educadamente negou a tese.

O espírito Vianna de Carvalho comenta essa postura:

“Pseudo-médiuns ou medianeiros em desequilíbrio, assessorados por espíritos levianos, que se comprazem em mantê-los no ridículo, amiúde apresentam-se como reveladores, e o são inconsequentes, ludibriando a boa-fé dos incautos ou incensando

os orgulhosos com bombásticas informações em torno do seu passado, com promessas mirabolantes sobre o seu futuro, ou ainda, como emissários de Embaixadores Celestes para evitarem calamidades, assumindo posturas de semi-deuses, que deslumbram os fascinados e se tornam condutores de grupos humanos.

Os Espíritos Nobres não têm qualquer interesse em revelações em torno de personalidades de ontem ou de hoje, evitando a abordagem em torno do que hajam sido, trabalhando em favor do presente, do qual se origina o futuro, que é a grande meta. Não tem nenhum sentido a busca de informações em torno do passado espiritual, particularmente se se anela por haver sido rei ou príncipe, nobre ou burguês, sábio, guerreiro ilustre, papa ou outra qualquer personagem importante, que em algum momento esteve presente na história”.

Assim sendo, qualquer semelhança não é mera coincidência, querido leitor.

Conclusão

Não há dúvida que Hercílio Maes era um homem de bem. Segundo seu filho e amigos, era dedicado à família e disposto a colaborar com todos. Era também um homem de certa cultura e tinha o dom para a escrita. Venceu concursos literários, foi ex-acadêmico de Medicina e formou-se em Direito e Ciências Contábeis. Ao contrário de Chico Xavier, tinha condições intelectivas para escrever de próprio punho. É muitíssimo provável que isso tenha acontecido, já que as ideias que defendia não encontravam eco na Doutrina Espírita, a qual dizia seguir, mas ao mesmo tempo apresentava similitudes com a Teosofia, o ocultismo e quase toda sorte de crença esotérica. Assim sendo, nada melhor que receber um “espírito de oriental” para fazer valer as verdades que acreditava fazerem falta ao corpo doutrinário espírita.

Herculano Pires, ex-teosofista, foi o primeiro a corajosamente levantar essa tese através da coluna que possuía no jornal “Diário de São Paulo”, não se importando com a apressada aceitação dos ditados de Ramatis por parte de numerosos neófitos da Doutrina. Anos depois, com a não confirmação das principais teorias dos ditados atribuídos ao tal “espírito oriental”, tal como a não existência da avançada civilização marciana, até mesmo seus discípulos aventaram a hipótese da influência anímica. Wagner Borges, por exemplo, que afirma receber mensagens de Ramatis, em seu livro “Viagem Espiritual” (1994) cogita essa possibilidade e declara que Ramatis nunca lhe disse coisa alguma sobre marcianos e catástrofes provocadas por um suposto astro intruso. Hercílio não se apressou muito em publicar o que escrevia.

Infelizmente, um amigo se empolgou mais do que deveria, e ignorando o cuidado que se deve ter antes de se publicar algo supostamente advindo do mundo espiritual, tratou de elevar aqueles ditados à conta de revelações indefectíveis, espécie de complemento do grandioso trabalho do Codificador Allan Kardec, embora as condições e qualidade de tais trabalhos em nada se assemelhassem. E como tais mensagens traziam novidades bem ao gosto das massas, repletas de previsões retumbantes, excursões interplanetárias e boa dose de misticismo oriental, as obras atribuídas a um espírito que ostentava um turbante logo começaram a vender como água.

Homens mais experimentados e conhecedores da Doutrina Espírita não se deixaram entusiasmar, exatamente como agiu Kardec ao se deparar muitas vezes com ditados que contrariavam o consenso universal. Herculano Pires, Deolindo Amorim, Jorge Rizzini, Ary Lex, Carlos Imbassahy (o pai), entre outros expoentes, direta ou indiretamente se manifestaram, provocando a ira e o antagonismo dos que aceitavam aquelas mensagens como autênticas revelações de um espírito sábio. Os defensores de Ramatis alegavam que seu médium era homem sem ambições de

cunho material, esquecendo-se que nem sempre esta é a única marca de confiabilidade que se espera em um médium para aquilatar o valor das mensagens que recebe. Um médium pode muito bem se enganar em relação às luzes do espírito comunicante, sem contar a hipótese de animismo – ideias que são do médium, mas que são confundidas com as de um espírito.

Foi um eminente físico americano Richard Feynman quem disse: “Sou sábio o suficiente para saber que posso me enganar”. Os ramatisistas parecem não contar com esta possibilidade. Embora os carros-chefes da suposta entidade espiritual tenham se esborado com o tempo em decorrência do avanço das ciências e da ampliação do conhecimento humano, insistem eles em defender o indefensável, com a criação incessante de teses esdrúxulas, geralmente de fundo conspiratório, como aquela que afirma que os marcianos utilizam hologramas para encobrir a real paisagem do planeta vermelho, já que ao invés dos mares, jardins floridos e marcianos alados descritos por Maes/Ramatis, as sondas não-tripuladas só encontraram um terreno desértico, caótico e desolador.

Assim sendo, é tempo de o movimento espírita retomar o bom-senso kardeciano e definitivamente escoimar de seus círculos os movimentos cismáticos que se formaram ao seu redor, entre eles o ramatisismo, cujos adeptos bem poderiam formar seus próprios redutos e movimentos, sem se utilizarem da figura de Allan Kardec e da insígnia espírita para angariar a respeitabilidade que lhes falta. Seria bem mais honesto, coerente e sensato.

LVIII – Resposta a um biógrafo

Em nosso último estudo, intitulado “Hercílio Maes, médium ou escritor?”, analisamos algumas passagens da biografia do referido médium paranaense, que foi o primeiro a declarar receber mensagens de Ramatis. Em “Simplesmente Hercílio”, escrito pelo próprio filho do biografado, o Sr. Mauro Maes, encontramos diversas menções a um outro espiritualista que militou por muitos anos no Movimento Espírita, muito conhecido até hoje por alguns dos seus livros, entre eles o polêmico e que mais sucesso alcançou, “Os Exilados de Capela”: **Edgard Armond**.

Militar de carreira, Armond ocupou posições de destaque no Movimento Espírita paulista, tendo colaborado na reorganização da FEESP, na criação da USE e na fundação da Aliança Espírita Evangélica.

Em nossa primeira obra de análise dos ditados atribuídos ao espírito Ramatis, lançada em 1997 e intitulada “Ramatis, Sábio ou Pseudo-Sábio?” (Editora EME), chegamos a citar Edgard Armond como a única liderança de renome no Movimento Espírita cujas ideias se aproximavam das de Hercílio/Ramatis. Foi o suficiente para despertar a atenção e provocar grande incômodo em um dos biógrafos de Armond, Edelso da Silva Júnior, que em seu livro “No Tempo do Comandante” (Ed. Radhu - 2010), sai em defesa de Armond, Hercílio e Ramatis, ao mesmo tempo em que dispara pesada munição contra os críticos das obras de Ramatis, entre eles Herculano Pires, Jorge Rizzini e o menor deles todos, este que aqui escreve.

Sem pretender nenhuma espécie de revide, não nos foi difícil elaborar uma réplica ao prezado Edelso, uma vez que seus

argumentos são a mera repetição dos que encontramos sendo utilizados pelos seguidores de Hercílio/Ramatis. Caso o biógrafo de Armond tivesse se dado o trabalho de ler os **62** artigos que até o momento escrevemos e publicamos em nosso *site*, transformados na presente obra “Espiritismo x Ramatisismo”, da mesma forma que pacientemente lemos seu livro de 523 páginas, com certeza teria percebido que boa parte de sua argumentação desfavorável ao nosso trabalho já havia indiretamente tido a sua devida resposta.

Edelso Jr. se dedicou a escrever um capítulo inteiro sobre Ramatis. Logo de início, compara a campanha de esclarecimento e análise das obras de Hercílio/Ramatis à época em que foram publicadas com o “Auto de Fé de Barcelona”, numa tentativa já conhecida de colocá-los na posição de vítimas. Alega o autor que tal “perseguição” teria servido para atrair ainda mais a atenção das pessoas e alavancado a vendagem das obras ramatisianas. Trata-se de um argumento comumente utilizado para desencorajar esse tipo de trabalho, que inclusive foi, desde sempre, estimulado por Kardec e pelos espíritos superiores. Vejamos:

“É preciso que se saiba que o Espiritismo sério se faz patrono, com alegria e presteza, de toda obra realizada com critério, qualquer que seja o país de onde provém, mas que, igualmente, repudia todas as publicações excêntricas. Todos os espíritos que, de coração, vigiam para que a doutrina não seja comprometida devem, pois, **denunciá-las sem hesitação**, tanto mais porque, se algumas delas são produtos de boa-fé, outras constituem trabalho dos próprios inimigos do Espiritismo, que visam desacreditá-lo e poder motivar acusações contra ele. **Eis por que, repito, é necessário que saibamos distinguir aquilo que a Doutrina Espírita aceita daquilo que ela repudia**”. (Allan Kardec em “Viagem Espírita de 1862”)

“(…) Todas precauções são poucas para evitar as publicações lamentáveis. Em tais casos, **mais vale pecar por excesso de**

prudência, no interesse da causa". (Allan Kardec, Revista Espírita, 1863, maio)

"(...) Observai e estudaí com cuidado as comunicações que recebeis; aceitai o que a razão não recusa, repeli o que a choca; pedi esclarecimentos sobre as que vos deixam na dúvida. Tendes aqui a marcha a seguir para transmitir às gerações futuras, sem medo de as ver desnaturadas, as verdades que separáveis sem esforço de seu cortejo inevitável de erros". (Santo Agostinho, Revista Espírita, 1863, julho.)

"Os maus Espíritos temem o exame; eles dizem: 'Aceitai nossas palavras e não as julgueis'. Se tivessem a consciência de estar com a verdade, não temeriam a luz. O hábito de escutar as menores palavras dos Espíritos, de pesar-lhes o valor, distancia forçosamente os Espíritos mal-intencionados, que não vêm, então, perder inutilmente seu tempo, uma vez que se rejeite tudo o que é mau ou de origem suspeita. Mas quando se aceita cegamente tudo o que dizem, que se coloca, por assim dizer, de joelhos diante de sua pretensa sabedoria, fazem o que fariam os homens - disso abusam". (Allan Kardec, Escolhos dos Médiuns, Revista Espírita, fevereiro de 1859)

"Se a perfeita identificação dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão secundária, sem importância, não se dá o mesmo com a distinção entre os Espíritos bons e maus. Sua individualidade pode ser-nos indiferente, mas a sua qualidade jamais. Em todas as comunicações instrutivas **é sobre esse ponto que devemos concentrar nossa atenção**, pois só ele pode nos dar a medida da confiança que podemos ter no Espírito manifestante, seja qual for o nome com que se apresente. O Espírito que se manifesta é bom ou mau? A que grau da escala espírita pertence? **Essa a questão capital**". (O Livro dos Médiuns)

É justo lembrar que nenhum dos críticos das obras de Ramatis proibiu a leitura dos mesmos, como afirma Edelson Jr., que

compara o trabalho de análise com a publicação do *Index Librorum Prohibitorum*, o índice de livros proibidos da Igreja Católica. O que ocorreu em certo momento na FEESP foi a decisão (com certeza, acertada e coerente com os próprios ditames do Espiritismo) de não mais vender as obras de Ramatis **na livraria da instituição**, cujas razões para tal foram devidamente fundamentadas pela Comissão de Doutrina daquela federativa.

Pegando carona nos fatos ocorridos naquela época, Edelso dispara contra nosso atual trabalho de análise e de pesquisa em relação às obras de Ramatis, já que a maior parte dos críticos daquela época já estão desencarnados:

“O trabalho mais recente, porém, com cheiro de cruzada religiosa e que contém falhas de informações tanto no campo espírita, quanto no setor científico, pois lhe faltou, também, estudar um pouco mais de ciência (teoria das supercordas por exemplo), que faz uma crítica aos textos de Ramatis, é o livro Ramatis - sábio ou pseudo-sábio?, de Artur Felipe de A. Ferreira, editado em 1997”.

Iniciemos, portanto, nossa réplica aos comentários do biógrafo de Armond.

O autor não menciona quais seriam as falhas de informações, e cita a teoria das supercordas. Para que o leitor entenda melhor, o Sr. Edelso é um dos que acham que a total incoerência dos ditados ramatisianos em relação à Marte se deve ao fato de que, na realidade, os marcianos habitariam uma outra dimensão, inacessível aos humanos. A teoria das supercordas prediz o número de dimensões que o Universo deve possuir, cerca de onze. Já tratamos desta hipótese em nosso estudo intitulado “Ramatis e o planeta Marte”, publicado em 21/10/2008. Dissemos, naquela oportunidade, que “alguns simpatizantes de Ramatis inadvertidamente passaram a divulgar, quando da constatação da

realidade marciana pela ciência, que Ramatis estava a descrever a paisagem espiritual do planeta. Ora, em vários momentos ao longo da obra “A Vida no Planeta Marte...”, a citada entidade espiritual descreve vida material, tanto que chega a dizer (...): “...E os imensos cinturões que observais, da Terra...” Se ele, pois, fala em “observação” da nossa parte, é claro que ele nos fala de matéria visível aos nossos olhos, isto está bem claro”.

O interessante é que o autor se cala perante as inúmeras cincadas científicas de Hercílio/Ramatis, que erraram fragorosamente ao descreverem o relevo, as condições climáticas, a temperatura, a composição das calotas, assim como as zonas de vegetação, rios, mares e oceanos em completa oposição àquilo que foi constatado pela Ciência através de sondas não-tripuladas enviadas àquele planeta recentemente. Tratamos do mesmo assunto em outro artigo, onde posicionamos o leitor em relação à verdadeira posição espírita perante tais informes, podendo o leitor se certificar e chegar às suas próprias conclusões: “Férias em Phobos e Deimos?”

Continua o Sr. Edelson:

“Esse autor faz um estudo sobre as obras de Ramatis e compara as informações dos livros de Kardec e outras obras espíritas. Pensamos que lhe faltou uma compreensão maior de toda a obra ramatiziana (sic), para que pudesse ter uma postura cristalinamente kardequiana, de aceitar aquilo que é bom e deixar para a posteridade o que ainda carecia de maiores comprovações”.

Primeiramente, cabe informar que já lemos e pesquisamos com toda a atenção **todas** as obras atribuídas a Ramatis. Acreditamos até que conhecemos mais as tais obras do que aqueles que se auto-intitulam “ramatisianos”, uma vez que muitos demonstram ter sobre elas uma muito vaga noção.

O Sr. Adeldo menciona a postura verdadeiramente kardequiana. Qual seria esta postura? Seria uma postura condescendente com o erro, com a impostura, com o exotismo das mensagens? De modo algum. Primeiramente, Kardec jamais teria aceitado apriorística e precipitadamente as mensagens atribuídas a Ramatis, baseado unicamente no seu conteúdo moral. Confirmamos:

“Aplicando esses princípios de ecletismo às comunicações que nos enviaram, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de uma moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que desse número não há 300 para publicidade, e apenas 100 de um mérito inconteste. Essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes”.

Verificamos acima que Kardec lista 3.000 comunicações de **moralidade irreprochável**. Destas, apenas 100 teriam sido por ele publicadas. Concluimos, assim, que Kardec não avaliava as mensagens unicamente pelo conteúdo moral, porque ele sabia que os espíritos pseudossábios saberiam muito bem disfarçar-se por detrás de palavras bonitas e belas frases, inclusive citando Jesus, o Evangelho, o amor e a caridade.

“Ora, a experiência mostra que os maus se comunicam tanto quanto os bons. Os que são francamente maus, são facilmente reconhecíveis; mas há também os meio sábios, **falsos sábios**, presunçosos, sistemáticos e até hipócritas. Estes são **os mais perigosos**, porque afetam uma aparência séria, de ciência e de sabedoria, em favor do qual proclamam, **em meio a algumas verdades e boas máximas**, as mais absurdas coisas”.

E cita claramente a necessidade e o dever de analisarmos tudo com rigor e que isso faz parte da Ciência Espírita:

“Separar o verdadeiro do falso, descobrir a trapaça oculta numa cascata de palavras bonitas, desmascarar os

impostores, eis, sem contradita, umas das maiores dificuldades da Ciência Espírita”.

O ilustre biógrafo de Armond certamente tentou recordar Paulo de Tarso, quando este sugere: “Examinai tudo. Retende o que é bom” (I Tessalonicenses 5:21).

Mas aí é que está. O exame geralmente não é feito, nenhuma pesquisa é realizada, tudo que vem dos Espíritos é logo publicado – daí, não é possível saber se há efetivamente algo de bom a ser retido.

As instruções contidas nas obras da Codificação não deixam dúvidas, principalmente as de Erasto. Leiamos com atenção quando este discorre sobre os falsos profetas da erraticidade:

“Mas há ainda muitos outros meios de os reconhecer. Os Espíritos da ordem a que eles dizem pertencer, **devem ser não somente muito bons, mas também eminentemente racionais**. Pois bem: passai os seus sistemas pelo **crivo da razão e do bom-senso**, e vereis o que restará. Então concordareis comigo em que, sempre que um Espírito indicar, como remédio para os males da Humanidade, ou como meios de realizar a sua transformação, medidas utópicas e impraticáveis, pueris e ridículas, ou quando formula um sistema contraditado pelas mais corriqueiras **noções científicas**, só pode ser um Espírito ignorante e mentiroso. (...) É incontestável que, submetendo-se ao cadinho da razão e da lógica toda a observação sobre os Espíritos e todas as suas comunicações, será fácil rejeitar o absurdo e o erro. Um médium pode ser fascinado e um grupo enganado; mas, o **controle severo** dos outros grupos, com o auxílio do conhecimento adquirido, e a elevada autoridade moral dos dirigentes de grupos, as comunicações dos principais médiuns, marcadas pelo cunho da lógica e da autenticidade dos Espíritos mais sérios, rapidamente farão desmascarar esses ditados mentirosos e astuciosos,

procedentes de uma turba de Espíritos mistificadores ou malfazejos”.

Em outra oportunidade, adverte:

(...) “Desde que uma opinião nova se apresenta, por pouco que nos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitai ousadamente; **vale mais repelir dez verdades do que admitir uma só mentira** (...)”.

Prossegue Edelson em seus comentários:

“Apesar de alguns exageros, uma certa dose de ironia, o que caracteriza falta de caridade, o livro é bom e faz o leitor pensar em alguns pontos conflitantes, na obra de Ramatis, dependendo do ponto de vista que se vê, mas não negativos, pois são opiniões do Espírito”.

Engana-se o Sr. Adelson quando fala que a ironia representa falta de caridade. Por definição, ironia é, meramente, “uma figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender; uso de palavra ou frase de sentido diverso ou oposto ao que deveria ser empregado, para definir ou denominar algo”. (Dicionário Houaiss).

Porém, vamos ao que escrevemos para verificarmos o que foi considerado como sendo “falta de caridade”. No cap. VIII, “Ramatis e a Vida de Jesus”, informamos ao leitor que, segundo Ramatis, Jesus teria sido uma espécie de aluno dos essênios. Rebatemos a informação, confrontando-a com o que é dito em outras obras, que afirmam não ter Jesus precisado aprender coisa alguma com ninguém devido à sua já elevada condição espiritual. Ramatis chega a afirmar que esse grupo de espíritos voltaria à

Terra para fundar uma confraria esotérica para a “revivescência do Cristianismo em suas bases milenárias”.

E, ao fim, comentamos, demonstrando surpresa com tão absurdas considerações:

“Que interessante! Toda essa turma volverá e organizará uma ‘confraria esotérica’ para reviver a mensagem cristã! Acredite se quiser, caro confrade espirita!...”

Note o leitor que o biógrafo de Armond nos chama de anticaridosos porque nos utilizamos de uma figura de linguagem, sendo que não há no livro qualquer palavra desairosa a quem quer que seja. No entanto, nada é dito sobre os impropérios desferidos pelo médium de Ramatis em relação àqueles que discordavam do conteúdo das mensagens de Ramatis. Listemos alguns deles, todos verificáveis tanto no livro “No Tempo do Comandante”, do próprio Sr. Edelson, quanto na obra “Simplesmente Hercílio”, escrita pelo filho de Maes:

1) fanáticos; 2) limitados; 3) raposas; 4) mentes primárias; 5) ex-inquisidores reencarnados; 6) primários; 7) sectários, etc.

Tal postura do Sr. Edelson nos faz lembrar do velho adágio:

“Aos amigos, tudo; aos inimigos, a lei”. (...)

É lamentável que isso ocorra. Allan Kardec inclusive alerta em relação a essa reação por parte de certos médiuns:

“Por orgulho estão de tal forma persuadidos de que tudo quanto recebem é sublime e só pode vir dos Espíritos superiores, que **se irritam com a menor observação crítica**, a ponto de se malquistarem com seus amigos quando estes têm a inabilidade de não admirar o que lhes parece absurdo. Nisto reside a prova da má influência que os domina, pois, supondo-se que, por falta de

capacidade de julgamento ou de conhecimento não fossem capazes de enxergar claro, este não constituiria um motivo para se porem de prevenção contra os que não se acham em idêntica posição. Todavia essa é a tarefa dos Espíritos obsessores que, para melhor manter o médium sob sua dependência, induzem-no ao afastamento, mesmo à aversão por quem quer que possa lhes abrir os olhos”.

Voltando aos comentários do Sr. Edelson, este inicia sua defesa a Edgard Armond:

“O autor acima citado comete o equívoco ao dizer que o único pensamento dentro da Doutrina Espírita que se aproxima do de Ramatis é o de Edgard Armond. Isso não é verdade. Talvez ele precise de atualizar neste sentido, também”.

Mais uma vez, o Sr. Edelson perde a oportunidade de passar ao leitor a informação que considera correta. Quais seriam essas outras pessoas de maior destaque no movimento espírita que teriam dado, àquela época, o apoio a Ramatis e ao seu (suposto) médium? Realmente até hoje desconheço quem teriam sido. Na própria biografia de Hercílio não consta nenhum outro indivíduo de projeção no Movimento Espírita que tenha dado seu aval de forma tão clara e direta a Hercílio/Ramatis quanto Edgard Armond.

Continua Edelson:

“Segundo o nosso confrade, só é reconhecível como boa obra o trabalho no campo da caridade que Edgard Armond executou”.

No capítulo “Mensagens Atemorizantes”, discorreremos sobre a tese ramatisiana da aproximação de um “astro intruso” que provocaria uma destruição sem precedentes na face da Terra. Daí declaramos que “o único pensamento que se aproxima do de Ramatis nesta questão é o de Edgard Armond, encontrado no

livro ‘Os Exilados da Capela.’” Para comprovar o que havíamos dito, reproduzimos os seguintes trechos do citado livro:

“... Como sua órbita é oblíqua (a do 'astro intruso') em relação ao eixo da Terra, quando se aproximar de mais perto e pela força magnética de sua capacidade de atração de massas, promoverá a verticalização do eixo com todas as terríveis consequências que este fenômeno produzirá”.

“...Com a verticalização do eixo da Terra profundas mudanças ocorrerão: maremotos, terremotos, afundamento de terras, erupções vulcânicas, degelos e inundações de vastos territórios planetários, profundas alterações atmosféricas, fogo e cinzas, terror e morte de toda a parte”. (9ª edição, Lake, pág. 194)

Ramatis afirma exatamente a mesma coisa no livro “Mensagens do Astral”, sendo que a entidade espiritual é categórica ao precisar a data de tais apocalípticos acontecimentos:

“É óbvio que, ao se elevar o eixo terráqueo, o que há de acontecer **até o fim deste século**, também se modificarão, aparentemente, os quadros do céu astronômico com que estão acostumadas as nações, os povos e tribos, ...” (pg. 122)

“Com a elevação gradativa do eixo terráqueo, os atuais polos deverão ficar completamente libertos dos gelos e, **até o ano 2000**, aquelas regiões estarão recebendo satisfatoriamente o calor solar. O degelo já principiou; vós é que não o tendes notado”. ...

“A fase mais intensa da modificação física situar-se-á entre os anos de **1982 e 1992**, e os efeitos se farão sentir até o ano de **1999**, pois o advento do Terceiro Milênio será sob os escombros que, em todas as latitudes geográficas, revelarão o maior ou menor efeito dos eventos dos ‘fins dos tempos’. Daqui a mais alguns anos, os vossos geofísicos anunciarão, apreensivos, a

verdade insofismável: ‘O eixo da Terra está se verticalizando’!!!”
(pág. 37)

“Mais ou menos entre os anos 1960 e 1962, os cientistas da Terra notarão determinadas alterações em rotas siderais, as quais serão os primeiros sinais exteriores do fenômeno de aproximação do astro intruso e da proximidade do ‘fim dos tempos’. Não será nenhuma certificação visível do aludido astro; apenas a percepção de sinais de ordem conjectural, pois essa manifestação dar-se-á **mais para o final do século**”. (pág. 168)

Na segunda parte de Obras Póstumas, das previsões concernentes ao Espiritismo, Kardec apresenta mensagens dos Espíritos relativas ao ‘fim do mundo’, que assim nos esclarecem:

“Certamente, não tendes a temer nem dilúvio, nem abrasamento de vosso planeta, nem outras coisas desse gênero, porque não se pode dar o nome de cataclismo a perturbações locais que não se produziriam em todas as épocas. **Não haverá senão cataclismo moral**, de que os homens serão os instrumentos” (Grifo nosso).

Mais adiante, escrevemos uma nota que dizia o seguinte:

“Em relação a Armond, cabe-nos a referência ao grande serviço no campo da caridade desenvolvido por sua pessoa. No que concerne às suas posições doutrinárias, não concordamos com elas. Sua defesa da inserção da cromoterapia nas casas espíritas, a grande influência esotérica, e muito do que consta em sua obra ‘Os Exilados de Capela’, principalmente no que se refere aos ‘fins dos tempos’, colidem com as mais autênticas posições doutrinárias espíritas, o que acabo ocasionando algumas críticas ao seu trabalho de divulgador”.

Quantas, realmente, não são as pessoas que executam trabalhos magníficos nos mais diversos campos da assistência humanitária e que não foram e nem são espíritas? Madre Teresa de Calcutá,

Gandhi, Irmã Dulce, Martin Luther King, por exemplo, eram espíritas? Não. Foram pessoas admiráveis, mas se algum deles fosse discorrer **contra** algum ponto doutrinário espírita, como a reencarnação, por exemplo, não haveríamos de discordar deles? Ora, o fato de alguém ser bom e caridoso não o faz conhecedor e absolutamente certo acerca de todas as coisas. Por isso que ressaltamos a boa índole de Armond, porém, não teríamos como concordar, na condição de espírita, com algumas de suas opiniões. O que comentamos, ao final, sobre as críticas que ele recebeu à sua época é, inclusive, mencionado no próprio livro do Sr. Edelho, corroborando assim tudo o que dissemos.

O Sr. Edelho faz, depois, algumas considerações, dizendo que somos “um crítico por tradição”, que o assunto só gera desgaste, e que pegamos carona no trabalho de Herculano Pires. Ora, não sabíamos que havia alguma proibição de tratarmos de um mesmo assunto abordado por outro confrade espírita, ainda mais quando, em 1997, já haviam se passado **18 anos** desde o desencarne de Herculano Pires. Nossa obra “Ramatis, sábio ou pseudo-sábio?” realmente contou com a magnânima contribuição dos escritos do prof. Herculano, e disso muito nos orgulhamos, mas, ao mesmo tempo, trouxemos informações e enfoques inteiramente **inéditos**, desconhecidos pela grande maioria do contingente espírita. Desgaste, na verdade, quem trouxe foram as mensagens de Hercílio/Ramatis, exatamente como Erasto já advertira aos espíritas:

“Os falsos profetas não existem apenas entre os encarnados, mas também, e muito mais numerosos, entre os Espíritos orgulhosos que, **fingindo amor e caridade, semeiam a desunião** e retardam o trabalho de emancipação da Humanidade, impingindo-lhe os seus sistemas absurdos, através dos médiuns que os servem. (...) **São eles que semeiam os germes das discórdias** entre os grupos que os levam isolar-se uns dos outros e a se olharem com prevenções. Bastaria isso para os desmascarar. Porque, assim agindo, eles mesmos oferecem o mais completo desmentido ao

que dizem ser. Cegos, portanto, são os homens que se deixam enganar de maneira tão grosseira”.

Conclui o Sr. Edelson:

“O caro confrade se utiliza também de mensagens de nomes conhecidos do Movimento Espírita para endossar sua tese contra Ramatis. Um deles é Vianna de Carvalho, que escreve por meio do médium baiano Divaldo Franco. Porém é do conhecimento de muitos que Divaldo deu uma declaração em 2004 na cidade do Rio de Janeiro, enaltecendo as qualidades morais do Espírito Ramatis e sua obra e que aguardemos para futuras confirmações algumas de suas mensagens. O que se vê na internet agora é Artur Felipe dizendo que, se Divaldo disse isso, então está indo contra Kardec. Em pesquisa que seu blog na internet executa sobre a questão de Ramatis ser um Espírito ‘sábio ou pseudo-sábio’, Artur presta um enorme serviço à divulgação das obras de Ramatis, ou seja, sua crítica só colabora com a adoção cada vez maior das obras psicografadas por Hercílio Maes”.

O biógrafo de Armond diz a verdade. Citamos várias mensagens de Vianna de Carvalho (espírito) cujo conteúdo está em inteira contraposição ao que é dito por Ramatis e pregado pelos ramatisistas. Vianna se posiciona contra a introdução de práticas orientalistas nos centros espíritas, a divulgação de informes fantásticos sobre vida em outros planetas (uma vez que tais estudos pertencem à Ciência); posiciona-se contrariamente às previsões de “fins dos tempos”, às informações atemorizantes, e às profecias de terror e destruição. Ora, o que podemos fazer se Divaldo Franco tem opiniões discordantes dos espíritos que psicografa? Se ele prefere ignorá-los e dar apoio a quem pensa exatamente o contrário, isso é problema que só compete a ele. No artigo que publicamos em 24/12/2009, intitulado “Divaldo apoia Ramatis... Mas e daí?”, citamos outras opiniões do médium baiano que não encontram respaldo nem na Doutrina, nem na ciência, como a tese das crianças índigo, por exemplo. Da mesma

forma, mostramos que Divaldo discorda de boa parte daquilo que é referendado por Ramatis e seus simpatizantes, como a apometria, as teses de deslocamento do eixo da Terra e suas consequências, etc. Deixamos da mesma forma evidenciado que Divaldo pode se enganar em relação à índole de pessoas e espíritos, já que considerava Sai Baba um iluminado, e este, tempos depois, veio a ser pego diversas vezes recorrendo à mágicas, fraudes e prestidigitações, tendo também sido alvo de graves denúncias de todo tipo, acusado de assassinato e pedofilia por vários de seus discípulos. Discorremos sobre isso em detalhes no artigo supracitado.

Quanto a estarmos indiretamente colaborando com a vendagem dos livros de Ramatis, isso, para mim, pouco importa. Tenho a convicção que se alguém ler integralmente e com atenção as nossas duas obras sobre o tema, assim como o conteúdo do nosso blog, muito dificilmente vai desejar despendar seu tempo com livros cujos principais postulados foram categoricamente desmentidos, não por nós, mas pela lógica dos fatos. E quem estiver, porventura, lucrando com isso, terá o julgamento da sua própria consciência e da inexorável Lei Divina, que é de Amor, mas também é de Justiça. O que jamais farei é recuar perante minha convicção espírita e deixar de lado a contribuição que damos à causa da Verdade, pois se uma só pessoa vier a abdicar desta “hipnose” (e as conheço várias), conforme Jorge Rizzini bem qualificou as convicções ramatisistas, já ficarei bastante feliz por saber que o esforço não foi em vão. Aos que desejarem ler as obras de Ramatis, fiquem à vontade. Não temos a menor pretensão de proibir ninguém de ler coisa alguma, e nem temos poder para isso. Sabemos que estamos em grande desvantagem nessa empreitada, já que o movimento espírita em geral padece de uma inércia completa em relação a esse tipo de trabalho de análise de mensagens, postura esta chamada por Herculano de “paz de pantanal”, e, por sua vez, o movimento ramatisista conta com grande poderio econômico e logístico: uma editora, uma revista e programas de TV e de rádio. Se há ainda quem se deixa levar por

mensagens de cunho fantasioso, só lamentamos, sendo que o Codificador já comentava:

“Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas é preciso ter os olhos de joalheiro para distinguir a pedra verdadeira da falsa, e quem não sabe distingui-la procura um lapidário”. (O Livro dos Médiuns)

Fontes Bibliográficas

Obras Espíritas

- “O Livro dos Espíritos” (Allan Kardec/LAKE)
“O Evangelho Segundo o Espiritismo” (Allan Kardec/Editora EME)
“O Livro dos Médiuns” (Allan Kardec/Editora EME)
“O Céu e o Inferno” (Allan Kardec/FEB)
“A Gênese” (Allan Kardec/FEB)
“O Que é o Espiritismo” (Allan Kardec/FEB)
“O Espiritismo na sua mais simples expressão” (Allan Kardec)
“Obras Póstumas” (FEB)
“Viagem Espírita em 1862” (Allan Kardec)
“O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas” (Deolindo Amorim/CELD)
“Africanismo e Espiritismo” (Deolindo Amorim/CELD)
“Conscientização Espírita” (Gélio Lacerda/Editora EME)
“As Epístolas de Paulo e o Apocalipse de João segundo o Espiritismo” (Rino Curti/FEESP)
“Pureza Doutrinária” (Ary Lex/FEESP)
“O Primado de Kardec” (Sérgio F. Aleixo)
“O Que é Espiritismo” (Sérgio F. Aleixo/Nova Era)
“Mediunidade” (José Herculano Pires/Edicel)
“Na Hora do Testemunho” (José Herculano Pires/Paideia)
“O Espírito e o Tempo” (José Herculano Pires/Editora Cultural Espírita)
“O Verbo e a Carne” (José Herculano Pires/Edições Cairbar)
“Curso Dinâmico de Espiritismo” (José Herculano Pires/Paideia)
“O Centro Espírita” (José Herculano Pires/Paideia)
“Desafios da Educação” (José Raul Teixeira/Fráter)
“Uma Janela para Kardec” (Wilson Garcia/Editora EME)

“Vida em outros Planetas” (Dulcídio Dibo/LAKE)

Outras obras

“Allan Kardec” (Zêus Wantuil e Francisco Thiesen/FEB)

“Os Exilados de Capela” (Edgard Armond/LAKE)

“O Último Êxodo” (Mauro Fonseca/Societo Lorenz)

“A Vida Humana e o Espírito Imortal” (Hercílio Maes/Editora Freitas Bastos)

“A Vida no Planeta Marte e dos Discos Voadores” (Hercílio Maes/Editora LBV)

“Elucidações do Além” (Hercílio Maes/Editora Freitas Bastos)

“Fisiologia da Alma” (Hercílio Maes/Editora Freitas Bastos)

“Magia de Redenção” (Hercílio Maes/Editora Freitas Bastos)

“Mediunidade de Cura” (Hercílio Maes/Editora Freitas Bastos)

“Mediunismo” (Hercílio Maes/Editora Freitas Bastos)

“Mensagens do Astral” (Hercílio Maes/Editora Freitas Bastos)

“Missão do Espiritismo” (Hercílio Maes/Editora Freitas Bastos)

“No Tempo do Comandante” (“Editora Radhu”)

“O Evangelho à Luz do Cosmo” (Hercílio Maes/Editora Freitas Bastos)

“O Sublime Peregrino” (Hercílio Maes/Editora Freitas Bastos)

“Brasil, Terra de Promissão” (América Paoliello Marques/Editora Freitas Bastos)

“A Nova Era” (Roger Bottini/Editora do Conhecimento)

“Processo dos Espíritas” (Marina Duclos Leymarie/FEB)

“Diretrizes de Segurança” (Divaldo P. Franco e José Raul Teixeira/Fráter)

“Testemunhos de Chico Xavier” (Suely Caldas Schubert/FEB)

“Os Quatro Evangelhos” (J.B. Roustaing/FEB)

“Viagem Espiritual” (Wagner D’Eloi Borges)

Dados Biográficos do Autor



Artur Felipe de Azevedo Ferreira iniciou seus estudos da Doutrina Espírita aos 13 anos, no Grupo Espírita Pestalozzi, em Nova Friburgo-RJ. Aos 22, atuou como orientador de Mocidade da União da Mocidade Espírita de Niterói (UMEN), um centro tradicional da cidade. Ao mesmo tempo, colaborou como evangelizador no Grupo de Apoio ao Menor (GAM), hoje Casa de Batuira e unidade do Lar Fabiano de Cristo, que prossegue no trabalho de assistência junto aos moradores de populosa favela em São Gonçalo – RJ. Em 1999, foi eleito presidente do centenário Centro Espírita Friburguense, na cidade de Nova Friburgo – RJ, sendo que por cerca de quatro anos apresentou, juntamente com o confrade José Manoel Ferreira Barboza, dois programas espíritas em rádios locais (Friburgo-AM e Conquista-FM) e um programa de TV (TV Zoom, canal 10). De volta à Niterói, foi orientador de estudos da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro (FEERJ) e membro da ADE-RJ, Associação dos Divulgadores do Espiritismo do Rio de Janeiro. Já promoveu estudos em forma de palestra em cidades dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás e Maranhão. Possui três obras publicadas: “Ramatis, Sábio ou Pseudo-Sábio?”, “Espiritismo x Ramatismo” e “Atlântida, o Mito em uma Perspectiva Espírita e Científica”. Foi prefaciador de cinco livros: “Espiritismo e Política”, de Paulo R. Santos, “O Primado de Kardec”, de Sérgio F. Aleixo, “Breve História do Espiritismo” de Fabiano Vidal e “Allan Kardec e suas Reencarnações” e “Reunião de Desobsessão: Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia”, ambos de Paulo Neto. Prossegue hoje com seu trabalho de divulgação através de seu canal no Youtube: Artur Azevedo – Difusão Espírita.